

The background of the cover is a dark, blue-toned illustration of a winter forest. Several tall, thin, bare trees stand vertically. The sky is a deep blue with a subtle, starry or snowy texture. Three dark birds are perched on the branches of the trees, one on the left, one in the center, and one on the right.

O Deserto
dos Meus
Olhos

Leon Idris

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O DESERTO DOS MEUS OLHOS

LEON IDRIS

O deserto dos meus olhos

2015

Direitos autorais do texto original © 2015 Leon Idris Azevedo

Capa:
Leon Idris
sobre *Raven Moon*
de Lance Weisser
Imagem cedida pelo artista
Todos os direitos reservados

ISBN 978-85-919724-0-1

Nota do Editor: Esta é uma obra de ficção inspirada em eventos reais. Embora alguns dos fatos aqui citados estejam documentados e façam parte da História recente dos países envolvidos, grande parte da trama é fictícia.

Informações e pedidos:
leonidris.com
leonazevedo@yahoo.com

*À minha mãe, cuja paixão pelo
aprendizado e incentivo à curiosidade
fazem de mim tudo o que sou e penso. Ao
meu pai, por ter me despertado o interesse
em saber como as coisas funcionam.
E também ao meu tio; que agora
descanse de seus inventos.*

Índice

PRÓLOGO

La Gloriosa

Nova Astronomia

O Mosteiro Suspenso e o Vale do Dragão

Dolores

Os mártires da Ciência e o presente do Imperador

Intempéries e Intermédios na Villarroya

Fonte de toda a minha ira

O Príncipe da Dinamarca

"Havia algo de terrível e diabólico em sua recusa em morrer."

Um nome pelo qual as águas possam chamar

Nem tudo de mim morrerá

Uma Nobre Verdade e um almoço na relva

"Medi os céus, agora meço as sombras."

Súplica na Travessa Dourada

A Cortina de Ferro

Stanislaus

A Biblioteca do Mosteiro de Strahov

Eu, Buda

Petrificação

É a salvação o conhecimento da culpa?

Desesperança

ING

Suliko

Os Portões de Bohnice

Vazio

A Batalha de Praga

Minha Nobre Verdade

No Lugar Dele

Todo Lugar é Aqui

Amelie

EPÍLOGO

Se Rupert soubesse amar

*Tudo quanto penso,
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou.*

Fernando Pessoa

*Todos vão para outro lugar e rumo ao futuro,
ninguém chega a si mesmo.*

Michel de Montaigne, *Da Fisionomia*

DEVO SER SINCERO LOGO DE INÍCIO, enquanto sua atenção ainda não me foi prometida, enquanto não posso traí-la. Nem tudo o que contarei nas próximas páginas aconteceu realmente comigo. As pessoas e os lugares que garantirei ter conhecido fazem parte de uma série de inventos que só se mostraram assim no dia em que dei cabo de cada uma das minhas companhias. As descobertas que guardo não me perturbam; aquecem-me, mantêm-me alerta. Há um limite para qualquer mente submetida ao que fui submetido, mas *o único arquiteto daquilo que desaba sobre ti és tu mesmo*, como ele me disse no fim de tudo. É preciso sobreviver às próprias mortes, ao sufocamento de si mesmo na névoa venenosa do caos e do desamparo, névoa que vemos partir do mundo e dos supostos perpetradores do nosso sofrimento, mas da qual só nos libertamos quando nos descobrimos seu único feitor. *Só deixarás de temer tudo o que conheces quando conheceres tudo o que temes*. E o temor, o medo, por sua vez, é correlato direto da culpa. Culpa do que se fez e do que não se fez, do que se pensa ter feito e do que se pensa ter deixado de fazer. Somos muito criativos quando a tarefa é nos culpar, seja um louco como eu ou não. Mas, por ora, não me delongarei quanto a essas diferenciações; só me explico quando temo ser julgado, e não creio que serei julgado tão cedo.

Estou longe do estado purificado dos monges budistas com quem pude conviver, mas me vejo limpo o suficiente para conseguir voltar a meditar diariamente. Para o louco, existe um momento em que a loucura deixa de ser corriqueira, e a sanidade, amedrontadora. Basta que ele viva o bastante. É certo que poucos puderam sobreviver a si próprios pelo tempo necessário para o despertar, e da maioria que o fez não se pode dizer que seja muito falante... ou paciente para lidar

com o papel. Pois eu o serei. Contarei sobre todos os meus dias, sobre os lugares e as pessoas, sobre todas as inverdades que me levaram à sanidade.

Não faltaram indícios de que nada daquilo era real. Afora todas as esquisitices e improbabilidades, as súbitas disposições e indisposições, ainda havia o fato de que toda vez que essa minha Arcádia, suspensa sobre tudo, me provocava o medo da morte ou o medo da felicidade, eu estava destinado a abrir os olhos num imaginário distinto do anterior. Conforme acontecia, demorei a tomar ciência de que havia como escapar dos meus próprios mecanismos. Portanto, no princípio, ponto em que jamais me questionaria sobre a falta de continuidade do que ocorrera no dia anterior, pareceu-me muitíssimo natural abrir os olhos e me encontrar na Espanha do século dezanove, em meio a acontecimentos talvez históricos – digo talvez, pois desde minha libertação não tive tempo de ir a alguma biblioteca conferir os fatos...

É uma mentira, essa frase acima... Prometi ser sincero e não quebrarei a promessa nas primeiras páginas. Não só tive tempo disponível, como bem poderia fazê-lo agora, uma vez que escrevo estas palavras sentado a uma mesa da Biblioteca Estadual de Berlim. Eu poderia ir à procura do livro que me sanasse a dúvida, mas tenho urgência em falar-lhe. O que menos importa agora, tanto para mim quanto para você, é se Juan, Domingo, Francisco e Ramón existiram ou se eu realmente tive participação no destronamento da rainha Isabel II.

La Gloriosa

A TEMPO, TENHA EM MENTE que, apesar de qualquer fantasia, guardei consciência que me permitisse saber a quem se dirigiam os gritos de Benjamin naquela manhã de setembro de 1868.

– Rupert!

O que quer que fosse, eu devia estar sonhando algo bom demais para ser interrompido por aquela voz esganiçada.

– Rupert!

Benjamin gritara mais próximo desta vez.

– Acorda, homem!

Sua voz ainda servia de pano de fundo em meu sono, mas vinha como um trem a toda, prestes a estilhaçar meu descanso merecido.

– Acorda!

Ele me sacudiu com força e abriu os olhos de uma só vez.

– Que queres, criatura?! – bradei, e Benjamin recolheu os ânimos.

– Não reclames. Levanta-te e apronta-te, pois se fizeres tudo certo hoje, amanhã mesmo falarão de ti nos jornais, e terás tudo de bom que nem mesmo teus sonhos te fariam imaginar!

Cobri-me com o lençol por inteiro.

– Desembucha.

– Desejam que vás ao encontro dos Descontentes e tragas informações. Também disseram se importar de veras com tua opinião. A Corte já está sabendo da carta e tudo o mais.

– O proclama dos generais! – exclamei, convicto, como se a ditar do que aquilo deveria se tratar.

– Sim, sim.

– Mas, o que a Corte iria querer de mim? Por que logo eu?

Sentei-me na cama, pus meus pés no chão e percebi quão belo e luxuoso era o meu aposento. O próprio pavimento, revestido de parquet, com carvalho e pau-cetim; a mobília também da melhor qualidade; os quadros imensos em harmonia com as paredes apaineladas que simulavam revestimento de mármore. E muito ouro. A principal porta de entrada estava aberta, dando para um corredor longo, cujo piso de mármore branco denotava quão imponente era o caminho até meu dormitório. É claro que a Corte desejaria minha ajuda! Toda minha riqueza fora eu quem conquistara, fruto de minha incomum inteligência.

– Por que logo tu? – estranhou Benjamin, com a voz mais fina do que de costume. – Pois és um grande homem, de pensamentos firmes, caráter inigualável, muitíssimo bem-apegoado – Benjamin sempre me dizia isso – e ainda te vestes como nenhum dos intelectuais deste país sonha se vestir.

Benjamin era o que podia ser chamado de estilista pessoal. Ele cuidava do que eu vestia, portanto, aquilo não passava de um elogio a si próprio.

– Vai te preparando – eu disse. – Tu irás comigo.

Sem mais delongas, levantei-me e sacudi um sino na direção do corredor.

Deixei que as criadas cuidassem de minha higiene e da retirada da barba. Era uma manhã quente e importante, então tive de me banhar por inteiro. Eu não planejava deitar-me com uma mulher até o fim da noite, mas fiz questão de requisitar a limpeza de minhas partes íntimas.

Ainda nu, fiz minha refeição – frango e frutas – na sala de estar, enquanto Benjamin dizia estudar as melhores vestes para a ocasião.

Eu lhe informei:

– Quero algo parecido com o que usei no baile de Madri.

Benjamin encontrava-se bem distante da sala de estar, mas podia me ouvir devido ao vazio e à quietude da sala. Ele estava no cômodo em que guardava todas as minhas peças e suas ferramentas de trabalho.

– Mas, se não me engano – Benjamin ergueu a voz –, no baile estava o conselheiro da rainha! Logo mais o verás. Não é bom que

repetas a roupa.

– Não vejo problema. Quero mesmo assim.

– Aquela era uma roupa muito quente, senhor. Talvez não lembres, pois era uma noite fria.

Eu não tinha pensado por esse lado.

– Tens razão, Benjamin...

– Estou formando um conjunto bem arejado, teremos de andar sob o sol.

O conjunto não era tão arejado quanto eu gostaria: assim que pisamos na rua, senti o calor me abraçar e o suor logo brotar nas costas e nas axilas. Benjamin, que parecia inabalável em suas vestes justas e escuras (e ainda tinha a cabeça coberta por um pequeno chapéu de veludo negro!), foi à frente e abriu a porta da carruagem para mim.

Conversamos muito pouco no caminho. Enquanto Benjamin tentava se abanar com um leque que eu lhe dera de presente em seu último aniversário, deixei que meus pensamentos viajassem por ideias já concebidas e conclusões nada inéditas. Eu sabia o que estava para acontecer com a monarquia da Espanha e já decidira abrir mão de me opor à revolução. Eu assistiria a tudo se desenrolar; ou fracassar, como era meu desejo confesso. Fosse o que fosse, minhas malas estavam prontas, eu deixaria Cádiz e aquele sol impertinente assim que os problemas se avizinhassem. Pensava em voltar para a Alemanha. Benjamin teria de ir comigo, embora ele ainda não soubesse de meus planos.

– Ah, é bom que saibas – Benjamin quebrou o silêncio quando estávamos perto de nosso destino –, o Conselheiro atravessou quase setecentos quilômetros apenas para encontrar-te. Então, não seas esnobe.

– Qual é mesmo o nome dele?

– Enrique.

– Claro. E este é também o nome daquele filho da rainha, não? O pequeno, que conheci no baile. Quantos anos tinha, o demônio?

– Cinco anos. Mas, não senhor, o menino se chama Francisco. E o mais velho se chama Afonso.

– Claro. É que são tantos saídos daquela barriga...

- Dois meninos apenas.
- Sim. E com seis irmãs! Coitados.
- Podia jurar que uma vez tivesses dito que gostarias de ter irmãs – resmungou Benjamin.

Nossa carruagem adentrou a via pavimentada que levava a um terreno arborizado, cheio de sombras amigas.

- Não me lembro disso, Benjamin. Não mesmo!

Fui discreto ao virar os olhos; pude vê-lo tentando esconder um sorriso.

– Espero que não estejas inventando coisas para me confundir a cabeça. Sinceramente, fico muitíssimo feliz por ser o único a ter vivido dentro de minha mãe... Vejo isso do mesmo modo como vejo o sumiço daquelas minhas botas de couro de jacaré.

Benjamin não devia lembrar-se das botas, pois do contrário teria rido, minha comparação fora brilhante.

A carruagem parou diante do casarão onde o conselheiro da rainha se hospedava quando vinha a Cádiz. Descemos, e eu fui à frente. Não sei quanto a Benjamin, mas fiquei muito aliviado ao chegar à antessala, para onde fomos levados por um criado, e descobrir que se tratava de uma construção de pé-direito alto, bastante fresca e arejada.

Dali, fomos guiados a uma sala de estar confortabilíssima e atapetada, talvez tão luxuosa quanto a da minha casa. Mas, era uma sala de estar triste, e para isso colaborava a presença solitária de uma donzela vestida como uma boneca. Estava acomodada em um sofá florido, cabisbaixa... até que eu e Benjamin nos sentamos em poltronas à sua frente. Como se ao lado dela houvesse um ventríloquo invisível responsável por seus movimentos e ele agora decidisse iniciar sua apresentação, quase que de súbito ela levantou o rosto em nossa direção. Algo bastante inexplicável é que parecia não ter me notado. Tinha olhos só para Benjamin e seu leque ainda frenético.

Ele parou de se abanar e sorriu para ela.

– Bom dia, senhorita – disse tentando engrossar a voz, como costumava fazer sempre que saíamos de casa, mas o resultado não era bom; ele acabava soando como um ser esnobe e arrogante,

coisas que ele criticava em mim. – Meu nome é Benjamin Strauss. E este é Rupert...

Só Rupert. Benjamin sabe que não gosto de meu sobrenome. Só informo em situações de extrema necessidade.

Com certo sarcasmo, ela respondeu a Benjamin:

– Bom dia, mancebo.

Ela riu sem escrúpulos.

– Posso saber o que fazem em minha casa?

Mesmo incluindo-me na pergunta, não dirigiu um mísero olhar à minha pessoa.

Decidi responder antes que Benjamin o fizesse.

– Nós viemos encontrar o Conselheiro. Ele me convidou. Parece que precisa de minha ajuda em algum assunto concernente à Corte.

Ela, enfim, moveu os olhos, mas apenas para levá-los aos próprios sapatos feiosos, uma espécie de tamanco costumeiramente usado por senhoras.

Fui deliberadamente indelicado: iniciei uma conversa com Benjamin, em alto e bom som, para que a jovem sem nome pudesse se sentir colocada de fora.

– Por acaso, Benjamin, sabes onde poderíamos encontrar Serrano e Nouvillas? O Conselheiro certamente desejará informações que venham desses dois.

Em respeito à jovem, Benjamin respondeu-me num tom baixo:

– Creio que ambos ainda estejam fora da cidade, senhor. Mas podemos encontrar outros de semelhante importância. Talvez Domingo. Passaremos no centro antes do anoitecer.

– Estão falando de Domingo, Dulce? – disparou a jovem.

– Minha jovem! – alegrou-se Benjamin. – Logo se vê que és informada! Surpreende-me muito que saibas de tal sujeito.

Finalmente, ela virou os olhos e os vidrou nos meus. Fitava-me de modo tão intenso que devo ter pausado a respiração. Ainda por cima, ela sorriu, medindo-me talvez. Eu daria tudo para saber o que ela pensava. Senti o sangue subir-me à cabeça e o rosto esquentar, senti como se eu não passasse de um pivete, como se, de repente, eu tivesse tornado a desconhecer as mulheres e seus artifícios do amor. Para minha sorte, não precisei tomar a difícil decisão de

retirar-me daquele duelo de olhares, pois o Conselheiro da rainha adentrou a sala.

E ele, enfim, atribuiu nome àquela que, devo logo confessar, eu adoraria que fosse mais velha do que aparentava:

– Dolores!

Ela desgrudou-se de mim.

– Sim, papá?

E levantou-se.

– Precisarei ficar a sós com estes cavalheiros.

Ela não mais me olhou, nem para Benjamin. Retirou-se pela mesma abertura em arco pela qual viera o Conselheiro.

– Cavalheiros... – ele disse.

Eu e Benjamin nos levantamos para cumprimentá-lo, porém, Enrique fez pouco caso e logo se sentou no sofá em que estivera Dolores.

– Podem sentar-se. Benjamin, sou muito grato pela urgência com que tratou de trazer Rupert até aqui. Fico contente.

– Uma honra, senhor.

Prontifiquei-me a falar:

– Benjamin contou-me que a Corte está certa de que a revolução é irrefreável.

– Eu não utilizaria esta palavra – disse Enrique. – Se fosse de fato irrefreável não teríamos decidido chamar-te.

– Claro.

– Porém, estamos certos de muitos detalhes. Fomos informados que os generais pretendem agir ainda este mês – disse o Conselheiro. – Uma testemunha nos garantiu que um proclama já está escrito.

– Desculpe-me a insistência, senhor – intrometeu-se Benjamin –, contudo me parecem indícios de algo irrefreável.

O Conselheiro pigarreou, acabou respondendo com mais indiferença à insistência do que pude imaginar:

– Eu adoraria dizer que não são. No entanto, ainda temos de acreditar; a rainha venceu todo tipo de batalha até o presente momento.

– Imagino que estejam pensando em retirá-la de Madri o quanto antes – eu disse.

– Sim.

– E para onde pretendem seguir?

A isso o Conselheiro não deu resposta, mas eu suspeitava que estivessem planejando rumar para a França.

– O que o senhor quer de mim então?

Sem ainda ter aprendido que provocaria o efeito contrário em mim, ele preferiu utilizar um tom imperativo:

– Deves primeiro ir atrás de Prim.

– Não creio que isto seja possível – respondi.

A última notícia que eu tive sobre Juan Prim era de que fora expulso da França e escapara para a Suíça. Isso era também do que a Corte tinha conhecimento, e eu podia imaginar que nada mudara.

– Por acaso adquiriram informações confidenciais?

– Seu amigo aqui adquiriu.

O Conselheiro sorria para Benjamin, orgulhoso.

Olhei com o cenho franzido para este amigo que me privara de tal informação.

– Não pense mal de mim, senhor – adiantou-se Benjamin. – Recebi a carta esta semana, e o Conselheiro pediu-me que a mantivesse em sigilo.

– Entendo. Pois imagino que agora possas falar...

– Sim, sim. Bem – começou Benjamin –, como bem sabe, mantenho contato frequente com minha família na Inglaterra. Em uma das cartas mais recentes, minha irmã achou por bem contar-me sobre algo curioso. Sua amiga mais próxima, Katherine Bark, foi obrigada a ceder o quarto do porão, onde guardava uma coleção de botões e selos, a um espanhol que a família decidira abrigar. Logo na primeira noite que ele passou lá, os pais de Katherine fizeram-na concordar em não fazer perguntas sobre o sujeito. Mas ela deu um jeito de ouvir conversas e colher informações com a mãe, que tem o costume de paparicá-la muito e já não tinha ficado contente em aceitar que o marido obrigasse a filha a ceder o precioso cômodo...

De certo modo, eu estava entretido com a riqueza de detalhes do conto de Benjamin, mas o Conselheiro, que já sabia dos relatos,

deve ter julgado que havia ali muita informação desnecessária, pois disse:

– Seria possível que fosses direto ao ponto mais importante, Benjamin? Por favor.

– Sim, senhor. Desculpe-me. Bem, como bem sabe – recomeçou Benjamin –, minha família é muito cautelosa e conservadora, jamais se exporia através de alguma delação, mesmo que feita em nome do bem... Muito menos por uma coroa distante... E minha irmã não abre mão dessa característica. Ela ficou extasiada quando Katherine contou-lhe que descobrira de quem se tratava o espanhol abrigado no porão. Minha irmã é daquele tipo de pessoa interessada em assuntos de diversas frentes. Assim como sua gloriosa Dolores, Sr. Enrique, que há pouco nos mostrou saber de quem se trata Domingo, Dulce!

Benjamin voltou-se para mim:

– Então, minha irmã soube de imediato que precisaria me contar que ninguém menos que Juan Prim estava num porão londrino. Segundo ela, no entanto, Katherine foi muito além, dizendo que o pai de repente decidira por uma viagem urgente e inexplicável rumo a Gibraltar, e que o espanhol iria junto com a família, disfarçado em criado.

– Há dias que o vapor Buenaventura chegou a Gibraltar – disse o Conselheiro. – Pelas contas que fizemos, Prim deve chegar ainda hoje. Isto, se Cádiz for mesmo seu destino.

– É muito pouco provável que não seja – eu disse.

– Rupert – disse o Conselheiro –, quando o encontrares, debes fazer com que mude de ideia. Também seria bom que conversasses com Dulce e Serrano, mas...

Não pude segurar uma risada.

– Fazer o general mudar de ideia? Pensa que é viável? O senhor fala como se de algum modo ele pudesse estar indeciso... Além disso, o apoio público é muito grande, pouca diferença faria se a esta altura ele ou algum outro debandasse.

O Conselheiro abriu uma gaveta da mesinha que havia entre nós. De dentro dela retirou uma pistola minuciosamente decorada com ouro; o cabo era de marfim. Estendeu-a na minha direção, com uma

displicência e naturalidade que só se esperariam se estivesse me entregando um charuto da pior qualidade.

– O apoio e a opinião pública são tão fracos quanto um muro sem vigas – disse o Conselheiro. – Acreditamos que outros debandarão uma vez que ele se cale.

– Não posso aceitar, senhor.

– Hum...

Ele olhou de Benjamin para mim.

– Adquiristes agora requintes que eu e Benjamin desconhecemos?

Não é que esta frase tenha me provocado, despertado algum desejo de provar algo, mas percebi que não adiantaria muito prosseguir com a recusa. Depois que saíssemos, ele não seria capaz de me obrigar a nada além daquilo.

Tirei-a logo de suas mãos.

Benjamin e eu ainda ficamos, talvez, mais meia hora naquela casa; serviram bebidas e insistiram que comêssemos do almoço recém-preparado. Eu não tinha apetite, mas aceitei ficar, pois tinha esperanças de saber mais sobre Dolores; além disso, Benjamin dizia estar faminto. Mas, Dolores não participou do almoço.

À mesa, estiveram apenas os três que há pouco conversavam sobre dar fim aos respiros e à capacidade de Juan Prim lutar por seu país.

Quando deixamos o casarão, e o balançar da carruagem nos levou caminho afora, esperei que Benjamin terminasse de dar instruções ao cocheiro sobre nosso destino para contar-lhe sobre minha impossibilidade de utilizar aquela arma contra Juan.

– Enlouqueceste? Mas é claro que não a utilizarás!

– E pensas que me foi dada para que fim senão este?

– Proteção, ora.

– Proteção? Vais me dizer que não entendeste bulhufas da conversa? O general Prim jamais mudaria de ideia!

O calor parecia ter aumentado, até minhas pernas estavam suadas!

– Aliás, dar-me-ia uma arma para me proteger do quê?

– Dizem que o general é perigoso, insensato. Ao questioná-lo agora... tão próximo de um possível estouro político... acredito que ele não mediria equívocos em te fazer mal, Rupert.

– Não, não. Dizem inverdades sobre ele; como dizem de mim e de ti; conheço-o melhor.

Ironicamente, como se a cidade e suas veias nos dessem um recado, fizemos o trajeto por uma rua chamada Libertad, passando por De Los Desamparados, até percorrer outra chamada San Juan. Essa rua, no início larga, logo se transformava numa via quase tão estreita quanto um beco, capaz de dar passagem apenas à carruagem, de modo que vi pela janela algumas pessoas se agitando para abrir caminho aos cavalos e espremer-se junto à soleira das portas.

Desembocamos nas costas da Catedral de Santa Cruz, uma construção barroca, composta em grande parte de pedras ostioneras – rochas porosas formadas por restos de conchas marinhas. Quando Benjamin viu onde estávamos, não pôde deixar de se benzer.

Dali seguimos durante um bom tempo apenas por uma via muito agradável, à beira-mar, chamada Campo del Sur. As águas estavam esverdeadas, tentadoras, fazendo jus ao fato de o mar ter sido o grande atrativo que me manteve naquela cidade por tanto tempo. Mas o horizonte agora me convidava, em vez de me apaziguar como sempre fizera. Convidava-me a pegar um navio e partir para novas ou velhas terras; era apenas um símbolo, infelizmente, uma vez que a rota para a Alemanha não incluiria o mar, mas trilhos.

Como fuga de toda aquela louca empreitada que Benjamin e eu fazíamos em nome do reinado dos Bourbon, adormeci sem perceber. Despertei com as efusivas boas-vindas de um aglomerado de gente aos tripulantes de uma fragata ancorada no porto.

A carruagem havia parado, Benjamin estava falando com o cocheiro; eu escolhi abrir a porta para melhor enxergar o que se passava.

Mesmo à distância, reconheci Juan Prim, uniformizado e com a pele clara, visivelmente acostumada ao frio londrino e ao escuro do porão de uma colecionadora de botões e selos. Sob a luz de um sol que não encontrava nada a que fazer sombra, Prim acenava para o

povo e fazia sinais de vitória bastante emocionado – algo muito além da truculência e firmeza que eu me lembrava ser-lhe de praxe.

– Ben, Benjamin! Ali, ali. Olha, rápido.

Benjamin veio para o meu lado.

– Estavas certíssimo, homem! – eu disse. – É ele! Tu és para mim e para este país mais do que um espião ou um informante. Sinto como se tu mesmo o tivesses trazido pelo oceano da noite para o dia!

Benjamin ficou muito contente com essas palavras.

Fiz as contas rapidamente; quase seis anos haviam se passado. Prim me parecia mais parrudo e experiente. Apesar de nossas discordâncias ideológicas, eu precisava admitir: não era necessário que se preparasse ou esperasse por outro momento. Agora, nada mais o impediria.

Nesse instante, eu deveria ter tomado a decisão de voltar para a carruagem, ordenando que tomássemos o caminho para minha casa. Mas era grande demais o desejo de ao menos fazer algumas perguntas.

Benjamin saltou para a rua, chamando-me para irmos ao encontro de Prim o quanto antes. Eu recusei e mandei que ele voltasse para a carruagem; pedi ao cocheiro que ficasse atento ao caminho que Prim faria, assim que deixasse a multidão, pois, após a longa viagem, ele havia de repousar, nem que fosse por alguns instantes.

– Abaixo os Bourbon! – ouvi Prim gritar, como fechamento de seu discurso.

Sucederam-se palmas e assobios; duas ou três pessoas exclamaram o mesmo.

E assim foi: Prim e outros generais enfiaram-se numa carruagem negra e tomaram o rumo de um bar-hotel localizado duas ruas adentro. Seguimos bem de pertinho, como também fizeram alguns pedestres fanáticos pela fama e militância do general. Uma vez estacionados, também descemos e entramos no estabelecimento.

Prim agora não estava para conversa com os que se aproximavam dele, os generais o cercavam, protegendo-o para que tivesse uma conversa com o gerente do local.

Era uma construção deteriorada e mal frequentada – já se podia perceber pela clientela –, algo muito aquém dos padrões que eu consideraria de merecimento de Prim.

Puxei Benjamin para um canto em que havia uma mesinha livre, e esperamos pelo melhor momento de agir.

– Acha que Prim o reconhecerá? – perguntou-me Benjamin.

Você aí talvez tenha percebido que não me apresentei fisicamente. Também não o fiz por Benjamin (pobre Benjamin, aqui eternamente sujeito a ser representado apenas por palavras minhas... Mas não creio que ele reclamaria muito, caso lesse este livro e soubesse como o estou tratando). Bem, vejo toda e qualquer leitura como prática semelhante a uma conversa ao pé do ouvido, em que o ouvinte – no caso, o leitor – está impossibilitado de ver o dono da voz que lhe segreda parágrafos e parágrafos. Pois, então, peço-lhe agora que abra os olhos e vire-se para mim.

Sou ruivo. Ruivo, desde meus cabelos e sobrancelhas até os cílios quase loiros. Acho meus olhos bonitos. São verdes, mas o formato puxado das pálpebras é que me agrada bastante. Posso dizer que sou esbelto – e sedutor, quando quero – mas, antes que me considere arrogante, admito ter pés feios e uma barriga estufada, que sempre dá trabalho às costuras e escolhas de Benjamin.

Olhe também para Benjamin. Se ele pudesse vê-lo, exporia de imediato uma de suas esquisitices, que é sorrir com a boca fechada e os lábios quase a formar um bico; Benjamin faz isto enquanto ergue as sobrancelhas e tenta não olhar diretamente em seus olhos, precisando assim direcionar o olhar a outras partes do seu rosto, seja o nariz, o queixo ou as orelhas. Eu já disse a ele que é algo feio de se fazer, mas não adianta. Benjamin é... basta eu dizer que ele é livre! Mas para responder a qualquer curiosidade, digo também que é franzino; pálido como eu; tem cabelos negros e olhos da cor da noite.

– Se ele me vir – respondi –, certamente sim, Benjamin. Não costumo ver muitos ruivos andando por essa cidade, e tu?

Para fácil contrariedade do que eu dizia, não muito distante de nossa mesa havia um cliente ruivo, barbudo, com parte da cabeleira encoberta por um chapéu surrado.

– Eu? Ah! Seria uma honra se ele me reconhecesse.

Não me aventurei a explicar que não fora aquela a pergunta que eu fizera. Prim finalizara a conversa com o gerente e agora era guiado para uma escadaria de madeira.

Com a retirada dos generais, dirigi-me ao gerente e pedi um quarto. Ele me assegurou não haver mais nenhum disponível, algo que eu sabia ser uma mentira; bem atrás dele, o painel das chaves estava repleto de quartos desocupados. Eu e Benjamin não tínhamos à mão dinheiro suficiente para comprar a quebra da promessa que, imaginei, o gerente fizera aos generais. Então tirei proveito do fato de Benjamin e eu sermos as pessoas mais belas e bem-vestidas de toda aquela espelunca. Eu disse a ele que era dono de um jornal e estava desejoso de avaliar e divulgar o local na categoria de Estabelecimentos Acessíveis ao Povo de Baixa Renda, Porém Agradáveis aos Abastados.

Ele fez uma expressão contente e virou-se para pegar uma chave.

Se ao entrar no bar-hotel eu tivesse ficado menos fissurado nos passos de Prim, talvez notasse que um homem fazia comigo o mesmo que eu fazia com o general. Algo que nunca saberei dizer ao certo é: em que momento esse sujeito se pusera ao meu encalço? Mas, lhe garanto, não é uma conclusão certa crer que alguém designado a proteger os generais tenha passado a me seguir desde o porto, pouco depois de ter posto os olhos em Benjamin saltando da carruagem. É mais possível que nosso perseguidor possuísse incumbências da Corte, e então tenha nos seguido a partir de minha saída do casarão de Enrique. De qualquer modo, você poderá aprofundar suas suspeitas quando chegar o momento em que ele abrirá mão do anonimato, ainda neste capítulo.

Imagino que o perseguidor tenha decidido ficar no bar, pois de minha conversa com o gerente em diante não havia meios de nos seguir sem ser notado.

Calculei que haveria complicações em descobrirmos o quarto dos generais e já estava desenvolvendo ideias sobre como agir, mas tudo se desenrolou com facilidade: o hotel era tão porcamente construído (as paredes eram todas de madeira) que do corredor foi possível

ouvir a voz de Prim vinda de um dos quartos. Ele recitava passagens do que havia de ser o proclama dos generais.

Bati à porta e Prim se calou.

– Pois não? – ele berrou, sem fazer a mínima ideia de que seria ouvido mesmo se falasse baixo.

Achei adequado não entregar logo o meu nome, ele poderia nem sequer se lembrar e se recusar a me ver (o que seria vergonhoso), ou então receberia de bandeja o nome que talvez lhe escapasse quando me visse. Escolhi as palavras que mais pudessem intrigá-lo.

– Quem vos fala é um homem acompanhado por um sujeito que sabe muito bem dos dias e noites que passastes ao lado de botões e selos. Quanto a mim, estou mesmo é curioso por saber se é verdade o que os jornais...

Prim escancarou a porta; eu prossegui sob seu olhar estupefato:

– ...o que os jornais dizem sobre Juan Prim ter-se escondido de seus inimigos atrás de uma pipa de vinho numa adega de Reus!

Prim sorriu. Não faltou com seu brilhantismo e excentricidade ao me surpreender de dois modos. Primeiro, mostrou que sua memória era fabulosa:

– Rupert?

Virou os olhos para Benjamin:

– Strauss!

E segundo, porque, quando eu me virei para ver estampada no rosto de Benjamin a felicidade por ter sido reconhecido e tido o sobrenome lembrado de chofre, fui arrancado do corredor por mãos de ferro. Na verdade, uma só mão de Prim o fez com a força que se esperaria de duas; com a outra mão, ele também trouxera Benjamin para dentro do quarto.

Os dois generais que acompanhavam Prim nos revistaram sem escrúpulo algum. Foi inevitável que encontrassem o revólver de ouro e marfim. Passaram-no para Prim, que o colocou num coldre vazio de seu uniforme. Com Benjamin encontraram apenas o leque de cor violeta; mas, também o entregaram a Prim.

Para a contínua felicidade de Benjamin, Prim abriu o leque, cheirou-o, não sei por que, e o devolveu. Benjamin começou a se abanar com ele.

- Como sabes de tudo isso que me disseste? – perguntou Prim.
- Então quer dizer que é verdade o que dizem da pipa da adega?
- eu disse, em tom de escárnio.

Prim fez um sinal para que os dois generais nos deixassem a sós. Eles não questionaram.

Prim disse a mim:

- Quanto tempo se passou, meu caro!
- Seis anos! Achas que tens muito para contar?
- Talvez tenha, mas não devo contar a ninguém. Depois de tanto tempo, não me sobraram muitas histórias de que eu goste ou me lembre.

– Seis anos não é tanto tempo para quem não sabe utilizá-los – eu disse.

Prim cruzou os braços às costas.

- Pois eu os utilizei da melhor forma.
- Mesmo? Não me parece teres desistido de teus golpes, teus fracassos.

– Os fracassos me trouxeram à solução e ao apoio geral do povo.

– Pois agora creio que seguirás ao fracasso da revolução...

– É tarde demais para fracassos, Rupert. Sabes muito bem disto. As nuvens da tempestade se aproximaram o bastante. A esta altura, o sol já deveria ser visto, o fracasso já deveria ter batido à minha porta e me tirado deste mundo. Mas tenho a força do povo amparando-me, eles esperam pela chuva tanto quanto eu! E quem bate à minha porta, muito pelo contrário, é um amigo incapaz de me fazer mal, acompanhado de um estilista... o melhor estilista de Cádis, mas um estilista...

– Juan – eu lhe disse –, não vou fingir que tenho algo extraordinário a dizer-te. Não tenho meios de te convocar e vim até aqui sabendo que os próximos meses serão inevitáveis. Tenho, porém, uma pergunta legítima: até onde pensas que podes ir? Dize-me com honestidade, até onde chegaria uma revolução destas, feita aos tropeços?

– Ela está arquitetada desde a raiz, Rupert.

Sentou-se numa cadeira desprovida de mesa ou qualquer móvel por perto. O quarto, aliás, contava tão só com uma cama e uma

cadeira. Para sorte do gerente, eu não era dono de jornal algum.

– É chegada a hora de pôr fim ao despotismo e à corrupção! – prosseguiu. – Se não agirmos agora, este país corre sérios riscos de jamais retomar a moralidade.

– Isto não significa que tenhas a solução. O tempo que seria necessário é muito maior do que o que tens em mãos. E aqui um governo revolucionário não duraria uma década sequer. Sabes disso, não sabes?

– Permitti que tomasses meu tempo, então, responde-me também. Por que diabos te preocupas com os ideais e o futuro deste país? Por que perdes tanto de tua vida sob este sol que, eu me lembro bem, te atormenta? Por esta Corte nefasta? Não é o bastante tudo o que conquistaste nestes anos todos? A questão me parece voltar ao ouro, sempre tu e ele. Mesmo? Isto é triste.

Prim tinha toda a razão do mundo quanto àquilo. O que me faltava? Faltava algo, disso eu estava certo. Mais prestígio, talvez? Por quê? De quem?

– No teu lugar, Rupert, eu estaria longe daqui há muito tempo. Volte para o frio, meu caro, volte para a Alemanha. Volte para casa.

Pensei em lhe dizer que esse era justamente o meu plano. Olhei do general para Benjamin e quase me impedi; mas, disse:

– Estou mais preparado do que nunca para voltar. Quem sabe eu tenha adiado tanto, pois, lá no fundo, sabia de teu eventual sucesso e apenas esperava pelo fim de meus frutos com a Corte... Mas não penses que isto me faz concordar com alguma coisa de tua política.

Virei-me para Benjamin e lhe fiz uma pergunta que eu esperava não transparecer como uma proposta:

– Tu te incomodarias se tivesses de deixar a Espanha para nunca mais voltar?

Eu juro ter visto resposta positiva em seus olhos brilhantes, talvez empolgação. Mas eles brilharam devido às lágrimas, pois Benjamin cobriu o rosto e desatou a chorar.

– Juan – prossegui –, pretendo deixar Cádiz o quanto antes. Não sei se devo assistir à tua empreitada.

Ele levantou-se e veio até mim; colocou uma mão sobre meu ombro.

– Não te preocupes. Ela será forte o suficiente para que tenhas notícias mesmo de lá. Recomendo que vás, sem olhar para trás; os próximos dias serão decisivos... eu diria até mesmo perigosos para todos que estiveram do lado da Corte.

Prim puxou a arma da cintura e a devolveu a mim.

– Agora, vai, por favor.

Benjamin só parou de chorar na carruagem, quando já estávamos longe da zona portuária. Achei melhor não dirigir-lhe a palavra por ora. Seu silêncio e sua respiração me fizeram pensar que o sofrimento poderia significar outra coisa que não desgosto pela minha partida. Talvez ele chorasse porque sabia que não conseguiria me abandonar e sofresse com a necessidade de deixar a cidade que ele tão bem conquistara e aprendera a amar. Benjamin nascera em Londres, foi lá onde o conheci, onde contratei seus serviços e onde ele deixara a família para viver na Espanha.

O fim de tarde se aproximava, mas não havia indícios de que a temperatura cairia. Eu já me imaginava chegando ao meu quarto e retirando a roupa grudada... talvez até tomasse outro banho. Para minha infelicidade, porém, à porta de casa, uma das criadas informou-me que um homem viera à minha procura.

– Chegamos a pensar que se tratasse de algum parente de quem nunca nos falou – disse ela. – Ele é ruivo como o senhor. A voz até parece a sua. Só não é tão bonito e educado quanto o senhor.

Selma foi quem me disse isso. Era a criada mais bem-apeçoada e doce que trabalhava para mim. Eu e ela tínhamos casos eventuais, sempre que ela achava necessário espairecer um pouco de seu trabalho entediante.

– Acontece, senhor – ela prosseguiu –, que ele insistiu em esperar. Está agora na sala de leitura. DaCruz está a vigiá-lo, enquanto o senhor não chegava.

Eu teria de adiar meu banho.

Descobri que o sujeito era de fato estranhamente parecido comigo, com uma única grande diferença: não fazia a barba havia um bom tempo.

Ele tinha os olhos num livro que, eu imaginava, fora desrespeitosamente retirado de uma das estantes.

- Boa tarde.
- Boa noite – ele disse.

Logo veio em minha direção me cumprimentar, como se nos conhecêssemos. Em outros casos, eu teria me distanciado, feito perguntas ou pedido que se sentasse; mas, fiquei imóvel e calado, não sei dizer pensando o quê. Também DaCruz –, a criada negra – parada à porta, permaneceu estática, com um sorriso esquisito no rosto. Benjamin, às minhas costas, foi o único capaz de tomar alguma decisão diante daquela cena que começava a se mostrar intimidadora: movimentou-se, mas tão só para vir parar ao meu lado e nada mais fazer.

Não sou claustrofóbico, mas acredito que senti o que os claustrofóbicos sentem. Faltou-me ar e lugar para fugir.

Sem olhar-me diretamente, Benjamin teve sucesso em engrossar a voz e disse-me num linguajar chulo que eu nunca o ouvira utilizar:

– Seu nojentinho... Precisas de um banho, estás mais emporcalhado que um mendigo. Mas terás o que merece. Vira-te!

O próprio Benjamin virou o rosto para mim. Encarou-me por alguns segundos e voltou-se para o visitante.

Readquiriu seu tom afinado e nobre:

– Tenha piedade, senhor, talvez amanhã encontremos nosso caminho de volta para casa.

O ruivo barbudo parou diante de nós e retirou da minha cintura a arma que Enrique me dera. Ele a apontou para Benjamin, que se agachou devagar.

Benjamin deitou-se e começou a rastejar pelo tapete como um animal, um indigente. DaCruz e eu assistíamos a isso como enfeitiçados, coadjuvantes de uma encenação em que o diretor e o roteirista se abstiveram da tarefa de nos dar movimentos e voz. Tive a impressão de ouvir um gemido vindo de meu amigo e senti meu coração apertar.

O ruivo foi ao seu encontro, agachou-se e agora o acertava com a coronha de ouro e marfim de modo tão brutal que o som provocado pelo choque com o crânio soou mais terrível do que o som de um disparo.

Vi que DaCruz ainda tinha o sorriso estampado no rosto.

O ruivo veio depois até mim e colocou-me sentado em uma poltrona vermelha, que até então eu nunca vira em minha sala. Nessa poltrona surgiram ataduras de couro com fivelas enferrujadas. O estofado parecia molhado e cheirava mal, pois senti meus pulsos gelarem e um odor azedo me envolver. Fui atado pelos braços e pernas – o que não fazia sentido, uma vez que antes disso eu já estava incapaz de me mexer; mas bastou que o couro se fechasse em torno dos meus pulsos e calcanhares para que eu retomasse o arbítrio.

Enfim, gritei:

– Selmaaaa! Serena! Augustina! Socorrooo!

As três criadas vieram o mais rápido possível.

Elas não sorriam despreziosamente como DaCruz, mas não demonstraram muita preocupação com a cena que viam na sala de leitura, como se fosse tudo muito normal.

Assim que as viu, o barbudo ordenou que preparassem a banheira para dali a pouco. Elas aquiesceram e se foram.

A esta altura, o sangue de Benjamin já atingira meus sapatos.

– O que quer de mim? – murmurei.

O ruivo sacou uma faca e passou a alisá-la em minha testa. Meu desespero era tamanho que eu estava a ponto de chorar. Fazia muitos anos que não chorava. Também passara muitas horas sem ir ao banheiro e agora a urina tomava a liberdade de sair por conta própria.

– A Corte o enviou para tirar satisfações, é isto? Quer saber por que fracasei com Prim? Eu tentei, juro que tentei! Mas fomos revistados e...

Ele me fitava, confuso. Seus olhos eram de fato idênticos aos meus.

– Do que está falando, *ma puce*?^[1] – ele disse. – Corte? Prim? Prim é nome? Olha, é o seguinte... Vou te trazer de volta para casa.

E se aproximou uma última vez.

Comecei a chorar quando ele afundou a lâmina em minha testa, movendo-a para os lados. Enquanto não desmaiei de dor, pude ouvi-lo soltar uma risada curta por trás da barba... Assim, as regras que

eu havia criado para mim mesmo foram quebradas por breves segundos. Minha mente abriu um rasgo de acesso à memória da minha infância: aquela risada curta e suja se parecia muito com a do meu pai, quando me deixava nu e se trancava no banheiro comigo.

Nova Astronomia

SOZINHA, MINHA MENTE NÃO FOI CAPAZ DE NOTAR a mudança de temperatura que ela mesma inventara. Nos segundos seguintes à minha tortura na sala de leitura, não senti nenhum choque, nem corri o risco de vir a adoecer por ter ido parar na época mais fria do ano em um lugar a dois mil e trezentos quilômetros de Cádiz.

Por uma continuidade que nem sempre se mostrou presente, também aqui eu estava sentado em uma poltrona de estofado vermelho, um pouco esbranquiçado na altura dos braços. Mas nesta poltrona não havia ataduras de couro, e meus braços livres estavam por ora cruzados sobre a barriga. Minha falsa consciência encontrava-se no limiar entre o cochilo e a disponibilidade para ouvir sem entender uma conversa que se desenrolava entre dois sujeitos a poucos metros da poltrona. Um deles reconheci pela voz e podia descrevê-lo mesmo de olhos fechados: franzino, maltratado, como um ator que no teatro é escolhido para fazer o papel de indigente. A outra voz me parecia familiar, mas não havia registro de suas feições. Os dois murmuravam, mas não pense que assim o faziam em respeito ao meu descanso; tenho certeza, que, se me vissem cochilando, já teriam me acordado.

A conversa findou, e o silêncio embarcou-me em um sono mais profundo; ainda assim, era tão leve que o som de uma lente de aumento tocando o piso de ardósia me acordou.

Ela veio pelo desnível entre os dois ambientes e parou embaixo de uma mobília ao meu lado.

– Acho que caiu uma de suas coisas, senhor.

Era a voz do meu caro amigo Benjamin. Ele não se dirigia a mim; falara ao outro com cuidado, como quem não deseja importunar.

O outro respondeu:

– Faça o favor de pegar, então.

Quando abri os olhos, me vi em uma enorme sala de estar improvisada em uma espécie de laboratório. Benjamin estava no chão, deitado, com o braço direito se esgueirando por trás de um móvel. Sua disposição na sala e a distância entre nós formavam uma cena de perfeita restauração do que eu vira pela última vez em Cádis, com Benjamin ensanguentado caído ao pé de um dos sofás. Mas aqui não pude perceber isso, ainda era muito cedo para uma revelação consciente. Como antes, aceitei como inquestionável a atual conjuntura e, embora somente agora visse o outro homem – um sujeito bem-vestido, com olhos reduzidos pelas grossas lentes dos óculos de armação dourada, com barba eletrizada e cabelos ralos e desgrenhados – e reconhecesse nele as feições de Kepler^[2], que eu, até então, só vira retratado em livros, poderia jurar tê-lo visto na véspera, ou, antes disso, precisamente num domingo, quando o cumprimentei com um “belo dia”, levando-lhe a mais recente carta entregue em nome do imperador, uma em que Sua Majestade demonstrava curiosidade em saber como andava o aproveitamento dos estudos que haviam sido deixados como herança... Ademais, eu também vira Kepler no sábado anterior, não vira? Foi quando lhe servi o vinho em meio ao trabalho no observatório; ele estava esmorecido pela falta de congruência, como escolheu me dizer. De um segundo para outro, essas e outras memórias passaram a me pertencer. Agora que eu avistava Kepler a poucos metros de mim, sentado em sua cadeira de madeira nobre –, chamada pau-brasil, vinda de uma das colônias portuguesas – sabia tê-lo visto sentar-se nela para ali escrever e pensar todos os dias dos mais de três anos que haviam passado desde a minha vinda.

– O que queres aí, Benjamin? – perguntei.

– Ele deixou cair alguma coisa.

O vão entre o móvel e o chão era muito estreito, mas Benjamin conseguiu dar um jeito de enfiar a cabeça ali embaixo.

Até que exclamou:

– Ai, ai, ai!

– Que fizeste desta vez?! – perguntou Kepler exaltado, sem desviar inteiramente a atenção do que estava fazendo à mesa de estudos.

Benjamin sentou-se no chão, encostando-se no móvel.

– Uma farpa! – ele disse gemendo, mas mostrou-me ter encontrado o que procurava: uma lente de aumento.

– Passa álcool neste dedo – eu lhe disse.

Benjamin se retirou em direção à cozinha.

Levantei-me e fui até a bancada servir-me de água. Quando Benjamin retornou com o dedinho enrolado num pano, Kepler pediu-lhe que fechasse a janela mais próxima à mesa e acendesse a lareira. Benjamin obedeceu, mas não sem antes lançar-me um olhar enfastiado. Ele demonstrou dificuldade para levar as toras de madeira até a lareira, passou a fazê-lo com uma só mão; fui então ajudá-lo.

Como acontece com a maioria das grandes mentes, Kepler atingira a prática e a relevância de um gênio com idade relativamente baixa. Aos vinte e três anos, já conseguira galgar o posto de professor de matemática e astronomia em uma escola secundária de Graz, na Áustria; dois anos depois, publicou uma obra na qual desenvolvia teorias e expunha argumentos a favor das hipóteses heliocêntricas (em que, ao contrário da Terra do geocentrismo, o Sol seria o centro do Universo). Dois exemplares desse livro foram enviados a dois grandes nomes da astronomia: Tycho Brahe (um homem ruivo, cujo bigode nunca consegui imitar, não obstante minha perseverança e paciência) e Galileu Galilei. Tycho, um ferrenho defensor do geocentrismo, apontou alguns equívocos em previsões e modelos; Galileu agradeceu, apenas dizendo concordar com a teoria heliocêntrica de Copérnico. Como também era comum entre os estudiosos da época, a inteligência de Kepler chamara a atenção da Igreja e irritou-a. Em poucos anos, ao recusar converter-se ao catolicismo, foi exilado e encontrou acolhimento aqui em Praga, onde Tycho Brahe – com quem já nutria uma espécie de amizade – trabalhava como matemático da Corte.

Tycho apresentou-o ao imperador Rodolfo II, que o contratou como assistente daquele. Curiosamente, de modo que talvez servisse mais aos livros de ficção, alguns meses depois, Tycho morreu, e Kepler herdou seu posto e seus dados: o imperador nomeou-o matemático imperial.

A morte de Tycho é um mistério à parte e certamente permanecerá assim, mas, diferente da maioria dos responsáveis por espalhar falsidades a fim de perpetuar o mistério, poderei servir como testemunho do que pensei ter visto e sentido. A causa da morte de Tycho mais aceita na época era que ele falecera devido a um problema na bexiga. Foi dito que no dia 13 de outubro de 1601, durante um banquete, Tycho evitara, por questões de etiqueta, levantar-se para ir ao banheiro; e, sentado à mesa, segurara a urina por muito tempo... por horas e horas. Os banquetes eram longos e aquele de outubro fora um dos mais prolongados! Por consequência, Tycho contraíra uma infecção urinária, pois, onze dias após o banquete, ele estava morto. Essa é uma teoria apoiada pelo próprio Kepler, que esteve presente ao banquete e, nos dias seguintes, às primeiras mostras de adoecimento, resolveu escrever-me com urgência, pedindo que eu e Benjamin, enfermeiros que tão bem cuidamos de uma doença que o acometera ainda jovem, quando morava em Graz, fôssemos visitar o astrônomo. Aceitamos e partimos, mas chegamos a Praga no dia em que ele faleceu.

Cabe citar a outra teoria, a de suspeita de assassinato. Muitos acreditavam piamente que a morte havia sido causada por envenenamento, cruelmente arquitetado por ninguém menos que Johannes Kepler, o pupilo invejoso, o assistente renegado. Era uma ideia que, confesso, poderia fazer sentido por determinados pontos de vista, mas era também um olhar comprometido pelo desejo de conspiração de todo ser humano. Afora a projeção de ter sido contratado, Kepler recebera inúmeros auxílios de Tycho, financeiros, inclusive. Não havia tanto a ganhar quanto a perder. Ao contrário de mim, porém, Benjamin, assim que soube da possibilidade de ter ocorrido tal plano, tornou-se adepto da suspeita; estava intrigado e desejoso por assistir Kepler pessoalmente e poder colher indícios disto ou daquilo.

Embora fosse autossuficiente e quase nunca abrisse mão de fazer por conta própria todas as tarefas que concernissem ao laboratório e suas proximidades, quando se viu abandonado por Tycho, Kepler achou por bem adquirir dois assistentes. Com a carta que recebemos sobre Tycho, Benjamin e eu já havíamos ficado lisonjeados, então sequer pensamos em recusar o convite para trabalhar em meio aos estudos. Só não poderíamos imaginar que não iríamos servir tanto como assistentes. Estávamos mais para fantoches, aos quais Kepler dava vida quando julgava necessário; não podíamos correr o risco de distraí-lo. Se o tivéssemos ajudado o suficiente e não fôssemos mais úteis, tínhamos de nos retirar e passar o resto do tempo em nossos aposentos, ou então quietos na sala ao lado. Benjamin, quando requisitado, servia para os trabalhos braçais (o que incluía a faxina e a locomoção de peças importantes, uma vez que Kepler afirmava que as mãos de Benjamin, segundo ele, um sujeito delicado, teriam mais apreço e cuidado que as de um criado qualquer, ou mesmo que as de uma mulher); quanto a mim, costumava servir como ouvinte, um espelho embaçado, incapaz de refletir as ideias do gênio. Kepler chamava-me para explicar seus estudos nos mínimos detalhes, do modo que faria em uma revisão de tema a seus melhores alunos, pois falava sobre coisas sabidamente incompreensíveis para qualquer um que não passasse décadas estudando os números e as formas. Mesmo assim, ele ia mais longe, fazendo-me questionamentos de quando em quando. Mas, eu aprendi, seu objetivo era que eu não tentasse me expressar; eu deveria ficar calado e deixá-lo com seus problemas por algum tempo.

O tempo, aliás, era algo curioso em nossa convivência com Kepler. Talvez por sua inteligência incomum, parecia que seu cérebro funcionava num ritmo e frequência sobre-humanos; era como se uma semana para ele tivesse o efeito de um mês. Com isto quero dizer que suas emoções, seus ânimos e desânimos, suas ideias e crises, tudo tinha uma curta duração; Benjamin e eu nunca o vimos feliz ou doente por muito tempo, como também nunca o vimos manter intocado um ponto de vista; às vezes, levava menos de uma hora para que Kepler dissesse ter encontrado um porém, uma saída,

um contra-argumento aparentemente inquestionável. Mas, nem os inquestionáveis duravam muito. E isso valia para qualquer assunto, não só para as teorias do céu e dos números. Uma vez, mudou de opinião sobre um comunicado do Papa três vezes num só dia. Quando Tycho faleceu, nos impressionamos pela dor que o corroeu no primeiro dia após a perda. Na manhã seguinte, porém, embora não abrisse a boca para falar, já não derramava nenhuma lágrima. Bastaram mais vinte e quatro horas para que parecesse haver passado meses; Kepler estava empolgado, convidou-nos para aquele jantar em que propôs que o ajudássemos nas tarefas diárias a partir de então.

É importante que eu aprofunde nossa aceitação do trabalho; foi sem muito pensar que o fiz, por Kepler ter me garantido que em menos de dois anos, no máximo dois anos e meio, iríamos nos mudar para outro laboratório, ao norte, cujo observatório estava sendo construído – era lá onde estava minha família. Benjamin, por sua vez, tinha motivos a mais; além de permanecer ao meu lado, ganharia como pagamento semanal ouro suficiente para juntar a quantia necessária para o curso de costura que desejava fazer em Stuttgart.

Pronto. A lareira estava montada, mas eu não era bom em acendê-la, tive de deixar isso para Benjamin.

– Rupert! – exclamou a voz macilenta de Kepler, por trás da pilha de livros que escondia seu rosto de onde eu o via. – Vem aqui, rápido! Posso saber quem é o responsável por isto?

Mostrou-me uma folha de caderno, mas não pude enxergar à distância o que ele exibia.

– O que é? – perguntei.

– Quem desenhou isto?

Eu teria me lembrado, caso tivesse o hábito de desenhar.

– Posso ver o desenho? – perguntei.

Quem tinha o hábito de desenhar a qualquer hora era Benjamin.

– Pois vem ver.

Sentei-me num banco ao seu lado e peguei o caderno nas mãos.

Era claramente um desenho de Benjamin. Um homem esbelto esboçado apenas para servir de manequim a mais um dos modelitos

despojados e escuros que Benjamin se inspirava em criar. Mas, ao contrário das roupas que o vira desenhar, esse tecido era fino, não muito indicado para o frio daqueles dias. Sobre a cabeça, o homem trazia um chapéu preto que parecia ser de veludo.

Levantei os olhos para Benjamin, ao mesmo tempo que ele, ainda agachado diante da lareira, dizia a Kepler:

– Perdoe-me, senhor. Mês passado, se não me engano, estava terminando de limpar a cozinha, quando achei um caderno caído atrás do fogão. Vi que a capa estava manchada e que não havia páginas que não estivessem em branco, então pensei que não haveria problema em utilizar uma delas para aliviar a pressão criativa que me perturbava a mente.

Enfim, o fogo envolveu alguns tocos de madeira, e Benjamin se levantou para vir até nós.

– Pois, foi assim: mais cedo naquele dia, enquanto Rupert e o senhor tinham uma conversa que não requeria minha participação, avistei da janela da sala um casal entrando em uma bela carruagem à beira do rio, dessas carruagens luxuosas que nem mesmo o senhor se aventura a gastar do que recebe da Corte...

Kepler fez um sinal, para que não se delongasse em seu discurso.

– Sim, senhor, perdoe-me, já estou terminando; pois bem, achei o casal muito malvestido! Especialmente o homem; um tanto desleixado. Não levou muito tempo para que eu já tivesse formada aqui, em minha cabeça, a vestimenta ideal; algo que nunca vi trajarem... Como bem sabe, vestem-se mal demais nesta cidade. O senhor é quem melhor escolhe como aparecer em público.

Não era bem assim... Quase sempre era Benjamin quem dava conselhos sobre o que Kepler deveria vestir para sair, mesmo se a saída fosse breve e não se desse por razão de reuniões importantes ou encontros com intelectuais no Castelo de Praga. Não tenho a pretensão de suspeitar que Benjamin fosse ingênuo a ponto de não perceber que aquilo se tratava de um elogio a si mesmo, mas, a bem de nossa amizade, preciso fazer justiça ao acrescentar que ele possuía a personalidade mais pura e humilde que pude conhecer neste mundo.

Qualquer que fosse a conclusão, Kepler achou por bem dizer:

– Fico grato com o elogio, Strauss.

– Quando terminei de desenhar – prosseguiu Benjamin –, tentei arrancar a folha, mas...

– Arrancar a folha!

Kepler arregalou os olhos, ofendido.

– Sim, mas ela não saía de jeito algum.

– Mas é claro que não saía! Este é um exemplar dos melhores cadernos do Império. Todas as páginas são bem costuradas para que não se soltem facilmente...

– Eu logo percebi, senhor, é um ótimo caderno. Lembro-me também de ter pensado em rasgar a folha, mas tive receio de danificar o desenho que fiz.

– O desenho? Não deverias ter receio de danificar o caderno...?

Kepler enfiou dois dedos na densa barba para coçar o queixo.

– Agora vá procurar uma borracha.

– Borracha?

– Sim.

– Não gostou do desenho – concluiu Benjamin –, é isto?

– Vê bem, realmente tens faro certo. E teu nome me parece soar adequado para as artes. Benjamin Strauss. É bonito. Mas, falta muito... Sinto dizer. Estes panos retos não agradarão a ninguém, não há volume aqui, não há formas que favoreçam o corpo. E este chapéu... Vamos, ande, apague logo, preciso continuar meus estudos.

– O senhor se importaria em pular esta folha e continuar em outra, ou mesmo no verso?

Benjamin teve o cuidado de não deixar passar um tom de súplica.

– Não se dá continuidade pulando nada – respondeu Kepler. – Preciso ter o raciocínio fluindo, meus estudos serão vistos mesmo depois de minha morte. Imagine só se alguém do futuro encontrar um caderno em que, subitamente, interrompo minha dissertação e meus cálculos para dar lugar a um desenho estúpido... a uma figura esquelética, cujas pernas são mais longas que as de um ser humano normal, cuja cabeça está desprovida de olhos.

Kepler pôs o dedo na folha, ao lado do desenho.

– Aliás, o que é isso aqui?

Benjamin espiou o papel e respondeu:

– Tentei desenhar uma carruagem, mas desisti quando vi que seria muito difícil.

Kepler lançou um olhar aos traços disformes. Seu olhar me pareceu compadecido, como se, enfim, simpatizasse com Benjamin e seu esforço em desenhar.

Todavia, ele disse:

– Acho que deixei a borracha no banheiro.

E Benjamin foi pegá-la (de fato, estava no banheiro. Kepler tinha o hábito de estudar enquanto defecava). Ele voltou e se sentou à mesa para apagar o desenho.

Enquanto isso, Kepler serviu-se de vinho e pôs-se mudo ao meu lado, virado na direção da janela que dava para a lateral da casa e que se abria para uma parte do rio Vltava.

Ao longe, acima do rio, nascendo da colina Hradcany, via-se a silhueta do Castelo de Praga, obscurecido pela névoa do entardecer invernal.

O Vltava, àquele horário em que o sol e o vento não existiam como os conhecemos, parecia estar contido, de um jeito que só se vê nas águas de um lago muito calmo e pequeno. Com parte do horizonte encoberto, não víamos a outra margem, e o rio lembrava-me uma banheira preparada para o banho. Era difícil acreditar que aquelas águas deixavam a cidade a toda velocidade, correndo ponte por ponte, até encontrarem os limites e, quilômetros mais à frente, desaguarem no rio Elba, por onde desbravariam o território a nordeste do Império^[3].

– Ao contrário de algumas pessoas – eu disse –, acho belo um fim de tarde enevoado como este.

Kepler concordou com a cabeça, tomou um gole de vinho e respondeu-me:

– Mas prefiro quando há neve por cima disso tudo. Sinto que meus pensamentos funcionam melhor... É bastante inspirador vê-la caindo sobre essas águas.

– Acreditas que ficaremos aqui até a próxima nevasca?

– Certamente, Rupert. Sinto muito vos prender por tanto tempo.
– De modo algum, senhor – disse Benjamin à mesa de estudos. – Não é assim que nos sentimos. É um privilégio acompanhá-lo em estudos tão nobres.

Não era mentira. De fato, sentíamos-nos assim em vários momentos. Mas não imaginávamos que no ano de 1604 ainda estaríamos em Praga, sem nenhuma perspectiva de voltar.

– Obrigado, Strauss – Kepler disse, de costas para Benjamin, lançando-me uma olhadela, cujo significado não compreendi e não quis compreender, uma vez que estava ocupado pensando em lhe dizer algo.

Fiz-lhe a pergunta que eu costumava fazer muito esporadicamente, às vezes uma só vez por semana, para que não se sentisse importunado.

– Como rendeu o seu dia de estudos até agora?

Ele não respondeu de imediato, cruzou os braços e olhou-me profundamente.

– Estás muito ansioso, não é, Rupert?

– Um pouco. É que nunca me passou pela cabeça...

– Também estou. Mas aguento bem, pois sou só, não preciso dividir-me.

– E isto nunca o entristece?

Kepler bebeu um gole de vinho e ficou em silêncio. Tive a impressão de que não gostara do meu tom.

– Pois se não o entristece – prossegui –, de fato é uma dádiva... Algo a se invejar.

– Feliz é o homem que se dedica ao estudo dos céus... – disse-me Kepler. – Esse estudo lhe trará felicidade. No meu caso, só este estudo me trará a felicidade... Como andam tuas cartas?

– Enviei uma na semana passada, assim que recebi a última.

– E o que ela conta de bom?

– Diz ter descoberto talento para a costura – respondi –, está fazendo roupas para bonecas.

– Isto é bom. Poderá distraí-la, não? Bom para mantê-la em casa... longe dos homens.

– Tens razão.

– Hoje em dia, eles não se importam tanto com a beleza. Têm-se engraçado mesmo com as esquisitas; percebo que, às vezes, até mesmo com preferência pelas mais esquisitas. Não deve ser o caso de tua amada, certamente. Mas ela é jovem, sei disto. As jovens são especiais. Com que idade ela está agora?

– Por fazer dezenove anos.

Kepler ergueu as sobrancelhas, mas aquiesceu de modo pesaroso, como que a lamentar por mim que ela tivesse tão tenra idade.

Quando a conheci, tinha dezesseis anos incompletos. E agora três anos se escoaram desde que a beijara pela última vez. Seu aniversário se aproximava, era minha obrigação, enfim revê-la, e passarmos a data juntos. Ela me pedira isso em sua última carta. Eu teria de deixar Kepler e Benjamin para trás, se fosse preciso.

– Mas, e os estudos? – perguntei. – Não me disse como foram.

– Poucos avanços.

– Hum. Já me parece algo. O que parece pouco para o senhor é muito para outros.

– Pronto – murmurou Benjamin atrás de nós.

– Não hoje – prosseguiu Kepler –, expressei-me mal. Não tive avanço algum. Apenas voltas ao redor dos mesmos problemas.

– Ainda em Marte^[4]?

– Enquanto for necessário. Enquanto eu respirar. Mesmo que me tome a vida.

– Não diga uma coisa dessas.

Kepler baixou a voz:

– Alguma vez te disse quais foram as últimas palavras de Tycho?

– Não.

– *Não deixes parecer que foi tudo em vão.* Tenho mais do que um dever, fui colocado neste mundo para isto, para que Tycho pudesse morrer quando estivesse em meus braços, sob meus olhos. Somente eu tenho a capacidade de carregar a sua sabedoria e concluir sua missão. Mesmo assim, em muitos momentos, questiono-me se estou pronto. Se Tycho estivesse aqui... seria muito mais fácil.

– Sem sombra de dúvida. Seria uma companhia que eu e Benjamin jamais poderíamos ser.

– Sim – disse Benjamin, vindo ao nosso encontro e parando do outro lado de Kepler. – Sem sombra de dúvida, senhor. Sinto muito que conte apenas conosco. Eu e Rupert mal conseguimos calcular a área de um triângulo!

Tive de me posicionar:

– Dizes apenas por ti, Benjamin. Calcular a área de um triângulo é de uma facilidade absurda para mim. Consigo até mesmo... calcular as áreas que sobram quando um triângulo é inserido em um semicírculo.

– É mesmo? – desafiou-me Benjamin. – Então, diga-me como poderias fazê-lo.

Comecei a verbalizar o raciocínio por trás das fórmulas que utilizaria para o cálculo, quando Kepler se distanciou de nós... o que era muito compreensível; para a sua genialidade, ouvir uma conversa daquelas deveria ser tão entediante quanto para Shakespeare seria permanecer em uma conversa sobre conjugações, rimas e vírgulas.

– MEU DEUS!

De volta à mesa de estudos, Kepler gritou de um modo que eu e Benjamin nunca o ouvimos gritar:

– Strauss!

– O que houve, senhor?!

Benjamin acalmou-se quando viu do que se tratava.

– Ah... perdoe-me, não consegui apagar direito.

– Strauss! – Kepler continuou, para nossa completa alienação. – Strauss, Strauss...

Ele repetia o nome, enquanto consultava livros e folhas de outros cadernos. Era difícil determinar o sentimento de sua voz. Parecia braveza. Ou euforia. Ou algo inexplicável: braveza por se sentir radiante. Ele buscou uma pena, mergulhou-a na tinta e começou a fazer anotações na mesma página do desenho.

– Benjamin Strauss!

Ceguei a pensar que houvesse algum enigma relacionado ao nome de meu amigo...

– O que tem eu, senhor?

– Não nos preocupe – eu disse. – Diga logo o que sucedeu!

– És, para mim – disse o astrônomo a Benjamin –, para esta nação e certamente para todo o futuro, mais do que podes imaginar. Sinto como se tivesses trazido Tycho aqui, enquanto eu bebia com Rupert. Como se tivesses agido em nome dele. Sim! Por um breve momento, Deus permitiu que Tycho agisse através de ti, através de teus dedos!

– Não entendo, senhor! – exclamou Benjamin, deixando escapar mesmo assim a felicidade por ouvir palavras tão ricas.

Aproximei-me mais do papel em que Benjamin desenhara seu manequim travestido. Notei que de todos os traços de carvão firmados no papel, aqueles que resistiram à borracha e mais se destacavam eram aqueles que Benjamin tivera a intenção de que dessem forma a uma carruagem. Ao lado do que parecia ser a porta da carruagem, Kepler agora despejava cálculos e mais cálculos.

Kepler sempre suave durante os momentos de raciocínio mais intenso, então, Benjamin tomou a iniciativa de lhe servir água na caneca que contivera o vinho. Em seguida, começou a abanar o astrônomo com um leque violeta, que eu não soube dizer de onde havia tirado.

Kepler, enfim, se interrompeu (aqui, isto levou o tempo de um parágrafo, mas tivemos de esperar, talvez, quinze minutos), largou a pena, bebeu um gole de água e ficou quieto, sentindo a brisa que o leque produzia e que fazia seus tufos de cabelo, oleosos pela falta de banho, moverem-se muito pouco. Ele olhou para nós de um modo estranho, como se tivéssemos participado de uma cena em que não merecíamos entrar. Mas seu olhar mudou bruscamente para a incerteza, talvez incerteza do que deveria nos dizer e de como fazê-lo.

– Aproximem-se, por favor. Podem sentar-se.

Assim fizemos, e ele nos explicou:

– Passei os últimos anos tentando determinar a órbita de Marte, ao ajustá-la com um círculo. O mais próximo que pude chegar com uma órbita circular foi a uma concordância com erro de oito minutos de arco. Isso equivale a um quarto do tamanho do Sol. É uma

margem enorme para o tempo que Tycho e eu dedicamos ao estudo. Inadmissível. Mas eis que a resposta perfeita contradiz tudo o que Platão e Pitágoras pensavam saber sobre a harmonia geométrica celeste. E isto veio pelas mãos de um inglês aspirante a estilista!

Benjamin abriu um sorriso orgulhoso. Kepler armou-se de carvão e fortaleceu os traços da porta da malfeita carruagem. Refez também o que antes Benjamin talvez desejara que se passasse por uma maçaneta. Kepler mostrou-nos, estupefato.

– Uma elipse! Marte em órbita em torno do Sol descreve uma elipse em que o Sol – apontou para a maçaneta – ocupa um dos focos... contrariando qualquer simetria! Platão e Pitágoras pensavam que os planetas, por estarem em seu ambiente puro, longe da corrupção terrena e da má índole do homem, só poderiam se mover seguindo a mais perfeita das formas: o círculo. Mas, não... E, pelos cálculos que fiz, o Sol não precisa estar no centro da órbita. A distância de um dos focos até o objeto, mais a distância do objeto até o outro foco é sempre a mesma. Esta maçaneta está desenhada na posição mais perfeita!

Fingi haver compreendido. Benjamin, talvez também sem entender, ainda tinha uma expressão triunfante estampada no rosto.

– Ah, que tolo tenho sido!

Kepler se levantou.

– Tenho a obrigação de apresentar isto pessoalmente aos astrônomos do norte. Eles sempre duvidaram... Preciso fazê-lo urgentemente.

Kepler foi até a janela, olhou para fora e voltou. Parou, pensativo.

– Isto significa que vamos partir? – perguntou Benjamin.

– Sim! Uma viagem de ida e volta. Podem aprontar as malas. E Rupert...

Kepler olhou-me de um jeito compassivo.

– Verás tua Dolores, meu caro.

O Mosteiro Suspenso e o Vale do Dragão

NENHUM PRATICANTE DE MEDITAÇÃO GOSTA de admitir que é inevitável cochilar na maioria das vezes que se utiliza o método.

Eles preferem dizer que quando aparentam estar dormindo (neste caso, quando ressonam, quase roncam, e a cabeça começa a pender), estão, na verdade, no profundo e almejado estado da prática. Imagino que o ressonar possa acontecer em qualquer meditação, mas me refiro em específico à prática em que me formei: a meditação budista, ou *bhavana*, como é chamada. Entre os muitos ensinamentos que obtive durante as décadas em que me dediquei ao budismo (como as quatro qualidades incomensuráveis: o amor, a compaixão, a alegria e a equanimidade, e as quatro nobres verdades: a natureza do sofrimento, sua origem, sua cessação e o caminho para a cessação), aprendi cinco métodos de *bhavana* que servem como antídoto para os cinco venenos mentais – a distração, o ódio, o apego, a ignorância e a ilusão; os dois primeiros são tratados por *anapana* (atenção à respiração) e *metta bhavana* (meditação sobre o amor fraterno), enquanto os outros recebem três processos de *vipassana*^[5], método capaz de clarear a mente sobre a natureza do ser. É sempre durante *vipassana* que encontro o estado mais profundo, geralmente quando desperto num susto e com a sensação de ter ouvido meu próprio ronco.

Sou um monge, o único monge ruivo de todo o templo onde vivo e também o único a ser aceito com a cabeça privada da navalha. Meus cabelos são ralos e finos, tenho o costume de penteá-los para

trás e fixá-los com gel, modo respeitoso que encontrei para não me destacar tanto de meus colegas.

Eles estão meditando agora, sentados ao meu redor, alguns de joelhos, outros na posição de lótus (minhas pernas doem em ambas as posições, por isso escolho meio lótus, em que preciso pôr um pé sobre a coxa oposta). Nem todos estão quietos, há um indivíduo ao meu lado que ouvi despertar e se recompor duas vezes depois de ter ressonado alto demais; e, certamente, outros estão dormindo em silêncio. Se fossem acordados e questionados, poderiam jurar que em nenhum momento pararam de repetir o mantra. Eu também deveria estar repetindo o meu, mas estou pensando [\[6\]](#). É que hoje é um dia difícil para todos nós: não dormimos direito, fomos acordados antes do nascer do sol com a notícia de que o Dalai Lama havia falecido.

O décimo terceiro Dalai Lama estava nesta posição há mais tempo do que eu tinha de vida, fora nomeado aos dezenove anos de idade. Mesmo assim, nunca imaginei que veria nascer o dia em que ele não mais estivesse aqui. A causa da morte ainda não nos havia sido revelada e um burburinho instalara-se no templo assim que saímos da cama. Antes de concordarmos que seria de melhor proveito que meditássemos, especulamos sobre o que ocorrera para abreviar a vida do mestre; afinal, nenhum de nós tivera outro e, apesar de sabermos bem da história e da existência dos doze anteriores a este, sempre pensamos que este precisaria definir até encontrar a morte. E, se as notícias estavam corretas, não fora o caso; ainda era um homem forte e firme. É verdade que outros morreram bem jovens, como o décimo, com seus parcos vinte e um anos, e nos lembramos disso; mas os tempos eram outros; o décimo terceiro contava com supervisão e aceitava os estudos e a prática da medicina... Ficamos sem chão. Era como se tivéssemos colocado na cabeça a sorrateira ilusão de que o mestre, não sendo eterno, ao menos contava com algum tipo de poder, uma resistência mágica que o privaria de uma morte súbita.

Após uma hora de meditação, fui o primeiro a esticar as pernas e me levantar. Meus passos pelo tatame e o som dos ossos estalando

em meus pés chamaram a atenção de alguns colegas, que também deram início à saída.

Lá fora, um monge que estava contemplando a vista do nascer do sol por trás das montanhas escurecidas do leste veio me perguntar se eu já tinha notícias de Thubten Gyatso. Este era o nome do Dalai Lama.

Respondi que eu estava no escuro, como todos os outros.

Desci uma escada estreita.

Dois monges me fizeram a mesma pergunta.

– *Wǒ bù zhī dào* – neguei e disse-lhes a mesma coisa. – *Wǒmen dōu zài hēi'àn zhōng*.

Tivera que dar esta resposta outras vezes antes de me decidir por meditar. Talvez por minha fisionomia distinta, os monges chineses acreditavam poder tomar-me por alguém que pudesse trazer alguma informação que desconhecêssem. Além disso, eu era o único monge de origem ocidental iniciado por um descendente de Bodhidharma. Este descendente era o monge mais velho do templo, e por toda a sua vida declarara-se contra a iniciação de pessoas não asiáticas, até me conhecer.

Avistei um aglomerado de cabeças raspadas e ombros nus no andar de baixo. Era certo que me chamariam para conversar, caso eu descesse por ali. Então, tomei outra direção, segui pelo caminho mais estreito, rente ao penhasco, por onde daria nas escadarias que levam para fora do templo.

O Templo XuanKong Si é o único construído longe de terra firme. Com uma estrutura inteiramente de madeira, situa-se nas encostas da montanha Heng Shan, setenta e cinco metros acima do chão. Parecia estar suspenso, agarrado às veias do penhasco, como se brotasse dele, e existe há mais de mil e quinhentos anos, tendo sido feitas apenas algumas restaurações durante as dinastias Ming e King. Fora colocado longe do chão, pois, no passado, ao ser construído para a serventia de peregrinos que utilizavam uma rota importante, situava-se ao pé do rio Huhne, e qualquer chuva era capaz de provocar enchentes terríveis nos arredores. Nessa época, acreditava-se que um Dragão Dourado fosse o responsável pelo transbordamento do rio. Nunca me estendi em perguntas quanto à

razão do mito. É compreensível que, como foi feito para toda ação da natureza cujo funcionamento era desconhecido pelo homem, fossem atribuídos arquétipos ao mistério e à fúria das imprevisíveis intempéries. É, por exemplo, o caso dos eclipses lunares, que coincidiam com o solstício de inverno; a Lua, a Terra e o Sol alinham-se com perfeição, e conforme a Lua é encoberta, é banhada por uma tonalidade avermelhada – tudo isso explicado por nossos ancestrais como sendo os deuses sangrando sobre a Terra. Retomando e pondo fim ao caso do Dragão Dourado, fora estudada a construção de um templo budista para que repelisse a influência de tal criatura.

As escadas íngremes, os passadiços e a aparente fragilidade das seções suspensas do templo – que dão a impressão de serem sustentadas por madeira tão frágil quanto um graveto – eram os maiores atrativos para os turistas. Eles ouviam falar sobre a construção e vinham, sem imaginar quão escasso é o espaço a ser explorado nas encostas da montanha. Apenas parte do templo é suspensa, o restante encontra-se no chão, num recuo do vale. Já vi gente vir entusiasmada e se decepcionar com o pouco a ser visto e a ser feito; são pessoas que estariam melhor em meio ao barulho, à desordem e à feiura das grandes cidades; e é justamente para lá que retornam de bom grado. Nem todos, contudo, reagem assim. Para aqueles que desfrutam da quietude da mente, não há razão para desânimo, e a ampla vista do Vale do Dragão lhes é de um poder renovador.

Antes do amanhecer, fizemos os votos, e fora decisão quase unânime (em que eu fora um dos poucos a discordar) que naquele domingo o templo ficasse fechado aos turistas, como um sinal de respeito à morte do décimo terceiro Dalai Lama. No entanto, assim que passei diante do vão, cuja placa amarela à porta avisava se tratar do Hall das Três Religiões, vi uma pessoa fazendo fotografias do interior.

Não pensei em tirá-la dali, mas foi o que ela entendeu ser a minha intenção quando me aproximei e lhe perguntei como havia entrado no templo.

Corou e olhou-me sem saber o que responder. Era uma jovem ocidental, de cabelo castanho claro curto, cortado na altura das bochechas, com um vestido branco até os calcanhares.

Guardou a câmara numa bolsa verde-musgo e ameaçou sair.

– Não há por que partir. Acalme-se. O Dalai Lama adoraria que não houvesse restrições no dia de sua partida. Mas vejo que traz um dispositivo desses... É jornalista ou algo do tipo?

Ela fez que não com a cabeça. E devolveu o olhar para as estátuas. O Hall das Três Religiões era um recuo no penhasco utilizado para abrigar as estátuas de Buda, Lao-Tsé e Confúcio.

– Pegue sua câmara, continue.

Ela pareceu pensativa por um tempo longo demais. Talvez fosse muda.

Então, sacou da câmara, pôs para fora um tipo de tecido sanfonado com uma lente na extremidade e apontou-a na minha direção. Eu sabia que aquilo seria apenas capaz de tirar fotos, mas até então jamais tivera uma virada para mim. Dei um passo atrás e levantei um pouco as mãos, como se estivesse diante de uma arma.

Ela pressionou um botão, e um pequeno quadrado emitiu uma luz branca por breves segundos e piscou forte, uma ou duas vezes.

Quando a encarei outra vez, era como se tivesse olhado para o sol. Atrás da película luminosa que encobria a minha vista, eu a vi sorrindo, desdenhosa.

– Pronto – ela disse. E surpreendeu-me respondendo com pronúncia perfeita: – *Huítóu jiàn**.

Passou correndo por mim.

Saí do Hall e tentei ver por onde havia seguido, mas não avistei seu vestido branco em nenhuma das direções, apenas o vermelho e amarelo das túnicas dos monges que se aproximavam.

Achei melhor não perguntar a eles se a tinham visto passar. Provavelmente, iriam se empenhar em procurá-la para levá-la até os portões. Voltei para o hall, para esperar que os monges passassem sem me ver.

Eles andavam muito lentamente, então esperei mais do que o normal para o curto percurso que tinham à sua frente. Enfim, ouvi-

os descendo por um caminho de tábuas ruidosas; como todos os corredores suspensos, um caminho feito de um tipo de madeira que adora estalar quando mais de um monge passa ao mesmo tempo. Os estalidos assustavam os turistas.

Retomei meu rumo até as escadarias que levavam à saída do templo. Lá estava o maior número de degraus, feitos de granito, e os mais limpos, um luxo com o qual esta estrutura de madeira presa ao penhasco não contava. A limpeza dos telhados era feita tão somente pela chuva, e a dos soalhos, pela vassoura diária; não podiam ser usados produtos fortes; então, era normal que houvesse o acúmulo e o assentamento de poeira e de terra que caía da montanha. Quando passei a viver no templo, aliás, uma de minhas tarefas era a limpeza do piso, dos entalhes e dos objetos de bronze que serviam de decoração. Os novatos tinham de servir e servir, e só deixar de servir quando outros chegassem e então sobrasse quem mais pudesse servir. Na época, minha vinda ao templo tinha sido acompanhada por um período de guerra, e me fora dito que por essa razão eu deveria me preparar para a redução do ingresso de monges. Por cinco anos não houve iniciantes para tomar de mim a vassoura e o pano, mas, por incrível que pareça, sinto falta daqueles tempos... tempos de aprendizado.

Alcançada, enfim, a seção do templo construída em terra firme, descii a escadaria de pedra, tornando a me perguntar como a jovem havia conseguido entrar. Encontrei os portões trancados. Por ali ela não teria conseguido passar.

Se eu não cuidasse da minha mente todos os dias e desconfiasse de minha sanidade, poderia começar a considerar a possibilidade de haver imaginado uma jovem vestida de branco.

Pedi aos guardas que abrissem os portões e, pela primeira vez naquele dia, pude pisar no gramado do vale. Retirei as sandálias e caminhei descalço, como fazia todas as manhãs.

O sol ascendera rapidamente e agora iluminava o penhasco e as telhas amarelas das coberturas mais altas da parte suspensa. O Xuang Kong Si, visto de onde eu estava àquela hora, era de uma beleza desafiadora. Deslumbrou-me de verdade quando o vi pela primeira vez. Nevava naquele dia. Fui deixado próximo ao templo

por um veículo que havia me trazido da cidade, mas não o encontrei quando segui pelo caminho que me indicaram. Perguntei a um estranho que seguia na mesma direção e não pude acreditar quando apontou para o alto e, atrás dos ventos esbranquiçados, vi o esboço de tão bela arquitetura, como se tomasse vida ao escalar o penhasco durante o mau tempo.

Recoloquei as sandálias. O gramado acabara, dali para frente eu me embrenhei por um bambuzal até encontrar, do outro lado, ao pé do penhasco, uma pequena casa de madeira negra, onde viviam os três guardiões do lago.

Para bater à porta, utilizei a aldrava dourada, uma cabeça de dragão que mordida a peça de ferro, em forma de V.

Quem abriu e me convidou a entrar foi um menino de onze anos, Yee, fruto mestiço de uma chinesa com Horácio, um dos guardiões.

– *Nǐ hǎo* – ele me cumprimentou.

– *Zǎoshang hǎo, Yee. Nǐ bāba māma zài ma* – perguntei pelos guardiões.

Yee guiou-me pelo corredor até os fundos da casa. Eu a conhecia há décadas, e ela jamais fora modificada por seus moradores. Era uma pequena casa se vista de fora, mas a escassez de móveis e objetos tornava seu espaço interior ilusoriamente maior. O corredor pelo qual seguíamos era tão estreito quanto os passadiços do templo acima: desse modo, os quartos ganhavam em tamanho. Nos fundos estava o ambiente maior, no qual havia a área da cozinha e a de refeições. Yee foi se sentar ao lado de seu pai.

Dois guardiões estavam próximos às portas envidraçadas que davam para a varanda, vestidos de preto, ajoelhados no tatame e servindo-se da primeira refeição do dia. Antes que imagine os dois como anciãos, saiba que estavam longe disso. Apenas Kim, o guardião que não estava presente, tinha a aparência de um velho.

– Com licença.

Olharam-me uma vez e voltaram a atenção para a comida.

– Não desejo importuná-los, venho apenas perguntar se já estão sabendo...

O guardião mais jovem fez que sim.

Horácio apontou para a mesa, dizendo:

– Sente-se conosco. Estávamos por começar. Ziyi partiu antes de clarear, foi até a cidade ver se consegue mais informações.

– E Kim?

– Está dormindo. Ainda não contamos a ele.

Sentei-me, recusei as ofertas de compartilhar a refeição e os observei comer em silêncio.

À mesa do desjejum, estavam servidos pratos de pastéis e outros de uma massa feita de arroz, parecidos com uma panqueca; uma panela branca estava pela metade, com sopa de tofu. Os guardiões tinham o costume de comer bastante logo cedo, tanto quanto se faria num almoço, muito mais do que eu poderia me permitir a qualquer hora do dia.

Yee pegou com a mão um pedaço da massa de arroz, Horácio imediatamente deu-lhe um leve tapa. Imagino que a repreensão tenha sido pelo menino não ter usado o talher que estava apoiado no prato. Yee levantou-se e foi comer a massa na varanda. Fiquei a sós com os dois guardiões, mas permanecemos em silêncio.

Entre nós três, Horácio talvez fosse, por pouca diferença, o mais velho. Era ele o estranho que vinte anos atrás me respondera apontando para o alto do penhasco encoberto pela neve. Era de origem austríaca, mas crescera na China desde os oito anos; deixara a Europa na companhia do avô, quando o pai foi morto por causa de dívidas. O avô também não esteve por muito tempo em sua vida: faleceu quando Horácio tinha quinze anos; quando ao menos tinha um trabalho diário na cozinha de um hotel em Datong. Foi o dono do hotel quem o acolheu e o apresentou ao budismo... Conheceu também Kim Krupp, que se dizia guardião de um vale e estava à procura de jovens ocidentais que não tivessem família. O desejo desse homem era que os jovens pudessem viver fora da cidade, crescer junto ao budismo e servir cada hora de cada dia a um trabalho de vigília.

O segundo guardião viera por volta de vinte anos depois da chegada de Horácio. Também se tratava de um jovem cuja família não mais existia. Benjamin Florence Strauss nascera em Aylesbury, Inglaterra, perdera os poucos parentes durante a Primeira Guerra Mundial e fora levado ao Oriente junto com famílias que

consideravam essa rota a melhor fuga da incerteza que se instalara quanto à duração e extensão dos conflitos.

– Yee! – gritou Horácio com a boca cheia, fazendo voar na direção da varanda um pouco de comida. – *Bùyào tài kàojìn, háizi, lái, lái!*

Ele pedia ao filho que não fosse para muito perto do lago.

Yee recuou alguns passos e depois veio se sentar num banco da varanda.

Finalizada a refeição, Benjamin e Horácio não permitiram que eu os ajudasse na retirada da louça. Isso poderia significar que eles mesmos cuidariam disso, mas não se levantaram, e ela continuou ali, atraindo alguns mosquitos que, devido às lambidas minuciosas que os guardiões deram em cada resto dos pratos e vasilhas, nada mais podiam fazer além de contemplá-la.

Nisso, ouvimos Yee exclamar, assustado:

– *Fùqīn yǒuyī gèrén zài shuǐ lǐ *!*

Levantamos os três e saímos para a varanda.

Era difícil avistar alguma coisa na extensão mais distante das águas, mas bastante certo que aquilo que Yee apontava se tratasse de um pequeno barco de pesca, com um homem e sua vara em punho.

Embora fosse chamada comumente de lago, aquela bacia não se mantinha fechada por todo o ano, tratava-se da retenção de águas de um ribeiro em época de estiagem – reminiscências daquele que um dia fora o caprichoso rio Huhne. Em época de cheia, as águas então vinham pelo canal seco e faziam subir o nível da bacia, que desaguava por caminhos sinuosos entre os bosques do vale; primeiro, uma linha d'água; horas depois, uma correnteza; em dois dias, o córrego para o ribeiro que corta o vale e se distancia quilômetros por entre as montanhas. Mesmo na atual época de estiagem, a bacia era longa, com talvez cem metros de diâmetro, fechada pela mata e com acesso restrito aos guardiões. Era, portanto, inesperado que alguém, sem ser notado, tivesse encontrado meios para chegar ali com seu barco.

Horácio e Benjamin acenaram ao pescador – Benjamin utilizou uma bandeira vermelha que estava fincada na grama. O pescador não pareceu notá-los, trocou a vara de pesca, dessa vez lançando-a de costas para nós, e sentou-se. Horácio foi o primeiro a gritar, depois Benjamin e até Yee. Berravam e pediam, em mandarim, que ele saísse de lá urgentemente.

Nenhum sucesso obtido, Yee sugeriu que dessem a volta, para ficarem mais próximos e no raio de visão do pescador. Horácio pediu que fosse Benjamin quem o fizesse. Benjamin correu ao redor do lago e sumiu brevemente entre as árvores. Minutos depois, ouvimos sua voz bradar. Ora, se o ouvíamos de onde estávamos, não havia por que o pescador não ouvir. Talvez fosse surdo? A explicação mais provável é que, devido à posição do lago sobre o penhasco, as ondas sonoras não se propagassem bem. Difícil, porém, saber se era esse o caso: nunca se corria o risco de entrar naquelas águas, e era a primeira vez que eu sabia de alguém estar ali sem o consentimento dos guardiões.

Yee teve a brilhante ideia de utilizar um espelho para chamar a atenção do pescador. Horácio mandou que o filho fosse buscar um e que levasse até onde Benjamin ainda estava gritando. Yee era veloz: em menos tempo que Benjamin levara, vimos seu espelho alinhando-se com os raios solares e reluzindo-os para o meio do lago. Enquanto Yee o fazia, Benjamin apontava desesperado para uma das placas amarelas que alertavam para o risco em letras vermelhas.

Perguntei a Horácio onde ele guardava o binóculo, ele mesmo foi pegar e voltou com o objeto diante dos olhos, dizendo:

– Que loucura! Acabou de puxar a vara com um peixe enorme. Que homem ignorante, deve ter vindo por lá, deu toda a volta, tendo o trabalho de arrastar o barco pelo canal pedregoso.

Passou-me o binóculo, e pude enxergar muito bem o sujeito. Um homem com vestes da cor da terra e o topo da cabeça a faltar cabelo. Estava compenetrado nas águas, não havia jeito de enxergar Benjamin e Yee.

O perigo era o seguinte: anualmente, após a completude do ribeiro nas épocas de cheia, ocorria a vinda de algumas famílias de

crocodilos. E, quando as águas baixavam e a bacia formava seu lago, os crocodilos ficavam retidos por alguns meses, incapazes de subir os metros que os separavam do nível do gramado e da floresta. Esses crocodilos passavam grande parte do tempo nas profundezas do lago, mas costumavam subir de vez em quando; durante a noite é que se percebia a assustadora quantidade deles: via-se na escuridão da superfície o brilho de dezenas de olhos.

Uma crença antiga era a de que o rio Huhne perdera sua força e extensão justamente pela construção do templo budista, e que o Dragão Dourado, responsável pelas intempéries e cheias, encontrava-se desde então enfraquecido e contido nas profundezas da bacia. A maioria dos corajosos homens que haviam uma vez mergulhado a fim de investigar apareceu boiando na superfície, colorindo-a com sangue. Os que sobreviveram diziam-se abismados por terem nadado o máximo que podiam sem ter alcançado o fundo. A explicação que esse povo dava para os crocodilos é que os animais serviam como prevenção contra a exploração, uma guarda trazida especialmente pelo dragão.

Pensei em ir até o outro lado do lago para utilizar o binóculo e ver de frente o pescador, mas Benjamin e Yee voltaram e Ziyi chegara da cidade; ela chamava-nos de dentro da casa, acenando com um jornal. Retornamos, mas Horácio e Benjamin não tiraram os olhos do pescador e Yee insistiu que sua mãe fosse vê-lo. Ziyi avistou o lago e o barco, mas não deu sinal de preocupação; só franziu o cenho e se voltou para mim. Entregou-me o jornal, dobrado na página que nos era de maior interesse, e tratou da retirada da louça suja.

Noticiavam a morte do décimo terceiro, mas apenas teorizavam quanto às causas possíveis. Aproveitaram para publicar predições que ele fizera meses antes:

Com uma harmoniosa mistura de religião e política, muito em breve nesta terra, a partir de dentro e de fora, poderão ocorrer atos enganosos. Quando o momento chegar, se nós não nos atrevermos a proteger o nosso território, nossas personalidades espirituais, incluindo o Pai e o Filho Vitorioso,

poderão ser exterminadas sem deixar vestígio; a propriedade e a autoridade de nossos Lakangs e dos monges podem ser tomadas. Além disso, nosso sistema político, desenvolvido pelos Três Grandes Reis do Dharma, desaparecerá. A propriedade de todos, bem-aventurados ou não, será apreendida, e as pessoas serão forçadas a se tornar escravos. Todos os seres vivos terão de suportar intermináveis dias de sofrimento, serão todos atingidos pelo medo. Tal momento virá.

Ademais, o décimo terceiro teria dito que morreria em breve, para que seu sucessor tivesse idade suficiente para agir como líder do povo tibetano no momento em que ocorresse a invasão.

Havia uma foto muito recente de Thubten Gyatso, acompanhada de um texto:

No mês passado, a santidade convocou um fotógrafo para que fizesse uma foto sua, um ato que agora podemos tomar como significado de um possível pressentimento de morte. O único sintoma percebido pelos mais próximos foi uma persistente tosse.

Então nós cinco começamos a ouvir um punhado de vozes distintas clamando por algo, algumas berravam em desespero. Eram apelos vindos da direção do lago, como se as súplicas de misericórdia dos mortos despedaçados pelo dragão estivessem emergindo de águas borbulhantes. Saímos para a varanda e constatamos que o ocorrido era algo menos poético, mas não menos dramático. E, finalmente, era algo que também chegava aos ouvidos do pescador; ele olhava para o alto.

As vozes vinham do penhasco. Monges gritavam, agrupados no parapeito das seções imediatamente acima do lago. Eles pediam a uma mulher de vestido branco longo que desistisse do que parecia prestes a fazer. Se antes eu tivesse questionado minha sanidade, esse seria o momento em que comprovaria não estar louco. Avistei um monge aproximando-se da jovem pela direita, estreitando-se por

um espaço seguro do telhado vizinho. Com o binóculo, encurtei os quase oitenta metros e pude ver que ele fazia sinais como quem pede calma. Mas ela estava calma... eu tinha a impressão de conseguir identificar em seu rosto uma expressão caçoante.

Ela acenou para baixo, para onde havia apenas a casa dos guardiões. De tamanha distância, era impossível que reconhecesse alguém entre nós cinco, mas senti como se acenasse especialmente para mim. Passou-me pela cabeça acenar de volta, mas desisti, considerando que isso pudesse acabar convidando-a a saltar.

Assim mesmo ela saltou, agarrada à bolsa.

Caía numa velocidade angustiante. Foram segundos de incerteza quanto ao local em que iria parar. O penhasco era irregular, e o templo não fora construído com muita sobra, era certo que o corpo se chocaria contra os rochedos e teríamos diante de nós uma cena infinitamente mais terrível de ser vista do que um iminente ataque de crocodilos. Mas, para sorte da jovem ou, ao menos, para o adiamento de seu infortúnio, seu corpo desviou de tudo, passou rente ao penhasco e caiu no lago, não muito longe do barco de pesca.

O pescador lutou para equilibrar-se na inconstância que as ondas do mergulho provocaram no pequeno barco.

Ninguém mais emitiu um som. Yee estava abraçado à mãe, que, imagino, tomara a iniciativa de esconder-lhe os olhos da cena. Os guardiões ajoelharam-se no gramado e juntaram as mãos, como em respeito pela morte. Eu usei o binóculo uma vez mais. Pude ver o pescador guardar as varas, fechar o balde no qual pusera os peixes e se preparar para um mergulho em busca da jovem. Ele era ruivo e tinha uma barba muito cheia.

Dolores

NÃO ERA POSSÍVEL DAR UM PASSO SEQUER em minha sala de leitura sem pisar em sangue. Ocorrera uma guerra em que somente eu fora poupado. Ou então fora eu quem não poupava ninguém. Todas as minhas criadas estavam espalhadas pelo chão, nuas, esfaqueadas, mas cada uma delas ainda reconhecível, pois suas faces tinham sido deixadas intactas, plácidas. Selma, Augustina, Serena, como se agradecidas pela violência, morreram com uma expressão tranquila, os lábios quase a formar o sorriso de quem é acariciado. DaCruz era a única a não sorrir; ela estava presa a uma estante de livros, seus braços abertos, suas pernas esticadas e os pés pregados à prateleira mais próxima do chão; não havia explicação para ela manter-se tão perfeitamente suspensa sem que seu corpo ameaçasse se desprender e vir ao chão. Supõe-se que estivesse morta, é claro, embora seus olhos estivessem abertos, caídos na direção de uma poltrona – poltrona que eu lembrava ter comprado graças ao estofado cor de salmão que tanto me agradara... e que agora estava inteiramente vermelho, devido ao banho de sangue que recebera do corpo de um homem ruivo e barbudo. Eu tinha uma faca nas mãos e a testa dele tinha cortes profundos, mas sua morte viera por outras vias. Ele possuía os cabelos, a barba e as vestes encharcadas de um líquido mal cheiroso. Era como se tivesse vindo de um mergulho no pântano; em suas mãos identifiquei sanguessugas compridas e gordas, o que indicava que já estavam ali a sugá-lo há algum tempo; e ele estava descalço, os pés também conquistados por dezenas de sanguessugas dispostas a exauri-lo. Aproximei-me sem cautela para inspecionar seu corpo. Vi que, na altura da barriga, as vestes cor de

terra estavam molhadas de sangue e tinham rasgos grandes, posicionados de um modo que sugeriam a mordida de um animal tão grande quanto um crocodilo.

Se algum leitor pudesse adentrar essa cena e vencer minha autoridade descritiva, veria que eu estava chorando, embora acima eu tenha omitido isto. E se este leitor conseguisse fazer-me perguntas sem que eu o atacasse, talvez satisfizesse a curiosidade ao descobrir que minha memória naquele instante possuía como última clara imagem o ruivo (após ele parar diante de mim e tomar-me o revólver que o Conselheiro me dera) indo até o pobre Benjamin a rastejar-se no chão. Atrelado a essa imagem estava o som aterrorizante do crânio de meu amigo abrindo-se com a coronhada.

Nada além.

Pude largar a faca e começar a pensar no que fazer para me livrar da acusação de genocídio.

Estava pensando em tirar do corpo a roupa ensanguentada, quando me lembrei que fora Benjamin quem com carinho a escolhera pela manhã, quando partíamos para o encontro com o Conselheiro.

E pensar em Benjamin fez-me descobrir seu corpo estirado ao pé do sofá. Fui até ele, sentindo meu peito arder com a dor da reafirmação, misturada a uma sensação de descobrimento de que eu não poderia mais tê-lo em minha companhia, de que não poderia contar com sua ajuda para entender e resolver o que acontecera. Virei-o para cima, mas não arranjei forças para olhar por muito tempo seu rosto transfigurado.

E pensar no Conselheiro... Isso me encheu o peito de ódio. A Corte pusera o assassino em meu encalço. Quem mais poderia ter interesse em nos matar, após termos falhado em nossa missão de calar o general?

Como confirmação de minha suspeita, descobri um coldre de faca vazio preso à panturrilha do morto à poltrona. E tanto o coldre quanto o cabo da faca que eu largara no chão tinham a marca do brasão dos Bourbon.

Não havia por que me preocupar com essas vinganças, é verdade, uma vez que a Corte e todo e qualquer conselheiro amargariam com a revolução de Juan Prim. Eu devia fazer minhas malas e partir para a Alemanha quanto antes.

Mas Benjamin...

Eu não poderia falhar dessa maneira com meu amigo.

E talvez Prim e o povo de fato fracassassem.

Custasse o que custasse, ainda naquela noite também o Conselheiro perderia o que tivesse de mais precioso.

Os mártires da Ciência e o presente do Imperador

SEPARAMOS TUDO O QUE PRECISÁVAMOS para a viagem. Embora Benjamin e eu não tivéssemos muito o que levar, dedicamos horas da noite anterior à arrumação da bagagem. Kepler nos garantira que não tardaríamos a retornar, o observatório do norte levaria mais tempo para ficar pronto e aquela ainda não seria nossa mudança permanente. Apesar disso, foi grande a quantidade de malas e caixas, resultante da necessidade de levarmos equipamentos, modelos de madeira criados pelo próprio astrônomo e tudo o que fosse preciso para dar continuidade às suas reflexões e escrita durante a viagem. Ele fizera questão de pôr na bagagem de mão, por exemplo, textos que em anos passados recebera como crítica aos estudos e ao primeiro livro que escrevera, *Mysterium Cosmographicum*, aquele que foi parar nas mãos de Tycho e Galileu. Kepler dizia-nos que elogios e descrenças, gratuitos ou bem argumentados, ofereciam-lhe combustível para os inevitáveis momentos de desmotivação e falta de confiança na solitária empreitada. Logo que aprontamos tudo de seu desejo, fomos dormir. Poucas horas depois, como combinado, Kepler nos acordou e mandou que fôssemos para as docas, enquanto ele se dirigisse ao Castelo de Praga para uma última conversa com o imperador. Aliás, o barco no qual faríamos a viagem nos fora dado por Rodolfo II. Kepler disse que o veríamos atracado assim que chegássemos ao cais, seria reconhecível pela águia desenhada no casco e pela bandeira do Império.

Desde o fim do capítulo dois, quando Kepler nos informara que viajaríamos quanto antes para o norte, pensei que passaríamos as próximas semanas num barco não muito extravagante, um veleiro de pequeno porte, com um só mastro, algo pouco maior que uma chalupa; afinal, não iríamos muito longe. Mas a única embarcação cujo casco identificamos com o desenho de uma águia era de tamanho assombroso. Fim de madrugada, somente à luz dos lampiões, difícil dizer até que altura chegavam os mastros, mas pude contar três deles contrastando com o céu cor de vinho. Pareceu-me uma caravela, das que via retratadas em livro quando o texto me contava sobre as conquistas dos mares pelos espanhóis e portugueses. Tão logo o sol escapou no horizonte e pintou o céu, coloriu as águas e também o tecido amarelo da bandeira, ressaltando como se com apreciação a águia negra de bico vermelho em seu centro. Nas laterais do navio havia espaço para canhões, e na proa um aríete entalhado na forma de um bico de águia. Benjamin levantou a possibilidade de se tratar de um navio de guerra desarmado. Eu discordei, o imperador não nos colocaria em uma valiosa embarcação para que viajássemos tão curta distância; talvez fosse um navio com algum tipo de defeito. Mais tarde, na presença do capitão, viríamos a descobrir: tratava-se de um galeão recém-construído e ainda não batizado. A isso, lá pelo quarto ou quinto dia de viagem, Benjamin trouxe o ditado de que *apenas má sorte se põe à frente de um navio que ousa zarpar sem ter um nome pelo qual as águas possam chamá-lo*. Que o momento dessa nossa conversa chegue em seu tempo; agora volto aos instantes em que ainda não havíamos embarcado: quando Benjamin e eu estávamos nas docas, sentados num banco de madeira, rodeados pela bagagem.

O céu adquirira um tom claro, o suficiente para alguém conseguir ler algo sem o auxílio dos lampiões. Benjamin justamente lia um livro, nem um pouco preocupado em deixar-me sozinho no silêncio de sua leitura.

Uma carruagem trouxera a tripulação de maior importância, formada pelo capitão, por cozinheiros da Corte, pelo chefe dos

cozinheiros e o chefe dos marinheiros. Todos eles tinham despejado suas malas perto de nós e embarcado.

Os marinheiros, porém, vinham a pé, vinte deles, pela Ponte de Praga, o ponto mais conhecido da cidade e, embora vazio àquele horário, costumeiramente movimentado até o anoitecer. Cada qual trazia sua bagagem de mão. Um sujeito de vestes de retalhos multicoloridos seguia de perto os vinte marinheiros. Seguia-os num andar urgente e teatral, trocado por passos comedidos quando a distância encurtava demais. Ele talvez tentasse imitar os movimentos e a inconstância dos passos mancos do último marinheiro. Quando passou pelo feixe de luz de um lampião, vi que seu rosto estava maquiado de branco, suas olheiras de preto, como um Arlequim. Considerei que fosse um ator de rua que tivesse aparecido antes da hora, que ganharia dinheiro atuando para as pessoas que mais tarde passassem pela ponte. Mas, estranhamente, ele não parecia ser visto pelos marinheiros... pois, como se a tirar proveito disso, resolvera enfiar-se entre o grupo, fazendo gestos bruscos na direção de cada homem; e nenhum deles parou ou viu necessidade de se desviar dos socos e pontapés ensaiados.

Ele não veio ao cais. Quando a ponte chegou ao fim e os marinheiros se viraram para descer as escadas de pedra, ele fincou os pés onde estava, ao lado do último lampião da ponte. Marchou até o parapeito para o rio Vltava. Calculou o esforço que seria necessário para colocar-se de pé no parapeito: esticou uma perna para cima e pousou o calcanhar na beirada; depois pareceu desistir, puxou com os dois braços a perna, como se ela estivesse travada ali. Então, apenas se sentou no parapeito e foi se virando para ficar de frente para o rio. Balançando o corpo para frente, prestou uma continência em nossa direção, e eu pude jurar ter visto sua mão brilhar. Ele se jogou no rio, porém, caiu num barco de pesca que passava. Não mais o vi, o barco partia, não vinha; mas ouvi sua risada.

Virei o rosto e notei que Benjamin não vira nada daquilo, estava ainda compenetrado na leitura.

O sujeito ainda gargalhava, mas logo ficaria longe demais para ser notado.

– Estás ouvindo essa risada? – eu disse.

– Sim.

Os vinte marinheiros passaram pelo nosso banco, jogaram suas leves malas e trouxas para cima do convés e sentaram-se na rampa de madeira inclinada da doca até o galeão. Benjamin e eu os ouvimos falar sobre a razão da viagem; citavam o protagonista da embarcação, Kepler. Um dos marinheiros verbalizou a opinião de que, como dizia o padre de sua igreja, era certo que o astrônomo envenenara Tycho Brahe. Outros marinheiros concordaram, adicionando que não se surpreenderiam caso o imperador estivesse ciente do plano de Kepler e o tivesse ajudado a encobrir provas e a impossibilitar melhores investigações no corpo do falecido. Um marinheiro criticou essa teoria:

– Não falem besteira. O imperador conhecia o matemático há tempos, tinha apreço e muito a respeitar por todo o serviço que lhe fora prestado.

– E como podes confiar nesta impressão? – outro rebateu. – Também só assim o dizes porque foi o que ouviste dizerem por aí.

Eles continuaram a falar, mas Benjamin dividiu minha atenção:

– Acabei de notar algo curioso... talvez assustador – ele disse. – Estamos deixando esta cidade no dia 24 de outubro. Hoje completam-se exatos três anos da morte de Tycho.

– Tens razão!

– Não deve ser possível que Kepler tenha esquecido.

– Talvez não saiba que dia é hoje.

– Impossível – disse Benjamin.

– Imagino que esteja distraído demais com a viagem... orgulhoso pela conclusão do estudo da órbita de Marte. Talvez veja a data mais tarde, quando abrir o diário. E talvez tome o dia como uma celebração a Tycho.

– Rupert, contenha-te. Pareces presumir em defesa dele. Lembra-te que estamos falando de um astrônomo; ele trabalha com calendários, sabe ler os céus através de datas e horários. Se ele não lembrar, é porque não sofreu o bastante para marcar a morte no calendário. Ah, seria a maior das desonras não prestar uma homenagem a Tycho até o fim do dia. Aliás, agora me lembro de tê-

lo visto inquieto antes de sair de casa. Quem sabe não tenha se dado conta? Talvez esteja receoso, pensando em como fingir tristeza, talvez venhamos a perceber sinais disto.

– Se o teu desejo é teorizar sobre o assassinato, talvez seja melhor te juntares aos marinheiros ali atrás.

– Ele é um bom homem, Rupert. Esses marinheiros não o conhecem. Kepler tem bons modos, de vez em quando demonstra gratidão por tudo o que fazemos. Ele é sincero. Mas nada disso deveria isentá-lo da investigação.

O capitão apareceu à popa do navio, ordenando que os marinheiros embarcassem com as bagagens. E complementou:

– Avistei a carruagem dourada deixando o castelo pelo leste. Ela deverá chegar a qualquer momento.

A carruagem veio pela mesma ponte usada pelos marinheiros. Kepler desceu sozinho, com uma bagagem de mão e bem-vestido para o tempo frio que, como nos dias anteriores, prometia intensificar-se nas próximas horas; o sol, se permanecesse, seria tão só capaz de iluminar.

Kepler não falou conosco: passou apressado, forçando um sorriso, e subiu a rampa para o convés. Não tardamos a fazer o mesmo.

Levaria dias para que a embarcação deixasse de nos surpreender. A princípio, nos deslumbramos com o bom acabamento e o estado novo da estrutura e de cada detalhe, como os sulcos padronizados na parte interior da amurada e as águias entalhadas nos alçapões. Mas não tínhamos ideia do espaço total dos pavimentos, pensávamos navios como veículos, não como moradias; posso conjugar no plural e falar por Benjamin neste caso, pois, conforme descobriu salas, corredores, cozinha, dormitórios e depósitos, ele admitiu se sentir bobo por não ter concluído antes que seria impossível haver um navio construído de outro modo que não aquele.

– No meu imaginário – disse-me Benjamin –, sempre calculei a diferença entre uma chalupa e uma caravela apenas pelo tamanho. Poderia jurar que todos dormissem no mesmo galpão em que se guardassem os víveres.

Antes de o navio se mover enfim, Kepler teve uma conversa privada com o chefe dos cozinheiros. E depois sumiu de vista, avisando que trataria de verificar os planos de viagem com o capitão, cujo nome ouvíamos pela primeira vez: Horácio Wooland.

Até onde sabíamos, nosso destino era a cidade de Hamburgo. Kepler seria o primeiro a descer, próximo ao centro; depois, a tripulação seguiria conosco milhas adiante, rumo à região portuária, localizada na costa do Mar do Norte, na foz do rio Elba. Lá vivia minha família, com minha esposa Dolores. Benjamin veria a todos pela primeira vez.

Benjamin e eu passamos a primeira hora no convés, observando o nascer do sol, o galeão ganhando e perdendo velocidade, os marinheiros zanzando e trabalhando, de vez em quando fazendo comentários que arrancavam risadas de um ou outro. A maioria dos marinheiros não se conhecia, então foram momentos aproveitados para trocar informações e criar o entrosamento necessário para os dias que se seguiriam sobre as águas.

– Sabe, é bom que não existam marinheiras – eu disse. – Imagine só no que daria.

– No quê? – disse Benjamin.

– Não trabalhariam.

– Quem, as mulheres?!

– Eles... Ficariam distraídos.

– Basta que selecionassem as menos charmosas – disse Benjamin. – Uma presença feminina é sempre necessária. Pode não fazer falta agora, mas espere só o tempo correr e os dias se acumularem. A própria alimentação não durará nas melhores condições por muito tempo.

– Sim... Já ouvi dizer que a comida não tarda a estragar e os biscoitos ficam cheios de insetos.

– Pois é, isto tenderá ao abalo dos ânimos e das forças. As mulheres seriam nossa sustentação.

– Mas creio que os mantimentos estejam bem calculados.

Observei o percurso à frente, ainda estávamos rente à cidade, avistei um menino de rua brincando com a lama das margens do rio e, mais à frente, uma ponte em nosso caminho.

– Estou um pouco receoso, Rupert, confesso. É a minha primeira vez em um navio. E se acontecer de o tempo não ajudar? Tu sabes se é possível cozinhar e dormir quando o mar está agitado?

Eu ri.

– Não chegaremos ao mar, Benjamin. Nossa viagem será tranquila, seguiremos apenas pelo rio.

– Mesmo assim...

Antes que eu pudesse me perguntar como faríamos para passar pela próxima ponte, já a havíamos deixado para trás.

– Como passamos? – murmurei, apontando.

Benjamin virou o rosto para observar e deu de ombros. Dirigi minha voz aos três marinheiros mais próximos:

– Como é que conseguimos passar por aquela ponte?

Dois deles riram, o outro me respondeu:

– Por debaixo dela. De que outra forma poderia ser?

Eu retrucaria, dizendo que os mastros eram mais altos do que tudo, a ponte feita de pedra e sua passagem calculada para barcos pequenos. Mas temi haver uma explicação bem simples e eu acabar demonstrando minha falta de conhecimento náutico. E Kepler aparecera das escadas, informando-nos que um almoço especial começara a ser preparado.

Os três marinheiros se distanciaram; Kepler ficou ao nosso lado, trouxe um silêncio duradouro que nos permitiu ouvir o som das velas e do casco cortando o rio. Quando falou conosco, veio com um de seus pensamentos ensimesmados em voz alta.

– Não tenho pressa, já puderam perceber... para o que quer que seja. Não me incomoda que algo tome muito tempo para acontecer, contanto que aconteça. Mas não posso deixar de imaginar o ganho que será quando pudermos aniquilar as fronteiras. Deleito-me com a possibilidade de estar tudo ao alcance.

– Estás se referindo a alguma coisa em específico? – perguntei.

– À nossa viagem. Não me preocupo com os caprichos do vento e o curso dos rios. Mas é um limite a que nos submetemos. Veja só, contornaremos milhas desnecessárias do Império devido às curvas e às idas e vindas do rio. Seria melhor que conseguíssemos tomar uma linha reta entre Praga e Hamburgo. Por terra também não seria

possível. Mas pelo ar, sim, pelo ar nada nos impediria. Creio que possamos em breve descobrir como fazê-lo. E não pensemos pequeno, tão logo alguém descubra a arte de voar, não faltarão homens vivendo na Lua e em Júpiter.

Kepler apontou para o alto. Era dia, mas ainda se podia ver a Lua, numa das fases minguantes, parecendo translúcida com sua luz fraca sobrepujada pelo azul do céu.

– Imagine pisar em tais terras e poder apontar um telescópio para nós aqui – disse Kepler.

POR ALMOÇO ESPECIAL, KEPLER quis referir-se ao banquete ao qual apenas nós três e Horácio Wooland, o capitão, tivemos o direito de desfrutar.

Os relógios do navio acabavam de badalar o meio-dia, pareciam muito atrasados em relação ao sol, pois lá fora o tempo fechara, e as janelas da sala de refeição, que davam para o nível do convés, deixavam entrar pouca luz.

– O que será que veriam – perguntei, enquanto comíamos –, se apontassem um telescópio para a Terra?

Enquanto Kepler terminava de mastigar, Wooland olhou-me curioso, instigando-me a esclarecer o que eu queria dizer. Expliquei-lhe brevemente.

– Como assim, o que será que veriam? – disse-me Kepler.

– Somos diferentes – eu disse –, somos vivos. Deve haver algo além de brilho, não?

Benjamin assentiu à minha suposição.

– Eu não me importaria nem um pouco em ver apenas brilho... – respondeu Kepler. – Seria emocionante, aliás, revelador.

– O que revelaria?

– No mínimo, que não somos tão diferentes dos outros planetas. No máximo, que fomos feitos e aparentemente largados pelo Criador, tanto quanto parece ter sido esquecido tudo o que daqui vemos brilhar.

Benjamin quis fazer parte da conversa:

– Um dia o senhor verá este brilho, o brilho da Terra, tenha certeza. Com a velocidade com que seus estudos avançam, não há de levar muito tempo.

– Ah, Strauss, eu gostaria de ainda ter um pouco da tua ingenuidade.

– Johannes – Wooland usou o primeiro nome do astrônomo; e devia tê-lo em altíssima conta, pois teceu uma afirmação em forma de pergunta do modo mais cuidadoso possível –, permita-me perguntar se é atrevimento além da conta pedir que nos disseses o que pensas sobre esta discordância recente acerca do centro do universo.

Dessa vez Kepler não se preocupou com os modos: respondeu de boca cheia e um pedaço de frango quase caiu dela:

– Permito. Mas ela não é recente.

– Tenho imenso interesse por teus estudos e me esforço por entendê-los – continuou Wooland. – Ainda não pude terminar de ler teu livro, mas acho irretocável a conexão que fazes entre o universo e a geometria; é brilhante o modelo de cinco poliedros que propuseste para o nosso sistema solar!

– Vejo que de fato tens interesse. Mas venho sendo obrigado a repensar muita coisa.

Wooland sorriu.

– Ah, saibas que levei muito tempo para compreender o pouco que compreendi e penso que posso dizer o mesmo por todos que estão de fora de teu mundo e se empenham em acompanhar as descobertas... Por favor, não vás agora substituir o modelo por algo mais complexo.

– Não é a mim que cabe a simplicidade, faço apenas descobrir o que está aí. O que está aí é pura geometria, por vezes um pouco complexa. E é bom que as pessoas encontrem dificuldades para se aproximar de assuntos importantes.

– Fico em dúvida quanto ao sol, sua posição no universo. Em quem acreditar? Em ti e em Copérnico ou naquele grego e em Tycho?

– Todos estão certos em muitas coisas, capitão, e errados em outras poucas. A questão gira em torno de quem está menos

equivocado. Por aquele grego refere-se a Aristóteles? Sim? Bem, Aristóteles não tinha a bagagem necessária para perceber seus enganos; Tycho poderia ter a bagagem, mas não tinha a capacidade de aceitar a transgressão, ele se acomodava facilmente, e esta não é uma crítica que faço, é algo que ele muito bem observava e admitia em nossas conversas. Por sinal, vocês talvez não tenham se dado conta, e preferi não mencionar, para que nossa viagem não carregasse nenhum fardo, nem fizesse honra a ninguém da merecida, mas preciso convocar um brinde a Tycho, cuja partida para os céus hoje completa exatos três anos.

Erguemos nossas taças e bebemos. Os olhos de Kepler diziam-me que era seu desejo falar algo mais, que melhor homenageasse o companheiro, mas ele ficou quieto. Tomei a palavra:

– Que no futuro, tanto Tycho quanto Kepler estejam nos livros de História. Que suas descobertas floresçam e se expandam por toda parte, que não haja uma pessoa neste planeta que não seja grata a cada um dos seus dias de vida.

Kepler teve os olhos fechados nas minhas últimas palavras, brindamos uma vez mais. E ele retomou sua resposta:

– Capitão, vejo Copérnico como o menos equivocado dos quatro que citaste. O geocentrismo é um retrato perfeito da pretensão humana, prova de que somos capazes de interpretar e distorcer qualquer coisa a favor de nossos desejos e necessidades.

Benjamin o interpelou:

– Mas, senhor, não estaria também o heliocentrismo de Copérnico próximo disso? E se um dia tivermos telescópios melhores, que revelem a existência de mais do que vemos? Talvez outros sistemas... A Terra não está no centro de todo o universo, disso já sabemos.

– Outros sistemas?! – exclamou o capitão. – Isso é perturbador.

Kepler tinha o cenho franzido. – Strauss – ele disse, pesaroso –, se assim fosse, a Terra seria irrelevante...

– Tampouco o Sol estaria no centro do cosmo – prosseguiu Benjamin. – Se telescópios mais potentes realmente mostrarem algo além, e se houver recusas futuras em aceitar isso, o heliocentrismo

acabará seguindo para o buraco, ao tornar-se a bandeira dos desistentes da causa perdida do geocentrismo.

Fez-se silêncio. Até então, criados vinham à mesa retirar louça e repor bebida em nossas canecas sem que os percebêssemos; agora, a simples presença de um deles parecia destoante.

– Jamais imaginei que tivesses aprendido tanto ao meu lado – disse Kepler. – E adquirido tamanho atrevimento também.

Eu diria o mesmo.

Aquelas, certamente, eram ideias com as quais Benjamin tivera contato quando soubera do triste fim de Giordano Bruno, filósofo cujos principais momentos de vida foram contemporâneos aos nossos.

Giordano era defensor de ideias distantes das que o Santo Ofício escolhia como verdade absoluta; foi acusado de heresia por acreditar que o universo possuía muito mais do que aquilo visto pelos telescópios, o universo seria infinito e povoado por outros sistemas, por inúmeras estrelas, como o Sol, e planetas com vida inteligente, como a Terra. Giordano viveu como um nômade e publicou muitos de seus escritos, até conhecer Giovanni Mocenigo, membro de uma ilustre família veneziana. Mocenigo o convidou para ir a Veneza, a pretexto de poder aprender a arte de desenvolver a memória, uma técnica na qual Giordano era perito. Já havia anos que a Inquisição estava ansiosa por prender Giordano, mas Veneza tinha a fama de proteger os foragidos, e isso serviu para que ele aceitasse o convite de Mocenigo e corresse o risco de regressar à Itália. Em Veneza, uma vez ciente de que Mocenigo, na verdade, desejava a técnica para ter vantagem sobre concorrentes e inimigos, Giordano foi ético e negou-se a ensinar-lhe. Mocenigo era católico e não tardou a perguntar a seu confessor se devia denunciar Giordano à Inquisição. O sacerdote recomendou que reunisse provas. No dia em que Giordano manifestou seu desejo de deixar a Itália, Mocenigo o trancou num quarto e chamou os agentes da Inquisição para que o levassem preso.

Quatro anos atrás, no dia oito de fevereiro, foi promulgada a sentença de condenação de Giordano à morte. Dizem que, enquanto obrigado a escutar de joelhos os juízes, ele mandou-lhes a frase:

“Talvez sintam maior temor ao pronunciar esta sentença do que eu ao ouvi-la”. O filósofo morreu na fogueira com uma tábua e pregos na língua, para que não blasfemasse mais.

– Por que achas que seria perturbadora a existência de outros sistemas? – perguntei ao capitão.

– Ora, poderiam existir pessoas mais inteligentes, estaríamos ameaçados.

– Mas, mesmo sozinhos estamos ameaçados – retruquei. – Certamente soubeste do Novo Mundo, das terras povoadas que os espanhóis estão encontrando...

– Claro que sim. Mas esta é outra questão, esses povos são menos inteligentes, dizem que até mais limitados que os negros. Estamos preparados para o confronto. Fora do planeta, porém... Aliás, por que Deus haveria de semear lugares tão distantes de seu lar?

Kepler riu e disse:

– Estás presumindo que Deus tenha a Terra como lar? É mais provável que prefira a companhia das estrelas e do vazio. E lá, eventualmente entediado, interessado em testes e provações, brilhante matemático e geômetra como Ele há de sê-lo, não perderia a oportunidade de submeter a beleza de suas formas vivas e mortas e a curiosidade dos olhos dos seres a todo e qualquer lugar que fosse possível.

O capitão nada mais acrescentou. E pouco depois nos deixou, alegando necessidade de verificar o tempo e, se preciso fosse, corrigir o percurso e a velocidade da embarcação.

Foi aí que Kepler nos disse:

– Preciso compartilhar algo convosco.

Levantou-se e foi até a sala vizinha; pudemos ouvi-lo abrindo e fechando a porta de um móvel. Voltou com um pano nas mãos.

– Hoje pela manhã, em minha ida ao castelo, recebi de Rodolfo um presente.

O objeto ainda estava embrulhado num pano cor de vinho, amarrado por uma corda dourada. O mesmo brasão de nossa embarcação estava costurado ao pano. Kepler acariciou o embrulho.

– Ele não quis me dizer do que se tratava. Pediu que só abrisse quando já estivéssemos navegando e garantiu que me manteria entretido por toda a viagem.

– Ainda não deixamos a cidade, senhor – disse Benjamin –, já se pode considerar que estejamos navegando?

– Sim.

– Pois, abra!

– Estou aproveitando enquanto ainda é possível, Strauss. O mistério me mantém entretido; tenho receio de me decepcionar ao abri-lo.

– Pelo volume, não há muito o que esperar – eu disse.

– E pela maleabilidade também não.

Kepler quase dobrou o objeto.

– Isso me preocupa. O imperador não me conhece tão bem para saber o que seria capaz de me manter entretido.

– Talvez seja uma pintura – disse Benjamin. – Ou uma boa tela em branco, para que a utilizemos; belas vistas não nos faltarão durante o percurso... Ou então é um mapa.

– Mapa?

– O capitão já tem mapas o suficiente – eu disse.

– Eu me refiro a um mapa desta embarcação, Rupert. Um mapa que viesse com direções e pistas para que encontremos algo escondido aqui.

– Benjamin...

Mas Kepler gostou da ideia:

– És muito imaginativo! Um mapa seria ótimo. Acabas por dificultar ainda mais a chance de o imperador ter acertado na escolha.

Kepler deixou o embrulho sobre a mesa e cruzou os braços, mais determinado a teorizar do que enfim a descobrir o conteúdo.

– Decido que iremos aproveitar enquanto a viagem ainda está no início. Quando nos entediarmos, abrirei.

Quando saímos da mesa, Kepler foi posicionar o embrulho numa cômoda abaixo de um espelho circular da sala de estar, como se se tratasse de algo decorativo.

ANTES DO FIM DA TARDE, KEPLER disse ter interesse em subir ao convés e ver como se comportava o céu, e foi sozinho.

Queríamos acompanhá-lo, mas primeiro tivemos que buscar casacos mais pesados em nossas malas. Elas tinham sido levadas aos dormitórios pelos marinheiros, então, foi a primeira vez que víamos onde dormiríamos. O quarto era apertado, do tamanho do menor dos banheiros da casa do astrônomo. Aqui se espremiavam um armário e dois beliches. Além de nossas bagagens, havia uma outra.

– Será que ele dormirá conosco? – perguntou Benjamin.

– É mais provável que ele tenha uma suíte própria.

– Mas não existem suítes em navios. Disto eu sei. Vão todos lá em cima, o sanitário é coletivo, e tudo é jogado ao mar por uma abertura no convés.

Não contra-argumentei, pois eu desconhecia os navios tanto quanto Benjamin.

Agasalhados, subimos. Não só esfriara, escurecera devido ao céu nublado. O vento era gélido e úmido; era certo que enfrentaríamos geada nos próximos dias, talvez neve nas próximas semanas, principalmente por nossa rota subir o mapa.

Benjamin avistou o astrônomo na popa e foi perguntar-lhe onde ele dormiria.

– Escolhi a suíte ao lado dos aposentos do capitão – respondeu Kepler. – É o local mais adequado, com o espaço que preciso.

Benjamin fez menção de questionar a existência de uma suíte e até soltou as primeiras palavras, mas Kepler tinha urgência em nos falar de algo que ele disse ter pensado ao observar a cidade ficando inteira para trás. Retirou de um bolso um pequeno caderno de anotações, escreveu rapidamente e começou a ler o que escrevera, mas foi interrompido. Não por mim, nem por Benjamin, tampouco por um dos marinheiros encostados na amurada.

– Também ouviu isso, senhor? – Benjamin lhe perguntou.

– Penso que sim.

Eu não tinha ouvido coisa alguma.

– Alguma coisa caindo na água, talvez? – disse Kepler, pondo-se na ponta dos pés para ver melhor lá embaixo.

Mas Benjamin devia ter ouvido algo diferente, pois tinha uma pergunta a fazer ao marinheiro mais próximo:

– Por favor, qual o seu nome?

– Joel, senhor.

– Sabes se existe alguma mulher na tripulação, Joel?

– Não, senhor.

– Não sabes? Ou não há nenhuma?

– Não há nenhuma.

– Nem mesmo uma cozinheira ou uma que cuide da limpeza?

Tanto Kepler, quanto Joel disseram que não.

– Penso ter ouvido a voz de uma mulher.

Kepler sobressaltou-se. – Estou ouvindo agora!

Com o atraso de alguns segundos, também passei a ouvi-la. A voz vinha de longe e entrecortava-se repetidas vezes. Parecia vir da proa do navio, de algum alçapão, depois pareceu vir de trás de alguma das caixas empilhadas ao pé do mastro mais distante de nós; por fim, o marinheiro encarregado da vigília cessou nosso desentendimento:

– Homem ao mar!

Ele apontava. Nós três e os outros marinheiros seguimos a direção, fomos à amurada e avistamos braços a, talvez, dez metros.

Qualquer que fosse a pessoa se afogando, não se jogara do navio e dele também não fora atirada, pois estava à frente de nosso percurso, há sabe-se lá quanto tempo suportando manter-se ora com a cabeça dentro, ora fora d'água.

Kepler perguntou energicamente aos marinheiros:

– O que é que esperam para agir?

Eles não esperavam, Kepler não percebeu que eles já agiam. Seis marinheiros davam conta da tarefa de parar a embarcação, caso contrário ela seguiria de encontro à pessoa. Um dos que recolhiam as velas parou e pegou uma corda. Lançou-a na água, mas ela não foi muito longe. Ele a puxou e, com a ajuda de outros, a fez chegar mais perto do ponto que tínhamos visto braços. Ali agora só se via bolhas de ar, e cada vez menos.

– Façam alguma coisa – ordenou Kepler na direção de um grupo de marinheiros que até então não haviam feito muito além de observar. Mas eles continuaram sem reação.

O convés estava cheio, talvez toda tripulação, com exceção dos cozinheiros e do capitão, estava reunida na amurada da proa. Um dos criados, especificamente aquele que melhor nos servira durante o almoço, perguntou o que tinha ocorrido, se alguém tinha caído.

Kepler só respondeu-lhe que alguém estava se afogando até a morte.

Não o notei saindo do nosso lado, mas soube que tinha que ter tomado uma boa distância para adquirir a velocidade com que voltou e passou rente a mim. O criado conseguiu levantar um pé para pisar na amurada, e com o outro deu o impulso final através do aríete em forma de cabeça de águia. Ficou à frente da vista de todos nós e, ainda em queda, reposicionou o corpo para um mergulho perfeito.

Ficamos quietos, especialmente os marinheiros que se acovardaram.

Quando o criado emergiu do mergulho, não trouxe ninguém, mas aparentou confiança, tomou fôlego e submergiu.

Ele devia ter muita prática, pois ficou minutos sem voltar à superfície. Mas, outra vez, voltou sozinho, e exausto.

– Já fizeste o suficiente. Deixa pra lá – sugeriu um dos criados.

– Podes voltar! – gritou Kepler, como se fosse ele quem precisasse dar o aval da desistência.

Mas o criado respirou e desceu uma vez mais; e pela última vez. Passou-se tanto tempo que alguns marinheiros deixaram a amurada, rendidos à certeza de que o negro não voltaria. Kepler chegou ao ponto de lamentar:

– Corajoso... Eu nem sequer sabia seu nome.

O criado sabia seus limites, então, não me surpreendi quando ele emergiu. Mas surpreendi-me ao vê-lo trazer uma mulher em um de seus braços.

Finalmente os marinheiros fizeram algo de bom, arriaram uma escada de corda da amurada até o nível do rio e dois deles desceram para resgatá-los.

Com efusiva congratulação vinda dos criados, o negro foi cercado e abraçado por seus companheiros. Enquanto isso, um marinheiro deitou a mulher no convés, e Benjamin, antes que eu pudesse fazê-lo, encarregou-se dos procedimentos para retirar a água engolida. Assim como eu, porém, Benjamin sabia que o tempo passado lá embaixo fora longo demais para que o pior não tivesse ocorrido; certamente a laringe não se mantivera fechada por muitos minutos e a água pudera inundar os pulmões.

Ela não voltou a si, não tossiu, mas um pouco de água escorreu por sua boca. Benjamin pressionou-lhe o peito muitas vezes, mais do que de costume, até decidir parar. Conferiu sua pulsação e lançou-me um olhar que eu bem conhecia, de todos os óbitos que havíamos partilhado em ofício.

Benjamin pediu ao marinheiro que a pegasse e a levasse para dentro. Nós três o seguimos, passamos pela sala de refeições, e na sala de estar o marinheiro a deitou no sofá.

– Vai molhar todo o estofado – disse Kepler. – Coloque-a no tapete, já está morta.

Assim fez o marinheiro, que se retirou após um sinal do astrônomo.

Ajoelhei-me e também não encontrei pulsação na mulher.

Benjamin fez questão de pegar uma coberta e estendê-la sobre o corpo, deixou-o descoberto dos ombros ao rosto.

– De onde ela pode ter vindo? – perguntei. – Já estamos longe da cidade.

– Nem tão longe – disse Kepler –, mas da cidade ela não há de ter vindo.

– E não havia barcos por perto de onde ela pudesse ter caído.

– Ela tem uma bolsa – disse Kepler.

Ele se aproximou e temporariamente afastou a coberta para pegar a bolsa, que se mantivera afivelada a um cinto e com a alça na transversal do tronco.

– Estas roupas – disse Benjamin – têm um corte e uma costura diferente, e o tecido é fino demais para o frio de hoje.

– Talvez ela seja estrangeira – eu concluí.

Afastei os cabelos castanhos molhados de seu rosto. Era uma bela mulher, talvez fosse jovem, tinha uma pele sem imperfeições, lisa e corada como nunca eu vira nas mulheres de Praga. Fez-me lembrar de Dolores. Também vi que ela tinha um pouco de tinta preta contornando os olhos... parecia muito com o que minha mente esperava de uma egípcia.

– Quem sabe uma prisioneira do Império? – perguntou Benjamin.
– Afinal de contas, poderia estar neste navio sem sabermos. Talvez alguém a tenha jogado ao mar.

– Ao rio, Benjamin.

– Sim, mas o que achas desta possibilidade? Pode ser que o presente que o imperador embrulhou e deu ao senhor Kepler tenha algo a ver com isso...

Kepler interveio com uma pergunta:

– Rupert, qual o nome de tua Dolores?

– Gifford. Dolores Gifford. Por quê?

Kepler tirara da bolsa uma caderneta cujo revestimento era de uma cor entre o vermelho e o vinho.

– Trata-se de uma estrangeira, sim. Há informações aqui, e coincidentemente...

Passou-nos a caderneta.

O nome da naufraga era Dolores Valentim.

Na página seguinte, encontrei uma imagem muito bem desenhada da face da mulher, na verdade, o desenho mais fiel e minucioso que já vira em toda minha vida. Mostrei a Kepler, mas ele não deu importância, embasbacava-se com o que acabara de encontrar no fundo da bolsa: um estojo de couro bege que protegera da água um objeto grande, negro e retangular. Kepler soltou um gemido de surpresa e excitação, foi sentar-se para melhor manipular e entender do que se tratava aquilo.

Benjamin e eu nos aproximamos e o assistimos descobrir uma portinhola na parte de trás e outra na parte da frente, um pouco maior, da qual, quando aberta, esticou-se um tecido sanfonado com uma ponta circular giratória feita de vidro.

– Há algo escrito aqui – disse Kepler, intrigado. – Kodak Anastigmat. E números. Um, dois pontos, sete vírgula sete; em

seguida a letra F, o símbolo de igual, dez vírgula cinco centímetros.

– Isto é alguma fórmula que o senhor entenda? – perguntou Benjamin.

– Por enquanto, não...

– Parece-me um triturador – eu disse.

– Claro que não – disse Benjamin.

Kepler fez alguma coisa de errado: uma parte acoplada à ponta do tecido se acendeu e, como mágica, piscou uma luz branca muito forte na direção dos nossos olhos.

Estávamos distraídos, mas no fundo de nossa cabeça nascia a ideia de que a naufraga podia tratar-se de uma bruxa, prisioneira de Rodolfo, e que de fato caíra do navio. Do que dizia respeito à bruxaria, tínhamos certeza dali a pouco, quando déssemos uma pausa em nossa empolgação e deslumbre pelo objeto fazedor de luzes e, ao nos virarmos, víssemos que Dolores Valentim estava viva, de pé, tão bem consigo mesma naquele lugar desconhecido a ponto de ter decidido que a primeira coisa a fazer seria abrir os laços dourados do embrulho do presente do imperador.

Intempéries e Intermédios na Villarroya

PEGUEI AS MELHORES ROUPAS DO ATELIÊ e enfiei-as em duas malas. Fiz tudo sem imaginar que a maioria das vestes estava marcada para ajuste, portanto, com agulhas que Benjamin pusera nos pontos em que planejava fazer alguma modificação. Só descobri o perigo que corria na última peça que retirei do cabide; tarde demais, a ponta da agulha encontrou o delicado caminho entre a unha e a carne de meu dedo mindinho: entrou e só parou no osso. Meu grito ecoou pela casa, mas ninguém poderia me ouvir; lembre-se, estavam todos mortos. Puxei a agulha com o cuidado de não aumentar o espaço perfurado, envolvi o dedo em um pedaço de tecido e voltei à urgência.

Com o cair da noite, a temperatura deveria baixar, mas eu estava impregnado de calor. Despido, limpei o suor e as crostas do sangue seco com um pano umedecido e banhei-me com perfume para compensar o fedor que só sairia por completo se eu tivesse tempo e criadas vivas para me limpar devidamente. A fim de substituir a roupa ensanguentada, escolhi o traje de cerimônia que Benjamin, pela manhã, recomendara que eu não vestisse sob o sol de Cádiz; era a peça que eu usara no último baile da Corte em Madri: casaco preto cortado na frente, com lapelas de cetim e longas e finas abas na parte de trás; camisa branca engomada, colete branco de corte baixo e laço branco ao redor do pescoço. Nos pés, enfiei um sapato de bico fino, na cabeça, uma cartola brilhante e, nas mãos, luvas brancas. Peguei também minha bengala, caso dessa vez fosse preciso usá-la como defesa.

Com o pensamento perdido em calcular a distância e o tempo para chegar à estação de trem mais próxima, saí, esquecendo-me de minha medalha, uma condecoração que representava o título nobiliárquico que me fora concedido anos antes pela rainha Isabel, devido às contribuições artísticas e ideológicas que eu fizera em nome da monarquia espanhola. O título de marquês me garantia alguns privilégios, como isenção de impostos, mas nada que me aprovesse tanto quanto o simples brilho da medalha e a possibilidade de ostentá-la por aí. Mesmo assim, eu sempre me esquecia de prendê-la na lapela, e era Benjamin que me lembrava – quando já não me entregava a roupa para vestir com a medalha abotoada. Embora ela certamente viesse a me garantir de graça a passagem de partida do país, abotoei-a tão só em homenagem a Benjamin e a todos os anos que convivemos na Espanha.

Desejei passar pela sala de leitura uma vez mais para ver meu amigo antes de partir, mas a quantidade de sangue no cômodo era tão grande que escorrera para o corredor, pelo qual, se eu me aventurasse a passar, sujaria o sapato.

Abri mão do sentimentalismo e saí pelos fundos, em direção à casa do cocheiro. Do lado de fora, a noite se estabelecia fresca e clara, a lua não estava cheia, mas iluminava bem o céu.

Naquele horário, Joel, o cocheiro, não estava ali. Caberia a mim conduzir os cavalos, tarefa com a qual poucas vezes lidara. Mas eis que a porta oval da carruagem se abriu e de dentro uma voz avisou:

– Estou aqui.

Eu deveria temer que o cocheiro soubesse do genocídio, eu deveria pensar duas vezes antes de entrar. Não pensei nem uma sequer.

– *Por que estás vestido assim?* – ele disse, assim que me sentei.

– Eu é quem devo fazer esta pergunta...

Sorriu. Estava com um traje colorido, de retalhos cortados em losango. E tinha o rosto maquiado.

– Eu sei – ele disse. – Por isso eu a fiz por ti, para que não te acanhasses em me questionar.

– Pois, então, responde – ordenei.

– Quis fazê-la; mas tu a fizeste? Ela não saiu de tua boca, senhor, eu a fiz por ti e tu responderás por mim.

– Ora, vou a um baile real – menti –, é por isto.

– Não... entendeste errado. Quero que respondas por qual razão *eu* estou vestido assim.

Fiquei calado.

Ele fez um gingado com os ombros, balançou os braços e bateu continência.

– Não – eu disse, em relação ao movimento –, não é necessário.

Ele baixou o braço descontente.

– Esta medalha não requer este tipo de respeito.

– Só o fiz, pois tu és meu mestre.

– Mestre?

– Sim e não. Não é a melhor palavra para definir-te, eu sei. Só consegui pensar nesta.

– Por que estás vestido assim, Joel?

– Não sou nenhum Joel. Nunca foste ao teatro?

– Claro que fui.

– Claro que foi.

Ele mudou de expressão três vezes, de indiferença para simpatia, de simpatia para euforia, de euforia para agressividade. Como se até então eu estivesse sob o efeito de um feitiço de distração, de repente voltei a me atentar ao tempo e à razão de ter entrado na carruagem.

– Estás vestido assim porque és um Arlequim?

– Perfeito!

– Mas tu não és meu cocheiro.

– Importa que eu seja? Pois, se importa, posso sê-lo. Sei que precisas ir a algum lugar, então, posso guiar os cavalos. Mas, se quiseres que eu seja o próprio... Qual o nome dele?

– Do cocheiro? Joel.

– Então, eu posso sê-lo. Não posso?

O Arlequim fez uma expressão investigativa.

– Pelo que sei, por enquanto, ele tem uma pinta enorme e peluda no braço esquerdo. Se for de teu desejo, mestre, estendo agora meu braço, puxo a manga e mostro-te a pinta. Mas Joel é

manco, e eu também o seria; Joel é religioso e tem a obrigação de mostrar-se moral a todo instante, ele seria incapaz de se manter ao teu lado quando soubesse dos mortos na sala de leitura, e eu também o seria. Como um manco, aliás, eu não poderia correr ao teu lado, caso fosse preciso e, pelos cálculos que faço do que ainda temos pela frente para esta noite, imagino que será.

Isso me fez pensar em meu plano, em como seria fácil executá-lo na presença de Benjamin.

– O que me dizes?

– Eu só preciso que alguém me faça companhia... – eu disse.

O Arlequim olhou-me com falsa compaixão.

– Pois então, prazer.

Estendeu-me a mão e eu a apertei.

– Agora escolha um nome para mim.

– Escolher?

– Eu não tenho um.

– Como podes não ter um nome?

– Arlequins não têm nome.

– E como costumam chamar-te por aí?

– Se me chamassem, chamar-me-iam de Arlequim, claro. Mas nunca foi preciso.

– Por quê?

– Fim das perguntas!

Ele ficou eufórico ou agressivo, difícil dizer.

– Escolha um nome!

– Horácio.

– Não! Já chega deste. Vá: um que rime com Arlequim.

– Benjamin.

– Ha! De preferência que não seja o nome de um morto.

– Juan Prim.

– Ai, e que não seja de alguém conhecido. Seja criativo, homem!

– Então... Joaquim.

– Joaquim. Joaquim? Joaquim é bom. Joaquim Arlequim. Joaquim Arlequim e Rupert Lang. Soa como uma parceria promissora, quem sabe duradoura... apesar de Benjamin ser um nome mais bonito...

– Como sabes meu sobrenome? E como sabes que Benjamin está morto?

Ele riu, visivelmente embaraçado.

– Ora, eu sou o teu Arlequim... Não deverias já estar fazendo este tipo de pergunta...

– AHHHHHHH!

O grito veio de dentro da casa.

– O tal cocheiro pode ter entrado e visto o que fizeste – disse o Arlequim.

A voz era grossa demais para ser de Joel. E o grito não fora de susto ou desespero, estava mais para uma antecipação, talvez um ataque.

– É melhor irmos embora.

Ele desceu, mas, tropeçando numa barra do desnível da cabine, chegou ao chão quase antes com o rosto do que com os pés, caindo de peito. Recompôs-se numa agilidade absurda e foi se sentar no posto de cocheiro como se nada lhe tivesse ocorrido.

Os cavalos entenderam a pressa do Arlequim e partiram determinados, sem perder velocidade nem mesmo ao enfrentar uma subida traiçoeira duas ruas acima.

Na primeira vez que coloquei a cabeça para fora da janelinha e olhei para trás, minha casa já estava do tamanho de uma maquete. Eu deveria ficar triste por nunca mais voltar a vê-la, mas a riqueza havia de me acompanhar onde quer que eu fosse. Olhei para o céu e uma vez mais para a casa; a janela do único cômodo aceso tornara-se um ponto luminoso pulsante, como os lá de cima, porém repleto de corpos apagados em seu interior.

Retirei o tecido que envolvia meu dedo mindinho – parara de sangrar, mas a dor aumentara. Lembrei-me de Benjamin ter se machucado de modo semelhante no mesmo dedo, há poucos dias, mas devia ser imaginação, pois ele manejava as agulhas sempre com muita destreza.

Quem gritara? Se fosse Joel, agora ele já teria percebido o sumiço da carruagem.

A voz do Arlequim passou pela abertura da cabine:

– É melhor dizeres o destino, Rupert.

– Conheces Enrique, o Conselheiro?

– Claro.

– Pois iremos à casa dele.

– Olha, para o sigilo de nossa parceria, não é bom que eu peça instruções a ninguém com quem cruzarmos, mas temo errar o caminho. Achas que podes me ajudar? Sei que acordaste muito cedo e fizeste uma visita ao Conselheiro. Um dia árduo. Então entendo que a qualquer momento o sono deva te atormentar. Peço-te, porém, que não durmas e descrevas o percurso que fizeste pela manhã.

– Muito se engana se pensas que eu conseguiria dormir depois do que aconteceu em minha casa – eu disse. – Tens informações que não te dei, e não posso imaginar como as conseguiste, mas, pelo visto, estás longe de saber como tudo aconteceu. Estou em choque pelas perdas, meu coração ainda bate acelerado.

– Eu duvido...

– Duvidas?

– Claro.

Estranhamente, sua audácia e voz maliciosa não me incomodavam tanto. E eu apenas disse:

– Do que especificamente?

– Seu choque. Rupert... Por que ainda desejarias mentir para alguém como eu? Já não dei provas suficientes de que te conheço bem? Conheço tuas criadas, teu melhor amigo, sei de tua infância, sei do que fizeste durante este dia ou qualquer outro. Conheço tua mente. Por mais que possas imaginar, não estás em choque por perda alguma. És um assassino.

Mesmo em movimento, abri a porta da carruagem, pus um pé no degrau de desembarque e lancei o outro na sobra do eixo da roda mais próxima; equilibrei-me só nesse pé e fui sentar-me no banco do cocheiro.

Peguei a mão do Arlequim (por sinal, coberta por uma extravagante luva azulada e salpicada de miçangas prateadas – tão brilhosas que mais pareciam diamantes) e coloquei em meu peito, para que meus batimentos acelerados revelassem que eu dizia a verdade.

- Estás assim por excitação – ele disse. – De matar e fugir.
- Tu não me conheces mesmo... É uma pena.
- Só sentes desespero por teres matado Benjamin.
- Benjamin?! Eu não o matei.
- Talvez a culpa venha a se refletir em tuas ações futuras, autodestrutivas. Mas ainda não te decidiste se realmente queres sentir tristeza e remorso.
- Eu não o matei!
- Não? No mínimo cruzaste os braços e o deixaste morrer nas mãos daquele pescador...
O Arlequim calou-se.
- Pescador? Referes-te ao barbudo enviado pela Corte?
- Sim... Olha, não sei se percebes, só estou seguindo em frente. Nem sei se é por aqui que deveríamos ir.
- Estamos na via correta, por enquanto... Mas, com esta escuridão, eu posso me confundir.
- Virarei só onde mandares.
- A distância de um lampião a outro aumentava conforme deixávamos o centro. À frente, na direção da periferia, o breu engolia as esquinas, as árvores e as casas dos barões. Os lampiões que interrompiam a escuridão aqui e acolá estavam mal posicionados; passamos por um que se distanciava alguns metros de uma placa de rua, ele iluminava bem a fachada de uma lojinha, mas não a placa. Nesses casos, tínhamos que parar e descer para usar um lampião portátil e desvendar o nome da travessa.
- Em que direção fica a igreja? – perguntei a um passante em determinado momento.
- Lá, direto, para quem segue da próxima rua.
- Lembro-me que eu e Benjamin passamos por ela. E por uma via chamada San Juan. Isto significa...
- Significa que vocês podem ter vindo dali, ou de lá, ou de lá; ou seja, não significa nada.
- Mas é certo que passamos por aqui. Se eu pudesse ver a aparência dessas casas... Vamos arriscar.
- O Arlequim parou a carruagem no meio da travessia.

– Por favor – ele disse –, use meu nome quando falar. Eu não te fiz escolher um à toa.

– Desculpa-me.

– Não o disseste uma vez sequer até agora.

– Vira aqui à direita, então, Joaquim.

Ele o fez.

Tive certeza de que havíamos acertado o caminho quando atingimos um trecho pedregoso, o mesmo em que o chacoalhar da cabine me despertara na vinda com Benjamin. Mas confundi minha certeza ao depararmos com um obstáculo extenso e mais escuro do que o escuro da noite.

– Lembras-te de algum muro no meio do caminho, Rupert?

– Não.

Ele desceu e iluminou uma placa presa ao muro.

– Villarroya – disse-me. – Lembras-te da casa do Conselheiro situar-se numa vila?

Novamente, eu disse que não; mesmo assim, ele não ficou receoso de termos errado o caminho. Afastou as madeiras que improvisavam uma barreira na abertura do muro.

É esperado nos acostarmos com a dor, quando ela leva um longo tempo para cessar, e por nos recuperarmos gradualmente é impossível perceber o instante exato da cura. No caso do meu dedo perfurado, foi tudo ao contrário; a dor ainda era lancinante, mas desapareceu de súbito: foi adentrarmos a vila para eu sentir um choque na ponta do dedo. Quando vi, o sangue coagulara.

Prosseguimos numa toada mais urgente, quem sabe pelo desconforto dos cavalos em desbravar estradas cada vez mais escuras. Assim que o caminho de terra amenizou as irregularidades e seguimos sem muito balançar, avistamos casarões iluminados, e pude reconhecer o conjunto de grandes janelas da casa do Conselheiro.

Então, teve início uma sucessão de barulhos repentinos, o mesmo som que seria feito pela queda de um fruto pesado na terra. Quando pequeno, depois da morte de meu pai, cresci com meu tio na fazenda que ele ainda não havia perdido nos jogos de azar. Lá, tínhamos o costume de subir em árvores e colher frutos, que de vez

em quando eu deixava cair no chão. O que Joaquim Arlequim e eu ouvíamos na escuridão era o que ouviríamos caso dezenas de pés de jaca soltassem seus frutos um após o outro.

Então, caíram sobre nossa carruagem, primeiro atrás de nós, na cobertura da cabine, depois entre mim e Joaquim. Aproximei o lampião para ver; tratava-se de um pássaro negro, de bico avermelhado e asas avariadas, aparentemente morto.

E mais um caiu, desta vez na cabeça do Arlequim.

Fora apenas um prenúncio: o barulho ao nosso redor persistiu e cresceu, as quedas transformaram-se em chuva, pedaços de escuridão, estilhaços de um céu noturno. Tantos pássaros caíam, alguns ainda meio vivos, piando, que se tornava improvável não ser atingida qualquer pessoa que estivesse fora das casas. Um pássaro fez minha cartola ir ao chão junto com ele; em seguida, senti o bico ou as garras de outro arranhar-me a ponta do nariz. Os cavalos relincharam, parando o galope pelo breve instante em que foram alvejados, e dispararam. E eu, que tinha o lampião em uma das mãos e a outra na cabeça, não aguentei o tranco, fui para trás e caí, felizmente entre as duas rodas da carruagem, sobre dezenas de pássaros agonizantes.

Corri para debaixo de uma árvore do terreno do Conselheiro, assistindo aos cavalos levarem para longe o Arlequim, a luz de seu lampião e minhas duas malas.

Não pude pensar, nem tomar muito fôlego debaixo da árvore: pássaros caíam pelos vãos, e eram tantos a se chocar contra os galhos, que quebravam os mais fracos e traziam tudo abaixo. Firmei meus olhos no casarão e voltei a correr. Fui acertado, quase tropecei no tapete negro de aves sobre o gramado, mas alcancei a cobertura de uma sobra do telhado.

E de uma só vez a chuva parou.

Não fazia parte do plano o Conselheiro saber de minha presença, então, fui de janela em janela, espiando o interior, até que encontrei a sala de refeições. Sala monumental em que eu e Benjamin estivéramos durante o almoço, agora iluminada à luz de velas para o jantar que ocorria. A mesa estava servida com uma quantidade de comida suficiente para alimentar uma dezena de pessoas, mas dela

aproveitavam apenas Enrique e sua filha. Aproveitar não é a melhor palavra, pois o Conselheiro renegava a variedade ao servir-se só de frango e Dolores não comia: pensava comer. Ela usava os talheres para partir um alimento imaginário e levá-lo à boca. Mastigava sem muita vontade, o que era de se compreender, uma vez que nada havia para mastigar, e tinha os olhos avermelhados, de um choro recente talvez. O Conselheiro não a olhava, e era o extremo oposto: mastigava, voraz, seus olhos brilhando de satisfação ao abri-los.

Dolores virou o rosto na direção das janelas; não me viu, é certo: olhava um ponto distante de mim. Achei por bem me agachar e esperar; quando tornei a espiar, ela havia deixado o Conselheiro a sós com o banquete.

Dei a volta pela casa. Para minha sorte, existia apenas um andar, e logo reencontrei Dolores em seus aposentos. Ela chorava, sentada em uma cadeira de balanço ao lado da janela, com a cabeça entre as pernas.

Empurrei a janela até o fim e entrei, enquanto ela levantava o rosto.

Sorriu para mim, como se desde cedo desejasse profundamente me rever e já esperasse ver-me aparecer ali.

– Sei que é de se estranhar minha entrada inapropriada, mas temi que teu pai não permitisse nossa aproximação.

– Tu és o príncipe, *mon choupinet*? – ela perguntou.

– Como?

– Tu és o príncipe?

– Que príncipe?

– O príncipe, és tu?

Fiquei quieto por alguns segundos, tentando lembrar-me se, durante a visita, eu ou Benjamin havíamos tocado em algum assunto desse tipo.

– Tu és o príncipe – ela afirmou então.

– Podes me chamar assim, se é como te sentes em relação a mim.

Estudei o quarto e o lado de lá da porta entreaberta. Caso Dolores resistisse à proposta de partir comigo, teria de levá-la à força; alguém poderia aparecer a qualquer momento.

De repente, ela ficou de pé, seu olhar de ternura se tornou submisso. Deu-me uma mão e com a outra segurou meu ombro, inclinando o corpo, como a sugerir-me que eu a pegasse no colo.

Saímos pela janela. Uma vez do lado de fora, avistei formas escuras vindo do muro pelo qual o Arlequim fizera questão de passar. Pelo barulho, eram máquinas enormes. E se mostraram destrutivas, quando as cercas altas, as árvores e até os casebres onde, suponho, morassem os criados do Conselheiro, foram obstáculos que não apresentaram nenhuma resistência. Essas máquinas deslizavam, esmagando os pássaros. Eu já me colocara sob as sombras, pronto para partir com Dolores, quando elas enfim pararam, a menos de trinta metros do casarão. Estavam equipadas para a guerra: canhões longos e finos saíam de seu centro e apontavam para nós.

Uma escotilha abriu-se no topo de uma das máquinas, e um homem, empunhando um objeto branco, leu uma carta; de alguma forma, o objeto amplificou sua voz, fazendo-a ser ouvida com clareza.

– Uma solução vem do secretário do Sindicato dos Escritores, que mandou distribuir panfletos na Villarroya, dizendo que as pessoas alienaram a confiança do governo e só poderiam recuperá-la com esforço redobrado. Nesse caso, não seria mais fácil que o governo dissolvesse o povo e elegeesse outro? [\[7\]](#)

O Conselheiro apareceu na porta da frente do casarão. Não me viu. Mesmo assim, distanciei-me mais, escondi-me na quina de uma coluna; em meu colo, Dolores estava com os olhos abertos, mas quieta como um bebê sonolento.

– Em nome do povo deste país – retomou o homem com metade do corpo para fora da máquina –, venho transmitir o desejo de expropriação deste terreno e dos terrenos adjacentes. As construções passarão a ser de uso do governo, mas não deve haver preocupação quanto ao estado de tudo até o fim desta noite. Pois o fogo será poupado, caso seja atendido um desejo em especial.

Escutei a voz do Conselheiro em tom de deboche:

– E qual o desejo de Juan Prim?

– Não falamos em nome de Prim, embora as consequências venham a servi-lo.

Decerto, não falavam em nome de Prim. Ele jamais agiria de modo tão intimidador.

– Fala o que queres! – exclamou Enrique.

– Viemos buscar tua herdeira. Viva ou morta.

Estiquei o pescoço para vê-lo; continuava na soleira da porta, pensativo.

– Dolores? Estão loucos! Por que Dolores?

Dolores nada percebia. Ela me fitava, presa à necessidade de tornar a me perguntar, em sussurro, se eu era o bendito príncipe.

– Nossas razões e as necessidades e objetivos de nosso mandante estão além da tua capacidade de compreensão.

– E o que essas máquinas são capazes de fazer?

O homem tirou o objeto da boca para dar ordens para os seus homens sem que o ouvíssemos, e fez um sinal para a máquina ao lado; esta apontou o canhão para o casebre mais próximo e atirou. Um único disparo bastou para trazer a construção abaixo e também derrubar uma árvore logo atrás.

– Dolores! – gritou o Conselheiro, voltando para dentro de casa.

Dolores continuava com a mente arisca, mas, por via das dúvidas, tapei sua boca; e tentei correr para longe do casarão. O peso extra e o cuidado necessário com o chão de pássaros me impediam de imprimir velocidade à corrida.

Estava escuro demais para que conseguissem nos enxergar, porém, as máquinas, como se oniscientes, souberam de nossa fuga e vieram atrás de nós; vi ao menos duas se deslocarem. Vinham lentamente, pesadas demais, cheguei a acreditar que eu conseguiria deixá-las para trás, mas elas ganharam velocidade aos poucos. Ouvi disparos de canhão e o barulho que só poderia ser do casarão sendo destruído. Certamente, o Conselheiro não conseguira fugir e agora morreria sob os destroços.

Pensei que Dolores fosse se dar conta e chorar a qualquer momento. Mas ela começou a rir loucamente, como se sentisse cócegas. Continuei a correr, sem pensar na estranheza de sua reação ou de todo o resto.

Abriu-se a escotilha de uma das máquinas atrás de nós, e um homem avisou que eu deveria parar, se não quisesse ser atropelado.

A salvação estava pouco mais à frente: num caminho de terra, a carruagem do Arlequim estava à minha espera. Busquei forças para correr mais rápido e, quando olhei para trás, a distância havia aumentado demais. As máquinas haviam parado.

Seguiu-se o som do movimento mecânico dos canhões e logo dois disparos foram endereçados aos cavalos.

Os pobres animais e a carruagem explodiram; as ondas do impacto somadas à perda da esperança de um ponto de chegada fizeram-me desistir de dar mais um passo e desabei com Dolores.

Nada daquilo, nada daquele dia inteiro fazia sentido. E não havia meio de eu me dar conta disso. No entanto, quando a risada histórica de Dolores retornou e se juntou à distante e contínua investida de disparos de canhão, vieram lembranças de uma brincadeira que minha mãe fazia comigo na varanda de nossa primeira casa, na França.

Quantas estrelas você consegue enxergar agora? Seja, sincero. Conte todas que estiverem ao alcance dos olhos, sem mexer o pescoço.

Então, Dolores parou de gargalhar. Os disparos pararam. O som das máquinas também.

Com os ouvidos colados no chão, escutei os cascos de um cavalo que se aproximava.

Todos os sons retornaram, menos o de Dolores que, agora, sentada, secava as lágrimas de um choro doído.

Um alazão parou ao nosso lado.

– Venham. Subam rápido!

Pensei que fosse a voz do Arlequim, mas o sujeito estava trajado de modo muito distinto. Muito bem-vestido. Vestes escuras e uma cartola. Difícil descrever sua feição na penumbra.

Caberiam três pessoas em cima de um cavalo?

Subimos e ele atçou o animal.

– Tu és o príncipe? – foi a primeira coisa que Dolores lhe perguntou.

– Que príncipe? – ele indagou.

– O príncipe, és tu?

– Não sou nenhum príncipe, senhorita. Senhor... – ele falou mais alto e apontou na direção oposta de onde eu e o Arlequim viéramos.

– Encontrei tua mala em minha vinda, reconheci-a, fiquei feliz, mas temi pelo que poderia ter acontecido.

Dolores, sentada entre mim e o homem, virou o rosto em minha direção, tornando a perguntar se eu era o tal príncipe.

Resolvi dar uma resposta diferente:

– Sim, eu sou o príncipe.

– Tu és muito corajoso! E eu sou Dolores Valentim, muito prazer.

Pelas costas, ela apertou minha mão e fez o mesmo com o montador, para isso tendo de puxar-lhe a mão direita das rédeas.

Ele disse a ela:

– Não te lembras que já nos conhecemos?

A velocidade aumentou, Dolores segurou forte na cintura do homem e, com o rosto em suas costas, exclamou para ser ouvida:

– Penso que não!

Embrenhamo-nos num bosque, e o cavaleiro achou prudente reduzir o galope, antes de responder:

– Esta manhã, Rupert, este aí atrás, e eu fomos recebidos por ti na visita que fizemos a teu pai.

– Ah, sim, vocês... – ela disse.

– Benjamin?! – eu exclamei.

De repente, a voz dele soava como a de Benjamin.

– Senhor...

– Pensei que estivesses morto!

– Também pensei. Ao ver o estado de todos, pensei ter deixado este corpo para trás. Um fantasma, é como me senti naquela sala!

– Como está tua cabeça?

– Vai passar.

– Qual teu próximo objetivo, meu príncipe? – perguntou-me Dolores.

– Está tudo escrito para nós. Não fomos feitos para este país, minha querida, devemos partir.

Eu a confortei com um carinho nos cabelos, mas a verdade é que tive o impulso de segurá-los para pararem de esvoaçar no meu

nariz.

Benjamin atçou o alazão no fim do bosque.

– Se tivermos sorte – ele disse –, poderemos pegar o último trem noturno.

– Não será possível, Benjamin, vai com calma. Contanto que não nos sigam, poderemos viajar amanhã.

– É mesmo? Não há problema, senhor?

– Não. Mas, como eu disse, precisamos achar um lugar seguro.

Circundamos a baía, cavalgamos até a fronteira entre Cádiz e a cidade de San Fernando e tivemos de dormir o restante da noite em uma taverna e hospedaria velha conhecida minha da Ilha de León.

Fonte de toda a minha ira

– ORA, ORA, NÃO VAI APARECER – DISSE HORÁCIO.

– Quem sabe... Ele também demorou para subir – disse Benjamin.

Estávamos sentados na grama há mais de meia hora, sem que desgrudássemos os olhos do lago.

– Devem ter se refestelado – disse Kim Krupp, o guardião mais velho.

Ele estava dormindo até pouco tempo atrás. Assim que escutamos as portas correrem e o vimos sair de casa com seu sorriso corriqueiro estampado no rosto, tivemos que encontrar as palavras certas para dar-lhe duas notícias desagradáveis: a morte de Thubten, o décimo terceiro, e o suicídio de uma turista. Por consequência, ele ainda não encontrara disposição para nos deixar e ir fazer sua primeira refeição do dia, e também nem sequer meditara.

Por volta de vinte minutos após a queda da jovem, no fim do longínquo capítulo três, o pescador – que não somente se aventurara a trazer seu barco a um lago conhecido por servir de habitat a crocodilos, como também mergulhara para salvar a suicida – aparecera boiando no centro do lago, temporariamente colorindo de sangue um raio que quase alcançou nossa margem. Mesmo antes que aquilo que emergira se tornasse reconhecível como sendo o tronco do homem, Horácio ordenou que Ziyi voltasse para dentro de casa com o filho. Eu, Benjamin e Horácio ficamos ali, à espera de que o corpo da jovem também surgisse, fosse qual fosse seu estado; pois o do pescador não pôde durar muito tempo intacto: após Kim despertar, e enquanto ainda o informávamos sobre a turista,

avistamos as bocas de talvez três crocodilos subirem das águas, despedaçarem o corpo e levarem os restos para as profundezas – ato brutal que ao menos nos serviu como prova de que aquilo que a miopia de Kim o impedira de enxergar corretamente era de fato um corpo, e não uma peça de roupa que o vento havia de ter levado do varal de Ziyi, como ele teorizara.

– Acho que a água está ficando vermelha demais para que seja apenas o sangue dele – concluiu Kim.

Horácio concordou.

– Sabe dizer quão fundo é este lago, Kim? – perguntei.

– Até onde sei, nunca conseguiram chegar ao fundo. Deve passar dos cinquenta metros facilmente.

Não muito longe de nós quatro, em contraste com a morte, passarinhos criteriosos catavam palha ao pé de uma árvore para levar à construção de seus ninhos.

Considero curioso um detalhe na formação de meu corpo... Está em meu DNA a determinação de que pelos não devem crescer acima da primeira articulação dos meus dedos mindinhos. Nesses dois dedos, crescem pelos apenas abaixo da primeira articulação, enquanto pelos crescem abaixo e acima das primeiras articulações de todos os outros dedos. Foi justamente nesse local desfolhado, na mão direita, que de súbito senti uma pontada e vi uma gota de sangue começar a se formar através de um ferimento pouco maior que o furo de uma agulha de costura. Imaginei que pudesse ter sido obra de algum inseto forte e ligeiro. Levei o dedo à boca e suguei o sangue, depois pressionei a ferida contra meu ombro esquerdo, tirando proveito do tecido da túnica ser vermelho.

– Choverá – disse Benjamin.

– Sem a chuva, não seria um dia de morte... – murmurou Horácio.

– É bom, pois limpará o lago – disse Kim.

Conferi as nuvens e vi que no penhasco alguns monges ainda estavam no parapeito do mosteiro, olhando para baixo. De modo algum o suicídio poderia obscurecer o sentimento de todos pela perda do Dalai Lama, mas era improvável que eles diferissem de mim e não tivessem ficado chocados com o salto da jovem. Mas, a

bem da verdade, eu tivera um breve contato com ela no momento da foto no Hall das Três Religiões... E eu poderia tê-la feito mudar de ideia, caso soubesse de suas intenções.

– Estão vendo aquilo? – disse Kim.

À direita do lago, na seção do bosque em que se localizava o canal seco por onde se dava a passagem das águas que reformavam o rio nas épocas de cheia, surgiram dois cavalos atados a uma carruagem que, certamente com muita dificuldade, haviam trazido pelo caminho de pedras. Era mesmo de impressionar que tivessem conseguido vir por ali, uma vez que para lá da encosta o bosque transformava-se em floresta e o canal envergava-se por entre as fendas do súbito declive das montanhas que findavam no vale.

– Sim – dissemos. E ficamos todos de pé.

A carruagem parou na beirada do lago e de dentro da cabine saiu uma figura masculina peculiar, cujas vestes coloridas fariam frente a qualquer conjunto extravagante. Ele se agachou entre as pedras e vomitou, com incomum tranquilidade e compostura. Depois jogou algo escuro no lago, algum animal pequeno, um gato preto, talvez. Benjamin pensou noutra coisa:

– Aquilo é uma galinha?

O sujeito foi engatinhando por entre os cavalos, até chegar bem perto do lago, onde os dois animais já aproveitavam para saciar a sede.

– Parece-me um urubu – disse Kim; lembremos: Kim, o míope crônico. Era tudo menos um urubu!

A coisa demorou a afundar.

Bem ao lado do homem estava fincada a placa de alerta sobre crocodilos, mas ele foi mais um a ignorá-la: retirou suas luvas azuis e usou a água para lavar o rosto coberto de uma maquiagem branca e preta. Parecia um ator saído às pressas de alguma peça de teatro. Enquanto se limpava, revelando uma pele doente de tão pálida, ele pareceu assustar-se com algo que viu no lago. Enfiou por completo os dois braços na água e foi puxado bruscamente. Mas fez força contrária e suas mãos saíram segurando outras duas mãos, os braços e tudo o mais de um corpo intacto e esguio.

Ele trouxe a jovem para cima do gramado e, como se não bastasse para nós a surpresa de vê-la inteira, ela pôs-se de pé por conta própria e com bastante urgência.

Benjamin e Horácio suspiraram ao meu lado.

A jovem apertou as mechas do cabelo, para diminuir a quantidade de água, enquanto, ao menos ofegante, conversava com seu salvador. Ele a ouviu e disse algumas coisas, mas logo deu as costas para ir até a cabine da carruagem. Voltou com uma mala, da qual retirou trajes negros que pôs sobre o que já vestia. Fez uma mesura para a jovem, beijou sua mão e saiu dali de volta pelo canal seco, montado no cavalo que escolheu desatar da carruagem, o alazão.

Então a jovem veio correndo pela margem do lago, avistando-nos e acenando.

– Vá buscar toalhas – ordenou Horácio a Benjamin.

Benjamin não saiu dali, hipnotizado com o surgimento, como todos nós.

Quando a jovem se aproximou o bastante, vimos que acenava com um objeto dourado nas mãos, desejando que nós o víssemos. Contrariamente ao vigor demonstrado até então, assim que chegou até nós, abraçou-me com estranho afeto e desmaiou.

Benjamin foi e voltou com três grandes toalhas, acompanhado por Ziyi e Yee, mãe e filho, muito felizes por encontrarem a jovem deitada na grama.

Aquecemos o corpo dela e, enquanto não deu sinais de recobrar os sentidos, Horácio e Kim debateram quanto à impossibilidade de qualquer ser humano aguentar o tempo que ela aguentara debaixo d'água. Kim, que não havia visto o salto do mosteiro e não esperara pela volta da jovem tanto tempo quanto nós, questionou se poderíamos ter nos enganado quando dissemos que mais de vinte minutos tinham se passado entre o momento da queda e o momento em que ele se juntou a nós.

Yee se aproximou do rosto da jovem, decerto para tentar ouvir alguma respiração, o que coincidiu com sua volta; ela tossiu e quase deu com a cabeça no menino. Ele se distanciou, assustadíssimo, escondendo-se nos braços da mãe.

– Calma, calma – disseram Kim e Ziyi; esta para o filho, em mandarim, aquele para a jovem, que se sentava e ameaçava se desfazer das toalhas enroladas no corpo.

Ela parecia muito mais magra do que estivera há uma hora, quando nos vimos no Hall. O vestido branco estava alargado no peito e molhado, transparente por inteiro, de modo que ficava visível o tecido da anágua um tanto rasgado.

– Rupert – ela disse, com o maxilar tremendo desenfreadamente, e olhou para os guardiões mais jovens –, Benjamin e capitão...

Eu não me lembrava de ter-lhe dito meu nome. E pelas caras de meus companheiros, eles também não entendiam. – Eu te disse meu nome lá em cima? – perguntei.

– Não. Tampouco eu me apresentei. Mas você sabe meu nome. E vocês dois também.

– Quem você é, minha jovem? – perguntou Kim.

Não deu ouvidos a Kim; mostrou-nos um medalhão dourado que tinha ao redor do pescoço.

– É a única prova que tenho de que já nos encontramos antes.

Eu tomei o medalhão em minhas mãos e o abri, nada havia dentro dele.

– A senhorita tem ideia de quanto tempo ficou debaixo d'água?! – perguntou-lhe Benjamin.

Ela não respondeu, ficou apenas tremendo. Ziyi pediu ao filho que entrasse e trouxesse um chá bem quente.

– Não sei por que pensa que sei o seu nome... – disse Horácio. – Eu nunca a vi antes.

Ela prosseguiu:

– Imagino que eu possa avisá-los do que está por vir e, quem sabe, evitar o que há de pior.

– *Nǐ wèishéme bǎ tā ne?!* – exclamou Ziyi, indignada.

Horácio traduziu:

– Ela está perguntando por que você se jogou lá de cima.

Ela olhou para a chinesa, mas novamente não deu resposta.

– Precisam todos – disse para nós homens – ficar alertas aos perigos no percurso dos rios. Especialmente você, capitão. Algo

inexplicável aconteceu após a descida do astrônomo. E tenham cuidado com o astrônomo.

– Que astrônomo?

– Por que me chama de capitão?

Ela abriu o medalhão e, com o dedo trêmulo, nos direcionou a atenção a uma pequena circunferência gravada na parte de dentro, circunferência não formada por uma linha, mas pelas letras cursivas do nome *Johannes Kepler*.

– Ele me fez prisioneira e abandonou a todos.

Imbuída de algum sentimento não manifestável, ela pousou os olhos em Kim e encontrou algum desafio, pois não os tirou dali até que ele se ensimesmou na sisudez e se fez cabisbaixo.

Não vimos os traços de água que começavam a cair, tampouco os sentimos na pele, mas logo o som inconfundível da precipitação e do vento encontrando o aglomerado de vãos do bambuzal crescido ao redor da casa nos fez cientes da chuva.

Também não vimos nenhum sinal de discórdia ou irritação por parte de Kim (sabidamente o mais destemperado dos três guardiões), embora eu, talvez devido à sensibilidade que adquiri com os anos de meditação e prática do pensamento budista, tivesse sentido vir de fora, como se a pairar no ar, uma mistura de aversão injustificada e descontentamento. Um prenúncio.

Quando a chuva engrossou e caiu abundante, o velho guardião lançou-se raivoso no pescoço da sobrevivente.

O Príncipe da Dinamarca

E U JAMAIS PODERIA IMAGINAR QUE KEPLER estivesse tão fortemente determinado a manter o mistério do conteúdo do presente que lhe fora dado pelo imperador até vê-lo largar tudo o que tinha em mãos, passar por entre Benjamin e eu e lançar-se como um tigre ou um coelho – comparação mais apropriada ao tamanho de sua ameaça – de encontro à naufraga, há pouco dada como morta, mas que, num momento de distração de nós homens, pusera-se de pé e, antes de qualquer coisa, fora desfazer o laço do embrulho.

Kepler conseguiu capturar o presente e logo fez um nó com a fita.

– O que estavas pensando, mulher?!

– Quem és tu? – perguntou Benjamin.

– É, quem és tu? – perguntou Kepler.

– Pensávamos que tivesses morrido! – disse Benjamin.

– Meu nome é Dolores Valentim – ela disse. – E era essa a minha intenção, quando pulei... morrer.

– Então pulaste por conta própria? – disse Kepler.

– Sim.

– Quando te vimos, não parecias decidida a afundar. Estavas gritando por ajuda.

– Não acho que todos os suicidas sejam convictos até o fim – disse Dolores. – ...é que a maioria não tem chance de voltar atrás.

Para o desgosto de Kepler, Dolores sentou-se com o vestido encharcado no sofá.

Ela continuou:

– Assim que abri a boca para engolir de uma só vez a maior quantidade de água possível, só engoli ar, porque... não sei como explicar, afinal me lembro de estar bem no fundo... de um segundo para outro abri os olhos e eu já estava na superfície.

– Mas saiba que engoliste bastante água – disse Benjamin. – Engoliste o suficiente para teres morrido, como foi o caso. Não havia pulsação em ti.

Sem precisar dizer uma palavra, Kepler se aproximou do sofá e, pondo uma mão na marca de água que se expandia pelo estofado a partir do traseiro de Dolores, deixou claro seu incômodo. Ela se levantou.

– Sou muito grata por me terem salvado, cheguei a ver este navio e gritar, mas não pensei que fossem me notar ali...

– Pulaste de outro navio? – perguntei.

– Não pulei de navio nenhum, pulei de um penhasco.

– Que penhasco? O mais próximo daqui fica a... Sabes de algum, Benjamin?

– Dos que sei, nenhum dá no rio, senhor.

– Já estamos fora de Praga – salientou Kepler.

– Praga...? – murmurou Dolores, finalmente tremendo de frio.

– Aliás – Kepler apontou para as coisas que havia retirado da bolsa e colocado sobre uma mesinha –,...encontramos um caderno em tua bolsa que diz teres nascido na Ilha de León, na Espanha.

– Sim, aquele é meu passaporte.

– És da Espanha? – indagou Kepler.

– Sou.

– O que é um passaporte? – Benjamin levantou a questão.

Fora uma pergunta pertinente, pois eu também não entendera o que ela falava, e Kepler tinha no rosto uma expressão interessada pela resposta.

Dolores quase riu.

– Como posso traduzir...? É um passe de viagem. Quando saem do país, não precisam de nenhuma identificação?

– Nem sempre – respondeu Benjamin.

– Strauss – disse Kepler –, vá procurar alguma roupa seca que ela possa colocar no lugar destas.

Benjamin ficou mais uns segundos conosco, observando, intrigado, a sobrevivente, até desgrudar os olhos e sair.

– Vocês são engraçados, sabiam? – disse Dolores.

Kepler seguiu com o que queria falar.

– Seu *passé de viagem* diz que nasceste num ano de 1910. Que calendário é esse?

Ela se delongou em pensar.

– Que calendários vocês conhecem? – perguntou-nos. – Ou melhor... a América do Norte foi descoberta em que ano?

Kepler olhou-me, estranhando a pergunta, mas respondeu:

– Em 1492.

– E que calendário é esse?

– Gregoriano.

– Então nasci no gregoriano.

Fiquei atento à reação de Kepler, mas ele pareceu desconsiderar o que foi dito. Só demonstrou algo próximo de surpresa quando Dolores, com a maior naturalidade, perguntou:

– Em que ano estamos?

Para não rir, Kepler pigarreou e cruzou os braços, não vendo sentido algum em responder a tal estupidez.

Não esperei o silêncio se estender além da conta; respondi eu mesmo:

– 1604.

Ela arregalou os olhos, riu e teve o interesse de melhor observar a sala.

De repente, colocou os olhos em mim e mediu-me dos pés à cabeça.

– *Você...* – ela me disse numa voz estranha. – Também você se jogou.

– Como?

– Não vê que ela decidiu nos fazer de idiotas?! – exclamou Kepler.

Mas há pouco ela estava morta! Só podia existir uma explicação para isso... Decidi então perguntar abertamente o que havia de ser uma questão que também passava pela mente de Kepler, embora ele

pudesse recriminar esse pensamento; tentei aplicar um tom irônico na voz:

– És uma bruxa?

Uma vez mais ela riu, efusiva, irritante. Era uma risada quase idêntica à de minha esposa, Dolores Gifford.

Ela deu sua resposta quando Benjamin retornava:

– Não sou nenhuma bruxa.

– Não? Bom saber! – disse Benjamin. – Eu estava pensando em perguntar-te isso. Encontramos coisas inexplicáveis em tua bolsa. Mas, falaremos disso num instante. Primeiro, vista esta roupa. Aliás, não nos apresentamos ainda. Eu sou Benjamin Strauss. Este aqui, ele se apresentou? Ele é Rupert. E este, como deve ter percebido, é Kepler.

Dolores não dirigiu o olhar para o astrônomo, apenas conferia as vestes que Benjamin trouxera.

– Importas-te em vestir isto? – perguntou Benjamin. – Não há outra mulher a bordo. Mas são roupas muito limpas e bem costuradas. São minhas, eu mesmo as costurei.

Dolores pediu a mim e a Kepler que nos virássemos para que ela pudesse se trocar; mas permitiu que Benjamin a observasse. Vestida, nos viramos de volta. Em comparação às vestes que usávamos, próprias para o frio, o conjunto que Benjamin trouxera era leve e pouco capaz de aquecê-la, mas de longe muito melhor do que o vestido fino com que ela caíra na água. Adequadamente, Benjamin escolhera uma de suas costuras mais extravagantes, que acabou por se tornar afeminada no corpo da jovem: um colete cáqui, uma casaca de seda cor de salmão, de mangas longas e largas, uma calça de algodão que ficou muito larga, mas oculta sob um saiote amplo e marrom, ornamentado com fitas vermelhas e púrpuras. Dolores confundiu-se e pôs o colete sobre a casaca, Benjamin quase interveio pela correção, mas acabou se surpreendendo e disse que daquele jeito ficara belo, uma composição talvez inédita. Ele aproveitou para ir além:

– Isto aqui deveria ser usado de outro modo... mas vejamos...

Ele colocou um lenço com listras brancas, vermelhas e amarelas ao redor do seu pescoço.

– Assim fica bom, não achas?

Apesar de tudo, ela continuava bela. E mais atraente que qualquer donzela bem vestida de Praga... Sinto em dizê-lo, até mesmo mais desejável que minha Dolores. Ela se observou no espelho acoplado à cômoda em que encontrara o presente do imperador. Por sinal, pensei em perguntar-lhe o motivo de tão logo ter se interessado em desvendar o embrulho. Mas Kepler tinha curiosidades mais urgentes.

– Como nos explica este estranho aparelho?

Kepler fez sinal para que eu lhe levasse o referido. Levei também a bolsa.

– Ah, sim. É uma câmera fotográfica – ela disse.

– O que ela faz? – perguntei.

– Figuras, retratos. Você aperta este botão – ela se aproximou e, sem retirar a câmera da mão do astrônomo, apertou o botão –, o *flash*, que é a luz que vai piscar, fortalece as cores e... – Kepler fechou os olhos – ...pronto, este momento está gravado para sempre.

– Como inventaste isto? – inquiriu Kepler.

– Outras pessoas inventaram, eu comprei.

– Onde?

– Em Hamburgo.

– É para onde estamos indo! – respondeu Benjamin.

– Sabes explicar como funciona? – perguntou Kepler.

– Isto aqui... conseguem ver? Isto é como um olho. Quando apertamos o botão, o olho se abre e deixa a luz entrar brevemente. Depois disso, não sei direito, mas o que entra é gravado num rolo.

– Então é como a *cámara oscura* de Aristóteles – disse Kepler.

– Deve ser – concluiu Dolores.

Kepler pegou a bolsa de minha mão e retirou tudo o que restara. Um livro de capa dura, uma carteira e um livreto. Olhei para Dolores, esperando vê-la um pouco contrariada por ter os pertences inspecionados, mas ela estava uma vez mais conferindo o visual do modelito no espelho. Kepler folheou o maior livro e o descartou em mim. Na lateral estavam os números um, nove, três e zero, dourados; também o nome Oscar Wilde e o título, *The Picture of*

Dorian Gray. Na carteira, Kepler encontrou um punhado de pedaços de papel retangulares e coloridos, a maioria avermelhada, com letras do oriente e um desenho de um templo na frente, atrás havia o número cinco e os trechos em inglês, *Bank of China, five Yuan*.

– O que significa *Yuan*?

– Moeda do povo, em mandarim... Ai! Tenha cuidado com isto, por favor.

Dolores referiu-se ao livreto que Kepler agora tentava abrir.

– Ainda não terminei de ler.

Era o item mais molhado da bolsa, as páginas estavam todas coladas, a brochura fragilizada, o nome do autor ilegível. As letras do título eram vermelhas: “A Muralha da China”^{*}.

– Franz, o quê? – disse Kepler.

– Franz Kafka – ela disse.

Benjamin sugeriu:

– Podemos colocar o livro sob o sol, se amanhã ele aparecer. Agora, senhorita, faze o favor de sentar-te e explicar direito o que te fez chegar aqui.

– Já expliquei.

– Não o suficiente. Vai ao início. Por que te jogaste? Onde fica esse penhasco?

– Nada que eu fale vai adiantar, especialmente a verdade.

– Pois falarás mesmo assim – disse Kepler. – A curiosidade sanada pode compensar a total falta da razão de te darmos abrigo.

– *Bien! No vas a creer en nada* – resmungou Dolores. – Escolhi me jogar do alto de um templo, e o templo fica preso a um penhasco. Eu sabia que era alto o bastante...

– Onde fica esse penhasco?

– Antes de me jogar do templo, enquanto eu conversava com meu mestre, ouvi uma voz vir de uma das três estátuas que ficavam ali do lado. Ela me dizia que existia um lugar especial abaixo de mim, ao pé do penhasco; um lago que servia de lar para um dragão e de portal para todas as pessoas de bom coração que estão perdidas.

– Lar de um dragão? – disse Benjamin baixinho, claramente fascinado.

– Estás querendo dizer que te jogaste num lago e vieste parar num rio?

– Sim, exatamente isso.

– E podes dizer onde é esse lugar?

– A milhares de quilômetros daqui, na China.

– E a voz? Como era ouvi-la? – perguntou Benjamin. – Ela não disse mais alguma coisa?

– Disse. Ouvi-la é como ouvir um pensamento, mas um pensamento que não é seu; você não sabe que palavra vem em seguida, elas simplesmente vão surgindo uma atrás da outra... Essa voz depois seguiu, dizendo...

– Era a voz de um homem?

– Deixe-a continuar! – exclamei.

– É impossível dizer – respondeu Dolores. – Como não está ligado à audição, não dá para saber...

– Continue – disse Kepler.

– A voz falou que, se era realmente aquilo que eu tinha decidido fazer, que fizesse naquele lago, pois era o único lugar do mundo onde minha essência poderia ser avaliada e, se julgada merecedora, enviada aonde tivesse melhor proveito. Pensei no céu, no inferno, mas... Se eu soubesse que o passado era uma opção, teria firmado meu desejo no século dezanove.

Benjamin olhou-me, confuso, e murmurou:

– Eu nunca imaginei que isto fosse possível... Será que existem outros portais?

– Estão mesmo acreditando nesta história? – perguntou Kepler.

Eu estava. Por que duvidaríamos? Mas só Benjamin assentiu à pergunta.

– Você viu meus documentos – disse Dolores a Kepler. – Eu só nasci daqui a trezentos anos.

– Sei que estás mentindo, pois não me pareces nem um pouco surpresa de ter viajado no tempo – argumentou Kepler. – No teu lugar, eu estaria maravilhado.

– Fui diagnosticada com esquizofrenia; acostumei-me a ouvir vozes. Foi para morrer que me joguei daquele lugar! Não pense que acreditei gratuitamente no que as *estátuas* me disseram sobre o lago, eu sabia que era mais provável que fosse minha cabeça fantasiando sobre o meu fim e forjando o que poderia vir em seguida. Fiz do lago um purgatório, para que eu não temesse, para que não acabasse desistindo de me jogar. Todos sabem que não há um dragão lá no fundo, são só crocodilos. É mais provável que eles tenham me devorado e agora eu esteja nas trevas... ou então, se este é o céu, é bem menos do que se deseja.

Kepler ficou mudo, interpretei em seus olhos o que se passava em minha mente: *Que mulher erudita, bela e inteligente!* Não sei se ele de fato pensava assim, mas eu nunca tinha visto uma mulher falar tanto sem lhe ter sido entregue o roteiro de uma peça.

– O que é esquizofrenia? – perguntou Benjamin.

Dolores não quis responder. Levantou-se, à procura de alguma coisa.

– Quero que me dê uma prova contundente de que vieste mesmo do futuro – disse Kepler.

– Dou agora mesmo. O que é aquilo?

Aproximou-se de um objeto sobre a maior mesa da sala. Kepler foi até ela.

Era feito de madeira e não muito grande, poderia ser tomado como um objeto decorativo. Os detalhes importantes se encontravam dentro de uma semiesfera.

– É um modelo para o cosmo, representa a harmonia geométrica que descobri há alguns anos.

– E essas coisas?

– São os planetas em suas órbitas. Aqui está Júpiter.

– Seria pedir muito que me explicasse todos os detalhes?

– Hum. Bem... Começou quando me dei conta de algo que por muitos anos me passara nas sombras: Saturno é duas vezes mais distante do Sol do que Júpiter. Obviamente haveria de existir uma explicação para isso, e também para a distância de cada um dos outros planetas. E por que eram seis deles? Não mais que seis, nem menos que seis. Pensa em geometria. Uma coisa que tu talvez não

saibas é que, em três dimensões espaciais, existem apenas cinco sólidos regulares, os chamamos de platônico-pitagóricos. Eles são os únicos sólidos tridimensionais que podem ser formados se utilizarmos apenas um objeto bidimensional; se usarmos triângulos, ou apenas quadrados, ou somente pentágonos. Utilizei os cinco sólidos perfeitos. Aqui está um cubo entre as órbitas de Saturno e Júpiter; uma pirâmide entre Júpiter e Marte; entre Marte e a Terra, um dodecaedro, que são doze pentágonos encaixados uns aos outros; entre nós e Vênus, um icosaedro, formado por vinte triângulos equiláteros; e, por fim, o octaedro, um sólido de oito triângulos equiláteros entre Vênus e Mercúrio. Os cálculos combinaram perfeitamente, a distância entre cada um dos planetas justifica-se pela utilização de princípios geométricos; a sobreposição de figuras, como no caso de uma boneca russa. Esta é a assinatura divina.

– Tenho de admitir que é impressionante – disse Dolores. – É de se admirar que tudo se encaixe tão perfeitamente.

– Ele é um geômetra.

– Quem?

– Deus.

– Ah, sim... Olha, não quero desanimá-lo com o que vou dizer, nem menosprezar um trabalho tão inspirador, dedicado e... determinado...

Kepler a interrompeu com o que me soou como uma provocação:

– Não ficaste sabendo deste modelo em teu futuro?

– Certamente soubemos, seu nome não me é estranho, mas... isso está errado.

– Errado? Como ousas?!

– É que descobrimos que existem outros planetas em nosso sistema solar. São nove. Mas aqui você parou em Saturno. Agora lá fora também estão Urano, Netuno e Plutão. Plutão é um planeta bem pequeno.

– Parabéns por escolheres esses deuses tão rapidamente, perspicaz da tua parte, logo vemos que entendes de mitologia. Mas, com isto não provas nada.

– Senhor – disse Benjamin –, pergunte a ela sobre o que descobriu semana passada.

– Boa ideia, Benjamin. Pois então, senhorita, em sua época, o que os estudiosos dizem sobre as órbitas?

– Como assim o que dizem?

– Qual o formato delas?

Dolores respondeu com muita naturalidade:

– São quase circulares... como chamam? São ovais. Elipses.

Eu e Benjamin não tiramos os olhos de Kepler, esperando por alguma ação de quem se vê vencido e ferido.

Certa de que o silêncio do astrônomo significava que ela conseguira provar suas alegações, Dolores se deu por contente e até bateu palminhas.

– Ou és do futuro – disse Kepler –, ou mesmo uma feiticeira, capaz de ler meus pensamentos. Mas o mais provável seria que estes dois a conhecessem e tivessem tramado alguma coisa contra mim.

– Senhor...

– São muitas opções – disse Dolores, agora também ela com ar de deboche. – Vejo que tem um pensamento rápido. Mas também é paranoico!

– Vê como falas com ele! – exclamou Benjamin.

– Nenhuma mulher se atreveria a falar desta forma contigo, senhor. Isto há de ser mais uma prova. Talvez no futuro elas sejam mais acostumadas à falta de bons modos.

Dolores voltou a falar:

– Se já não bastasse um aparelho de tecnologia avançada, você ainda encontrou dois livros. São os únicos exemplares que poderá encontrar no mundo escritos por estes dois homens. Wilde nasceu em 1854, e Kafka em 1883. Eu adoraria dar mais provas e responder a qualquer pergunta que tiverem, mas estou faminta.

Kepler aceitou findar o confronto e pediu-me que fosse falar aos cozinheiros que era dever aprontar o jantar imediatamente.

Dolores teve a permissão de desfrutar da mesma refeição que nós, mas à distância. Enquanto ela jantou próxima às janelas que davam para o nível do convés, numa mesinha quadrada, sendo

vigiada por dois dos marinheiros mais encorpados, sentamos nós três e o capitão Horácio Wooland na maior mesa. Durante o jantar, Kepler demonstrou preocupação, e senti que não olhava para nós dois com a mesma intimidade de sempre, embora, quando questionado sobre a hipótese que levantara de conhecermos Dolores, garantisse que era uma loucura, uma brincadeira; disse que não teríamos a capacidade de articular um plano tão bem executado, no qual Wooland precisaria saber a rota a tomar para irmos ao encontro de Dolores – e ela, afinal, todos viram, afundou por muito tempo. A isso, o capitão, uma das tardias testemunhas do afogamento, demonstrou muita curiosidade: tínhamos avaliado corretamente o óbito?

– Peço-te que passes a considerar a possibilidade de ela estar falando a verdade – disse Benjamin. – Se não puderes aceitar isto, que aceites então que é uma bruxa! E ponto final.

– Estou ponderando as duas opções, Strauss.

Terminado o jantar, sentamos ao redor de uma mesa da sala de estar e tivemos uma conversa com Dolores. Wooland foi convidado a participar, e Kepler se mostrou mais interessado, pois fazia perguntas específicas e ouvia as respostas com uma expressão parecida com a do capitão – que não conseguia esconder quão crente estava naquilo tudo.

O capitão perguntou sobre o que sucedera aos espanhóis e portugueses após suas expedições ao Novo Mundo, e ficamos sabendo que havia tantas terras do outro lado do planeta que, juntas, formavam continentes maiores que a Europa. Kepler perguntou sobre o andamento do Império Sacro Romano-Germânico e a isso teve a inesperada resposta de que ele não mais existiria em 1933. Estaria lá parte dele, nomeada Alemanha, separada de conquistas e rancorosa por mais outras razões. Dolores contou-nos de um conflito mundial conhecido como Grande Guerra; depois nos falou com parcimônia, imbuída de aparente falta de conhecimento e, quem sabe, inventividade, sobre uma revolução de máquinas que ocorrera dali a duzentos anos e mudara toda a economia e produção de mercadorias; segundo ela, existiriam máquinas a vapor e eletricidade. Só a interrompemos quando falava sobre atos

sanguinários de líderes muito conhecidos; ela acabou citando a rainha Maria.

– Disto já sabemos bem – disse Kepler. – Falaste de máquinas. Pergunto-te: alguém descobriu como fazê-las voar?

– Sim! Descobriram. Essas máquinas são conhecidas como aviões.

Foi a notícia que mais agradou ao astrônomo.

– E como funcionam?

– Não sei explicar muito bem. Têm asas, hélices, turbinas e motores potentes. Motores são máquinas de combustão, geram a energia necessária.

– As mulheres do futuro são inteligentes – comentou Wooland.

– E usam estas máquinas para ir a qualquer lugar? – prosseguiu Kepler.

– Sim, basta que haja um lugar plano onde pousar. Mas também existem aviões capazes de pousar na água.

– Incrível! – murmurou Wooland.

– Conseguiram chegar à Lua? – perguntou Kepler.

– À Lua?! Não... – ela respondeu.

Ele murchou.

– Mas talvez fique feliz em saber que continuam sonhando com isto. Um físico do Novo Mundo descobriu que foguetes podem impulsionar objetos a alturas inimagináveis.

Isso fez Kepler pensar e aquietar-se por um tempo. Aproveitei o silêncio para tirar minha principal dúvida:

– Por que desejava abrir o embrulho que encontraste ali na cômoda?

– Ah, aquilo... Acordei com alguém sussurrando ao pé do meu ouvido. Mas não havia ninguém, vocês estavam longe. Depois ouvi claramente, mas vocês estavam quietos... então percebi que era o embrulho que me chamava.

– *Chamava-te?* Tu ouves um bocado de vozes – disse Benjamin.

– Compreendes que assim fica difícil não pensarmos que és uma bruxa, ou, no mínimo, perturbada? – eu disse.

– O que dizia o embrulho? – perguntou Benjamin.

– Não eram falas direcionadas a mim, embora eu tivesse a impressão de que fossem. Era um monólogo... Lembro-me de falar do sangue de Cristo e perguntar o que alguém pretendia. Iria este alguém chorar? Iria lutar? Beber um rio? Comer um crocodilo? Era o que dizia.

Ouvi-la era como ouvir uma criança relatando ter visto um duende nu ou algo que o valha, tamanha a insanidade. Kepler parecia ter retornado à descrença. Benjamin... bem, Benjamin era naturalmente receptivo a qualquer tema desta vida e, agora, pensativo, devia estar no mínimo ponderando as possíveis relações entre crocodilos e Cristo.

– Que tal embrulho é este? – perguntou Wooland.

– Um presente que me foi dado pelo imperador.

– Ainda não sabemos o conteúdo – eu salientei.

– Kepler quer esperar até a viagem se encher de tédio – disse Benjamin.

– Sim, o mistério... – assentiu o capitão. – É bom preservá-lo, se houver a possibilidade de findá-lo. É o melhor combustível para qualquer atividade. Para o cotidiano dos mares, vejo assim: o mistério é o horizonte, a linha do horizonte, interminável, constante, provocativa; para todos os lados.

– Pois abriremos agora – concluiu Kepler.

– Agora?! – exclamou Benjamin.

Kepler revelou que escondera o presente debaixo do sofá. E quando o trouxe novamente à vista, Dolores começou a recitar – como se possuía de um espírito, os olhos vidrados num ponto vazio:

– Vamos lá, sente-se aí e não se mova. Não vai sair daqui antes que eu a ponha diante de um espelho... onde veja a parte mais profunda de si mesma... Eu estou ouvindo de novo! O rei da Dinamarca faz um apelo premente para que... visto e conhecido o conteúdo da carta, sem qualquer outra deliberação, grande ou pequena, seja dada morte aos portadores.

– Céus... – sussurrou o capitão. – O que esta mulher tem?

Pois não havia mais necessidade de mistério, dentro do embrulho estava um bloco de folhas de papel e nada mais. Kepler leu para si

uma folha avulsa e depois leu para nós:

– Meu caro, se te conheço bem, estás lendo minhas palavras após terem se passado muitos dias de viagem, no momento em que achaste adequado saciar a curiosidade e o torpor de uma viagem carregada de tão poucas boas companhias com que possas travar as conversas de que tanto gostas. Aliás, é por isso que escolhi o capitão Wooland; espero que estejam se entendendo.

Kepler fez uma pausa. Pensei que fosse dirigir um olhar ao capitão, mas continuou:

– Quanto a este presente, é o mais recente conto de seu adorado, o maior deles. Poucos meses se passaram desde que foi dado o ponto final à última cena, mas meus bons contatos e preciosíssimos devedores encontraram meios de trazer-nos esta joia. Ela promete ser cobiçada. Eu mesmo a li e posso afirmar. Passo-a às tuas mãos com honra e o mais humilde desejo de que simbolize minha gratidão por todos os conselhos e noites mal dormidas que dedicaste a mim e, por conseguinte, quando não diretamente, a este reino. Desfrutarás desta tragédia antes mesmo que circulem as notícias de que foram planejados os ensaios para a estreia no Globe de Southwark, por isso não te tortures muito com a ansiedade que, sei muito bem, nascerá, pois te garanto que, até chegar a noite da primeira apresentação, tempo por demais terá de passar. Até breve. Não te apresses, lê aos poucos.

O frontispício trazia uma figura de pequenos anjos entre ramos e flores e, acima, o título: *The Tragicall Hiftorie of HAMLET, Prince of Denmark. By William Shakespeare.*

– Hamlet... – disse Dolores. – Conheço a história. Posso contar-lhes o fim, e nenhuma dúvida restará sobre o que venho dizendo!

– É uma boa ideia! – disse Benjamin. – Se acertares, será impressionante. Além do imperador, poucas pessoas devem ter lido.

– E quanto ao prazer da leitura?! – exclamou Kepler.

Argumentei:

– Só estragaria a leitura se ela acertasse. E se ela acertasse, teríamos outro prazer, uma verdadeira viajante do tempo.

– Se fosse este o caso, Rupert, então já a teríamos agora...

– Concordo. Por mim, já temos.

– Conte a mim, ao menos – pediu Benjamin a Dolores. – Quero poder conferir. Não te direi coisa alguma, senhor.

– Não! – exclamou Kepler. – Por favor, não digas. Espera que eu termine de ler... talvez amanhã, ou depois...

– Vou esperar que termine a leitura, senhor – disse Dolores.

Kepler fez com que nos fosse servido chá e, após um ataque de perguntas que Wooland tinha sobre o Novo Mundo, Dolores veio sentar-se ao meu lado, trazendo no rosto uma feição que me fez imaginar que fosse seu desejo segredar-me algo.

– Também não quero que me contes – adiantei-me –, tenho muito gosto pelo teatro e pretendo assistir a essa peça.

– Eu estava mesmo pensando em lhe contar, mas não é sobre isto que venho falar agora. Antes de me jogar do penhasco... enquanto eu ouvia as estátuas... me encontrei com você.

– Comigo?

– Sim. Você estava lá, de passagem, e veio falar comigo... Pensei que você também tivesse se jogado no lago e por isso estivesse aqui. Com a máquina que veio em minha bolsa, posso lhe mostrar que de fato esteve comigo naquele templo. Eu o fotografei! Só preciso encontrar algum jeito de revelar o filme...

Dolores afrouxou o lenço posto ao redor do pescoço e bebericou o chá.

“Havia algo de terrível e diabólico em sua recusa em morrer.”

– EI! EI! KIM!

Saiba, não tínhamos o costume de acompanhar as passagens ritualísticas que o calendário nos impunha, nem mesmo quando se tratava de nosso próprio aniversário, assim era comum não termos na ponta da língua a nossa idade e a dos outros. Aceitávamos isso do mesmo modo com que tomávamos como desnecessários os relógios. Em dias nublados, em que o sol não podia nos ditar as sombras, era quando víamos quão ordenados pela disciplina e pelos costumes estávamos, pois, quando se avizinhava o instante do anúncio da meditação ou das refeições, conseguíamos pressentir o som que estava por vir dos dez tambores centrais. Semelhante a essa sensibilidade, quanto à idade, podíamos apenas imaginá-la ao julgar a aparência de cada um; a idade de alguns acabávamos sabendo, de outros imaginávamos, e da maioria não importava... Eu sabia a idade exata de Benjamin, por exemplo, uma conta simples, pois não era fácil esquecer que fora após o início da Grande Guerra que ele partira, aos dez anos, de sua cidade natal na Inglaterra. Horácio, eu apostaria com segurança que tivesse lá seus quarenta anos, uns a mais ou a menos, pois envelhecíamos na mesma toada desde o dia em que ele cruzou meu caminho e guiou-me pela neve até o templo. Mistério para todos nós, porém, era o nascimento de Kim Krupp, o terceiro guardião. Quando, na adolescência, conhecemos o vale e o mosteiro suspenso, ele já aparentava ter passado dos sessenta anos de idade; nenhum fio de cabelo escapava ao branco, rugas surgiam e a pele começava a sobrar aqui

e acolá. O definhar prosseguira no acinzentar dos olhos azuis, na morte das sobranceiras e, agora, no cansaço e na cautela com os quais ele se locomovia – mesmo que sua jornada fosse apenas da sala ao banheiro. Era de imaginar que estivesse próximo dos noventa anos, tendo assim nascido nos anos quarenta do século dezenove. No entanto, se confiássemos nos relatos de sua história – como o de ter previsto em sonho o terremoto ocorrido na Galileia em 1837; ou quando dizia ter sido um dos primeiros fãs de Oliver Twist e nos mostrava as edições que com muito carinho guardara da revista literária *Bentley's Miscellany*, em que haviam sido publicados em forma de folhetim os capítulos da obra conforme Dickens a escrevia –, sua idade teria de já ter passado dos cem. Seja como for, o fato é que ele não podia, de modo algum, dispor do vigor e da brutalidade que agora nos demonstrava.

Talvez por considerar a intempérie um aliado, foi a chuva ter início para ele agir: apesar da aparência cadavérica, rapidamente se distanciara de nós, levara a jovem sobrevivente pelo pescoço e a empurrara com toda a força na direção da casa, fazendo-a cair no limiar de gramado e terra lamacenta. Ela quase bateu a cabeça no desnível para a varanda.

– Kim! – gritei novamente, sem ainda ter percebido que era eu o único surpreso. Corri ao seu encontro, e ele me recebeu com uma cotovelada no queixo, certa para o meu desmaio.

Retomei consciência menos de um minuto depois, imagino. A chuva já estava mais forte, o que infelizmente tornava impossível que lá do templo algum monge avistasse o que se passava aqui embaixo. Pus-me de pé e vi, a alguns metros atrás de mim, Ziyi agachada, chorando nos braços do filho a consolá-la, ambos olhando para uma cena da qual os urros de prazer da voz caquética de Kim e os gemidos de desprazer feminino deveriam fazer chorar e necessitar de consolo primeiro o filho, não a mãe. Os trapos brancos da sobrevivente foram rasgados da cintura até os pés para que o velho pudesse penetrá-la. A princípio, não notei quão surpreendente era aquela demonstração de centenária virilidade, em vez disso buscava pensar em alguma motivação que justificasse o ato do guardião. Lembrei-me de que a jovem saía do lago encharcada e

que uma das coisas que tinham me chamado os olhos, além dos ferimentos na pele, fora a falta de uma roupa de baixo. Não que eu tenha pervertido meus modos e direcionado olhares ao que não devia; eu só a ajudei a se recompor, cobri-a, fui atencioso o bastante para acabar notando que embaixo da anágua de seu vestido a genitália estava toda descoberta. Doravante despido de parte da santidade que me cabe, devo acrescentar que, encharcado como o vestido estava, não creio que alguém em meu lugar teria deixado de também perceber que os volumosos seios da jovem, com frio, se eriçavam de modo bastante provocativo. Agora que tenho tempo para demonstrar minha memória proustiana, melhor avalio o que se passou e asseguro ao leitor que o melhor a concluir é que Kim também percebera toda essa sensualidade e expusera o desejo que eu, e certamente também Benjamin, possuíamos adormecido dentro de nós. Horácio, fornicador diário de Ziyi – a única bela mulher que se podia encontrar no interior de Datong, ao menos sem transpassar ou se distanciar muito da Grande Muralha –, era o único de nós refreados seguramente isento a esse arroubo. Contudo, nossos desejos e abstinências não eram capazes de explicar o que veio em seguida. Kim, sem parar o frenesi de seu quadril, começou a estrangular Dolores com uma mão enquanto com a outra a imobilizava pelos braços. Pelo grunhido da jovem, o aperto poderia asfixiá-la a qualquer momento.

Eu teria corrido para findar o absurdo, mas algo me atrasou: Horácio e Benjamin conversavam sob a chuva; este cochichou no ouvido daquele, aquele riu e respondeu no ouvido deste, que não riu, assentiu com a cabeça e disse algo apontando para Ziyi e Yee. Horácio foi até a mulher e o filho e os abraçou, um beijo na testa dela, um esfregão na cabeça dele, depois um forte puxão nos cabelos dos dois para desse modo arrastá-los para longe. Os cabelos de Yee eram mais curtos e ele conseguiu soltar-se e vir correndo em minha direção. Benjamin fez menção de pegar o menino, mas desistiu e deixou que ele viesse. Nesse ínterim, Horácio não se distraíra com a fuga do filho, continuou puxando a esposa pela grama e, à beirada do lago, com um chute, a fez cair na água. Yee parara para ver a mãe sendo jogada, e parado ficou, olhando o pai

retornar para pegá-lo; desistira de chorar e não deu trabalho algum, foi com o pai no colo, choroso, mas complacente.

Um grito de dor me chamou a atenção de volta ao estupro. Dirigi-me a Kim, mas bastou a intenção de interromper a covardia para que Benjamin me empurrasse de volta ao chão. Horácio veio a mim, socou-me o rosto diversas vezes, enquanto Benjamin segurava-me os braços para trás. Kim havia de ter alcançado o orgasmo ou, então, a tentação de bater em conjunto com os outros guardiões se fez maior. Ele deixou a jovem e veio estrangular-me. Seu rosto indicava tremendo empenho, não obstante eu respirasse tranquilamente. Decerto, minha respiração passar incólume o surpreendeu; ele olhou para os outros dois, e a sensação que tive era de que podiam comunicar-se por suas mentes ou, então, haviam planejado tudo antecipadamente, pois Benjamin e Horácio assentiram e agiram da seguinte forma: um de cada lado, abriram meus braços e quebraram meus dedos, um por vez. Quem dera uma dor aqui anulasse outra ali, mas descobri que se somam. Os polegares foram os mais dolorosos de perder. Mas não gritei, pois uma coisa que Kim conseguia com seu peso em minha garganta era aprisionar-me a voz.

Com os dedos quebrados eu não poderia me defender, e deixou de ser necessário que os três agissem em conjunto. Benjamin e Horácio correram para dentro de casa. Kim desistira de me estrangular, mas esperou a volta dos dois sem sair de cima de mim.

Como era destruído pelo tempo o rosto do velho... A pele enrugada, molhada pela chuva torrencial lhe conferia uma aparência ainda mais asquerosa. Aproveitei um momento de distração em que ele olhou para a casa e dei-lhe uma cotovelada precisa. Bastou para me desvencilhar e correr. Corri em direção ao canal do bosque.

Pelo ombro, vi Benjamin e Horácio saírem da casa com maletas nas mãos. Atiraram pedras que não me alcançaram, até que metros adiante um som cortante foi instantaneamente sucedido por um punhal perfurando meu ombro esquerdo. Não caí, continuei correndo, desejei retirar o punhal, mas faltavam-me dedos inteiros para fazê-lo.

Antes que eu chegasse ao cavalo da carruagem os guardiões me alcançaram, chutando-me as pernas e, quando caí, minhas costelas. Por que não me jogavam logo no lago? Em vez disso, tiraram proveito de minha completa desistência, abriram as maletas e desempenharam com lentidão um ritual que, por estar de bruços, vi só em parte.

Dispuseram velas num meio círculo cujo centro era minha cabeça. Apesar da chuva, quiseram acendê-las. E conseguiram. Todas as chamas apenas dançavam, imunes a tanta água, enquanto os guardiões recitavam versos numa língua que se assemelhava ao alemão. Fechei os olhos. Em algum momento, silenciaram, e senti cutucarem-me com os pés, como se a conferir um óbito. Eu prendi a respiração.

Por que fazem isso?

- O que ele disse? – era a voz de Kim.
- Eu não ouvi nada – disse Horácio.
- Mas ele disse – afirmou Kim.
- Também ouvi – disse Benjamin.
- O que importa? Vamos jogá-lo e pronto.
- Seria um erro, Horácio – disse Kim.
- Podemos enrolá-lo com alguma coisa: um tapete, por exemplo
- sugeriu Benjamin –, posso buscar.
- Daria no mesmo – insistiu Kim. – Lembre-se do que o lago representa.

Havia uma pistola dentro da carruagem. Não havia?

– Ouviu agora? – disse Kim.

Eu tinha certeza de que havia, debaixo do banco, dentro da cabine, onde eu sempre a guardara. Além de mim, somente o cocheiro sabia dela. Mas como eu podia saber disso? E que cocheiro?

De repente, lembrei-me de seu nome, Joel, mas não tinha rosto nenhum em mente.

– Sim! – exclamou Horácio. – Vá ver!

Então, vi a carruagem. Eu estava deitado sem roupa numa rua não pavimentada. Vi a subida estreita por onde ela subia para deixar um casarão ardente em sol. Vi Selma à porta, DaCruz trazendo-me

comida lá de dentro. Benjamin trazia-me roupas coloridas demais. Depois, já estava diante de um homem vestido como um general.

Horácio me chutou e exclamou para o mais velho:

– Vá logo! Veja debaixo do banco!

Ouvi Kim bater a porta da cabine e retornar com seus passos cadavéricos. Trazia a pistola.

– Como ele sabia que estava lá? – questionou Benjamin.

– Por que acha que estamos tentando matá-lo?! – exclamou Kim, inconformado.

Usei as últimas forças para virar-me em direção ao céu. Estávamos rente ao penhasco, pude ver um aglomerado de gente à beira do parapeito do mosteiro, mas não sei se olhavam para baixo.

Kim atirou duas vezes em meu peito.

Agora olhariam.

– Tem de ser na cabeça – disse Horácio.

Benjamin arrancou a pistola da mão do velho e veio encostar o cano em minha têmpora. Perto que estava, antes de selar minha mente, sussurrou para me informar – e, foi com estranheza que percebi, o fez com clara sinceridade na voz:

– Eu gostaria de ter salvado os dois.

Um nome pelo qual as águas possam chamar

A PRIMEIRA NOITE DE SONO DE DOLORES VALENTIM no galeão do capitão Wooland foi numa cama improvisada no depósito de bebidas, em meio a barris de cerveja e vinho e, não duvido, em meio também a camundongos, enquanto a minha e a de Benjamin foi em colchões quase confortáveis, mas colchões, algo muito além dos panos estendidos e empilhados com os quais a jovem teve de se contentar dois andares abaixo. Por outro lado, como compensação de nossas regalias, tivemos outros incômodos ao longo da noite. Revelou-se a quem pertencia a mala que mais cedo encontramos na terceira cama: tivemos a desagradável companhia de um senhor. Benjamin na cama de baixo e eu na de cima caímos no sono antes que ele chegasse e só nos demos conta de sua presença quando cresceu o som de seu ronco – ronco molhado, pois o bico feito para expirar soprava menos ar e mais baba. A primeira visão que tivemos, à luz branda da lua que entrava pela escotilha, foi de sua barriga de muitos pelos brancos posta à mostra. Tratava-se de Krupp, o marinheiro mais velho e, pelo que ele próprio disse, quando o acordamos para que silenciasse, o tripulante mais bem remunerado, escolhido em primeira mão pelo imperador, “portanto alguém de quem o descanso nós, escórias, não devíamos importunar”. Na manhã seguinte, Krupp compensou as palavras: no lugar de um bom-dia, eis o que nos disse:

– Senhores, perdoem-me a rudez da noite passada... Conhecerão Krupp melhor, garanto, vou deixar que o tempo mostre-o por inteiro, seus dotes e boa criação, e que isso me poupe de usar palavras que

soem arrogantes. Não gosto de me elogiar. Mas vos adianto que só sirvo à Corte por prazer, tenho ouro guardado e renome suficiente para dar minha vida como feita e vitoriosa, eu poderia fechar-me no andar mais luxuoso do castelo e só sair de lá por um decreto. Meu pai tem sangue nobre, cresci desejoso por defender o Império. Pude fazer isso no mar e ainda estou vivo, depois de tantos canhões apontados! Portanto, respeitem-me mais do que respeitariam a si próprios ou àquele lunático das estrelas. E não mais me acordem. – Talvez por achar que o discurso só piorara a forma como o enxergávamos dali em diante, ele nos deu um tapa e um esfregão nas costas. Decretou que era hora de comermos. Saiu do quarto com uma camisa que mal cobria a barriga asquerosa, possivelmente por falta de uniforme que lhe desse primeiro o conforto e depois a estética. Ironicamente, levando em conta o patamar em que se colocara, tivemos de nos separar, pois o nobre teve que seguir outra direção, a da refeição coletiva, com a marinhagem, enquanto Benjamin e eu fomos rumo ao melhor ambiente do galeão, comer a melhor comida na companhia do gênio que ele, Krupp, tomava por lunático.

Mas, antes de nos juntarmos a Kepler, no caminho para o salão, Benjamin mostrou diferir e muito de meus julgamentos acerca de Krupp:

– Que honra termos de dividir a noite com esse homem! Não estás feliz?

– Falta aí o tom de ironia! Por que és tão fácil de conquistar? Misericórdia, Benjamin. Aquele esnobe nem sequer perguntou quem nós somos, não sabe nosso nome, nem nada!

– Não notei, tens razão. Mas ele certamente tomará consciência e virá nos perguntar, todo encabulado. Verás. – Adianto ao leitor: cruzamos diversas vezes com Krupp o dia inteiro e ele não nos perguntou coisa alguma.

Dolores não veio se sentar conosco, teve a refeição novamente servida numa mesa distante de nós, por ordem de Kepler. E de lá elevou a voz para questionar o astrônomo:

– Como está a leitura?

Ele fez um sinal para que ela esperasse e somente ao fim do almoço respondeu, sentado num sofá distante dela:

– Próximo à metade. Gosto de ler com cautela, não digo calma, digo cuidado. Não atropelo nenhuma frase, trato de imaginar como faria o diretor de teatro.

O tom de Dolores foi bem-humorado:

– Algo me diz que também está lendo meus livros, por isso a demora...

– Ah! Eu bem gostaria; especialmente o livreto; não me tomaria tempo e muito me interessa a Grande Muralha, mas a verdade é que ainda não está devidamente seco, é arriscado folheá-lo. Tenho precisado virar as páginas ao sol, cinco páginas ao dia, e somente o faço após as quatro da tarde, quando os raios enfraquecidos pela curvatura da Terra não prejudicam a tinta do texto. A capa já está bem seca, mas, se eu te devolver e folheares com pouco cuidado, o miolo terá vários trechos arrancados.

– Mas lhe dou permissão para me devolver como estão – disse Dolores. – Se eles se danificarem, sou eu quem perco. É evidente que terei apreço e cuidado, são meus.

O jeito de falar abusado ainda surpreendia a todos. Olhávamos para Kepler curiosos por sua reação.

– Pois meu apreço é maior – ele disse. – Talvez sejam mesmo textos inéditos e únicos para o meu tempo, enquanto para ti seriam apenas mais duas de muitas impressões desses Kafkas e Wildes. Não posso correr o risco de devolvê-los, ficarão comigo até que eu desfrute o que dizem. E chega deste assunto, estou dedicado à tragédia, como vês, não a tiro das mãos. Afinal, como anda tua empreitada?

Na noite anterior, antes de nos retirarmos, ela expusera a todos seu desejo de revelar o *filme das fotos da máquina*.

– Bem – disse ela –, penso ter encontrado o lugar certo, lá a abertura para o dia não é tão grande. Mas ontem o sol se pusera quando descí; hoje vou verificar se a quantidade de luz é a mínima ideal.

Kepler reviveu uma discussão: estava ainda muito curioso por tudo o que Dolores podia ter de conhecimento, especialmente pelo

que fosse relacionado a invenções e descobertas. Pediu que falasse mais do que diferia os tempos. Todavia, infelizmente para ele, as invenções que mais o agradavam – como a lâmpada incandescente, o rádio, o telefone, a televisão – eram logo atribuídas a homens do Novo Mundo, o que acabava por ferir seu orgulho*.

E um pouco do nosso orgulho também era mexido, algo que Benjamin explicitou:

– Mas foram todos incapazes de crescer sozinhos. Pelo que nos diz, precisaram esperar que arrumássemos um jeito de cruzar os mares para dar-lhes vida.

Wooland amenizou a questão, ponderando com lucidez:

– Pois só estamos separados por água, do mesmo modo que o rio Vltava separa as casas do castelo; o Novo Mundo é parte de nós, não só por causa, mas também por efeito. É a mesma terra. Isso se não forem até os mesmos homens, desconectados de nós aqui pelo modo que se deu essa colonização...

– E saibam que não são puros por serem europeus – disse Dolores. – Vocês não brotaram destas terras, são oriundos de civilizações de outras partes do mundo, como a África.

Kepler parecia prestes a maldizê-la ou fazer algo ainda pior. Então o interpelei, exteriorizando minha questão, de todo pouco hostil:

– Como te arriskas tanto em nos ofender?

– Ofender? Peço perdão se é assim que se sentem. Não tenho tal intenção, só acho o orgulho por nacionalidade uma coisa perigosa – e primitiva.

Kepler respirou fundo e pediu que fosse servido o chá.

Nisto, Dolores viu oportunidade de melhor explicar a formação dos países do Novo Mundo, o que fez com paupérrima ciência; foram tão escassos os detalhes, demonstrou conhecer tão pouco a história de seu próprio tempo que lamentamos profundamente o método de ensino que as instituições de três séculos à frente empregavam. O que ela demonstrou que já conhecia muito bem era a mente do astrônomo, pois parecia ter escolhido a dedo as informações

seguintes, decerto as únicas capazes de abalar um estudioso dos céus do nosso tempo...

– Não sei como posso ter demorado a lembrar-me disto... Ainda não lhes falei de um dos maiores astrônomos do meu tempo. Está vivo no Novo Mundo, chama-se Edwin Hubble. Ele trabalha incessantemente e...

– O que ele descobriu? – apressou-se Kepler em perguntar, mas não com ansiedade pela resposta; sua voz soou injuriada, arrastada, como se ele não suportasse mais descobertas que tivessem fugido à sua ciência, mas, afinal, mesmo assim tivesse que saber.

– Sabemos que estamos num sistema solar dentro de uma galáxia. E ele conseguiu enxergar outras galáxias – decretou Dolores. Kepler imediatamente se ajeitou na poltrona –, possivelmente lares de sistemas solares como o nosso. Os telescópios em nosso tempo são muito potentes. Ele descobriu também que as outras galáxias estão se afastando de nós, como que por efeito de uma força propulsora ainda em ação, vinda de um ponto em comum. Agora dizem que o universo está em expansão.

Eram informações que o nosso contemporâneo Giordano Bruno, o mártir, adoraria ter ouvido! Eu pensava que Kepler teria a mesma ideia, que também viria à sua mente Bruno, ou que ele ficaria ao menos curioso, com alguma pergunta sobre o tal astrônomo.

Mas Kepler ficou mudo, pálido; pouco falou até terminar o chá e se levantar com o texto de Shakespeare debaixo dos braços. Mudou o discurso, dizendo a Dolores que iria se apressar na leitura, para que ela pudesse logo provar saber ou não da estória. Daquele dia em diante, Kepler não mais permitiu que suas conversas com Dolores passassem de uma tréplica; para dar conta disso, as refeições seriam levadas a ela no porão de bebidas. Kepler escolheu Krupp como o encarregado.

NOSSA SEGUNDA NOITE COM KRUPP não foi menos incômoda. Demoramos para dormir devido às mil questões que ele resolveu levantar sobre nosso passado. Benjamin estava certo, ele desejava

compensar o descaso com que nos tratara naquela manhã. Não sei dizer, porém, por que razão o desejo teria perdurado, pois o *conversê* permeou as noites seguintes. Fazia-nos perguntas quaisquer, sobre nossa infância, sobre como víamos Kepler, sobre nossos anseios e paixões. Perguntas mais íntimas ou comprometedoras eu deixava passar. Ficava quieto no meu canto, tirando proveito do escuro e da altura da cama de cima, em que ninguém poderia ver se eu havia dormido e por isso não mais respondia. Foi o que fiz quando Krupp perguntou sobre meus pais: calei-me e cheguei a forjar um ressonar. Também me abstive quando Krupp sacou uma questão perigosa: tínhamos nós qual opinião sobre a morte de Tycho Brahe? Benjamin, na cama de baixo, não podia agir com fingimentos, estava sempre à vista de Krupp, foi, portanto, refém desta questão, a qual o ouvi responder com a calma e o discernimento que lhe são característicos:

– Não te preocupes, nem de longe és o primeiro a nos perguntar isso. E acredito que baste o meu testemunho sobre esta questão toda. Que Rupert tenha dormido e não me ouça, diferimos em alguns julgamentos sobre o ocorrido, mas o fato é que, embora ele pense ter sido o mais próximo de Kepler no tempo da perda, fui eu quem melhor dedicou o tempo e a atenção aos detalhes que pudessem expressar culpabilidade. A sensação que tenho é que desde o início Rupert se imbuíu de passividade no assunto, não por interesse ou malícia, mas por amizade, premente em inocentar um amigo no julgamento público. Não tenho desejo de que acreditem em mim, nem acho justo encarcerarem uma mente genial como a de Kepler, contudo, tenho sim mais do que suspeitas e bom discernimento; colhi provas que satisfizeram minha curiosidade: o que hoje sei com toda certeza é que Tycho não sofreu de uma infecção urinária.

Imediatamente questionado por Krupp sobre essas provas que teria colhido, Benjamin se recusou a entrar em detalhes, explicou que não tinha intenções de prejudicar o astrônomo e que, apesar do assassinato em que acreditava, a estima e o respeito pelo trabalho de Kepler eram tamanhas que ele se via na condição do perdão, no dever de encarar o possível ocorrido como um destemperado digno,

uma humanidade aceitável, principalmente quando comparada às verdadeiras atrocidades que a Igreja era capaz de fazer por muito menos.

Krupp silenciou e dormiu; mas não desistiu do assunto, em noites seguintes retornou com algumas questões que indicavam sua intenção curiosa. Isso durou quatro dias. Pois, ao término de um almoço da semana seguinte, fomos surpreendidos pelo surgimento de Krupp em nossa sala de leitura. Ele participou da hora do chá, sentado próximo a Kepler, sem muitas palavras trocar; esteve ali apenas para receber dele alguns pergaminhos cujos textos eram longos, os quais leu para si numa lentidão irritante. Dado cabo deles, com um sorriso no rosto ele aceitou uma pena da mão de Kepler e assinou o último pergaminho. Mais tarde, Krupp recolheu sua bagagem de nosso dormitório e passou a dormir no quarto ao lado dos aposentos do astrônomo.

CONFORME KEPLER AVANÇAVA NA LEITURA da Tragédia de Hamlet, Dolores se mantinha firme em seu intento de montar em algum lugar da embarcação aquilo que ela chamava de um laboratório fotográfico, em que ela dizia ser possível transformar as imagens latentes registradas nos filmes em imagens visíveis. Para tanto, desenvolveria um processo químico que requeria bacias e líquidos específicos para cada uma das fases da revelação. Ela tentou nos explicar o método, citou nomes complicados, como haletos, oxidorreduções, tiosulfato de sódio e ácido acético glacial, este último um componente do vinagre.

– Vinagre nós temos! – apressou-se Benjamin em festejar.

– Ótimo – disse Dolores. – Mas preciso de outras coisas, tenho algumas em minha bolsa... a maioria não pode faltar de jeito nenhum.

E prosseguiu citando termos estranhos. Por pedido nosso, desistiu da explicação e concluiu dando-nos uma lista dos itens que iria precisar, entre eles fios de barbante ou outro material qualquer, pregadores, bacias, água limpa, um pouco de sal e, por último, sua

bolsa, na qual ela dizia ter papéis fotográficos e frascos dos ácidos imprescindíveis.

A bolsa fora confiscada, estava sob os olhos de Kepler em algum lugar. Eu trataria de pedir a ele os frascos – ele não havia de negar, uma vez que junto ao capitão já dera permissão a Dolores para zanzar pelo galeão à procura do lugar ideal em que ela pudesse desempenhar a tarefa.

Benjamin e eu tínhamos acompanhado Dolores na procura, apenas para vigiá-la, pois ainda não conhecíamos tão bem os caminhos para ajudá-la. Era preciso existir um espaço fechado, escuro, com mesas e, preferivelmente, com a menor variação possível de equilíbrio, algo difícil conforme seguíamos cada vez mais velozes ao adentrar níveis revoltosos do rio Elba. Todo esse empenho pelas fotos se dava em razão de Dolores garantir serem elas provas irrefutáveis de seus relatos.

Enquanto subi e dei conta de reaver com Kepler os itens imprescindíveis da bolsa, Benjamin ficou com Dolores na sala escolhida por ela, ajudando-a na arrumação. Mas, alcoviteiro incorrigível, ele ficou para trás por outras razões; pois aquele tempo com Dolores teve uma consequência: ele veio contar-me que já havia tirado dela o fim da tragédia e que tudo terminava assim...

– Não, não! – interrompi, antes que abrisse a boca. – Pare, não quero que me contes! Não posso crer, como és impaciente!

– Eu é quem insisti.

– Juras? Claro, eu te conheço. E ela não devia ter falado, vai se comprometer, perder valor pelo que só ela sabia...

– Preciso te contar, precisas saber!

– Não! Quero assistir à peça assim que possível, e não me lembrar desse dia em que estragaste tudo. Fica calado.

Foi bom não ter que me preocupar com a possibilidade de Benjamin contar isso a outros da tripulação. Os marinheiros não sabiam do texto. Se soubessem que uma peça inédita de Shakespeare encenava-se na imaginação de Kepler, sei que Benjamin não conseguiria conter-se e acabaria comentando com um ou outro no convés o fim da estória.

O convés, aliás, era um lugar que Benjamin quase nunca visitava, o que não consigo entender, pois toda a graça de uma viagem daquelas, ao menos para mim, era poder conferir o trabalho dos marinheiros. Descobri que eles possuíam canções próprias, que cantavam a bordo para marcar, com o ritmo da música, a sincronia dos movimentos... e também para se distraírem e estreitarem laços de amizade.

Além do privilégio de conhecer esses costumes, Benjamin perdia ainda a chance de assistir à nossa terra de um ponto de vista incomum, pouco recorrente em nossos dias caseiros e em nossas viagens sempre feitas por terra. Como éramos pequenos e tudo era vasto visto dali! O rio Elba percorria todo o império, tomando afluentes e se agigantando, era uma experiência única ver o funcionamento das águas e a transição constante entre vilas e cidades grandes. Eu estava particularmente atento à chegada do rio Saale, ainda muito longe de nós. Um dos marinheiros se referiu a ele como um afluente que anunciaria a aproximação de uma cidade que eu disse ser do meu interesse avistar. Magdeburgo! Ah, eu adoraria descer e ficar ali por algum tempo, descobrindo tavernas e tudo sobre o que só tinha lido e ouvido falar. O marinheiro, porém, me garantiu que ao menos seria possível ver bem de perto a catedral, construção gótica que tivera início em 1209 e levara mais de três séculos para se completar. A questão era se passaríamos lá durante a noite ou durante o dia, único momento em que se enxergariam os detalhes artísticos e até que altura apontavam as duas torres.

PARA QUEM TRAZ PARA UM CÍRCULO de pessoas conhecimentos adquiridos três séculos à frente e encara nesse círculo sujeitos de boa cultura, estudiosos e interessados no que quer que se refira ao homem e ao seu lugar no mundo, Dolores foi pouquíssimo importunada.

Isso se deveu principalmente ao fato de ter encontrado em mim e em Benjamin total credulidade em seus relatos e premissa. A falta de nossas perguntas não se dava por desinteresse, sinto que no

meu caso havia certa resistência, um acanhamento em mostrar-me tão crédulo – e assim eu me revelaria, caso saísse atrás dela com as mil perguntas que poderia fazer.

Com Benjamin, descobri se aplicarem as mesmas razões quando travamos nossas primeiras conversas a sós sobre o assunto: não tínhamos dúvidas de que era verídica a história da espanhola que viera de uma viagem à China e sabia falar, além de sua língua nativa, o inglês, o alemão e o mandarim, seja lá como tivessem se dado tal viagem temporal e o invejável aprendizado de línguas já em tão tenra idade...

Afinal, era de se esperar que o futuro guardasse coisas aparentemente inexplicáveis, como é o caso da câmera fotográfica a que fomos apresentados – como era possível que aquilo conseguisse introduzir, em miniatura, num rolo de uma película resistente como a dos *filmes* que Dolores nos mostrou, a imagem do mundo recortada pela lente e transportada pela luz através do tal obturador? Nem Dolores sabia explicar com palavras cheias!

Na realidade, por algum tempo ainda tivemos de acreditar cegamente que aquilo funcionava de fato, pois o que quer que Dolores pensasse estar fazendo certo com tudo aquilo que lhe demos para o laboratório não surtia efeito algum. Os papéis que deveriam secar e mostrar imagens estavam secando sempre brancos. Ela atribuiu isso à falta de qualidade e adequação de cada uma das fases de revelação, mas garantiu ser possível ter algum resultado e que era esperado não ter sucesso logo de início.

No quinto dia de viagem, tivemos um momento de confraternização na sala de leitura interrompido por Dolores. Ela pedia mais vinagre. Kepler pediu que lhe dessem logo um barril para que ela não nos importunasse outras vezes. Wooland acatou a sugestão ao pé da letra e precisou de nossa ajuda para transportar o barril. Descemos eu à frente e Benjamin e o capitão atrás. Dolores convidou-nos a assistir ao processo, agora que ela tinha esperanças de acertar em algum nível na mistura dos líquidos.

Aceitamos e não levou muito tempo para ela mostrar, radiante, um papel ainda molhado, mas coberto em parte por uma película acinzentada. Não era possível distinguir uma imagem.

– Era pra vermos algo? – disse Wooland.

– Isso já é alguma coisa! Não saem coloridas, é neste tom que se espera. Ainda vai secar e melhorar. Essa é a foto que fiz de uma porta do templo. Vê?

Ninguém disse nada, então achei por bem preencher o silêncio:

– Parabéns... é alguma coisa. Conseguiu!

– Não de todo. Devo equilibrar o fixador e a solução surfatante. Peço que esperem.

Ela voltou às bacias e recomeçou o processo.

– Notei que este navio possui estrutura para receber armamento

– comentou Benjamin com o capitão.

– Galeões são construídos para fazer escolta às naus – respondeu Wooland.

– Não seria melhor se contássemos com alguns canhões ao menos?

– Seria, concordo, uma segurança. Mas não precisamos nos preocupar, só atingimos o Mar do Norte, e por breve período.

– E qual o nome dado ao navio? – perguntou Benjamin. – Não encontrei em lugar algum do casco.

– Não encontrei, porque não tem.

– Não está escrito?

– Não tem nome – respondeu o capitão. – Não houve tempo para o batismo. Foi recentemente construído, como devem ter reparado.

– E leva-se tempo? – questionei. – Pensei que fosse algo simples de ser feito.

– Uma vez eu li algo sobre o batismo de navios – disse Benjamin – num dos livros da biblioteca em Praga... Como era? Era... Era que *apenas má sorte se põe à frente de um navio que ouse zarpar sem ter um nome pelo qual as águas possam chamar*. Sim.

Wooland e eu nos entreolhamos.

– Menos ênfase, Benjamin – eu disse.

– Até imaginei que o imperador fosse nomeá-lo em homenagem a Tycho – disse o capitão, ignorando o que Benjamin dissera –, que por muito tempo deixou claro a paixão que tinha pelas naus. Ou então em homenagem a quem assinou o pertencimento.

– Kepler?

– Sim, pertence a ele. Não que mude muita coisa, na volta teremos que guardá-lo com a frota da Corte, mas Kepler o terá à disposição quando desejar. E ele não precisará se preocupar com os planos do Império para calcular uma data de retorno; pode até mesmo vendê-lo, se assim desejar.

Questionei o capitão sobre o tempo de viagem transcorrido. As águas estavam ainda tão calmas, já não era tempo de chegarmos à foz do Elba? Wooland atribuiu aos ventos a lentidão e lançou um prazo de dois dias para avistarmos o centro e o castelo.

Logo Dolores nos trouxe o melhor resultado de todos os experimentos feitos até então. No papel, todos vimos formadas montanhas sinuosas ao fundo e, abaixo, o que parecia um lago ao lado da coisa mais obscura da imagem, uma casa negra talvez. Muitos detalhes, porém, lamentava Dolores, ainda estavam aquém do ideal. Eu achei muito superior a uma xilogravura, e isso era mais do que o bastante que uma máquina tão pequena quanto aquela fizesse. Surpresa não descreve a sensação que tive quando Dolores trouxe a fotografia seguinte, esta ainda melhor desenhada. Foi como uma experiência extracorporal. Eu já pousara para exímios artistas das praças e pontes, mas nunca eles haviam conseguido provocar aquela sensação.

Olhava ali para mim mesmo; olhava sem saber que seria visto depois, o que muda tudo no olhar – um detalhe que foge à experiência de ver-se no espelho, pois a expectativa de se encontrar ali arrefece o desprendimento. O agravante de tudo isso é que não podia se tratar realmente da minha pessoa. Não me recordava de alguma vez ter vestido uma roupa daquelas, algo como uma batina.

Dolores explicou que aquele era eu, sim; em 1933 eu seria um monge. A diferença do idioma não a impedira de perceber que minha voz era a mesma, a mesma convicção em meu olhar, os mesmos vícios em meus gestos; pouco eu diferia de mim mesmo, além do jeito de andar, que, segundo ela, indicava uma tranquilidade inabalável lá, e aqui um transbordamento de afetação.

Benjamin e Wooland talvez aceitassem convite para engolir a fantasia daquela dupla existência minha, se de partida vissem de

fato alguma semelhança com a foto. Do alto de seus cabelos escuros, diziam categoricamente que era tão parecido comigo quanto seria qualquer outro ruivo. “Benjamin tem razão. Ruivos compartilham de uma propriedade única, como o fazem os asiáticos”.

Estavam tão errados quanto é possível estar quando se segrega as definições das essências; fundamentalizavam um teor quase racial e o atribuíam ao que não requer. Algum ruivo ou asiático que os ouvisse poderia se empertigar; eu fui benevolente e convido o leitor de tais aparências a acompanhar-me nisso, pois a generalização não é um mal da aversão, é em grande parte ônus cultivado da língua que uma vez inventamos para, antes de entender e comunicar, segregar. Segregar para o bem, sim, pois o que é comunicar senão desmembrar em categorias o que se vê para depois isolar daquilo que se quer todo o resto que não se deseja dizer?

Por um lado, Benjamin e Wooland estavam certos, eu bem me lembrei de um bocado de ruivos em Hamburgo com os quais talvez pudesse me confundir se os visse em fotografia. Ocorridos que bem retratavam isso vinham de minhas idas a restaurantes novos; dava-se que o funcionário era capaz de perguntar se eu desejava o de sempre, ou até me chamar pelo nome de outro. “Mas são tão parecidos! Perdoe-me.” Perdoados, anotavam o pedido e se retiravam, sem darem-se ao árduo trabalho de perguntar-me então qual era o *meu* nome. Isso me entristecia quando o dia já não era bom.

– De qualquer forma – eu disse a Dolores –, sou eu que estou aí. Acredito em ti, Valentim.

– Obrigada.

– Mas, por que tiraste esta foto? Somos próximos?

– Só o vi uma vez na vida. Tirei a foto pois me chamou a atenção ser o único monge ruivo. Todos que vi, e vi muitos, eram asiáticos. Alguns japoneses, a maioria chineses. São todos tão iguais... foi engraçado quando passei pela sala de meditação e o vi.

– Pretendes mostrar a Kepler? – perguntou Wooland.

– Não servirá, como não serviu a vocês dois.

– Mas ele certamente vai se surpreender com essas imagens que saem das bacias de água para os papéis. É a prova da máquina.

– Há o risco de ele considerar bruxaria – apontou Benjamin. E, conhecendo-o melhor do que ninguém, em seu olhar e em seu tom pude entender que era como ele mesmo já considerava.

Quando deixamos o laboratório de Dolores, demos de cara com um marinheiro de passagem pelo corredor. Ele perguntou-nos o que fazíamos nós três dentro do banheiro, o qual, ainda por cima, estava inoperante.

– Marujo, estes dois são experientes em diversas frentes – Wooland forçou uma risada –, garantiram-me que conseguiriam religar a tubulação. Mas não teve jeito, continuaremos contando apenas com uma privada, além dos jardins. – *Jardins* era como chamávamos os assentos colocados como sanitários para fora da amurada do convés.

Fingimos naturalidade e saímos, quando a porta atrás de nós emitiu um som por conta própria.

– Ouviram? – disse o marinheiro intrigado. – Trancou-se! Ou então alguém trancou por dentro.

– Marujo, é claro que ninguém trancou por dentro, pois não há quem o faça. E não poderia trancar-se por conta própria, pois não há magia neste navio.

– Exato – disse Benjamin –, precisaria haver bruxas a bordo. Mas não há. Nem uma sequer.

O capitão perguntou se o marinheiro havia bebido. Ele fez que não.

– Pois vá beber, certamente estás delirando por falta de álcool.

Cabe aqui especificar que da tripulação ninguém fora informado das alegações da naufraga quanto à sua origem, embora soubessem que ela sobrevivera àquilo que não esperavam que fosse possível – a maioria tinha visto os olhos virados, a falta de respiração e a coloração azul que a pele tomara. E isso bastava para que com muita estranheza e medo a observassem transitar pela embarcação. Fora tomada a decisão de deixá-la com as chaves dos lugares que mais usava, pois, no dia anterior, um marinheiro tivera o ímpeto de sanar o mistério e, encontrando-a no corredor, dirigira-lhe a palavra,

questionando sobre sua saúde e nacionalidade. Mas o capitão, que estava sempre atento, pôde intervir.

No mesmo momento, desejoso em dar fim a qualquer fantasia que as mentes débeis e loucas de alguns pudessem já ter criado, Wooland convocou a marinhagem e num discurso inventou uma mentira sobre a razão de Dolores ter sido encontrada na água. Ela trabalhava como uma servente em uma taberna à beira do rio e durante a limpeza de janelas escorregara e caíra na correnteza.

– De onde ela é? – questionou um marinheiro, num tom claramente xenofóbico. – Percebi um sotaque no pouco que ouvi!

– Com toda certeza não é daqui – disse outro –, vejam a cor da pele apadrihada ao sol!

Sem mais, Wooland a puxou pelo braço e a tirou dali. As perguntas caíram sobre mim e Benjamin, e coube a nós fingirmos ignorância ou inventarmos respostas. Benjamin foi inventivo e sucinto: ela é dessas do teatro, e doente da cabeça, está nos dando trabalho.

Quando retornamos ao interior, perguntei ao capitão se ele pretendia também mentir no diário de bordo, ou se relataria algo mais próximo da verdade.

– É necessário que eu o faça.

– Mentir? – perguntei.

– Não, contar a verdade crua.

– Pois te enganas, debes dizer o mesmo que disseste aos homens – ordenou Kepler. – Aprofunda-te nessa estória da taberna à beira do rio. Se tiveres dificuldades com criatividade, pede a ajuda de nosso amigo aqui – disse, apontando para mim. – Rupert não é um bom mentiroso, mas tem a mente de um escritor...

– Devo falar apenas a verdade, senhor – prosseguia Wooland. – Embora eu saiba que ninguém acreditará ao ler, eu devo passar à frente. É um evento, um presente magnífico demais para ser ocultado. Não o compartilho com minha tripulação pois temo que a jovem seja assediada pela curiosidade e pela incompreensão.

– O fato de ninguém acreditar é a principal razão para não se falar sobre isto!

– Pelo contrário, vejo como incentivo a não me deter; se ninguém acreditar, também não se importarão.

– Não posso permitir – insistiu Kepler.

– Por que te preocupas tanto com isso?

– Serás visto como um louco, capitão – eu disse, pensando em explicar o que Kepler queria dizer. Embora soubesse ser pouco provável que, neste assunto, o astrônomo nutrisse algum zelo pela reputação de Wooland. Era mais provável o contrário, que Kepler temesse a perda da validade de seus modelos? Até então, o que dava significado à sua vida era sua busca platônica por uma harmonia cósmica.

– Que eu seja, então, visto assim – disse Wooland. – Durará apenas até o dia em que os escritos fiquem sob os olhos da sociedade futura, que poderá comprovar os eventos e as invenções citadas por Dolores.

– Tens razão – disse Benjamin. – Mas tal glória só viria após séculos de tua morte. Isto é o bastante, em meio à descrença que virá por todo o resto de tua vida?

– Eu preciso compartilhar uma coisa destas – insistiu o capitão –, ela caiu em nossos braços! Deixem o tempo correr sobre mim, basta que meus descendentes tenham orgulho.

Kepler ia prosseguir, na intenção de fazê-lo mudar de ideia.

Wooland continuou:

– Senhores, deste jeito sou obrigado a dizer que já o fiz, já muito escrevi sobre tudo o que ela nos contou, mas o fiz tendo mais preocupação em me delongar na descrição do modo como ela nos enxerga, como se comporta, como fala e como nos desafia da posição submissa em que se encontra.

Benjamin e eu já não víamos tanta necessidade em argumentar contra o desejo do capitão, mas Kepler ainda o fez algumas vezes, até abrir mão também. Depois, ele me contou que o preocupava por demais a ideia de uma inevitável curiosidade e importunação da Corte, do povo e dos astrônomos, que não cessariam esforços em exauri-lo com questões inflamadas:

– O que mais farão senão encherem-se de deboche assim que souberem que, no galeão em que viajei, o capitão afirma ter

resgatado e convivido com uma rapariga do século vinte?

A questão principal, porém, a que todos deveriam direcionar mais preocupação, era a da segurança de Dolores. Decerto, haveria gente empenhada em investigar a estória do capitão Wooland. E se encontrassem a jovem, que vida ela teria a partir de então?

Essa não era uma preocupação de Kepler. Ele dissera estar perto do fim da leitura, e em breve saberíamos a verdade. Quem sabe ele concedesse a ela o direito de seguir viagem conosco até Hamburgo ou qualquer outra cidade que cruzássemos, onde quer que ela desejasse descer – tratamento que se daria apenas se ela acertasse o fim da tragédia com detalhes abundantes. Caso ela errasse, seria jogada de volta ao mar.

Obviamente, não nos agradaria uma ação extremada dessas. Assustei-me com a ideia e ainda mais com o tom tranquilo com o qual Kepler cogitou a lástima... Mais surpreendente, porém, foi a reação divergente de alguém que julgo sempre tão próximo do meu modo de pensar; ao ouvir o astrônomo, Benjamin assentiu com a cabeça, dizendo:

– Seria triste ter de devolvê-la à morte, claramente ela encontra dificuldades em nadar. Mas como já dissemos, se ela estiver mentindo é porque é uma bruxa... Só isso pode explicar ter-se levantado tão saudável depois de morta.

– Não podemos falar disto para Wooland – concluiu Kepler. – Tenho certeza de que ele poderia até nos obrigar a deixá-la sair livre por terra firme. Mas, saibam, mesmo que ela esteja dizendo toda a verdade, o que duvido muito, não há como acharmos tudo belo. Deixá-la em liberdade seria ruim para a sociedade.

Foi então que percebi que Dolores tinha a mim, Wooland e mais ninguém.

NO QUINTO DIA, APÓS O ALMOÇO, Kepler esperou que o capitão fosse para sua cabine e pediu a Krupp que buscasse Dolores. Ele a trouxe pelo braço. Mas ela desvencilhou-se enfim e pediu uma explicação. Kepler anunciou à porta do quarto:

- Terminei de ler.
- Dolores entrou e a porta foi fechada.
- O que ela lhe disse que acontece no fim? – perguntei a Benjamin.
- Ora, tu não disseste que não querias saber?
- Mudei de ideia. O fim é o de menos.
- O príncipe mata o próprio tio.
- Ela falou somente isso?
- Sim.
- Espero que ela tenha mais detalhes para dar a Kepler.
- Eu disse o mesmo. Ela garantiu-me que sim. Mas confessou nunca ter lido ou assistido à peça, disse ter visto um *filme*.
- Como nas fotos?
- Como uma peça de teatro, mas eternizada, ela disse, pois é gravada por uma máquina semelhante à que ela usa para tirar fotos.
- Pouco mais de dez minutos depois, Dolores saiu com as mãos atadas, sendo levada por Krupp às escadas do corredor.
- O que aconteceu? – perguntei quando saiu Kepler.
- Não é óbvio? – disse o astrônomo. – Ela errou.
- O que ela errou especificamente? – perguntei. – Ela pode ter se confundido, não significa que minta sobre tudo.
- O trato foi feito, Rupert.
- Mas não é justo que não tenhamos presenciado o julgamento.
- Ela aceitou os termos e as condições. Agora preciso manter minha palavra. Mas repensei e com muita boa-fé decidi considerar teu desagrado pela ideia de jogá-la ao mar. Ela ficará. Contudo, ficará enjaulada até que o galeão possa voltar. Entregá-la-ei ao imperador. Ele que decida no que acreditar e o que fazer.

QUANTO À PRISÃO E À ROTINA DE Dolores, sinto remorso ao pensar em descrevê-las. Qualquer genuíno detalhe que eu passe aqui estará acompanhado pela vergonha que tenho por nada ter feito de início para ajudá-la. Fui cúmplice e deveras permissivo. Vez ou outra, desci aos porões sem que me notassem, levando carnes

secas e porções do que nós, bem-aventurados, havíamos desfrutado no almoço, mas parei de fazer isso por temer que Krupp descobrisse.

Dolores se alimentava uma só vez ao dia; nunca pude ver, mas ela dizia-me que uma caneca de biscoitos murchos lhe era entregue por Krupp sempre ao meio-dia, ou por volta disso, pois era como calculava, por não poder ver o sol pela abertura da cela.

– Ela é uma bruxa, dará um jeito de suportar – disse Benjamin para Krupp certa vez, quando este cogitou a possibilidade de a jovem estar próxima do fim.

Benjamin depois me disse que não torcia pelo mal de Dolores, mas que apenas constatava a força da jovem, e que não teria por que ela sofrer com a solitária, se fora capaz de sobreviver a um afogamento.

No entanto, passados poucos dias, Dolores havia emagrecido demais. Na véspera de nossa chegada ao porto central de Hamburgo, perguntei a Kepler o que faríamos com ela. Ele me disse estar indeciso: se optaria por entregá-la às autoridades dali mesmo, para que fosse levada de volta ao imperador, ou se a deixaria presa nos porões até que o galeão retornasse conosco a Praga.

Fiz questão de convencê-lo a não desembarcá-la, pois minha esperança secreta era que, após ele descer na capital, pudéssemos modificar os tratos.

Kepler aceitou deixá-la conosco, concluindo assim:

– Por mim, tanto faz. Se ela sobreviver, muito que bem, só comprovará que há mais de misterioso em sua origem e nos pactos que fez com a tal santidade, como ela se referiu uma vez. Mas sei que não te afliges com nada em relação a ela, Rupert. Tens minha permissão para visitá-la amanhã.

Visitei-a ao nascer do sol.

Ela estava deitada no canto mais distante do ponto em que escolhera centralizar seus dejetos. Eu pensava que Krupp ou outro marinheiro encarregado teria o cuidado de retirar aquilo ao passar dos dias, mas o acúmulo de fezes e urina ocupava um raio de, talvez, meio metro; pouco ela havia tido necessidade de expelir, devido ao pouco que comia. Também havia vômito num outro ponto,

decerto provocado pela repulsa que o cheiro causava, pois em tão pouco tempo tudo já me fazia tonto, minha vista ardia; meu estômago estava vazio, mas senti um ímpeto na garganta.

Dolores pareceria morta, não fossem os dedos dos pés movimentando-se para coçar um ao outro.

– Peço perdão por ainda não ter feito alguma coisa.

Ela se virou para me ver e sentou. Nada disse. Afastou os cabelos do rosto, ainda olhando para baixo, como se esperasse que eu tivesse algo mais a dizer. E senti que deveria ter, muito mais. Mas ela então colocou os olhos nos meus. Palavras não bastariam; se eu estava ali, deveria ser para agir de uma vez por todas e livrá-la daquele trato desumano.

– Vou tirá-la daqui, Kepler deve desembarcar em breve...

Ela apenas murmurou:

– Ele sabe que digo a verdade e por isso não pode me libertar.

Na saída, Krupp lançou-me um olhar desafiador e um sorriso nojento, como se orgulhoso, e posso imaginar que estivesse de fato considerando o deplorável estado da prisioneira motivo de vangloriar-se. Também ele a decretara bruxa, era da opinião que deveria ser queimada. Mas Krupp está longe da índole de outros que tinham a mesma crença, como no caso de Benjamin.

Embora o argumento da existência de bruxas fosse tomado pela maioria como irrefutável, nem todos acreditavam na punição como forma de resolução. Pelo contrário, chegavam a defender que a integridade física de uma feiticeira deveria ser mantida, pois sua existência pós-morte não respondia aos caminhos esperados das almas puras; corria-se o risco iminente de a bruxa prolongar e piorar seus malefícios.

Não sei se era essa a razão por trás da benevolência de Benjamin, ou se era tão somente produto de pura compaixão por saber do estado deplorável de Valentim. Como se vê-la magra e abatida pudesse servir como comprovação de que ela não havia de ser uma bruxa. O que quer que fosse, assim que Kepler desceu no primeiro porto de Hamburgo, e o capitão recolocou o galeão rumo à milha restante, eu obtive permissão deste para descer e executar o plano do qual Benjamin aceitara com muito gosto fazer parte.

Basicamente precisaríamos abater Krupp, roubar-lhe as chaves e nos livrarmos dele do modo mais conveniente: servindo-o como companhia aos peixes. Uma pena não haver tubarões no rio. Krupp, entretanto, mostrou-se mais forte do que imaginávamos e nada saiu como o programado.

Enquanto eu o distraía com uma conversa sobre a incompetência do imperador, assunto que o colocava a falar por demais, Benjamin veio pelo escuro, evitando o foco de luz quadriculado lançado pelos gradis do convés, e deu-lhe um soco. Um soco tremendamente infantil.

Krupp era um senhor, um ou dois socos bem dados deveria ser o suficiente para, senão derrubá-lo, confundi-lo. Mas o "soco" de Benjamin foi leve como a investida rabugenta de uma senhora; e efetivo como um tapa, pois suspeito ter sido dado com a mão aberta. Um desastre.

Krupp nem se moveu, e com um empurrão mandou Benjamin para longe, como quem diz: "Ô besta, corra enquanto ainda não estou atrás de ti". Nessa circunstância patética, eu teria total condição de fingir não ter entendido a razão do que Benjamin fizera e sair dali com ele para criarmos outro plano, não fosse Krupp levantar-se e segui-lo pelo lance de escadas até o convés, decidido a desferir safanões e depois pontapés covardes nas pernas e nas costas de meu amigo.

Descobri ser desnecessário qualquer planejamento, eu mesmo me encarreguei de derrubá-lo, socá-lo e chutá-lo. Benjamin aproximou-se e lançou um cuspe certo no rosto do velho. Nisto, puxei as chaves. Krupp se levantou e ainda tentou bater em Benjamin, mas perto que estava da única parte do convés desprovida de amurada, foi facilmente empurrado por nós. Ouvimos seu corpo bater no arco das janelas por onde canhões, se os tivéssemos, apontariam; depois o som da água se abrindo. Tão fácil... Por que não agimos antes?

Tivemos o cuidado de escolher fazer aquilo num horário em que a marinhagem arrebanhada no convés fosse diminuta, mas sabíamos que não seria absoluta a ausência. E lá estavam três: um nas alturas do posto de vigília, um que dormia deitado entre barris e outro que

de longe só tomou conhecimento de que algo acontecera quando sobreveio o som do corpo na água.

– HOMEM AO MAR! HOMEM AO MAR A ESTIBORDO!

Para protegê-lo, os presentes e os que surgiram deram logo início ao intento de afastar a popa do lugar de queda anunciado. Mas tiveram de preocupar-se também com a súbita proximidade de uma chalupa, pequena, de um só mastro. Ela levava vento não muito longe de nós, seguia na mesma direção, cuidadosa com a ondulação que formava o nosso casco enorme.

A bordo, encontravam-se um homem e sua provável esposa. Krupp foi nadando como pôde em direção ao barco de pesca. E o homem de lá já dava indícios de pretender ajudar.

– Cuidado! – gritei. – Expulsamos esta escória ao descobrirmos ser um estuprador de crianças!

O homem pareceu não dar ouvidos. Mas, quando ficou próximo o suficiente para ajudar, foi perspicaz e usou o remo para investir dois golpes na cabeça do estuprador. Krupp desmaiou, primeiro boiou, depois afundou. Marinheiros quiseram buscá-lo, mas surgiu Wooland acusando Krupp de tortura e ordenando que seguissemos viagem.

Nem tudo de mim morrerá

CONSEGUI PERMISSÃO PARA SUBIR AO posto de vigília e, quando tomei coragem para fazê-lo, pois me assustava a ideia das cordas como único meio, tomei também a liberdade de convidar Dolores Valentim. Nem por um segundo ela se preocupou em ter de escalar o manto de amarras; inclusive, foi à frente.

O marinheiro encarregado daquele turno da vigília subira não fazia mais de duas horas: pouco tempo, se comparado ao total de oito horas de cada turno. Ainda no caminho, já a muitos metros do chão, ouvíamo-lo cantarolar uma canção com a qual eu não tivera contato em nenhum outro dia de viagem. Quando me pus de pé no topo, ele aquietou-se e espremeu-se na beirada, como quem entende que a visita não o aprecia; mas a plataforma era apertada, talvez não houvesse outra razão para o seu movimento senão abrir espaço. Expus minha curiosidade quanto à canção.

– Estava inventando – ele respondeu.

– Tens jeito – disse Dolores.

– Tens mesmo. És afinado.

– Elas nascem assim. Talvez amanhã ou depois eles me ouçam e gostem. Se gostarem, faremos letras juntos. Desse jeito, o tempo não tortura.

Não havia conforto e espaço que nutrissem meu ímpeto educado de demonstrar interesse pelo assunto com algum outro comentário. Fui direto:

– Confiarias a mim a vigília, marujo? Ao menos por uma ampulheta, não pretendemos ficar muito.

Ele assentiu e já se lançou corda abaixo. Virei a ampulheta para marcar uma hora.

Dolores tomou a iniciativa de sentar-se à beira da plataforma e colocar as pernas para fora. O espaço sem amurada era grande o suficiente para eu conseguir fazer o mesmo, e o fiz.

O fio de lua minguante trazia-nos pouca luz, a água não era vista em nenhum ponto ao nosso redor, era como se o céu se deitasse apagado, um manto mais negro que as alturas. Na escuridão dos arredores e na aparente imobilidade das estrelas, sabíamos que cortávamos o mar, pois podíamos ouvi-lo.

Por que diabos eu levava Valentim lá para cima? Ainda não éramos íntimos. Fiquei estático, ela também me pareceu insegura, e o silêncio, como se soubesse que não podíamos pensar noutra coisa senão nele, zombava de nossa inadequação e crescia ainda mais. Até que, brilhante como sempre, ela conseguiu fazer o mais difícil, falar algo que, antes de somente preencher o vazio, servisse para acabar com a pressão do nosso recolhimento e também nos aproximasse; soou leve, travessa:

– Trouxe para te mostrar algo que roubei.

– Roubaste?

Ela vasculhou o vestido entre os seios.

– Um pertence de Kepler. Furtei antes de ele aprontar as malas e desembarcar no centro.

– Mas estavas presa...

– Sim, por isso só foi possível roubar antes; foi quando ele finalmente terminou de ler e me chamou. Quando suspeitei que tinha escolhido descumprir o trato, esperei-o se virar de costas. Ele foi à porta chamar Krupp, enquanto eu abria uma gaveta e pegava a primeira coisa que encontrei.

Ela puxou das vestes um cordão que carregava um medalhão dourado e o abriu. Dentro havia duas gravuras que de modo algum pude enxergar na falta de luz.

– De um lado está o astrônomo – disse ela. – Do outro não sei quem é.

Lembrei-me já ter visto esse medalhão em nossa casa, em Praga. Portanto, eram retratos do rosto de Kepler e de sua esposa, Bárbara.

– Por que roubaste?

– Na hora, foi um impulso, como o de querer sair ganhando alguma coisa ou de poder levar algo que servisse de prova do meu tempo aqui. Agora vejo que é algo de importância sentimental para ele, então, vem a calhar, como uma pequena vingança por tudo o que me fez passar. Cogitei jogá-lo ao mar, poderia fazê-lo agora, para ele jamais encontrar, mas... – Ela não concluiu, mas continuou como se a razão já estivesse entendida: – Então apenas faço assim...

Enérgica, não raivosa, ela arrancou da cola os dois papéis grossos e ovais em que estavam desenhados os rostos, rasgou-os e guardou cada pedacinho nas vestes, dizendo que queimaria quando descêssemos.

– Por outro lado – eu disse –, retribuíste os furtos que ele cometeu. Já deve ter imaginado que nada teu ficou. Ele desembarcou com tua bolsa e tudo o mais; os livros inéditos e a câmara.

Dolores deu de ombros.

Acrescentei:

– Ele se mostrou bastante ansioso por desvendar a fórmula escrita na máquina.

– Só perderá tempo, não é uma fórmula. Apenas especificações da lente...

Tornei a notar como emagrecera. Desculpei-me mais uma vez pelo enorme tempo de sofrimento pelo qual tivera de passar até que fizéssemos algo para salvá-la.

Ela esfregou meu ombro de um jeito maternal. Desse mesmíssimo jeito, minha *outra* Dolores o fazia sempre. Um engrandecimento que a fazia pensar ser forte, mas que só durava o tempo do toque.

Devo desvelar a obviedade a fim de esclarecer-me. Ao meu lado estava Valentim, e ao norte, Gifford, minha esposa resguardada pelo calor da casa que eu ajudara a construir com o envio de quantias do meu ganho mensal com Kepler.

Dividirem elas o mesmo nome e tanto da aparência fora algo que desde o princípio mexera muito com o meu brio e gerara receios de comprometer a ideia de que havia apenas uma menina como a

minha, e de que somente por ela valeria a pena esperar qualquer tempo.

Estaria eu enxergando mal quando dizia que, afóra a idade, bastava crescer o cabelo, passar um tempo longe do sol, que desse conta de branquear sua pele, e recuperar os quilos que perdera nos últimos dias para que elas se tornassem idênticas? Acima de tudo, entretanto, primaz para aproximá-las em semelhanças que me aproovessem, seria importante uma longa temporada de rigorosa reestruturação dos bons modos – coisa que faltava aos montes a Valentim e que, como mulher, era impreterível que tivesse.

Nada que uma educação religiosa não bastasse, pois assim funcionara para a minha Dolores, que desde a infância formara-se católica e agora se dedicava à pregação. Minha Dolores era um anjo, incorruptível em todas as instâncias imagináveis que concerniam à vida de uma mulher em nosso tempo. É verdade, pouco havia para perturbar uma mulher, elas pouco tinham o que fazer, pouco podiam e, portanto, por pouco respondiam. Mas o maior risco, o da infidelidade ao matrimônio, este ela tinha tudo para sofrer, corrompendo-se por intenção ou sendo corrompida por terceiros insistentes. Pois, como era bela! E solitária.

Em minha memória, Gifford era sempre tão mais esculpida que a pedra bruta Valentim. De alguns ângulos, a espanhola denunciava ter limitações em seus traços, os quais, se minha Dolores não existisse e a ela não fossem comparados, até poderiam passar como detalhes menos defeituosos de um todo de beleza extremada. Mas Dolores Gifford existia, e a existência de Valentim só fazia da outra algo ainda mais especial, como a obra-prima de um autor que é realçada quando uma nova produção sua, posta ao lado, falha absurdamente. Em suma, o esperado pela lógica é que tudo convergisse para um efeito: que a presença de Valentim aumentasse diariamente a falta que me fazia minha Dolores.

Não foi esse, porém, o resultado. Passados os primeiros dias de viagem, Gifford não mais cruzou meus pensamentos, e então só me aquecia o peito pensar nessa Dolores andaluza, cuja pele corada e o atrevimento das atitudes tomaram outra forma em meus

juílgamentos acerca do que era ou não adequado. Aquilo sim era graça, tudo: graça de falar, de andar, de me olhar.

Aquilo era força e relevância – afinal, por que não poderiam as mulheres também ser fortes e relevantes, sem que fossem confundidas com prostitutas e atrizes? Na primeira noite após a expulsão de Krupp, Dolores teve o direito de banhar-se no cômodo que Kepler deixara vazio e jantar à mesa conosco. Pusera-se no mesmo vestido branco em que estava quando a socorremos do Vltava. Assim arrumada e perfumosa, veio ter comigo conversas próximas demais. Estavam coloridas de vez as minhas ideias.

Não cabe aqui estruturar algum suspense de modo a romancear-nos além da conta, pois esta não é a graça deste capítulo. Beije Dolores assim que ficamos livres de Benjamin e Wooland. Não que eles tenham tido a decência de se ausentar, jamais teriam, precisei segui-la até o convés e interromper o momento que tomara para observar a noite. Foi em seguida que a convidei a subir ao posto de vigília em que estávamos nas últimas páginas.

Metade da areia havia caído e eu não queria perder mais daquele tempo precioso ao vento e à escuridão. Beije-a novamente, e ali o beijo teve sua essência e sensações misturadas à intimidação da altura em que pairávamos. No convés fora bom, ali foi melhor. Era um beijo perigoso, tinha forma, intensificava-se nas intermitências dos lábios. Gifford era boba. Valentim era mulher.

No dia seguinte, acordei capacitado a arrepender-me dos beijos, e fora apenas o que trocamos, mas salvei-me noutra maré, noutras conclusões: quais eram as chances de Gifford ter sido realmente fiel? Trocávamos cartas, e só! Nem todas tinham resposta, algumas podem ter-se perdido, outras tratadas como relatos sem necessidade de eco, como o fiz com duas ou três que li e não soube o que dizer.

Diziam tão pouco de relevante, Gifford era tão repetitiva... achava graça na estupidez, pouco se interessava por ler. Conhecia tão pouco. E eu não a via há mais de três anos! Passeando por essas análises, ainda deitado na cama, lembrei-me animado de que Dolores estava livre, andando por alguma parte do galeão naquela vestimenta branca e algo transparente.

Minha frágil humanidade suplantada pelo lado animal de todo bom ser fez-me levantar de imediato e, como nunca faço, ter como primeiro ato do dia um banho. Copulamos nesse dia e no seguinte e no outro também; tendo sempre conversas inteligentes em cada ínterim.

TORNOU-SE PONTO PACÍFICO QUE NÃO questionaríamos mais o capitão acerca do andamento da viagem. Durante as primeiras semanas no rio, Benjamin se encarregara de perturbá-lo com perguntas engenhosas sobre tudo o que lhe cruzava a mente. O que os marinheiros faziam? Qual era o trabalho que se dizia desempenharem tão incessantemente?

Teve resposta: afora a limpeza do navio e os tratos das velas, as atividades eram tão manuais e tão elaboradas que os marinheiros tinham de ser, literalmente, homens de pulso firme, possuir antebraços tal como pedra, punhos e dedos incansáveis, brutos; mas nada em detrimento da presteza, nem de certa delicadeza: era essencial um esmero que se poderia esperar de uma costureira, pois precisavam dar nós minuciosos e firmes, infalíveis, não só em cabos rígidos, até em fiapos da extremidade de cordas que se desejasse estender e somar a outras. Mas, e as âncoras? Benjamin queria saber. Como era possível funcionarem tão bem, fazer presa firme no fundo do mar e evitar que o navio fosse arrastado pela força dos ventos, das correntezas ou das ondas e, ao mesmo tempo, quando içadas, soltarem-se com facilidade? Wooland atribuiu parte da engenhosidade ao desenho preciso das âncoras, mas falhou em explicar o sistema da máquina de suspender.

Terminou sugerindo: se havia assim tanta curiosidade pela arte naval, que em terra Benjamin então fizesse uma visita ao lugar em que nenhuma daquelas dúvidas sobreviveria: a biblioteca. Faltava muito, no entanto, para o destino, e meu amigo não sabia ficar calado.

Houve uma sucessão de perguntas sobre os diferentes tipos de nós, coisa que numa manhã ele ouvira os marinheiros citar. Daí quis

entender como eram e para que serviam o tal nó de moringa, o nó de escota singelo, de escota dobrado, nó de correr e o de pescador. E o que são aboçaduras? Wooland jurou não saber nada daquilo, mas eu suspeito ele ter querido poupar saliva e tempo.

Benjamin poderia ser mais cuidadoso e levar aos marinheiros do convés suas interrogações; pelo contrário, ele firmava o pé, ficava ali na cabine mesmo, jogado na poltrona, chato, lançando suas curiosidades sem considerar que o capitão poderia desejar algum tempo de silêncio.

Após o desembarque de Kepler, quando Benjamin quis saber como eram contadas as milhas e como Wooland iria distinguir dos afluentes a continuidade do Elba (e, uma vez que, à noite, nem sequer veríamos os cursos, que observação era confiável?) Wooland manifestou-se de uma vez por todas:

– Imaginemos que estamos todos numa embarcação maior e mais importante. Eu sou o capitão inatingível, e todos vocês são meros viajantes ou até escravos acorrentados junto às bruxas. Apenas sonham em chegar onde quer que o navio pare, e o capitão é a figura misteriosa que não ousam imaginar. Talvez ele seja grande, tenha um vozeirão e um andar majestoso, mas vocês nem pensam nisso, estão satisfeitos em sua ignorância. Realmente, amigos, não quero que percam a intimidade comigo, pois desfruto de nossas outras conversas, mas, com relação à navegação e ao que devo eu me preocupar, esqueçam que têm a chance de falar com o capitão. Quero assuntos diversificados!

E ele teve o que queria: dali em diante conversamos sobre o que mais podia haver de trivial – e até estúpido, como a quantidade de mulheres com que cada um de nós teríamos nos deitado, curiosidade levantada por Wooland numa noite banhada a vinho. Entretanto, saciada a ânsia pelo social, foi com muita vexação, que ele veio ensimesmado nos relatar um grande problema, acerca daqueles assuntos que dissera preferir não ter conosco: ou as coordenadas estavam erradas, ou o rio Oste baixara antes da hora prevista, antes de alcançarmos a porção final de terra que daria vista ao horizonte de mar e, em seguida, caminho ao porto do norte. E o

agravante eram as águas, turvas demais para uma região que esperávamos que tivesse pouca profundidade.

Ainda víamos margens, distanciadas um pouco mais do que deveriam, mas estavam lá e denunciavam algo de estranho entre o desenho das terras que os mapas mostravam e o que os olhos na realidade viam. Wooland confessou ter percebido e tomado nota de alguns desses indícios havia já quatro dias, tempo que passara decidido a seguir em frente em busca de alguma outra referência, como um porto ou a virada esperada do vento frio, característico do extremo norte do Império, afinal equívocos de observação eram comuns.

O frio veio, o vento não. Perdemos velocidade e, por isso, as águas aquietaram-se um pouco. Mas na primeira manhã que acordamos batendo os dentes e subimos ao convés, vimos outros motivos para o silêncio: não havia mais terra alguma à vista em nenhuma parte que olhássemos. E a proximidade que tínhamos nos outros dias era de menos de 220 jardas.

A vista de uma terra, por mais longe que estivesse, era um detalhe que comprovei não só compor a paisagem, mas impedir a sensação de plena quietude, como se a respiração das árvores e a voz da terra vibrassem em frequências inaudíveis, capazes de preencher com vida o ar até onde estávamos.

A falta disso não era bom sinal, o horizonte e o silêncio absoluto eram motivos para imediatamente lançarmos âncora e evitar que caíssemos em Águas de Desacordo, como Wooland se referiu aos pontos de conflito, onde corvetas e naus se enfrentavam em nome de guerras que ocorriam no Mar do Norte e no Mar do Leste^[8]. Seria possível que já estivéssemos num desses mares? Wooland garantiu que era *mais do que muito improvável*, portanto impossível, ou quase.

O galeão teria de ter traído a ordem natural de sua construção e triplicado os nós. O fato é que os mapas garantiam que em todo o nosso trajeto não conheceríamos águas turvas, tampouco ficaríamos sem enxergar alguma terra e, regularmente, veríamos de perto

embarcações menores. Não avistamos ninguém, mesmo com o uso da potente luneta que Kepler dera de presente ao capitão.

Devia haver indícios claros para a tripulação de que algo estava errado, o tempo de viagem por si só bastaria, prolongara-se demais, porém, a reação da marinhagem, se houve, não foi vista. Eram os mesmos de todos os dias e, como formigas, agiam centrados nas tarefas, de todo indiferentes ao que se via para lá de um curto raio de água. Obviamente, isso mudou quando o capitão teve de dar o comunicado do enigma de nossa localização, pois se instalou a preocupação com os mantimentos. Um bom marinheiro poderia navegar pelo tempo que o mar lhe impusesse, argumentou um deles, contanto que tivesse o que beber e o que comer. Nossa viagem começara com a expectativa de ter fim, no pior dos casos, após três semanas. Contudo, faltavam quatro dias para essa totalidade e a iguaria que talvez aguentasse outra semana era a sardinha de barril.

Apenas sardinha, nenhum grão a mais. Teríamos sardinha pela manhã, para o almoço teríamos sardinha, chá de sardinha, sardinha salgada no jantar e, se viesse fraqueza na madrugada, provavelmente evitaríamos levantar, pois dali a pouco alguém do covil de marinheiros acordaria cheirando a sardinha para abrir mais um barril. Era imprescindível que terras surgissem no horizonte do próximo dia, ou do outro, portanto não nos demos ao luxo de lançar âncora e tomar tempo para refletir, empenhamo-nos ao máximo para aumentar a velocidade e quiçá chegar a algum lugar.

O horizonte sumira no nevoeiro, mas tivemos uma pista de nossa possível localização quando, no fim de tarde do dia seguinte, avistamos uma ilha sobrepor-se à bruma.

– Se houver homens vivendo aqui – disse Benjamin –, talvez possam nos dizer onde estamos.

O capitão empertigou-se.

– Só se fôssemos tolos e nos aproximássemos! Não se arrisca descer em qualquer ilha. Não me surpreende que estejam desinformados do que os portugueses têm sofrido. Mas, eu sou um homem do mar, leio boletins, diários de bordo e relatos de marinheiros testemunhas da morte de companheiros. É tenebroso o

que as tribos canibais são capazes de fazer com quem desce à terra nova despreparado!

Mas aquela não havia de ser uma terra dessas. Víamos o início da ilha e, no dia seguinte, aproximadamente onze horas depois, vimos seu fim. Wooland fez cálculos usando a velocidade quase constante que empregamos e o tempo percorrido para resultar no tamanho daquela terra. Chegamos ao número de 75 milhas. E corremos para o mapa, em busca de registro dela em alguma parte. Encontramos uma só candidata! Jurávamos ainda estar no Império.

– Jamais deveríamos ter vindo parar aqui em tão pouco tempo de viagem – disse Wooland, horrorizado.

Estávamos ao redor da mesa, o mapa europeu aberto de um lado e, sobre ele, outro, ampliado, com melhor definição dos rios e dos dois mares mais próximos.

– Isso, sem falarmos no caminho improvável que seria necessário... Teríamos de ter aberto uma curva assim, longa por demais, levaria sete vezes mais tempo e teríamos visto o gelo.

– Ela não tem nome? – perguntou Benjamin, colocando os olhos bem perto da ilha no mapa.

– Só sei que pertence à Dinamarca – disse o capitão. – Então, estamos no Mar do Leste. O que significa que para chegar aqui precisaríamos ter percorrido em torno de 870 milhas desde que Kepler desceu!

– Como é possível? – disse Benjamin.

– Não é! Não entendem?

– É espantoso. Mas, além do mistério – eu disse –, não vejo motivo de desespero. É a notícia de que precisávamos, podemos virar a bombordo, temos terra aqui. E aqui também, mas algo me diz que a Suécia será mais hospedeira.

– Estocolmo fica a 122 milhas – calculou Wooland. – Conseguiríamos chegar lá em um dia e meio, ou pouco mais, mas isso com vento em popa, o que não acontece nestas águas. Além disso, há pouco de água salgada, e o frio mais intenso congela a água. Um galeão não é construído para esta viagem.

– Que opção temos?

– Sair do alto-mar, ficarmos mais próximos da terra, onde a temperatura é mais amena... mas aí enfrentaríamos ventos mais desfavoráveis, teríamos de mudar a navegação e passar a costurar, o que aumenta em muitas milhas o percurso.

– É a única chance que temos – eu disse.

O capitão concordou. E fez uma consideração em tom otimista:

– Não conheço bem a costa sueca... talvez não precisemos chegar até Estocolmo. É provável que haja algum outro porto. Saberemos logo, imagino que em breve a luneta nos mostre montanhas.

Só então, quando me imaginei desembarcando na Suécia, hospedando-me em algum lugar à espera que fosse refeita toda a carga de mantimentos para só então voltarmos, é que me dei conta do quão longe estávamos de casa.

Ainda levaria semanas, senão mais de um mês, para rever Gifford. E pensar que estávamos tão perto quando desembarcamos Kepler! Por que não descemos logo? Bastaria ter seguido por terra!

Olhei então para fora da janela e vi Dolores sentada num barril do convés, seu rosto iluminado pelo sol e os cabelos negros simulando um tom mais claro. Estava há muito tempo ali? Ela agora vivia trancada na suíte principal. Não tinha lembranças de tê-la visto naquele dia, ou no outro. Talvez ela não tivesse gostado de se deitar comigo. Certamente os homens do tempo dela tinham melhores dotes e sabiam o que fazer para agradá-la.

Alguma expressão minha delatou meus pensamentos, pois Benjamin e o capitão cessaram a conversa e questionaram-me. Respondi pondo em palavras só o que sentia sobre a viagem (nada disse sobre Dolores), ao que eles souberam com primazia fazer pouco caso; mas, ainda assim, souberam logo dar solução, pois um exclamou e o outro concordou que devíamos descer e beber com os marinheiros, em comemoração pela terra encontrada.

Descemos os três, e uma caneca de vinho depois lembrei-me que Dolores estava zanzando pelo navio ao capricho de topar com marinheiros interrogativos. Fui buscá-la e a convenci a beber. Ninguém acreditou nos olhos que viram Dolores aparecer pelo arco, mãos dadas a mim.

Olhei para Wooland e vi sua intenção de já se levantar e fazer algum comunicado que precavesse a onda de assédio. Porém, se Wooland pensou, só pensou. Aquietaram-se os marinheiros, primeiro um grupo que a viu antes dos outros, logo depois todo o restante. Observaram-me colocá-la sentada sobre um barril entre mim e o capitão e aos poucos voltaram a conversar entre si, talvez já aceitando que deveriam encarar a presença da mulher como algo corriqueiro. Mas a bebida foi a poção da permissividade.

Os menos resistentes ao álcool passaram dos olhares perscrutadores para o desimpedimento da língua, usando dela para descrever entre eles a beleza vulgar que viam no vestir, nos olhares e nas formas do corpo de Dolores.

Wooland ouviu uma dessas e mandou que o sujeito se calasse e que para isso utilizasse a caneca, ao que outro brindou:

– Boca tagarela é boca seca, capitão! Quem bebe *mesmo* não fala, pois está ocupado engolindo!

Wooland quis brindar a isso, mas por perto só havia Benjamin – quem de nós menos bebia; sua caneca estava tristemente apoiada na coxa. O capitão forçou o brinde, bateu na caneca e fez um pouco de vinho cair no joelho de Benjamin.

Wooland riu. Wooland ria de qualquer estupidez, e eu estava distraído para perceber que ele precisava de alguém que lhe desse limites. Menos de uma hora passada, a perda da sobriedade pareceu resultar em seu desleixo quanto ao que Dolores poderia despertar nos marinheiros, pois ele achava graça até mesmo dos desrespeitos.

– Faça uma dança para nós! – exclamou um.

E Dolores, que também ferira a sobriedade, sem levantar, esboçou uma mexidinha ritmada da cabeça e usou os braços para forjar uma dança boba.

– Sim!

– Faça valer!

– Rapariga endemoninhada – outro xingou, num brado que escondia apreciação, excitação, desejo.

Até Benjamin, sóbrio, riu. Dolores cessou o ensaio de dança e franziu o cenho, fingindo-se desgostosa. Veja que também não agi

em sua defesa, faltou-me atenção. Deveria logo ter visto que a permanência dela ali não era boa.

Precisou Benjamin chamar minha atenção para o fato de que, em determinado momento, Dolores estivesse pendendo a cabeça e dormindo sentada. Levantei-me para pegá-la, para só tentar pegá-la, pois me faltavam equilíbrio e força nos braços e nas pernas.

Benjamin quis ajudar, mas sabemos que também ele é fraco. Felizmente, havia um criado sóbrio nos espionando à distância, ele se aproximou para ajudar, e vi que se tratava do negro que se jogara nas águas para resgatar Dolores no primeiro dia.

Mostrei o caminho para os dormitórios e pedi a ele que a levasse para a cama de Benjamin. Agradei dando-lhe uma moeda, e ele seguiu pelo corredor. Quando percebi que já era hora de demonstrar alguma consideração, perguntando-lhe o nome, por exemplo, ele sumira e não mais me ouviria chamar.

Benjamin falava algumas coisas às quais eu não conseguia dar ouvidos. Cambaleante, propus que fôssemos até o quarto verificar Dolores. Vimos que ela dormia. Uma presa fácil aos depravados. Tranquei a porta do dormitório e subi, Benjamin no meu encalço, ainda falando com muito gosto, certamente um assunto que lhe bastava falar sozinho, pois falava, eu não retribuía, e mais ele falava.

Subimos para o convés e, aquecido que estava pela bebida, cochilei largado ao lado de caixas convidativas. Tive a impressão de ouvir rinchos e, ainda metade de mim desperta, pude julgar que então me aproximava trôpego do delírio onírico.

Eu não dera atenção alguma a Benjamin, nem sequer notara seus passos – não sei por que me acompanhara ao convés, ou se ficara ali comigo depois que me viu deitar, pois, não estando embriagado, não acharia confortável.

Acordei pouco depois com as costas doendo, descobri-me ao lado de um marinheiro que estava abraçado a um barril de sardinha aberto. Achei por bem enfiar minha mão ali e me servir de uma, duas, três sardinhas.

O sal serviu como um elixir. Ganhei foco na vista e passei a tomar ciência do que chegava aos meus ouvidos. O marinheiro abraçado ao barril estava calado; primeiro, ouvi as águas e depois, Benjamin, que

não saíra da minha sombra, e falava ainda! Pude enfim entender o porquê. Ele tinha em mãos um livro e, certamente, desde antes, recitava poemas.

Ali, à luz do lampião, peguei noção deste trecho:

*Erigi um monumento mais duradouro que o bronze,
Mais alto que a régia construção das pirâmides,
que nem a voraz chuva, nem o impetuoso Áquilo,
nem a inumerável série dos anos,*

*nem a fuga do tempo poderão destruir.
Nem tudo de mim morrerá, de mim grande parte
escapará a Libitina: jovem para sempre crescerei
no louvor dos vindouros, enquanto o pontífice*

*com a tácita virgem subir ao Capitólio.
Dir-se-á de mim, onde o violento Áufido brama,
onde Dauno pobre em água sobre rústicos povos reinou,
que de origem humilde me tornei poderoso...[\[9\]](#)*

Benjamin calou-se e fechou o livro quando gotas de chuva começaram a cair nas páginas. Um marinheiro bêbado que transitava em busca de um canto para fazer seu jogou-se entre nós para dormir, e também voltei ao descanso.

A notícia de que não passaríamos fome e de que as sardinhas não impregnariam nossa garganta por muito mais tempo devia mesmo ser comemorada, e a bebedeira garantiria também a bem-vinda distração do estômago. Mas foi desastroso todos mergulharmos ao mesmo tempo na insensatez inebriada, o fizemos próximo demais da primeira vez que a embarcação seria testada. Pois naquela noite o mar resolveu mostrar por que é tão melhor navegar nos rios.

Ao primeiro prenúncio de mau tempo, os mais experientes lançaram avisos pelos gradis do convés e, aos poucos, mesmo embriagados, marinheiros subiam e acordavam os que dormiam pelo

convés, erguendo-os – às vezes indo ao chão na tentativa. Tratei de ajudar com o que eu podia, servi sardinhas de boca em boca, pensando revitalizar cada marinheiro com uma boa dose de sal.

Não alimentei todos e tive de parar, mas bastou. Eles foram proteger cargas que estavam no convés, fechar as portas estanques, inspecionar as aberturas de ventilação e as saídas de água. Outro grupo menos desperto colocou cabos de vaivém no convés, presos de lado a lado do galeão, para servir de corrimão à marinagem.

Em meio à pressa, começou: primeiro foi a chuva, que aqui não é gradual, nem simplesmente cai: despeja-se enraivecida no peso de cada gota; poderia dar sabor ao desbravar da noite, mas logo veio o vento, estilhaçando as gotas em milhares delas, menores e cortantes, colocando água rarefeita em toda a parte e intensificando a ondulação do mar. No escuro, em que não vemos a queda, fica a impressão de que não é de cima que vem a intempérie, mas do próprio mar, que se levanta em cada crista de onda, se desfaz e chove.

Não bastasse o navio ser jogado, arfando e emergindo seguidas vezes, e a cada momento dando a sensação de que atingia alturas e profundidades maiores, o casco vibrava tão violentamente que podíamos senti-lo, como se vibrasse ora aqui, ora ali, parte adjacente da estrutura, prestes a largar-nos. Mas o capitão foi firme em garantir que para tempestades o galeão estava preparado. Foi quando nos resguardamos na cabine, que Benjamin tornou a notar a falta de um nome que o capitão pudesse usar para se referir à embarcação.

– É a razão disto! – exclamou Benjamin. – Navegamos em um navio sem alma, eu já disse. Ele estava destinado a não respeitar as ordens naturais da navegação, por isso não tivemos controle sobre onde ele pôde chegar e também por isso a má sorte nos acompanha!

Benjamin deixou a cabine apressado. Gritamos por ele, mas já saltara a escada para o convés. Pela janela o vimos misturar-se à chuva e aos grupos de marinheiros que, segundo o capitão, estavam certificando-se da redução de velocidade, do bom estado das velas e das superestruturas. Benjamin gesticulava energicamente, e o

mesmo fazia o marinheiro. Os dois não cessaram a conversa, vieram juntos pela escada e entraram na cabine.

– Senhores. Capitão – disse o marujo, ensopado.

– Este é Joel – informou Benjamin.

– Explica logo o que queres – disse Wooland.

Benjamin não respondeu, virou-se para Joel e os dois prosseguiram na conversa que, pelo visto, haviam interrompido para melhor falarem a salvo da tormenta. Mas nem por isso travaram diálogo sereno, o galeão balançava na transversal, de bombordo a estibordo, uma vez à esquerda, duas vezes à direita, variando de acordo com a maré.

Todos nos segurávamos onde podíamos; era inevitável que perdêssemos a mão e quase saíssemos rolando por ali. Diferentemente dos objetos e dos livros nas estantes, todos protegidos por um sistema de prensa e tábuas que vedavam os móveis abertos, estávamos indo e vindo; era bom nos ampararmos uns aos outros quando a força nos jogasse, e assim fazíamos.

Justo na presença impávida daquele marinheiro, que não demonstrou precisar segurar-se em coisa alguma para manter a firmeza dos pés, nós três ficamos pateticamente agarrados um ao outro: apoiei-me em Wooland, que se desconcertou e foi parar na parede, e segurei-me em Benjamin, trazendo-o de lá pra cá.

– Noutro momento te asseguraria – dizia Joel a Benjamin no vaivém – que não haveria riscos que pudesses correr. Mas, como todos podem ver, sob estas condições de chuva, não posso dar garantias... Com menos balanço, talvez desse certo... E sobre isso eu já iria tratar com o capitão, pois todos lá fora concordamos que o melhor a fazer é meter o navio à capa.

Wooland refletiu e concordou. Foi transmitir as ordens, e eu o acompanhei. Benjamin ficou na cabine, conversando não sei o que com Joel. Pôr o navio à capa significava que iríamos manter o galeão com a proa chegada ao vento para aguentar o mau tempo, manobra muito eficiente e usada por navios de vela para suportar o temporal. Mas isso só garantiu o pouco seguimento e, com o aumento da velocidade, foi maior a revolta das águas.

Pouco tempo depois, Wooland deu nova ordem, que *trouxessem o azeite*. Tal cômica expressão revelou-se referente a uma genial, e para mim desconhecida, prática dos mares.

Um dos marinheiros alertou o capitão de que não podiam usar os sacos de lona para tal, pois estávamos capeando e correríamos risco. Wooland concordou e ordenou que usassem os embornais e descargas das privadas de vante.

Cinco marinheiros desceram, e o capitão ficou conosco no convés, debaixo de chuva e segurando firmemente nos cabos de vaivém, para melhor constatar os resultados.

– O que me preocupa é a temperatura. Mas talvez trinta galões deem conta – começou dizendo, como se eu já compreendesse do que se tratava a prática.

Eu exprimi minha ignorância e ele explicou:

– Sabemos que o vento tem grande responsabilidade nisso que estão vendo.

Servindo de exemplo constante, o mar deu mais um golpe, outra crista rompeu-se nas alturas e parte da onda veio ao convés, molhando-nos até o tornozelo.

– Mas, quando deitamos óleo ao mar, o vento tem diminuída sua aderência com a água. O óleo se espalha e forma uma camada de grande tenacidade! As cristas diminuem. A ondulação suaviza-se.

O que ele a princípio não explicou, porém, é que o processo em sua completude levava muito tempo e podia cessar logo que desse bons sinais, pois o resultado era efêmero; devia-se aplicar o óleo, no caso o azeite de oliva, pouco a pouco, de hora em hora.

Trinta galões era o equivalente a pouco mais de cem litros e isso devia ser economizado para durar durante a viagem. Não se vence a chuva em combate, perdura-se o suficiente para vê-la desistir de nos importunar, o que significa: até que o céu se abra, teríamos de despejar azeite ao nosso redor.

Quando um marinheiro subiu trazendo a mensagem de que dois litros já haviam sido deitados e o capitão mandou que tivessem mais calma, pois era seu desejo manter uma média de oito litros por hora, fiz as contas e concluí que aquilo levaria a noite inteira.

Deveríamos entrar imediatamente, tomar chuva não ajudaria ninguém. Mas Wooland ficou e até se aproximou perigosamente do parapeito a bombordo, de onde pretendia assistir à reação das águas ao óleo. Voltei à cabine e sequei-me com pouco caso, mantendo as roupas no corpo.

– Seria possível demonstrares a amarra que usaremos? – perguntou Benjamin ao marinheiro.

O marinheiro hesitou. Olhou-me, como se interessado no que eu podia pensar em razão do que Benjamin dissera.

– No que estão pensando? – perguntei.

Muito antes do que eu esperava, o capitão retornou à cabine, ofegante; parecia prestes a fazer um comunicado.

– Serei içado – respondeu Benjamin. – Vou batizar o navio. Enquanto ainda há navio.

– Durante a tempestade?! – sobressaltou-se Wooland.

O marinheiro abriu a corda sobre o grande tapete circular da cabine. Começou a formar uma espécie de interrogação. Segurou uma parte meridiana na mão direita e a parte esquerda superior na mão esquerda, construiu uma meia volta e fez a ponta da corda na mão direita se estender por entre a meia volta duas vezes para completar o nó. O resultado era como duas circunferências unidas por um nó de aparência incomum.

A pedido de Benjamin, Joel explicou que aquilo era um balso de calafate, muito usado para manter seguro um homem que trabalhe no costado ou no mastro.

– É derivado do que chamamos de rei dos nós – explicou Joel –, o lais de guia.

– Mas ninguém limpa costado durante esta chuva! – argumentou o capitão. – É evidente que isto é arriscado, para Benjamin e para quem o sustentar!

Benjamin foi até um dos armários de bebidas e retirou uma garrafa de champanhe:

– Agora – ele disse –, a questão é qual nome iremos dar.

– Nenhum! Parem! – exclamou Wooland. – Eu ordeno! Isso é loucura!

Joel não temia contrariar o capitão e, certamente, até compartilhava da crença de Benjamin de que um navio sem nome é um navio sem alma e sem sorte, pois comentou que aquela seria a hora: o balanço havia diminuído, ouvia-se menos o uivar do vento, então, que logo fosse feito. E ajudou Benjamin a enfiar-se no balsa de calafate. Quando saíram para a tempestade, Wooland e eu ficamos para trás. Ele segredou-me que o vento é que diminuiria um pouco e, por consequência, as cristas também. Não fora o azeite que tivera sucesso.

– Não dará certo... – ele me disse. – Iríamos precisar de outro óleo, como de rícino ou linhaça, eles resistiriam... mas o azeite está congelando... Este mar fica cada vez mais gelado. Só nos resta rezar.

Wooland não quis sair da cabine para ver Benjamin. Mas fez questão de assistir a tudo debaixo da chuva e, se fosse preciso, auxiliar de alguma forma.

Segurei a garrafa de champanhe até que fosse a hora. Estenderam a corda por uma fileira de três homens que dariam conta de sustentar o peso. Benjamin subiu no parapeito da proa e investigava como se segurar, sem ver qualquer coisa naquele aguaceiro. Benjamin não tremia só de frio.

– Que nome, Rupert? Dê-me um.

Demorei alguns segundos.

– Que não seja Gifford – ele acrescentou, rindo de um jeito vacilante.

– É tua a coragem, que seja tua a homenagem.

E a segurança do nó de Joel foi testada antes da hora: o pé de Benjamin deslizou na madeira e todo o peso do corpo foi para trás. Não caiu na água, o nó era bom, mas, uma vez que estávamos cortando o mar na mesma direção, Benjamin foi e o galeão o seguiu; ouvi a batida forte do seu corpo contra a madeira e chamei-o.

Ele respondeu, rindo:

– Que alívio. Este tal balsa é até confortável, estou sentado no ar!

O batismo seria mais fácil do que se pensara, pediu que eu lhe entregasse a garrafa. O problema é que eu não podia alcançá-lo

nem o via. Além da escuridão, o galeão fora construído de tal forma que o convés se adiantava e se fechava numa espécie de baluarte. E só de estar ali, daquele jeito, sem corda, eu já me aventurava além da conta, não podia correr o risco de me debruçar.

Com lentidão o galeão subia e descia as ondas que eram longas, as melhores, mas poderiam mudar a qualquer instante.

– Não consigo te enxergar!

Virei-me para os marinheiros.

– Está muito longe! Puxem um pouco!

Eles não me ouviram.

Gritei outra vez:

– PUXEM!

Puxaram com tudo e ouvi outra batida.

– Ai! Minha cabeça!

Joel trocou de lugar com o outro marinheiro e veio se informar, o que fez com que concluísse que Benjamin estava mesmo abaixo do convés, e que seria mais fácil eu descer um nível do galeão; através da escotilha, ficaria de frente para ele.

Desci um nível. Benjamin se assustou quando cutuquei sua perna e lhe entreguei a garrafa. Ele não estava na chuva, estava protegido pelo recuo da proa, mas banhava-se nas ondas rechaçadas pelo casco.

– Qual o nome do deus do mar? – perguntou Benjamin.

– Poseidon.

– O que achas?

– Uma ofensa.

– Não acho.

– Tanto faz! Vamos logo!

O galeão arfou e a água subiu até o nosso nível, deslocou Benjamin e entrou abundante pela janela onde eu havia colocado a cabeça um segundo antes.

– Benjamin! Vamos!

Trovejou e então ele pronunciou algumas palavras que não ouvi.

Ouvi um grito:

– Valentim!

Em seguida, quebrou a garrafa no casco. E gritou outra vez o mesmo nome. Retornei ao convés, ele foi içado de volta e, recolhidos na segurança da cabine, conversamos:

– O que fizeste?

– Inventei tudo na hora. Só sabia da garrafada. Eu disse... *Que seja corrigido o equívoco. Teu desânimo foi percebido e serás compensado com o nome da alma mais bondosa e resiliente que conheci.*

A cabine parara de balançar, mas só nos demos conta quando subitamente o som da chuva cessou. Saímos todos. No convés, os marinheiros comemoravam, lá debaixo surgiam outros, perguntando ao capitão se ainda deveriam derramar óleo. Wooland respondeu que não. E atribuiu o fim da chuva ao batismo corajoso de Benjamin. Com um abraço, Joel foi o primeiro a parabenizá-lo.

A única prova de que havia chovido todo aquele tempo era o convés molhado e nossas roupas encharcadas, pois o céu acima de nós estava limpo, conseguíamos ver todas as estrelas. Mas Benjamin notou que isso não valia para o horizonte atrás de nós. A milhas de distância, trovões iluminavam nuvens carregadas, o que permitia que por segundos vissemos o tamanho imenso das formações nebulosas. Ninguém cogitou a possibilidade de termos vindo dali, era uma distância absurda, tão grande que sugeria ser necessário um dia inteiro para percorrê-la. Isso ficou comprovado quando Wooland usou a luneta e disse que um raio revelou a ilha pela qual havíamos passado antes do pôr-do-sol.

Aceitávamos se tratar de um milagre advindo do batismo ou de outro inexplicável avanço de léguas em segundos. Eram opções igualmente inaceitáveis. Mas bem menos implausíveis do que viria a ocorrer até o fim da noite. Eu adoraria saber exatamente o que cada um dos tripulantes concluía como explicação daquela viagem, e nenhum deles sabia que tínhamos descoberto estarmos no Mar do Leste, mas jamais foi possível conversar com eles outra vez; morreram, suponho; os que não morreram tiveram de muito lutar para vencer o frio das águas até que alguma embarcação surgisse no dia seguinte.

Antes de o frio absoluto nos atacar o corpo, ele atacou as águas. Descobrimos da pior forma que não havia mar conforme nos aproximávamos da Suécia. Houve primeiro uma lâmina de gelo e, depois, um resistente bloco congelado. A área de lâmina conseguimos cortar sem perceber que o fazíamos, mas foi súbita a mudança e, para prosseguir, o galeão precisaria de mais vento e, sobretudo, uma proa reforçada e protegida por um quebra-gelo de ferro. Inclínamos um pouco, o galeão adentrou alguns metros e parou. O peso sobre o gelo foi demasiado grande, caímos e a água voltou a banhar o casco, mas em níveis progressivamente superiores, o que indicava que a madeira fora avariada, e a água entrava nos pavimentos mais baixos, como o depósito de bebidas e o laboratório fotográfico de Dolores.

Só então ela ressurgiu na minha mente, nos instantes anteriores fora como se nunca a tivesse visto na vida. Não que eu tivesse me esquecido de pensar nela e então me desse conta de que me distraíra, e não fora apenas o efeito do álcool que a extraviara da memória, eu havia deixado de saber que ela *existia* – um nível profundo de desligamento de informação ao qual a psicologia devia já ter dado um nome que eu certamente li na faculdade e que, por um longo tempo, devo ter achado que fosse importante saber e lembrar.

Desci desenfreado, tomando por sorte qual chave do molho seria a correta. Errei, e depois errei mais três chaves.

Entenda: pela escotilha dos dormitórios não conseguiria passar sequer um cachorro de pequeno porte, talvez um gato o fizesse. E isto, se a escotilha abrisse, pois nas noites anteriores Benjamin e eu tentamos trazer algum ar para o cômodo e constatamos que ela de nada servia, senão para dar vista e trazer um feixe de luz na manhã. Portanto, não havia por onde Dolores ter escapado, e somente eu tinha a chave. Ainda assim, ela evaporara.

Fui aos outros dormitórios do corredor e gritei por ela como um louco. Não tardou para me dar conta de que não havia razão para ela ter saído dali. Não havia para onde fugir. Subi correndo, ainda atento à chance de vê-la em algum lugar, num canto, encolhida, temerosa, tendo fugido por medo de ficar sozinha no balanço ou por

considerar a chance de um acidente maior. Perguntei por ela no convés, ninguém soube. A única explicação para o sumiço seria...

– É claro que foi magia! – disse-me Benjamin.

Vi-me considerando algo que sempre rechaçara: a ordem de feiticeira de Dolores. Não restava mais argumento favorável, nem tempo, nem a própria Dolores para explicar a estranheza do ocorrido. Aceitei que ela tivesse feito alguma bruxaria depois de acordar e se ver trancada no dormitório chacoalhante.

Antes de afundar, o galeão quase virou. A maioria da tripulação pulou a estibordo, o capitão e alguns marinheiros afundaram junto com o navio. Antes de decidir entre ficar ou pular, reencontrei o negro na amurada, fitando calmamente as águas. Perguntei-lhe se não temia. Ele não respondeu e perguntei-lhe o nome. Ele me olhou e dirigiu-me uma carga de palavras num tom que fazia parecer que ele era quem primeiro falara e que, portanto, tinha o direito de desconsiderar as perguntas:

– Sempre temeste. Vejo em teu olhar o mesmo que vi naquela manhã. Não culpes tanto a ti, tua bondade foi sufocada, mas ela estava lá. E quem sabe ainda esteja aqui em algum lugar. Tua descoberta tem início na renúncia. Renuncia a tudo o que aprendeste a amar tanto em ti próprio; depois, talvez consigas renunciar ao que tanto odeias. Olhaste sempre para tuas concessões, fizeste regalias e rodeios para isentar-te de culpa. Foges do único julgamento que importa, o teu. Tudo isto feito para que não reconheças o próximo. Se soubesses amar, Rupert, não transformarias todos que te cercam em conjecturas. Mesmo assim, fica sabendo, perdoo-te.

Só então vi quão moço ele era: a pele, o olhar cintilante e arregalado; talvez tivesse seus dezesseis anos.

Jogou-se no mar.

Olhei para Benjamin e acho que nos sentimos fortes ao mesmo tempo. Pulamos. O queimar dos lampiões que sobravam acesos no galeão ainda a afundar permitia-me enxergar Benjamin próximo de mim, mas, os outros jamais vi, nem pude imaginar em que direção nadaram, se nadaram. Benjamin nadou até um bloco de gelo. Enxerguei-o subir, ficar de pé e por um instante pensei estar ali a

salvação, talvez pudéssemos seguir andando ou correndo e ter só de vencer o frio e não a água. Mas, pouco mais de dez passos à frente, quando ainda era possível vê-lo, o gelo abriu-se sob seus pés e ele sumiu. Podia subir de volta ao bloco ou nadar até mim por baixo do gelo, não estava tão longe, mas ele jamais veio.

Tive a impressão de ouvir relinchos, seguidos e revoltosos. Depois, pude confirmar que não era loucura, os cavalos relincharam outras tantas vezes. Eram brancos. Enxerguei quatro. Eles sabiam nadar e nadavam com gosto, sabiam submergir e saltar, como golfinhos. Poderiam até ser golfinhos, se não relinchassem. Então, deviam ser cavalos. Poderiam ser obra de Dolores. Abri os olhos e continuei a ouvi-los. Mas silenciaram-se simultaneamente, para darem vez a uma voz conselheira e familiar que só se manifestava ao pé do meu ouvido. Minhas orelhas estavam no nível das águas, a maré trazia-me o comunicado na ondulação, era a voz de meu tio vindo das profundezas: *mata-o. Tu limparás a nossa terra da sua ira. Mata-o, lamentando ser apenas um diante da tua mira.* Isso se repetiu vezes demais, ecoando num ritmo opressor, como uma música pobre ou o lema de um escoteiro de castigo. Tentei lembrar-me de alguma canção que me salvasse, nenhuma veio, e não fui capaz de inventar. Lembrei-me do marinheiro no posto de vigília, mas não da melodia que cantarolava.

Devo ter boiado por mais de uma hora, quase sempre amparado pelo gelo, sem ter de usar as pernas. Vi o céu clarear um pouco, mas o sol não subira. Que o frio tenha me congelado as veias e os sentidos antes que eu me afogasse. Que eu tenha afundado com o coração gélido e os olhos já virados. Lembrei-me de um negrinho que meu tio uma vez prendera à árvore da nossa fazenda. Meu coração saltou quando me dei conta de que seu rosto era o mesmo do criado sem nome.

Uma Nobre Verdade e um almoço na relva

– ESTÁS MESMO CERTO DE QUE ESTE é o único lugar em que podemos passar a noite? – perguntei a Benjamin, enquanto ainda estávamos os três espremidos sobre as costas do pobre alazão, diante da desgastada e desequilibrada construção de madeira.

– É a única hospedaria segura para nós nesta ilha, disso posso dar certeza – respondeu Benjamin. – Tens alguma opinião, minha jovem?

– Não me parece inadequada – respondeu Dolores.

– Uma taverna de plebeus! – impus-me.

– Não sou enojadica, se é a imagem que fazem de mim. Sou exigente e criteriosa, como não poderia deixar de ser; mas posso me adaptar por esta noite, agradeço a preocupação.

– Larga essa gratidão – eu disse –, não estamos nos preocupando com teu requinte. A questão é outra. – Dolores deu-me um tapa nas costas. – Benjamin, não vês que estamos na companhia de uma figura muito conhecida? Plebeus sempre reconhecem figuras conhecidas. Seremos o assunto principal assim que cruzarmos aquela porta, a não ser que escolhamos um lugar à altura da realeza, no qual nossas vestes não chamem atenção.

– É mais provável que reconheçam a ti, Rupert – disse Benjamin –, seja aqui ou em qualquer lugar.

– Mas aqui é uma questão de tempo para os palermas saírem correndo pela baía em direção à cidade. Pela manhã, estarão os guardas nos esperando!

Dolores desceu com astúcia do cavalo. – Tens-me em altíssima conta, se pensas que meu rosto é tão conhecido assim. – Logo foi ao encontro de um casal que saíra da hospedaria e vinha pelo caminho de terra. Eles pararam, ela dirigiu-lhes a palavra, eles se desvencilharam e prosseguiram. – Viram só? – disse ela de volta. – Nunca me viram antes.

– Neste escuro é que não veriam – eu disse.

Benjamin também desceu. – Vamos, Rupert.

Não me restou escolha, mas cobri Dolores com minha capa, de modo que de seu rosto só se visse da sombra dos olhos para baixo.

À porta da taverna fomos surpreendidos com um tombo. Uma senhora que deixava o interior veio caindo em nossa direção. Benjamin, que ia à frente, foi o primeiro a vê-la e bem poderia tê-la amparado, mas essa não foi sua escolha. Ele fez algo que o Benjamin que conheci por décadas jamais faria, agiu com destreza para desviar-se do corpo e deixar que a velha caísse na terra pedregosa.

Quatro pessoas que a acompanhavam cercaram-na.

– Ai, ai! O degrau! – exclamou uma mirrada mulata.

– O nariz! Eu vi bater – alertou uma jovem que a acompanhava.

– Foi o degrau – disse a mulata.

– Ajuda aqui, Tereza! – disse outra.

– Será que quebrou?

– Se tivesse quebrado, ela não estaria respirando!

– É... ajuda aqui você também!

– Ainda diz que bebeu pouco – disse o homem do grupo, que sustentou a velha de volta aos próprios pés.

– Foi o degrau – repetiu a mulata, chutando de leve o degrau –, aqui, olhem, é torto.

Benjamin decidiu antecipar a partida deles, que entupiam a única porta de saída e entrada: empurrou o homem que erguera a velha, fazendo os dois caírem juntos longe da soleira.

Duas mulheres do grupo olharam de relance para Benjamin, mas, estranhamente, ninguém agiu contra ele, como se não o vissem; foram acudir os dois caídos.

– Andem – exclamou Benjamin –, antes que nos percebam aqui fora.

Parecia só haver homens no lado de dentro. As mulheres que vi nem merecem ser descritas, pois estavam sujas, malvestidas, só lhes faltando a barba para igualarem-se à clientela restante. A bem da verdade, porém, havia duas taverneiras com as quais eu dividiria uma cama – sorte nossa, pois os homens não tiravam os olhos dessas duas, então seria mais fácil escondermos Dolores.

– O que te deu na cabeça para sair empurrando aquela gente? – perguntei, assim que sentamos.

Benjamin não quis responder; fez uma careta, como quem sabe que aprontou mas que pouco se importa, e pediu vinho para a taverneira negra.

A nossa mesa era uma de canto, um tanto recolhida, mas éramos vizinhos da mesa mais abarrotada de embriagados e falantes da taverna; fatalmente iriam nos ver, até mesmo vir mexer conosco e descobrir a beleza da jovem que nos acompanhava.

– Dizem que a rainha tem sustentado a esmo pesquisas para o desenvolvimento de uma tecnologia que transmita informações pelo ar – disse-nos Benjamin –, códigos como o Morse, mas transformados em ondas em vez de pulsos. Não me custa imaginar que já possam utilizar isto e que tenham espalhado a notícia do rapto de Dolores.

– Como assim *ondas*? Pelo mar? – questionou Dolores.

– Eu disse pelo ar – respondeu Benjamin, com uma irritação na voz que lhe era rara. – Só sei que são ondas invisíveis que viajam pelo céu.

– Que delírio – disse Dolores.

– *Pois bem, vou contar-vos uma história que começa pela lembrança dessa mulher* – bradou um dos embriagados da mesa vizinha; estava de pé, revelando-se, talvez não devido ao álcool, um ultrarromântico.

Por um momento, pensei que ele tivesse ouvido a voz de Dolores, e ela fosse a mulher a quem se referia, mas ele continuou sem nos notar ali; seus companheiros foram só ouvidos:

*– Havia em Cádiz uma donzela... linda, daquele moreno das andaluzas, que não há vê-las sob as franjas de mantilhas acetinadas, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos que brilham e os lábios de rosa d'Alexandria, sem delirar sonhos delas por longas noites ardentes! Andaluzas! Sois muito belas! Se o vinho, se as noites de vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flores, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores, vós ainda o sois mais! Oh! Por esse eivar a eito de gozos de uma existência fogosa nunca pode esquecer-vos! Senhores! Aí temos vinho d'Espanha, encheis os copos. À saúde das espanholas!**

Falara justamente sobre algo parecido com o que eu sentia acerca de Dolores, com palavras, porém, que eu jamais sonharia em juntar numa só frase.

Eles brindaram. Os bêbados mais falantes voltaram a se atropelar em falas simultâneas, os mais quietos deviam ter desligado a audição, já mergulhados em pensamentos que haviam de fluir com imagens e sensações autônomas, como um inconsciente que sonhasse de olhos abertos.

Benjamin baixou ainda mais o capuz de Dolores, de modo que ela não enxergaria coisa alguma além da mesa, ou nem sequer isso; não obstante, estavam lá, visíveis, os lábios noviços, brilhosos e avermelhados. Tratei de apagar as duas velas de nosso castiçal; então, nós três e a mesa escurecemos o suficiente.

– O que tens em mente agora, Rupert? Ou o plano de vingança tem fim aqui?

– Vingança? – questionou Dolores.

– Cala-te – disse-lhe Benjamin, estranhamente rude –, antes que a escutem!

– Sim, vingança – respondi. – Seu pai encomendou a morte deste meu amigo aqui, por isso eu te raptei.

– Não encomendou direito, felizmente – disse Benjamin.

– Mas como sabes que trazê-la era meu plano de vingança?

– Ninguém te conhece como eu.

– Do que estão falando?! – perguntou Dolores.

– Eu realmente pensei que tivesses partido, Benjamin!

No desejo de discrição, não me permiti levantar para dar-lhe um abraço. Mas apertei seu ombro com afeto.

E então ele fez a proposta:

– O que acharias se deixássemos Dolores aqui? É apenas a ela que procuram, se a encontrassem não haveria problema, nem para ela. E seguiríamos livremente o teu rumo... eu aceito que voltemos à Alemanha.

Não havia sentido, tudo dera tanto trabalho. Mas não quis demonstrar quão distante estávamos de concordar com aquela ideia.

Apenas disse:

– Eu não sei... O que pensas, Dolores?

– Eu não quero voltar – ouvi Dolores falar, embora eu tivesse os olhos nela e visse que sua boca não se abria.

– Concentra-te, Lang! – exclamou Benjamin. Benjamin nunca chamara-me pelo sobrenome em público.

Dolores estava sorridente, e a mesa ao lado agora subitamente vazia.

– Eu quero que ela fique – firmei meu desejo. – Ela viajará conosco.

– Estás certo de que...

– Estou.

– Pode soar estranho – disse ele, e sua voz mudou; engrossou –, mas sinto falta da sensação da maquiagem cobrindo-me até o pescoço. Sinto o rosto desprotegido, vulnerável. E eu sinto muito, Rupert.

– Pelo quê?

– Sinto tirá-lo de ti outra vez. Se a triunfal sobrevivência de Benjamin não te fez voltar atrás nessa ideia de vingança pela morte dele, então podemos ficar seguros de que nada mais te impedirá de levar Dolores adiante. Estejamos de acordo com as verdades; insípidas verdades, mas que te convêm. E verdades insípidas são as únicas das quais o homem pode se aproximar enquanto refém do desagrado.

– Benjamin? Que jeito de falar é este?

Ele retirou a cartola negra e se revelou careca. A voz passou a não ter mais semelhança nenhuma com a de meu amigo:

– Sou fruto teu, meu caro. Só disponho do teu nível de conhecimento, raciocínio e compreensão. Não precisas me chamar pelo nome dele outra vez, sou a personificação do mais alto timbre de toda tua inteligência. Se seguirmos o pensamento de Descartes, eu estaria para ti e tuas ilusões como está a glândula pineal para o cérebro.

– Uma alma...

– No sentido figurado, sim.

Só então notei que ele usava um par de luvas azuis cobertas de miçangas prateadas.

No fim das contas, Joaquim Arlequim era apenas pálido como Benjamin. Os olhos nem sequer eram da mesma cor, eram de um verde encortinado pelos cílios abundantes e espremido pelo tanto que ocupava o preto das pupilas dilatadas. E seus dentes... eram nojentos de tão amarelos!

– É o efeito do café – ele disse. – Sinto muito se te enjoas.

– Quer dizer que ouves o que penso...

– É evidente que sim. Sei que agora te preocupa nunca mais rever Benjamin. E a presença de Dolores te aflige; como estará ela lidando com o que digo? Ela está à espera apenas; bebendo, achando que tem autonomia para pensar com os próprios botões; ou só respirando; ela existe aqui tanto quanto tu, mas não poderá entender este nosso entrave desatador. Para ela estamos calados.

– Desde a chuva de pássaros – eu disse –, meu pensamento tem voado e visto horizontes longínquos. Pensei na infância. Pensei em navios, no budismo, em naufrágios, no desejo de matar. Nunca fui tão imaginativo. Pensei no desamparo; eu vi o desamparo, sua forma e sua dissimulação. Entendes? – Ele fez que sim. – O que aconteceu comigo?

– Por partes. Consegues lembrar-te de onde Dolores veio?

– Da casa do Conselheiro.

– Lembras do desenho que Benjamin fez de uma carruagem? Aquele que não conseguiu apagar à custa das ordens de um senhor barbudo.

– Lembro-me.

– Então te lembras de Kepler.

– O astrônomo – eu disse.
– Vês? Como poderia?
– Conheço este nome. Acho que já li sobre ele.
– Sim e não. Nem tudo o que sabes sobre ele é fruto do que leste; o fato é que nada viste ou ouviste. Mas, mesmo assim, ele esteve tão vivo quanto esta taverna, isto até pouco tempo atrás, quando ele se despediu da tripulação...

– Quando desceu em Hamburgo – concluí.

– Exatamente. Como é lembrar disso?

– Estranho. Parece surgir agora.

– Estás permitindo um gotejo.

– Por que estão todos indo para a Alemanha?

O Arlequim pensou. Pareceu-me querer desconversar:

– Quão bem te lembras da viagem a bordo do galeão?

– Mal. É como se eu me lembrasse de ter lido em algum lugar, num romance.

– É porque teus olhos não viram nada, está tudo relacionado ao imaginário. Mas teu cérebro não sabe disto; tudo o que ficou para trás está guardado a sete chaves como parte de uma memória antiga. O mesmo pode ser dito do teu futuro. Ele ainda acontecerá para o teu imaginário e, quando deixares este hospital, para os teus olhos. Mas nada desses futuros é novo para as profundezas da tua mente. E que saibas da parte boa, Rupert... Ao contrário do que é para o homem do lado de lá, no imaginário não é necessário saber sobre o passado: podes escondê-lo de ti mesmo, sem medo; podes. Mas, na estação, deveremos assisti-lo e aceitá-lo. Quem sabe assim...

– Deixe-me ver se entendi corretamente... Nada do que vejo neste lugar é real?

– Não é bem o que eu falava, mas posso responder. Enquanto se ama uma pessoa, esse amor é verdadeiro; não é preciso que dure para sempre para que tenha sido verdadeiro. Tudo é real enquanto estiver sendo visto. Por que diabos a realidade precisaria se perpetuar ou ser inteira? Por que ela não poderia ser fugaz e dar espaço à fantasia, sem perder a credulidade? A realidade pode acabar, como pode o amor, uma vez que ela não passa de uma

observação sensorial, inteligentíssima; sim, trata-se do sentimento mais desenvolvido e fortemente baseado no intelecto, a realidade, mas não deixa de ser um sentimento, é o encontro do que está lá fora com o nosso lado desbravador. Só não saia por aí esperando que outras pessoas amem a sua amada como você a ama. Entende?

– Em outras palavras, eu sou louco... Ao menos no que se refere à realidade coletiva, sou um perturbado.

– Isso dependerá de tuas companhias. Mas, usando toda a honestidade de que disponho, temo dizer que sim, tudo que estás vendo trata-se de tua rica inventividade. O que não significa, como bem sabes, que não exista um propósito e um direcionamento lógico. Nenhuma loucura age em desencontro com a parte sã do próprio louco.

– Eu me lembro de um templo suspenso... um mosteiro muito bonito, construído num penhasco.

– Sim... É um lugar que sempre sonhaste visitar depois que conheceste o budismo.

– É como se eu realmente tivesse estado lá! Consigo recordar-me das refeições, do lugar em que eu dormia, dos tempos que servi na limpeza. Lá é tão mais agradável...

– É o teu encontro com a parte mais profunda da mente. É a tua sanidade preservada.

– Por que os guardiões fizeram aquela atrocidade?

O Arlequim arregalou os olhos. – Quase me surpreende que consigas lembrar-te disso... Bem, nas profundezas daquele lago é onde está mergulhada a tua sanidade. Os três guardiões estavam lá para protegê-la, mantendo-a afastada de ti. Eles serviam a ti, deveriam impedir que a tivesses de volta. Embora a desejes, não tens tua própria permissão.

A taverna se encheu novamente, e o som das conversas nos rodeou. Dolores continuava entretida com o nada.

– Para tudo que vês há um significado – disse o Arlequim. – Vai, escolhe o que quiseres entender melhor.

Avistei no bar um homem abrindo uma pequena caixa e dela retirando um charuto, que cheirou, beijou e acendeu. Antes mesmo

que eu pensasse em levantar alguma questão sobre aquilo, o Arlequim respondeu:

– Às vezes, um charuto é só um charuto.

– Tenho outra pergunta. Apenas um garçom carrega o nome escrito no avental, Álvares. Por que somente ele, e por que Álvares?

– Uma pergunta interessante. Pelo que venho observando, em cada lugar que entras, teu cérebro escolhe cinco nomes diferentes para usar onde for necessário. Por que cinco? Não tenho acesso a uma explicação para isto, mas nunca é diferente. E, se atentares, são cinco os funcionários, contando com as raparigas, mas na entrada foi preciso gastar quatro dos nomes, para a senhora que caiu e as acompanhantes.

– Por que elas precisam de nomes? Nem sequer tiveram que se apresentar.

– Esta é a ironia, embora detenhas controle sobre tudo isto, também tens o temor de perder este controle, pois ages com onipotência sem saber que és a própria. Tu divides as tarefas e escondes de ti próprio os resultados para que até tuas criações possam surpreender-te. Eu sou a parte de ti responsável por guardar tudo o que não queres saber, sou tua onisciência. Quanto aos nomes, por exemplo, lembra-te de que para ti, quando chegamos nesta hospedaria, era Benjamin Strauss quem estava contigo, e ele, sujeito amoroso e solícito que é, teria amparado a senhora que caiu... Se eu assim tivesse agido, é certo que acabaríamos nos estendendo na cena e tomaríamos conhecimento de algum nome que tu escolheras. A senhora era Rebecca Gertrudes, escolha muito apropriada, por sinal. Rebecca é a menina mais estabanada que conhecestes no tempo de internato e Gertrudes, o nome de tua bisavó.

– E Álvares?

– Ora, Álvares de Azevedo, o poeta, a primeira pessoa em quem pensaste quando decidiste que viríamos a uma taverna.

Fiz menção de trazer à baila outra pergunta qualquer. Mas um grito da mesa dos embriagados me interrompeu:

– Olá, mulher, taverneira maldita, não vês que o vinho acabou?

– Estúpido... – enfim, manifestou-se Dolores num murmúrio. – Por que falar desse jeito?

O Arlequim interpelou minha desatenção:

– Minha energia e efetividade não são eternas, peço-te que decidas se passaremos a noite aqui de fato, ou se anteciparemos o nascer do sol.

– Se és minha onisciência, sabes qual será minha escolha. Certo?

SIGNIFICARIA MESMO QUE ERA EU O ÚNICO responsável por toda e qualquer coisa, desde o canto dos pássaros até o que de maior fosse visto dali, como a explosão do sol? Como poderia partir de mim o vento, com sua direção e intensidade, que naquele instante soprava na estação, carregava a sujeira entre os pilares e brincava com as mechas ensebadas dos cabelos que Dolores, desde o capítulo um, não tivera tempo de lavar, como? Cada movimento a seu perfeito modo, de uma precisão física natural, dificultava a aceitação de que tudo não passasse de reproduções de dados armazenados pela minha psique ao longo da vida e, portanto, não mais que um produto criativo e inédito do meu imaginário. Ou nem sequer inédito. O que é inédito? Tudo o que está e parece novo a um observador trata-se de uma reorganização do que já esteve. Tão só do inesperado se pode falar. Não há criações originais, nem criações. Criar e originar, duas palavras desonestas; há de existir outras tantas igualmente fantasiosas, que na busca de sentido precisam ser descascadas tal qual uma boneca russa... se não concordarmos que todas as palavras assim o são, de princípio e fim.

– Como consegues pensar de modo tão ordenado numa hora destas? – disse-me o Arlequim.

– Do que falas?

– Não pude me abster de ouvir teus pensamentos. A bem da verdade, não conheço o pensamento de nenhum outro ser humano lá de fora, então, não é com propriedade que julgo teu modo, mas surpreende até a mim, uma vez que nem sempre te ouço pensar deste jeito... E então, aí estás, construindo frases e seguindo com

elas sem voltar atrás; inclusive tuas pausas indicam pontos, vírgulas e pontos-e-vírgulas distinguíveis uns dos outros.

– Isto faria de mim um escritor?

– Enquanto não tiveres outro leitor além de mim, não.

Então, Dolores tomou vida e um tom de despedida:

– Escreverás para mim, não? Prometa-me que escreverás uma carta por mês!

– Dolores?

– Eu sinto muito – ela disse.

Já tinha dado dois passos atrás.

– Querida...

Ela continuou a se distanciar.

– Por que ela tem que ir conosco afinal? – questionei.

Dolores começou a correr na direção de onde viemos, de volta à ilha.

– Ela é a tua única referência! Deves levá-la aonde fores.

– Ela sempre esteve presente, mas espontânea, nunca precisei levá-la à força.

– Enfiou-se no teu imaginário não por conta própria, tu sempre a colocaste lá à força. Mas, se deixá-la partir agora, quando estamos prestes a voltar, ela jamais estará disponível em tuas lembranças. E tu deves lembrar-te de tudo!

– Por que lembrar?

– É a única forma de viveres com o que fizeste.

Ouvimos o grito dela. Dolores dera meia-volta, retornava apressada, apontando para algo que vinha de lá.

O Arlequim sorria.

– Preciso de uma luneta – eu disse.

– Tu és o decreto. Procure num dos bolsos sabendo que aí deverá estar.

Do bolso dianteiro da casaca retirei uma pequena luneta dourada e com ela reconheci ao longe um cavalo, aquele que fizera par ao alazão na carruagem em que eu e o Arlequim adentramos Villaroya e depois, desembestada, fora parar à beira do lago dos guardiões. Montado nesse cavalo, como eu já deveria imaginar, estava Kim Krupp, o velho que violentara Dolores, trajando seu quimono preto.

O cavalgar era enfurecido, como se o animal, não só apressado, tivesse adquirido conhecimento de causa e, imbuído da raiva de seu montador, viesse cessar também seu próprio desagrado.

Ao contrário de todas as expressões conscientes e inconscientes de até então, o trem da estação não respeitava meu claro desejo de que chegasse.

– Não basta desejar. É necessário abandonar a culpa.

– Não entendo. Que culpa?

– Por que trazer o velho?

– Kim? Como é que vou saber? Diz-me tu.

Dolores nos alcançou e arriou-se, ofegante e ainda receosa com o que víamos.

Kim, porém, não se aproximava realmente... Na verdade, nada se movia; seu cavalgar, tal qual um desenho impresso em folha, era bidimensional e, embora frenético aos nossos olhos, tão estático quanto palavras de um livro nunca lido.

– Estão esperando o quê? – veio a voz de Dolores; de repente, ela estava nos degraus da porta do trem que eu não vira nem ouvira chegar.

Eu e o Arlequim entramos de imediato. E a prontidão seguiu-se na partida, pois foi sentarmos numa das cabines envidraçadas para a locomotiva partir. Éramos os únicos passageiros, ao menos daquele vagão. Por um tempo, não tirei os olhos da janela e na primeira curva avistei o que se tornou um ponto negro na manhã esverdeada; o guardião nunca se aproximou.

A viagem foi longa e, embora eu não vá entrar em detalhes neste fim de capítulo para provar que tais momentos, não menos imaginários que tudo, foram decerto mais reais que o passar entrecortado da noite na taverna para a manhã na estação, posso assegurar-te que o trem teve um destino concreto e são, que merecerá ser narrado quando sua hora chegar.

Mas, por ora, cabe compartilhar o sonho que me trouxe o primeiro cochilo ao cair da noite, após um jantar que nos foi servido na cabine por uma bela mulata.

Estávamos Dolores, eu e o Arlequim em um jardim, ao pé de uma árvore estranha, que agora ousou adjetivar como verrugenta,

devido às suas protuberâncias e deformações do tronco, a maioria arredondada, como bolhas imperfeitas ou como brotos de cogumelos agigantados que só fizeram inchar e jamais nascer. Nada fazíamos senão partilhar refeições, no plural, pois eram muitas e as mais variadas, como num rodízio gastronômico dos mais requintados, no qual se espera que haja muitas pessoas para o consumo. Todos os pratos saíam recém-preparados de dentro de uma cesta ao centro da relva. Tínhamos de fechá-la para que, ao abrirmos, outra vez trouxesse algo novo. Tivemos culinária chinesa como predominante, mas, vez ou outra, abríamos a cesta e deparávamos com iguarias típicas de outros países, como cozidos e carnes tradicionalmente alemães e uma porção de arroz com frutos do mar muito da espanhola.

Dolores estava nua, e encarávamos isso com muita naturalidade, embora ela parecesse interessada em ser provocativa nas minúcias de qualquer movimento. Tinha uma perna dobrada e a outra estendida até mim, e com seu pé esquerdo passando por baixo da minha coxa, ela brincava com os dedos como se fosse apenas isso que quisesse fazer, mexê-los despropositadamente; mas eles roçavam as minhas partes, e isso me distraía da refeição. O Arlequim não havia de ter libido alguma, era o que menos comia e mesmo assim não dava atenção a outras provocações de Dolores. Em determinado momento, isso pareceu desafiá-la, pois ela recolheu a perna que me acariciava e colocou as duas sobre o colo dele.

Com a aquietação dos estômagos, Dolores mandou que eu fosse caçar um carneiro para que encerrássemos o dia com uma boa e justa oferenda à Raposa de Shennong, o fazendeiro divino*. Deixei de questionar a total falta de razão de um pedido como esse e tratei de levantar e partir para cumpri-lo, certo de que era muito provável que tão logo um carneiro cruzasse minha caminhada. Nos arredores, além de extenso gramado havia apenas a garganta do vale formada entre as elevações dos encharcados campos de plantio de arroz. Ainda faltava muito para o sol ser derrubado, mas a luz já enviesada da tarde iluminava com um tom alaranjado as águas acumuladas naquelas plantações, de tal modo que Shennong devia estar

orgulhoso por seu trabalho ser tão aprazível aos olhos. Foi numa dessas plantações, que mais pareciam banheiras, que avistei um carneiro, pomposo, de chifres belíssimos, refestelando-se de água. Sugerindo certo preciosismo, ele demonstrou não querer beber de uma só plantação, pois ia de uma a outra, bebericando com parcimônia. Até que saiu determinado a descer ao vale pelo outro lado, coisa que eu devia impedir, ou o perderia de vista. Corri, ele se assustou, e pude vê-lo mudar a direção para adentrar uma caverna.

A caverna era apenas uma reentrância, não muito maior que uma dispensa. Imagine-a de modo a caber ao centro o carneiro, resignadamente amordaçado numa espécie de roda, parecida com um leme de navio sem empunhaduras, e ao redor dele três jovens e uma senhora, posicionadas numa equidistância necessária para o trabalho que desempenhavam.

Contra a ordem natural de qualquer processo de produção de tecido, a senhora do grupo puxava da pele do animal um fio de lã pronto, fino por demais, branco por de menos, mesclado ao sangue que brotava como suor de cada poro e pingava na terra. Os olhos do carneiro, ainda vivo, piscavam de quando em quando.

– O que fazem? – arvorei-me.

Recebi quatro respostas diferentes no sentido horário, a começar pela mais jovem:

- Faço a natureza do sofrimento.
- Trato da origem de todo sofrimento.
- Certifico-me de que o sofrimento tenha fim.
- Determino qual será o caminho para o fim – disse a mais velha.
- Essas são as Quatro Nobres Verdades^[10] – afirmei, convicto –, não são?

A senhora parou de passar a linha adiante, o que interrompeu o girar da roda.

E então ela não era mais uma senhora, virara-se com o capuz abaixado e se revelou uma figura masculina, ruiva e barbuda, intimamente conhecida por mim.

Dei um passo para trás. Ele disse:

– Sinto-me tentado a perguntar por que vieste, mas o que devo mesmo dizer é do quão orgulhoso fico por tão longe teres conseguido vir sem que sujasses as calças. O que não significa que possas ficar aqui, precisamos prosseguir, e ninguém deve assistir.

– Dolores pediu-me um carneiro para o sacrifício.

– Ela o manipula, não vês? O que ela pede já está sendo feito, sempre esteve. Decerto quis despistá-lo.

– Ela talvez não saiba o que fazem aqui.

– Ela sabe, ela conheceu o sofrimento como poucos puderam conhecer. Quando voltares, verás que devem ter partido sem ti.

– O que exatamente fazem aqui? – desconversei.

– Fazemos tudo. Tudo é sofrimento, tudo é morte e tudo está de partida. Mas, nem tudo tem consciência de que sofre, de que morre, de que se move. Esta é a tua caverna. Cada pessoa tem a sua própria. Cada ser.

– Qual o caminho para o fim do sofrimento?

– Existe apenas um.

A resposta curta e o silêncio que se seguiu sugeriram que o sentido ficara subentendido; mas, se ficara, não entendi de todo. Supus:

– A morte?

– Não!

Ele se virou, desapontadíssimo com a minha conclusão, e a contragosto, pareceu-me, voltou ao seu posto, voltou a tecer e a permitir que a roda tornasse a girar.

– Diga-me, meu pai – insisti –, existe alguma forma de pará-la para sempre?

– A roda continuará, mesmo com a tua morte.

“Medi os céus, agora meço as sombras.”

A O DESPREGAR DOS OLHOS, FOI IMEDIATA a sensação de ser aquela a vista da saída do Vêneto, tão próximas estavam as águas da janela da minha cabine. Para chegar a Veneza, os trilhos partem da estação de Mestre, pequena comuna em terra firme, e cortam as águas sobre uma irrisória camada de terra. Obviamente, eu não poderia ter partido da Ilha de León na Espanha e chegado à Itália depois de uma só noite de sono. Além disso, no percurso daquele trem também não haveria águas como aquelas, tão extensas.

Havíamos parado. Tão silencioso tudo estava, ouvia-se até os murmúrios da ondulação das águas. Eu ainda tinha em mente imagens do sonho de piquenique no bosque que me levara à caverna, mas não as investiguei a tempo, e os detalhes escaparam como sempre escapam. Por que havíamos parado? Até onde já teríamos ido? Quis avisar Dolores, pedir a ela ou ao Arlequim que fosse entender com o maquinista a razão da parada.

Mas não havia pessoa alguma nas poltronas da cabine.

Solidão não durou. Dois homens trouxeram um rosto muito conhecido, corpo envolto por uma toalha e sapatos ensopados barulhentos.

Benjamin sentou-se na poltrona ao meu lado, retirou as botas e esticou os pés, espreguiçando os dedinhos de um jeito sincrônico e animalesco que traria à mente de qualquer um a imagem do andar de uma lagarta ou centopeia. Feito apenas isso, não trocou palavra, encaixou os olhos na vista da janela e os deixou ali por um tempo, com um interesse muito apaziguado, embora a profundidade que vi em seu olhar indicasse que os pensamentos aprisionados não

encontravam calma na consciência, pelo contrário, sobreviviam como pequenos barcos de pesca em noite tempestuosa.

Estiquei minha mão esquerda e a coloquei em seu peito. Ele nem sequer piscou com o meu toque. E não precisei pressionar para sentir os batimentos, estavam fortes e acelerados, tal como um esportista destreinado ou um enfermo em sério risco.

– As águas são as mesmas – ele fez-se ouvir –, o castelo está ali também, mas o horizonte se apertou. Ah, Benjamin, como podes?

Falar daquele jeito consigo mesmo era algo característico de meu amigo. Mas o tom era diferente, verdadeiramente interrogativo. Concluí que pudesse ser o Arlequim pregando outra peça, apesar de não haver mais razão para ele se esconder atrás de figuras.

– É você mesmo desta vez?

– Do que falas? – E escorreram gotas velozes por sua face. Certamente, tratava-se da água que ainda pingava aos montes dos cabelos e molhava a testa, mas, quem sabe ele chorasse mesmo, silencioso.

– Benjamin?

– Estou assustado, Rupert. Viste o céu como enegreceu? Um homem com quem falei lá fora disse-me que não eram nuvens. Preciso de tua compreensão. Estou assustado comigo mesmo.

– Conta o que houve.

Passou pelo corredor uma servente com uma bandeja. Entregou uma caneca fumegante a Benjamin.

– Por que o trem parou? – perguntei-lhe. – Onde estamos?

Ainda enquanto eu falava, ela se retirou sem me olhar.

– Estás mais louco do que eu? – disse-me Benjamin, sorrindo.

Mas adquiriu um tom sério em seguida:

– Não posso confiar em ninguém...

– Do que está falando?

– O homem que me deu esta toalha falava dos benefícios de se fazer uma excursão em terra com um sócio dele, cujo nome não sei reproduzir. Partem todos os dias da grande praça. Ele disse que veio até aqui, pois é onde dorme todas as noites. Ele não tem casa. Mas conhece como ninguém a cidade e sua história, e é com isso que ganha a sobrevivência do estômago. Ele disse que daqui do rio não

poderíamos ver o melhor da cidade, teríamos de descer, pois são belos os teatros, os museus e os pontos únicos.

Prosaico como de costume, Benjamin orbitava o foco do que queria dizer, enchendo seu discurso com detalhes que só dificultavam meu discernimento daquilo que talvez fosse a essência do que dizia. Interrompi:

– Não estou entendendo!

– Ele perguntou se sou fã de Kafka e se já ouvira falar do astrônomo Kepler. Ele me deu este cartão.

O cartão divulgava o turismo na cidade.

– Estamos em Praga?!

– Nunca saímos de Praga, amigo – respondeu-me, amargurado.

– Preciso dizer-te algumas coisas que talvez te preocupem, que te preocupem quanto a mim a princípio e, por fim, caso acredites no que descobri, que te preocupem quanto a ti. Pois, vou direto ao ponto final e depois volto: tu és invenção minha. Ou melhor, tens sido. Acalma-te, eu explico. Não, não rias. Aliás, rias. Podes achar-me louco. É teu dever achar-me louco! É o ponto de partida para acreditares no que digo... pois sou. Pude descobrir isto enfim. Fui resgatado do rio Vltava agora há pouco pelos funcionários deste barco.

Coloquei a cabeça por completo para fora da janela e constatei que só havia água; nenhuma terra em que trilhos pudessem estar fincados; só água a envolver o nosso pequeno barco.

– E eles perguntaram-me por qual razão eu havia-me jogado – prosseguiu Benjamin. – Foi aí que começou. Não me joguei. Tentei explicar isto e confrontaram-me, aí contei que o galeão em que eu viajava naufragara próximo à Suécia e que eu conseguira salvar-me junto com outros sobre um bloco de gelo, mas que, então, o bloco abriu-se sob nós, e fomos sugados outra vez pelo mar. Eles apenas riam. Eu te ouvi gritando por mim lá. E por baixo do bloco nadei até o outro lado, para reunir-me a ti. Mas voltei à superfície e, em teu lugar, só encontrei este barco. Eles foram logo me dizendo que do Vltava jamais partiriam navios do porte de um galeão. Jogaram-me esta toalha para me aquecer como se fosse o meu frio que causara a verborreia. Eu afirmei que o galeão fora um dos presentes do

imperador a Kepler, e que nossa viagem era conhecida de toda a população. Então me puseram aqui sentado. E entendi... Nada aconteceu, eu inventei a glória da viagem, pois ela teria sido fruto da minha grande contribuição a Kepler na descoberta do formato elíptico da órbita de Marte, também uma farsa. Desde quando estou alucinando? Como sou bobo! Não pensei que eu desejasse tanto ser reconhecido por ele...

Eu não sabia por onde começar a contar que toda a conclusão estava errada, embora de certo ponto apenas invertida. Devia eu tentar explicar ou teria mais sentido deixá-lo acreditar que tal epifania era correta? E só me restavam dois papéis a encenar: o de criatura fruto dele, o qual não me agradava nem um pouco, uma vez que o faria acreditar ainda estar delirando; e o de plenamente existente, que inverteria o problema e o tornaria subordinado, decerto relutante em aceitar essa posição. O fato é que eu não daria conta de servir-lhe respostas esclarecedoras como as que o Arlequim me fizera ouvir na taverna. Seria trabalhoso demais fazê-lo acreditar que o louco era eu, que sua existência dependia de mim e que ninguém além de mim fora responsável pelo delírio da viagem a bordo do *Valentim*. Por ora, entendi que era meu dever aceitá-lo como ele viera, enlouquecido desse jeito, mas, enfim, ele outra vez, Benjamin de verdade, mesmo que fosse apenas o Benjamin de Praga, o qual não fazia ideia sobre Cádiz ou sobre os guardiões.

Escolhi então dizer:

– Dize-me que bateu a cabeça, homem! Não faço a mínima ideia do que estás falando!

– Isto explica o desaparecimento dela...

– De quem?

– Dolores. Foi logo depois do batismo do galeão...

– Estás tremendo, Benjamin. Seca este cabelo.

Ele não fez movimento para isso. E continuou balbuciando lembranças. Então, eu mesmo puxei parte da toalha e a usei para esfregar sua cabeça. Enquanto assim agia, um homem veio pelo corredor e parou diante de nós. Não cessei meu ato, nem Benjamin impediu-me de continuar.

– Incomoda-se em dizer o nome da rua? – disse o homem, encarando-nos como se achasse muito estranha aquela cena de intimidade.

Benjamin explicou a localização da casa onde tínhamos vivido por três anos com Kepler:

– É no fim da Platnerska, poderás chegar apenas a pé, pois carruagens não cabem na via, e estarás de cara com as águas pelo lado de lá; avistarás o castelo. Entendeste? Não há erro, é grande o jardim de entrada, verás logo... além dos portões fúnebres.

– Obrigado. – O sujeito fez uma anotação no verso de um papel e se retirou.

Benjamin explicou-me:

– Foi ele quem se assustou. Teimou comigo sobre o astrônomo viver no número quatro da Karlova. Eu garanti que era um engano, dali não se veria o Vltava de janela alguma; e a casa tinha de ficar em frente à margem, afinal, sempre avistei o rio em todas as manhãs que dediquei a limpar aquelas vidraças por fora e por dentro. Então, ele cismou que o astrônomo não estava mais vivo!

Senti a cabeça doer e pensei ter ouvido a virada daquela maldita alavanca da sala de choques do hospital. Um funcionário do barco passou e chamei por ele; tive a confirmação de que só voltaríamos a nos mover após o almoço do dia que ainda não nascera.

E ele se foi. O sujeito parecia-se demais com o Dr. Boháč.

– Devemos estar nas docas – eu disse a Benjamin.

– Estamos.

– Então venha.

Descemos. Benjamin ainda envolto na toalha. Anoitecia. Ou amanhecia? Era aquele momento único do dia em que, caso se acorde de um sono profundo e fora de hora como o fiz, confunde-se a linguagem do céu.

A cidade estava acesa em luzes, como se toda ela fosse um palco em noite de um evento muito estimado. O castelo era o protagonista dessa peça; iluminado de uma forma que nunca imaginei possível. Como Praga era bela assim, a meia-luz. Para que precisaríamos do sol para mostrá-la?

Mas, de repente, tudo pareceu tosco.

Era uma cidade falsa, como eu. Quem éramos nós a essa altura?

Amanhecia, sim, tinha fim a madrugada; constatei uma sutil coloração alaranjada atrás do castelo; senti-me como ele, obrigado a entrar em cena e mostrar-me para a cidade ao nascer do dia. Trazido de volta à cidade de onde havíamos partido, sujeitado como os objetos e dejetos que são devolvidos à margem pela ressaca de um mar revolto. Embora fossem a cidade e o castelo tão belos assim, acesos, desejei que se apagassem, e todos voltassem a aceitar o escuro como normalidade. A Praga artificialmente iluminada fazia-me espelho nefasto do meu próprio esclarecimento.

Eu adoraria ter visto a cidade ser invadida e destruída naquele instante, queimadas as instalações e quebrada cada uma das novas pontes; poderiam ressurgir os tanques que foram buscar Dolores, e que bombardeassem o castelo, de preferência durante um de seus bailes tolos e tão irritantemente desejáveis; que queimasse com todos dentro, adolescentes penetras, mulheres, idosos, não me importava; que lá de fora, das alturas da capital, se visse restar de luz apenas o fogo.

Mas, deveriam poupar o que fosse antigo. Como as estátuas. Eu gostava de tê-las me olhando quando passeava por ali, eram visões petrificadas tão poderosas e reais quanto as de qualquer pessoa com quem cruzei o olhar. Olhares, aliás, jamais me expuseram nada, nunca enxerguei muito além de um globo cheio de sangue encarando-me, o negro da pupila jamais foi caminho para o consciente e o juízo alheio, como se todos estivessem fechados, incapazes de me ver intimamente na mesma proporção que eu não os via. Mas aquela cidade o fazia pela primeira vez, enxergava-me e expunha-me. Minha autoconsciência expandida. Eu podia sentir a pressão e uma expectativa esconjurada vinda de cada esquina, de cada loja aberta, cada rua sinuosa cujo fim não se podia ver sem que a percorrêssemos toda. Tudo parecia mais real que outrora, e isso trouxe o temor de que já estivesse ali a realidade ou algo bem próximo dela. Hoje entendo que de fato ela estava, espreitando, encoberta, ou então eu encoberto, o que é melhor, à espreita dela, pois também é o natural.

Se é desejo deitar-se e acordar acompanhado dela, é dever aproximar-se e cortejá-la diariamente. Ela não fará força contrária, mas, também, para se aproximar de nós jamais dará um passo para fora da cadeira em que se recolhe no baile. Afinal, por que iria desejá-la? A festa não está nas cadeiras. Foi no salão onde sempre preferi ficar. De qualquer forma, é extenuante a dança com as mascaradas, e nauseantes os olhares interrogativos. Desisti disso e daquilo, deitei-me ali mesmo, entre pernas. Mas, descansar também esgota, e passou a intrigar-me a utilidade das mesas nos arredores do salão, do outro lado. Eu, o único sem máscara, separava-me agora de mim mesmo e do ar puro do jardim inglês no pátio do hospital em Bohnice, cobria-me com uma colcha de renda cheia de retalhos meus, através da qual enxergava, e que me auxiliava a desviar das pessoas e a espiar as mesas; tudo a fim de avistá-la, a *razão*, recolhida à cadeira. Eu ainda poderia fechar os olhos se me amedrontassem os perigos de encontrá-la; só não me arriscaria a voltar por entre os dançantes, já teriam roubado meu conforto. E que conforto pode vir de uma dança eterna ou o descanso obliterado do piso duro de um salão de festas em que só se tocam baladas doces demais? Agora, à frente, restava-me *ela*. E quando a identificasse, é certo que seria meu dever ter já deixado a colcha cair. Que caísse! O problema, porém, é que a colcha não deveria levar esse nome, pois não é acessório descartável, como se esperaria; fizera-se parte de mim e já se confundia com meus braços, meus olhos e minha mente. Deixá-la cair seria como tropeçar um pé no outro ou deitar-me acuado, sem saber me levantar. Então... como?

– Rupert?

Benjamin parou a caminhada quando me viu fincado ao lado de um banco, com os olhos no céu.

– Oi? – eu disse.

– Vamos.

– O que disseste sobre as nuvens?

– Como?

– Agora há pouco, assim que sentaste ao meu lado...

– Ah, sim. Apontei o céu – disse Benjamin –, fiz perguntas. Tinha achado estranhas as cores das nuvens. Disseram que não eram nuvens. Que não estava nublado, que a razão de não vermos uma estrela sequer deve-se a tal poluição.

Então Benjamin tomou um dos maiores sustos de sua vida, senão o maior, pois nunca presenciei um grito seu tão estridente; afeminado, para ser sincero. Seria vergonhoso que alguém o ouvisse, e visse, naquele instante, mas, para a sorte dele, não havia ninguém. Havia, sim, um carro: a razão do susto – buzina, velocidade, os faróis, o estranho formato. A mim não causou estranheza, minha mente estava quase unificada nesse momento, eu trazia lembranças da Espanha e da China, tempos mais recentes em que motores não eram novidade. Mas aquele Benjamin assustado era a versão mais longínqua, enclausurada na projeção que dele fiz para o século dezessete de Tycho e Shakespeare.

Tratei de estancar sua estranheza indo ao seu encontro e puxando-o logo pelo braço; seguimos.

– O que foi aquilo? – perguntou.

Fiquei mudo; ele aceitou não ter resposta, mas se desvencilhou de mim e apertou o passo.

Encontramos dificuldade em reconhecer tudo, algumas referências haviam mudado, embora o caminho de paralelepípedos fosse o mesmíssimo. Benjamin guiou-se decidido rumo ao lugar em que não se perderia de forma alguma: a ponte principal.

Parou debaixo do arco e olhou ao redor com cautela. Os olhos demoraram-se em especial nas pessoas que de saída da ponte passavam por nós. Eram poucas, mas bastaram-lhe para julgá-las no que mais chamava atenção.

– Essas roupas...

– Sim – eu lhe disse –, é estranho. Também percebo.

Os trajes de Benjamin, escondidos sob a toalha que o cobria dos ombros à cintura, revelavam seu modo de pensar a moda, elas refletiam o que em sua época se esperava da sociedade. Mas, agora, ali, só se viam estilos despojados e tipos de tecido que Benjamin jamais pensara serem possíveis.

– E essas estátuas. São novas...

- Não exatamente... – eu disse. – Estão bem desgastadas.
- Mas garanto que não estavam aqui nos últimos anos.

Podíamos contar trinta estátuas ao longe, montadas de duas em duas na balaustrada da ponte, uma encarando a outra. A primeira, que logo chamou Benjamin para bem perto, dizia retratar São Vito, um dos poucos que conheço bem, santo católico originário da Sicília, patrono dos atores, dançarinos e epiléticos. Ele também é dito como capacitado a nos proteger de relâmpagos, de ataques de animais e, sobretudo, a impedir que percamos a hora dormindo além da conta – o que sempre achei curioso, um menosprezo, se compararmos este aos seus outros poderes. São Vito está no topo de uma rocha, a metros de distância de um grupo de leões que a escalam e se aproximam famintos.

Olhamos os detalhes por um tempo, e Benjamin também o fez, sem que notasse por qual razão podia enxergá-los mesmo sob o céu escuro. Benjamin não era alguém que entraria no próprio quarto e saberia apontar se algo estava fora de lugar ou se outra coisa fora furtada. Foi com muito atraso que ele percebeu... já tínhamos andado mais do que o suficiente para alguém de sua época atentar àquela presença. Quando notou, foi como se encontrasse um assaltante dentro de casa.

Ele ficou imóvel, com os olhos vidrados no poste, e pálido, não mais do que era seu natural, mas essa palidez estava dramatizada pela luz – exatamente o motivo de assombramento. Coisa brilhante, permanente, fixa, como nenhuma chama dos séculos anteriores conseguiu sê-lo; Benjamin teria morrido sem ver uma dessas. Aproximou-se sem pressa, os olhos ainda fixos na lâmpada, sem saber que haveria efeitos colaterais assim que descansasse a vista noutro lugar.

- Como é clara...
- Bonita, não?
- É maravilhosa!

Não havia como ele chegar mais perto, a cabeça estava toda virada para cima. Então olhou para mim, sem ver-me de imediato; os olhos passearam por onde eu não estava e pararam nos meus.

- Sinto como se estivesse num sonho... – disse.

Logo atrás de Benjamin, vi um cidadão encostado no parapeito com um jornal aberto diante do rosto e tirando proveito da boa luz do poste. Fui até esse sujeito e, sem escrúpulos, privei-o de individualidade por um momento: encostei-me ao seu lado e inclinei a vista, de modo que ele se afastou, resguardando o jornal como se fosse algo precioso.

– Não pretendo importuná-lo, senhor. Permita-me sanar a curiosidade pela primeira página.

Ele fechou os papéis e mostrou-me.

Prager Zeitung. A matéria principal era sobre a rápida ascensão e atual força de Alexander Dubcek, que em janeiro passado havia substituído o estalinista Novotni como primeiro secretário do partido comunista. Estávamos no dia primeiro de agosto de 1968.

Benjamin ainda se deslumbrava com as luzes, agora tomando conhecimento das mais distantes e não menos brilhantes.

– Obrigado – eu disse ao homem.

E puxei Benjamin pelo braço, para que prosseguíssemos.

O céu estava tão próximo de enxergar o sol nascer que a nossa caminhada de uma ponta a outra da ponte bastou para a madrugada dar vez a uma manhã tímida, que tão bem conhecíamos em Praga, gélida, por ora nublada, em breve alaranjada nas coberturas, ensolarada nas praças e recheada de sombras nas numerosas vias estreitas. Deixávamos o Monte Hradcany para trás e podíamos sentir o castelo espreitando nossos ombros.

Se havia um lugar no mundo em que Benjamin poderia ser enganado quanto à data em que se encontrava, esse lugar era Praga. A cidade cultivava tanto o seu passado medieval que, numa observação preliminar, seria difícil notar algo de incomum.

Mas ele já fora exposto. E agora parara. Vi em seu rosto a alegria. Ele apontava, embasbacado, para a máquina de asas da qual Dolores nos falara; vista dali, era tão pequena e frágil, difícil crer que carregasse pessoas em seu interior; cortava o céu abaixo dos nimbos, até que desapareceu dentro de alguns deles.

Benjamin não se apressava em questionar as razões e os meios da clara possibilidade de ter pulado no tempo. Tendo visto o avião, abriu um sorriso e se debruçou no parapeito da ponte.

– Não estás surpreso ou até desesperado com uma coisa dessas?
– perguntei-lhe.

– Eu estou tão feliz!

– Não tens medo de ter enlouquecido e nada disso ser real?

– É como um sonho mesmo, mas estou conseguindo pensar livremente. Nunca consegui me dar conta de que estou sonhando quando ainda estou sonhando, sempre invejei quando me contavas conseguir... É como me sinto agora, caso seja um sonho. E não me importaria se fosse fantasia da minha cabeça. Desde o dia em que salvamos Dolores do mar, fantasiei muito sobre como seria estar no lugar dela, viajando, deslocada. Desejei de verdade! Mas guardei isso bem fundo e não dei mais atenção. Uma coisa que minha sábia mãe sempre dizia é que as realizações dos desejos imensos e improváveis são possíveis quando desejamos algo por pouco tempo e depois nada mais pensamos sobre isso. O desejo deve fluir, deve ir para voltar. Precisamos sair daqui, Rupert, estamos perdendo tempo. Talvez consigamos encontrar a casa de Kepler.

– Por que iríamos à casa dele?

– É para onde voltaríamos se tudo estivesse normal. Sinto que há algum propósito. E se eu estiver certo quanto ao sonho, quero fazer o máximo de coisas antes que eu acorde.

– Justamente por isso desejo tomar uma decisão acertada – eu disse. – Deve haver outro propósito, e talvez já tenhamos recebido uma direção. Onde está o cartão que recebemos no barco?

– Está contigo.

Retirei do bolso da minha própria camisa, certo de que não o pusera ali. Havia dois nomes e o desenho das pegadas de um sapato. *Conheça a Praga que deseja. Roman Levi & Addumi Jabez.* No verso, dizia que encontraríamos um dos dois na praça.

Prosseguimos. No caminho avistamos um grupo de senhoras baixinhas, todas muitíssimo agasalhadas e agrupadas num só bolo, como se fossem interdependentes e não se desgrudassem com facilidade, pois notei os passos de uma se distanciarem menos de um metro do grupo e todas as outras a acompanharem naturalmente, na mesma velocidade, harmonia tão orgânica que me lembrou dos filhotes de esquilo da Mongólia que tive quando

pequeno. Nas primeiras semanas de vida, pouco depois dos pelos brotarem magicamente da pele rosa e borrachuda, eles não andavam muito e escolhiam ficar paradinhos, um ao lado do outro, apenas respirando; quando um quebrava o pacto acalorado e se movia, todos faziam o mesmo e restituíam o agrupamento. No meio desse grupo de senhoras, descobrimos que havia um homem, um jovem, quase um menino, parrudo e com um buço que na adolescência é muito comum; estava vestido de modo social, mas sem casaca e com um boné preto na cabeça. Ele apresentou-se como Addumi e narrou um discurso cadenciado e nada natural, sobre o qual era fácil concluir que tinha sido decorado e repetido inúmeras vezes antes. Ele falava da cidade, da história, dos lugares conhecidos; ouvi o nome de Antonín Dvořák, o músico; ele citou construções, falou com paixão do Monte Petrin, a colina verdejante do centro, e se delongou em detalhar o funcionamento e o significado da construção do relógio astronômico.

De repente, o grupo de senhoras saiu andando em fila, seguindo o sujeito. Benjamin e eu também entramos na formação. Logo chegamos à grande Praça da Cidade Velha, em que nos séculos de outrora as feiras tomavam conta e davam movimento ao espaço que, geralmente, valia apenas como respiro garantido das vielas e do trânsito de carruagens. Agora havia ali uma ordem admirável, um quadrado cercado, utilizado para as mesas de um restaurante, e uma área demarcada para as vendinhas – apenas um canto, na verdade; mais liberdade tinham os artistas, com sua autonomia de praxe, como os desenhistas e pintores que abriam cavaletes aqui e acolá para retratar os turistas. Não pudemos, porém, olhar para isso com o interesse que desejei; seguimos o grupo; seguimos até parar diante da conhecida torre.

O guia apontava e descrevia a arte do relógio como se falasse para cegos ou como se não estivéssemos ali e já não víssemos de tão perto aquilo tudo. Ele falava das figuras da parte de cima, dizia que a de túnica azul e curta que se admirava num espelho tratava-se da representação da vaidade, a outra segurava um saco no qual estaria ouro, assim representando a ganância. Do outro lado

estavam um esqueleto e um homem aparentemente turco com um instrumento de cordas, talvez um bandolim.

Muito diferente do Big Ben de Londres, o relógio astronômico estava bem próximo ao chão, de modo que era fácil enxergarmos os detalhes por conta própria. Tão perto estávamos que algum vândalo não encontraria dificuldade em causar danos ou até mesmo furtar uma das imagens. E assim digo, pois o que aconteceu em seguida foi como se alguém tivesse exteriorizado um desejo íntimo de furto. O ponteiro maior marcou a hora completa, as duas portinholas do topo da torre abriram-se para o breve teatro das peças dos apóstolos escondidas e, então, o esqueleto se danificou. De toda a simplicidade dos movimentos das outras figuras, o esqueleto era a que detinha papel de maior importância simbólica, era a peça do lado direito que puxava uma corda no ritmo das badaladas e assim dava a ilusão de que era a responsável por bater o sino. Na força de um dos puxões mecânicos, ouvimos um estalo, o esqueleto deslocou-se de seu posto e veio ao chão.

Não obstante os poucos metros de altura e a rapidez com que a peça iria se espatifar, havia logo abaixo a primeira senhora da fila, e graças a ela não houve destruição: ela acolheu a peça nos braços; as outras senhoras juntaram-se para vê-la de perto. O guia permaneceu olhando para cima, enquanto perduraram as badaladas.

– Ufa! – exclamavam. – Não acredito!

– Que bom que você segurou – disse uma delas. – Veja como é bem feita...

– Não nos falou deste detalhe, Addumi!

O detalhe era que o esqueleto segurava uma ampulheta.

Brotou de algum canto entre nós um menino. Ele embrenhou-se no grupo e de lá saiu com o esqueleto nas mãos; passou por mim e partiu pela praça em disparada. Ninguém moveu um dedo; Benjamin olhou-me como uma criança que na mudez pede ao pai alguma ação heróica. Fiz que não.

Não valeria a pena, o menino já sumira.

– Talvez o pobre tire algum valor disso – argumentei –, decerto venderá.

Mas eu queria mesmo era dizer que com nada precisávamos nos preocupar dali em diante. Era irrelevante que pensássemos e agíssemos com ética. Não? Uma vez que era tudo produto da minha mente, o relógio não estava de fato avariado. E, se Benjamin quisesse, ele poderia espancar uma das senhoras, empurrar uma criança no rio ou fazer qualquer outra coisa atroz. Ele era a pessoa mais livre e poderia ser a mais cruel e infeliz se acabasse sabendo disso.

O guia das senhoras agiu como se nada tivesse acontecido, tomou novo rumo e foi seguido pela fila. Percebi então que não havia razão para ele se alarmar: olhei para o relógio, e lá estava o esqueleto, intacto.

Não deixei a oportunidade passar e chamei a atenção de Benjamin para o fato de a peça ter voltado.

– Voltado de onde?

– Não o viste cair?

– O esqueleto? – perguntou Benjamin.

– É.

– Por que cairia? Está firme ali há séculos.

Acompanhamos o grupo. Deixamos a praça pela primeira rua, Parizska, e continuamos pela Siroka, onde passamos por um café, que já logo cedo enchia o ar até a calçada com seu cheiro e com o calor dos aconchegos que poderíamos ter, se entrássemos. Continuamos no frio. Viramos à direita, pela esquina onde se avistava, no meio da estrutura lateral de um prédio, a bela construção recuada das estátuas de dois homens a sustentar em suas costas a base da varanda principal. Havia uma jovem na varanda. Pensei tê-la visto acenar; mas fora apenas um movimento estranho para quebrar as cinzas do cigarro que fumava. Também a perdemos de vista.

Havíamos adentrado a Maiselova, rua naquele momento deserta e mais fria do que Praga inteira... tão úmida e rarefeita... era como se eu tivesse perdido a atenção no caminho que fizemos até ali e, na verdade, tivessem me levado colina acima. Colina nada verdejante, pois havia tão somente paralelepípedos e poucas árvores preservadas. Uma neblina havia surgido sem princípio e sugeria a

altura que só se justificaria caso tivéssemos subido o Monte Petrin. Era natural que a qualquer momento alcançássemos uma beirada de curva, e eu enxergasse a Cidade Velha lá embaixo.

Mas já estávamos na cidade, e ali na verdade era plano; reconheci um muro longo que havia sido mantido através dos séculos entre algumas das construções modernas e coloridas que tinham invadido o bairro.

O tempo frio afetou nosso grupo. Lá na frente, aconteceu de a primeira senhora desfazer-se da fila e abraçar-se ao guia para se esquentar um pouco; a senhora de trás logo fez o mesmo com a que seguia de perto, e assim por diante, até sobrar uma que não teve a quem se agarrar. Agarrar-se-ia ela, portanto, a mim ou a Benjamin! Tratei logo de cessar meu andar, antes que ela olhasse para trás. Uma questão de segundos de antecipação salvou-me: ela olhou e encontrou Benjamin mais próximo dela do que eu, e entrelaçou-se nos braços dele.

Benjamin e ela não abriram a boca, mas ouvi as vozes de algumas duplas. Acompanhei a velocidade, mas mantive a distância.

Naqueles passos, eis a primeira vez que interpretei a mim mesmo sem que o Arlequim tivesse alguma coisa a ver com isso.

Teria de haver uma tradução para o delírio sob o relógio astronômico. Em meio ao insano de tudo o que me rondava, aquilo destoara, tivera mais desequilíbrio que o resto e se desmaterializara tão logo terceiros precisaram concordar com o ocorrido – como se eles tivessem adquirido mais gosto pela realidade do que devessem e clamassem por um fundo de razão do qual eu agora poderia me alimentar ou renunciar. Mas, por que aquilo? Do alto de minha falta de conhecimento analítico, quis supor que havia um significado para o relógio, outro para o menino e mais um para o esqueleto que ele furtara. Talvez um dos elementos fosse centralizador de sentido, ou talvez só o conjunto o fosse. Ou talvez, ainda, se tratasse de uma recriação da memória. Na infância, tivesse eu furtado um relógio, o mistério estaria resolvido. Lembrei-me apenas, porém, do furto das botas de couro de jacaré de meu tio e quis parar por aí para não pensar no sujeito. Mas era impossível voltar atrás ou podar o raciocínio onde me conviesse. Pensei nele e continuei a pensar, senti

o cheiro de peixe que impregnava sua casa, o frio do jardim e recordei do som das botas pelo soalho de cima, pelas escadas, pelo hall, pelo corredor até a tábua deteriorada e quase solta à porta do meu quarto.

– Ei!

A voz dele ecoou por Praga.

E o frio do jardim de meu tio era o mesmo frio daquela rua perdida.

Ao meu lado esquerdo estava o recuo para uma entrada muito conhecida nossa. Eu não mais enxergava Benjamin e as senhoras naquela névoa, mas ouvia seus passos; não deviam estar longe.

– Esperem!

Benjamin retornou e, com ele, as senhoras, reagrupadas em seu bolo.

– Não pensem que eu ia me esquecendo... – disse o guia, ressurgindo por último. – Histórico e lar de tantos! Mas supus que as senhoras desejassem começar por lugares mais aprazíveis. E uma vez que falaram tanto de Antonín Dvořák, coloquei o Rudolfinum em primeiro lugar. Mas – ponderou, ao mesmo tempo em que uma senhora deslocou-se do grupo e aproximou-se do portão –, podemos aproveitar, já que estamos aqui. Uma votação, o que acham?

Se em pronta resposta à ideia de votarem por ficar ou seguir, ou se pela necessidade de repetirem impensadamente os passos da companheira de grupo, todas se juntaram à dissidente e, pouco a pouco, se puseram para dentro.

Entendi como intenção de demonstrar respeito, a prática que as observei desempenhar assim que se viram diante das lápides. Mostrou-se como um ritual, do qual todas tinham conhecimento e não precisaram ser avisadas de que teria início. Uma por uma empenhou-se em ler, falando em voz alta, enquanto as outras esperavam para fazer o mesmo com as pedras que tinham escolhido. Mas logo ficou enfadonho observá-las e tremendamente opressivo olhar para o resto do terreno, pois eram lentas demais no processo, e havia milhares de pedras espalhadas. Felizmente, a algumas elas não conseguiriam prestar homenagens, não por essas estarem ilegíveis, mas inacessíveis, quase soterradas umas pelas outras.

Era um cemitério judeu muito antigo e extremamente pequeno para a quantidade de mortos a que foi exposto. Quando o espaço se tornara insuficiente, séculos atrás, a única medida para a alocação de mais tumbas, uma vez que, por razões religiosas, fora recusada a exumação dos corpos para uma nova disposição, havia sido o enterro de novos caixões por cima de caixões antigos. Formaram-se várias camadas de decomposição, e o grande número de corpos por metro quadrado resultou num acúmulo incomum de lápides. Com exceção de algumas que sugeriam importância, pelo espaço digno que tinham, a maioria delas fora fincada fora de prumo, empurrando a que estava ao lado ou ficando escondida por outras maiores.

Esse amontoado deveria, senão impossibilitar, acanhar o ímpeto das senhoras em ler cada escrito, mas elas esforçavam-se para se enfiar nos zigue-zagues para ler, ao menos, os nomes e as datas. Imaginei-me num cinematógrafo com elas: para pagar tributo a um filme adorado, certamente veriam necessidade de pôr os olhos em cada nome dos créditos finais.

Benjamin saiu de perto de mim, foi andando por entre os passeios estreitos de terra e parou ao pé de uma árvore centenária. Olhou para cima e tornou a andar para longe. Antes que eu o perdesse de vista, pois havia uma construção no meio do caminho e ele sumiria atrás da coluna, corri um pouco ao seu encontro; e parei; ele também parara ao pé de outra árvore; olhou ao redor e ficou feliz por me encontrar ali perto, apontou para o alto. Essa árvore era mais jovem, de tronco mais fino e alguns galhos ainda pouco distantes do chão; Benjamin alcançou um e nele depositou força, obrigando o todo a chacoalhar. De repente, ele tomou um susto e caiu para o lado. Corri ao seu encontro.

– Aonde foi? – ele gritou. – Ah, ali!

Benjamin vidrou os olhos numa tumba, uma das mais dignas que vi no cemitério; a lápide agigantava-se numa esquina dos passeios. Não a imagine tão grande quanto seria uma outra qualquer de outro cemitério; destacava-se apenas aqui; não passava muito do meu ombro. Mas era bela, bem alinhada e preservada.

– Que atrevido! Saia daí!

– O que foi? – questionei.

- Ali, olha o desrespeito.
- Onde?
- Como onde? Ali!
- Conta o que vê, Benjamin.

Ele olhou-me, desacreditando no meu pedido, e depois, brevemente amedrontado, dando-se conta de que, se apenas ele enxergava algo num lugar como aquele, havia então de ser um fantasma. Mas aquietou a expressão ao recordar-se de outra e mais provável razão:

– Estou louco mesmo – disse-me. – Há um pivete ali, todo sujo e malvestido; está sentado na tumba. Mas ele não olha para mim. Só tem olhos para o pobre feto e para ti.

- Feto?
- Deve ter revirado uma das covas. Infeliz...

Aproximei-me mais, Benjamin seguiu-me com cautela.

- Estás vendo-o agora?
- Não – respondi.
- Então, o que fazes? Vais afastá-lo.
- Quero entender. Avise-me se ele reagir.
- Ele levantou! Pare.

Não parei. Continuei até ficar próximo o suficiente para ler a lápide.

- E agora? – perguntei.
- Ele está estendendo o feto na tua direção.

Havia o desenho de um leão esculpido no topo da pedra. E mais abaixo, entre vários escritos, um que supus ser o nome (e que agora, com auxílio de meu caríssimo editor, trago corretamente a ti, leitor detalhista):

רבי יהודה ליווא בן בצלאל

- Vem logo aqui, Benjamin, por favor.

Eu não entendia hebraico, mas Benjamin era judeu. Pedi que traduzisse. Ele se agachou e tateou as letras em relevo. Eram visíveis, mas da cor da pedra e de difícil distinção nos pontos de envelhecimento.

Muitos minutos passados fazendo apenas sua leitura, sua decodificação, e fazendo com tanto empenho que se podia imaginar que já estivesse no fim do entendimento até mesmo do epitáfio abaixo do nome, Benjamin parou e disse:

– Como alguém consegue entender uma coisa dessas?

– Hum?

– Fico até na dúvida se é hebraico ou aramaico... – ponderou.

– Digas-me tu, és judeu!

– Não é por isto que vou saber. Entendo isso tanto quanto entendo japonês. Sou como um analfabeto em hebraico. Posso entender o que falavam meus pais e me comunicar de volta. Mas, ler...

– Benjamin! Te vejo sempre com a *Torá*...

– Traduzida. Se ao menos te desses ao trabalho de aceitar meus convites e lesses comigo, saberias há muito que é traduzida. Ai! – gritou.

– O que foi?

– Ele me chutou.

Benjamin estava mais uma vez virado para o espaço de ar imediatamente ao lado da tumba.

– Pergunta o que ele quer – eu disse.

– O que queres?

Então Benjamin estendeu as duas mãos. Elas pesaram com o invisível, e ele trouxe o ar para perto do corpo. Começou a balançar os braços, como se a ninar o feto.

– Não é tão pequeno quanto parece – disse-me. – Talvez tenha nascido e crescido... um ou dois anos de má-formação.

– Então está morto? Por que o balanças?

– Claro que está. É só o esqueleto.

– Então para. – Segurei seu braço.

Mas ele se desviou de mim para continuar. – O garoto me pediu. Não faço porque quero. – Benjamin se virou de volta e dirigiu a palavra ao menino. – Sim, dize...

Silêncio.

E mudou o esqueleto invisível de posição, como um pai que quer ter o bebê de frente para uma conversa ou brincadeira e o segura

pelas costas, pela nuca e pelas nádegas. Depois, largou com cuidado a mão direita e com ela manipulou a área do crânio; arriou o maxilar, certamente, pois pareceu enfiar a mão na boca e retirar algo.

– É um bilhete – disse Benjamin.

Devolveu o esqueleto ao menino. E, como olhou por entre nós e de súbito para longe, sei que o menino saíra correndo.

Benjamin abriu o papel que eu também não podia enxergar.

– Eles não estão no sótão da Antiga-Nova Sinagoga, mas, assim como a lenda, não têm voz. Renunciaram, ambos, embora ainda tenham a verdade estampada na fronte. Um está longe demais e nunca retornará por não querer fazer o mal, o outro se disfarça e jamais deixará a capital. Ao passarem pela casa do inconsciente, avistam o destino. PS Há um telefone atrás do astrônomo.

Meu silêncio pensativo pelo tempo que se seguiu incomodou-o. E o fez concluir:

– Espera um pouco. Por acaso estás acreditando nisto?

– No bilhete?

– Nisto tudo. Coisas invisíveis.

– Sei que é verdade, pois eu vi esse mesmo menino na praça, agora há pouco. E o esqueleto também.

– Como assim...?

– Relê o bilhete.

– Fico feliz que dê tanto crédito a mim e que realmente acredites que estou segurando um papel o qual somente eu enxergo... afinal de contas, como eu poderia inventar e repetir tão bem esses versos... mas não é real. Não entendes? Não sei o que houve comigo, mas estou inventando isso tudo, suas ações, nosso caminho até aqui, tudo. Agora faz sentido pelo que passei. A qualquer momento devo acordar com os chamados de Kepler, e isso explicará toda a loucura dos últimos tempos... como o resgate daquela Dolores, por exemplo, que, agora sei, agora que vejo essa tristeza em teus olhos, este teu semblante pobre e seco, sei que ela foi uma expressão do meu desejo por fazer-te feliz, meu caro, trazer-te enfim tua esposa! Tudo se explica.

– O que não entendes é que preciso acreditar no que está mais próximo, amigo. Mesmo que seja irreal. Enquanto não acordarmos disto, sejas tu ou eu, não duvidarei do que tens a me dizer. O que for real para ti será real para mim. Por ora, devo acreditar que tu leste o bilhete e que alguém está querendo falar conosco... é o que me resta... entendes?

– Sim... quer dizer, quase, porque...

– Vou enlouquecer se precisar aceitar a ideia de que estou num sonho teu!

– Claro! Tens razão, é muito difícil. E não desejo que seja um sonho, de verdade.

– Não deve ser. Eu tenho sentimentos próprios; fome, vontade de ir ao banheiro; sede. Estou com muita sede agora. E olha – retirei uma folha de cima da lápide –, como o vento teria trazido isto, se isto não existisse? Ventos não existem em sonhos. Tudo precisa de significado num sonho; qual seria o significado de uma simples folha?

Benjamin aceitou essa fantasia; sorria, receptivo.

– Como és lúcido. Continua assim – disse-me –, preciso me amparar em ti para que tudo tenha sentido.

– Então vamos reler o bilhete, por favor.

Durante a leitura, as senhoras e o guia se aproximaram, e vi ali a oportunidade de sanar a dúvida sobre os escritos dessa lápide a que fomos levados pelo menino. Bastou eu apontar para que uma delas dissesse:

– Judá Löw ben Bezalel. Viveu entre 1520 e 1609.

– Foi rabino-chefe – disse o guia –, importante referência para toda a comunidade judaica. Contemporâneo de Shakespeare e do imperador Rodolfo II, como poderiam ter concluído sozinhos... mas é para isto que estou aqui!

Ele bocejou.

Perguntei-lhe:

– Addumi, sabe dizer se a biblioteca de Strahov está aberta para visitaçãõ?

– Está, sim, naturalmente.

– E o castelo fará parte do passeio de vocês?

– Vou levá-las amanhã cedo. São devotas de São Venceslau e também querem conhecer o monastério; ficaram ensandecidas quando eu disse que poderiam ver de perto as joias da coroa e a capela coberta de pedras preciosas. Por que não vêm conosco? Há uma taverna muito boa lá.

– Mas, quanto a hoje, onde pretendes levá-las depois daqui?

– Do Rudolfinum, planejei a casa de Kafka e a de Kepler.

– Ah... Sim... Perfeito. Não é, Benjamin? – Benjamin fez que sim.

– Então vamos segui-lo pelo dia todo.

– Como chegaram e se enfiaram sem muito aproveitar – disse Addumi –, não vou cobrar adiantado; paguem-me no fim do dia.

– Sem problemas.

– Terias uma pena para me emprestar? – disse Benjamin ao guia.

Addumi franziu o cenho. – Pode ser uma caneta? Uma caneta eu tenho.

Entregou-a. Benjamin a empunhou com uma mão para escrever na face da outra o que dizia o bilhete.

– Joel Joravel – disse uma senhora entre as lápides. Elas prosseguiram o ritual, ainda.

– Horácio Wooland – disse outra.

Benjamin voltou-se intrigado para as senhoras. Ele havia reconhecido o nome, mas se virou para terminar sua anotação na pele, devolveu a caneta e guardou o bilhete invisível no bolso do colete.

E, então, outra senhora disse:

– Benjamin Florence Strauss.

Benjamin teve um atraso de raciocínio até entender que sabiam seu nome pela última circunstância que se poderia desejar. Ele foi até a senhora que falara por último.

Elas estavam velozes, talvez cansadas por tanto já terem lido, e saíram, prosseguindo para a fileira do outro lado sem ver todas as lápides da seção em que estávamos. A pedido de Benjamin, uma delas apontou para a lápide na qual havia lido o nome, uma pedra disforme e infame, e especificou que havia apenas o nome e as seguintes datas, codificadas em numeração hebraica: 1577-1604.

Era o ano em que partimos com o galeão de Kepler.

Percebi nos olhos de Benjamin que aquilo poderia abalá-lo. Caberia a mim tentar esclarecer sua suposta morte antes que até mesmo nisso ele passasse a acreditar.

Súplica na Travessa Dourada

SE ESTIVÉSSEMOS FORA DO MEU INCONSCIENTE, Benjamin teria perecido, seu corpo não passaria imune à quantidade de horas a que fora exposto ao frio do amanhecer e, sobretudo, tendo assim feito com suas vestes molhadas. Mas, aqui, ele podia o impossível. Podia não sentir frio, podia receber bilhetes invisíveis e podia ter seu nome escrito numa lápide desde 1604 – decerto apenas o nome, eu só acreditaria no enterro se exumássemos seu caixão e o encontrássemos dentro; impossível, claro, pois justamente seu corpo daquele ano longínquo, contemporâneo dos outros mortos ali descritos, como o Capitão Wooland e o marinheiro Joel, estava ao meu lado, o que me levava à conclusão de que houvera algum tipo de enterro simbólico após o desaparecimento do galeão, dada a grande dificuldade que devem ter tido para encontrar tanto os corpos quanto a embarcação naufragada em águas suecas.

Só agora, que nos sentávamos em poltronas ao lado de um aquecedor elétrico, é que Benjamin desfazia-se da toalha na qual fora embrulhado no início do capítulo anterior. Muito tempo escoara, já nos aproximávamos da hora do chá de Kepler, como Benjamin facilmente lembrara apenas ao observar a posição do sol, o que nos colocava rente às três e meia da tarde; hora certa para o astrônomo, se ainda estivesse vivo, já ter digerido o almoço e se cansado dos estudos, estando então desejoso por uma pausa conosco nas poltronas próximas à lareira. Só de vez em quando tomávamos chá sem sua companhia, quando as reflexões e os cálculos não podiam ter pausa. Nesses dias, Benjamin e eu tínhamos boas conversas; os assuntos eram diversos e difíceis, como religião, mas a intimidade e a amizade favoreciam o entendimento de

argumentos que pudessem desagradar. Agora, desde seu reaparecimento, eu não podia mais sentir essa proximidade, e nem sequer falávamos sobre outra coisa que não a loucura.

Após sairmos do velho cemitério judeu, havíamos partido para o Rudolfinum, um dos muitos lares da arte construídos em Praga há quase um século, um edifício neorrenascentista muitíssimo belo tanto por fora quanto por dentro, construído para receber concertos, possuidor da melhor acústica de toda a cidade. Nunca pudemos, contudo, ouvir nenhuma orquestra, não no tempo de Kepler, pois não fora construído até o fim do século dezenove, nem nessa manhã, pois havia apenas uma exposição de quadros e outra da história da moda, a qual exibia as vestes próprias de cada marcante período dos últimos duzentos anos. Essa exposição, sem dúvida, poderia ser um passeio interessantíssimo para Benjamin. Mas ele não deu atenção para o que Addumi comentava e, no salão das roupas, embora estivesse cheio e fosse necessário lutar por espaço para observar os manequins, muito pouco enxergou de tudo em que pôs os olhos. Ele só queria falar sobre o seu túmulo.

– De certa forma, apesar de toda a estranheza e provável falsidade, tens ideia do quão prazeroso é poder olhar para a própria lápide? – dissera, numa espécie de conclusão, pois não esperava resposta e deixou passar um bom tempo sem tornar a tocar no assunto.

Enquanto as senhoras comentavam pejorativamente sobre as saias que os homens usavam séculos atrás, e Benjamin antecipava o profissional do evento para dar suas explicações e entendimentos sobre a origem do modelito e as razões pelas quais ele fora muito popular, aproveitei um dos raros momentos a sós com o guia para sanar uma dúvida que começou a me angustiar desde que eu abrisse os olhos novamente em Praga.

– Sabes me dizer se estamos longe do sanatório? – perguntei.

Ele me olhou confuso.

– Hospício? Aqui na cidade?

– Sim.

– Só se for muito longe. Nunca ouvi falar. Mas posso investigar para você. Qual o nome do lugar?

- Não sei.
- Assim fica difícil.
- Pelo contrário. Imagino que haja apenas um.

Eu nunca vira o caminho, um dia abri os olhos e já estava lá dentro. E os médicos e enfermeiras não carregavam nada escrito em seu uniforme.

Benjamin voltara, interrompendo a conversa:

- Não tens ideia do quão feliz estou me sentindo!
- Estás gostando agora? O que viste?

Ele fez que não. – A possibilidade de ter-me visto morto! – emendou. – Ver meu tempo passar e ainda existir... Comemoro, pois talvez seja real. Nenhum sonho ou delírio deveria durar tanto tempo, haveria de ter lapsos. Faria sentido se fosse o sonho da morte, eterno...

– Isto implicaria em minha morte também, Benjamin... Aceitar-se como espírito capacitado a ter conversas comigo e com todos os outros acaba colocando-nos todos no mesmo barco!

- Vejo um tom de lamento nisso.
- É claro, ora.

– Mas, seria tão bom; assim teríamos sobrevivido à morte da carne.

– E então condenados à eternidade etérea. O que poderia haver de pior senão nascer e crescer habituado ao *ser* pelo *estar*, para depois ter de aceitar uma prisão espectral cujos sentidos não são alimentados e na qual nada se pode almejar? A sensação da morte iminente durante o curto período de vida é o que glorifica os anseios e as conquistas. Além de toda a razão que descarta o teu desejo inocente, não posso aceitar uma situação assim, pois simplesmente sei da verdade.

Ele sorriu em deboche.

– Verdade? Ninguém sabe! Ninguém pode! Não estragues este momento, estou gostando tanto dele. Agradeço a Deus por uma invenção tão brilhante para o nosso destino.

– Pois deverias agradecer a mim – eu disse –, por tudo isto e por cada respiro que deste em Praga. Ou na Espanha. É como se

estivesses morto mesmo, Benjamin. Mas, também, como se nunca tivesses nascido.

– Continua com tamanha insensatez, e acreditarei que o louco és tu.

– Pois, ouve-me...

Tentei contar em abundante quantidade de detalhes o que se passara desde sempre e quem de fato era o responsável por todas as impossibilidades dos últimos tempos.

Benjamin riu; e apenas isso. Não me interrompeu, ouvira tudo com respeito e deixou a risada para o fim.

Só quando deixamos o Rudolfinum e partimos para a próxima parada turística, ele falou alguma coisa:

– Agora sei quão difícil foi para ti ouvir-me dizer aquilo. É impossível aceitar minha inexistência e tomar a ti como fonte deste mundo que vejo ao *meu* redor.

– Então, vê por outro lado. Tu existes, a única diferença é que a tua existência se dá nos limites da minha consciência, em vez da tua; estás aqui em vez de aí, mas *estás*; tu vê através de mim, dos meus olhos, e pensas através dos meus pensamentos. É tanta diferença assim?

– Toda!

– Ora; por que seria? Cada existência só é de cada pessoa também nos limites do corpo em que se pensa estar! Aqui dentro recrio tua alma, teus modos, jeito de falar, teu raciocínio... até mesmo faço com que discordemos disso que tento explicar agora. Olha, já percebo em teu rosto o desejo de contra argumentar e perguntar-me desde quando acredito em almas! Não é o caso? É! Viste? Isto é perfeito, não é?!

– Perfeito demais, e por isto mesmo difícil de aceitar.

– Pois não temos escolha – eu disse. – Mais cedo, tu me pediste a mesma coisa. Ou passo eu a pensar ter enlouquecido em algum tempo longínquo, fora daqui, ou pensas tu em teu sonho, delírio ou pós-morte; a questão é: quem aceitará o outro? Um de nós terá de abrir mão e reduzir-se ao nada ou à morte.

– Amigo, entenda...

– Não me peças para abandonar minhas impressões, que também não o farei contigo.

– Mas, qual a solução então? – disse Benjamin. – Este não é um assunto com o qual possamos discordar e manter um convívio pleno. É, talvez, o único assunto que não se pode discordar de todos os imagináveis, pois compromete a existência do meio, de si ou do outro com quem se conversa.

– Sim...

– Pois, então?

Percebi que Benjamin estava agora sentado no sofá, um sofá branco, de costas para um forno a lenha. Não tomei conhecimento do momento em que ele se sentara e, olhando ao redor, nem mesmo sabia dizer onde estava o aquecedor elétrico que podia jurar sentir emanando ondas quentes ao nosso lado. Até que meus olhos pararam no espelho de uma sala do outro lado de um hall e vi a luz de um aquecedor ou de uma lareira e me reconheci sentado. Benjamin não aparecia ali, estava fora do alcance do ângulo de reflexão.

A sensação era de que o interior daquele estabelecimento crescia sem a nossa percepção e, sobretudo, sem o nosso consentimento. Era algo como um restaurante agora, ou uma cafeteria ampla, onde as senhoras e os guias aproveitavam a pausa do passeio pela cidade para encher o estômago. Mas parecia também uma livraria bem pequena, uma daquelas lojinhas ensimesmadas por não ter clientes que mexam nas prateleiras. Então me lembrei de como fomos parar ali depois que saímos do cemitério judeu.

Atravessamos a cidade de elétrico, até descermos do outro lado do rio, aos pés do castelo. O nosso destino, uma pequenina casa, era concorrido por demais, e, levando em conta que éramos quase dez pessoas, até mesmo o espaço da rua tivemos que disputar com outros turistas, caso contrário não entraríamos todos juntos; apenas grupos de doze pessoas eram liberados por vez para passar pela porta.

Era a menor rua de Praga, uma vila medieval preservada, e bem conhecida de Benjamin, que acompanhara sua construção. No tempo em que vivíamos com Kepler, o imperador Rodolfo II cedera

um pequeno espaço à sombra do castelo para que os atiradores, como os arqueiros, que guardavam a muralha, pudessem ali viver com suas famílias^[11]. Devido ao espaço restrito do local e à baixa renda desses moradores, a construção se deu de modo apertado; os materiais usados por eles para levantar sua moradia foram apenas pedra, barro e madeira. Mas isso não impediu que o pitoresco e o estilo, costumeiramente atribuído ao maneirismo, dialogassem direta e firmemente através do tempo. O resultado é de pequeninas casas coloridas em apenas um dos lados da travessa, coladas umas às outras, como se tivessem necessidade de amparar-se entre si para não vir abaixo. Algumas portas são tão pequenas que um homem de estatura um pouco acima da média tem de se abaixar para passar.

A casa na qual entramos era uma dessas, a do azul mais claro da vila, a de número 22. Pertencera à Ottilie, a irmã mais próxima de Kafka, e ali ele vivera durante meses, período durante o qual começou a escrever *O Castelo*. Notava-se – como talvez venha a acontecer com toda a cidade num futuro próximo –, que a casa fora transformada em um antro de turistas, com exposição e venda dos trabalhos do escritor.

Não havia muito espaço, não vi nenhum banheiro. E a quantidade de banheiros que uma casa possui indica o seu tamanho, seu valor, e indica também a importância do dono, principalmente se nela morar apenas ele, cercado de muitos vasos, banheiras largas e pias sem manchas. E também espelhos.

Mas não gosto de espelhos. Por isso evito fazer necessidades por aí fora e prefiro usar apenas os meus banheiros, dos quais retirei todos os reflexos. Voltemos, porém, à casa de Kafka. Havia espelhos em algumas paredes, o que dava a ilusão de a casa ser maior do que realmente era. Era, na verdade, tão pequena quanto uma casa pode ser sem que a coloquemos na categoria de casebre ou mero refúgio da rua. A sala parecia um hall, que nesse caso não dava entrada a lugar nenhum, e o teto era tão baixo quanto o do banheiro do hotel barato em que me hospedei na primeira vez que fui a Veneza. Não havia muito que olhar, mas Addumi e as senhoras deram um jeito de se entreter por longo tempo e magicamente se

perder ali. Sumiram e só reapareceram às mesas do restaurante que surgiu ali dentro. Benjamin e eu havíamos sentado num banquinho de uma antessala, de costas para um espelho grande, e demos início à nossa conversa. Depois, vi duas poltronas livres e descobri o conforto daquele aquecedor diante do qual Benjamin desfizera-se da toalha, e que agora fora de repente para longe, para a sala do outro lado, dando vez ao forno às costas do sofá branco. A casa se revelou muito maior do que imaginávamos, era uma cafeteria, um restaurante e uma livraria em que as estantes recheadas só falavam da voz de Kafka.

Notei que as senhoras que já tinham terminado a refeição liam os livros que haviam acabado de comprar.

– Não te vejo buscando resolver nosso problema – disse Benjamin.

– Ah...! Agora joga em mim a responsabilidade, algo bastante irônico para quem quer reivindicar livre-arbítrio, não?

– Não! É apenas a circunstância.

– Usou a palavra certa! Circunstância. Pois bem, que encontremos nossas respostas assim, através de circunstâncias.

– Mas elas passarão por interpretações, um tanto quanto instáveis e relativas, e então infundadas.

– Não quando houver o acúmulo delas.

Benjamin pediu uma taça de vinho, e eu aproveitei para me entreter comigo mesmo. Quis começar a ordenar as ideias sobre o significado do bilhete que ele encontrara dentro do esqueleto. Para nossa sorte, ele tivera aquela brilhante ideia de imediatamente transcrever o texto. Depois o questionei sobre a razão de ter tão rapidamente pensado nisso, ao que ele atribuiu apenas o receio de perder o papel. O resultado, porém, foi o mesmo: ao terminar de escrever nas costas da mão, Benjamin guardara o bilhete no bolso do colete e logo se arrependeu, lembrando-se de que as roupas estavam ainda molhadas demais. Inocentemente receoso de que o invisível tivesse a tinta espalhada pela água, enfiou a mão de volta no bolso e nada mais encontrou ali dentro.

Agora podíamos ler quantas vezes quiséssemos, teorizar e investigar os sentidos simbólicos e pragmáticos. Eu tinha minhas

dúvidas sobre a primeira frase e suspeitava entender referências da segunda frase como feitas a mim e a Benjamin. Mas, a parte final era uma interrogação, qualquer conclusão seria pura inferência. E seria necessário dar tanta importância ao que nem sequer pude ver? Apeguei-me às cegas àquilo, na esperança de haver uma resolução e na ciência de que era um caminho válido como outro qualquer dentro de todo o delírio, senão o mais importante, uma vez que tomara uma tortuosa e cuidadosa aproximação, preferindo Benjamin à minha pessoa.

Aliás, o que nos diferenciava em nossa projeção no delírio era decerto uma distância mínima de consciência, mas que então dava conta de que ele acessasse outras partes do meu inconsciente.

Acabei voltando-me a uma questão que me afligia desde a manhã. Onde realmente estava o meu corpo? Era em vão o esforço de encontrar imagens de outros momentos dentro do sanatório além de minha entrada, primeira observação e primeira conversa com o Dr. Boháč. Eu havia de estar lá dentro ainda. Talvez por isso o guia não tivesse conhecimento de sanatório algum; talvez, se eu saísse pelas ruas e conversasse com cada cidadão, todos dissessem o mesmo... afinal, era natural que eu não me permitisse ver o local do qual minha mente fugia. Fantasiei que pudesse ser esta uma solução: forçar meus olhos a se virar ao que negavam; enxergar-me lá dentro funcionaria como uma quebra de feitiço. Mas logo me amedrontou a possibilidade de ser reconhecido e preso nessa visita, e assim duplamente enclausurado, na realidade e na loucura, se é que isso era possível.

Congelei meus olhos no interior do forno a lenha, e foi como se minha personalidade, minhas intenções e preocupações se apagassem, e fosse dada à mente a chance de observar, desprovida de qualquer vício de raciocínio ou sem ter de prestar atenção às ideias na fila de espera por tomada de consciência. Achei tão belo o queimar da lenha, todo o processo, as chamas ganhando força e as labaredas envolvendo os tocos, a princípio sem causar muitos danos, depois a crescer e formar ranhuras, rasgos pouco mais profundos que as dobras da pele do cotovelo maltratado de um humano. É tão certo o fogo nessas circunstâncias. O tom alaranjado rende o carvão,

que não se aquieta, crepita e se desfaz de partículas de luz que renunciam à gravidade e sobem pelo breve período de tempo que têm até que não aguentem o contato com o ar e se apaguem.

Meus olhos passaram da lenha ao ato desavergonhado de uma ladra. Ela forçava uma lâmina contra o tecido de crochê de uma bolsa deixada à cadeira, sem nenhum temor de que a vissem, pois agia ao lado das outras senhoras, diante de olhares que certamente a julgariam. Apenas comigo ela se importou, mesmo estando minha vigilância a bons metros de distância; ela sentiu minha atenção e lançou-me olhos arregalados, como se famintos, enquadrados numa expressão bruta. Parecia ter sobrevivido nas ruas por algum tempo e enfim se revoltado profundamente com a indignidade.

A intensidade da troca de olhares diminuiu, e ela começou a mastigar; *voltou*, na verdade; voltava a mastigar, pois só agora percebi que em uma mão ela tinha um pedaço de pão. Ela poderia ter desviado a atenção de mim, pegado o que queria na bolsa e partido, mas, ao invés, largou tudo na mesa: a faca, a bolsa e também o pão, e veio em minha direção.

Ela não se envergonhava da roupa e vinha andando com vigor, o que contradizia sua aparência desgastada. De perto, notei que a roupa estava surrada, um conjunto masculino de camisa e calça tão sujo que o cinza natural e um tom amarelado brigavam para decidir qual dos dois tomaria o tecido para si.

Ela passou por nós e foi até uma estante na qual uma penca de turistas observava os títulos (apenas olhavam, como espectadores, como se pudessem ouvir o que diziam os livros e não precisassem se aproximar para abri-los); ela passou à frente deles e, demonstrando já conhecer de coração a ordem exata, esticou-se para pegar um exemplar que desejava na última prateleira.

E voltou.

Entregou-me o livro.

Mas, não explicou o ato. Afastou os cabelos escuros da vista e passou dos meus olhos para os de Benjamin, estudando-nos, a investigar com qual dos dois deveria importar-se. Terminou fixando o olhar em Benjamin.

E dirigiu-lhe a palavra em hebraico.

Uma frase curta.

Identifiquei uma marca azul em seu braço, rodeada por uma coloração vermelha, talvez uma inflamação, era algo como uma tatuagem malfeita e maltratada. Aprumei-me e forcei a vista. Era uma sequência de números. 19734.

– Você conseguiu escapar – afirmei, quase efusivo, mas percebi que deveria ter usado um tom interrogativo, pois ela desfez minha certeza imediatamente; ela fez que não com a cabeça.

Franzi o cenho, e isso bastou para ela comunicar-se um pouco mais, ainda na mudez:

Deu de ombros, resignada, e sorriu, aliviada, embora o medo em seus olhos contradissesse ambos os estados.

Deu as costas e subiu por uma escada ao lado da estante, certamente rumo ao quarto que um dia fora da irmã de Kafka, pois, a julgar pela fachada, o segundo andar não possuiria espaço para nada além de um quarto apertado.

– O que ela lhe disse? – perguntei.

– *Você não é o suplicante* – respondeu Benjamin. – Só isso.

Não tinha título o livro em minhas mãos; na capa apenas uma fotografia de Kafka e seus olhos amargurados. Ao abri-lo aleatoriamente, dei numa página em branco, depois noutra seguida de todas igualmente sem nada escrito, até que no início achei uma seção – de pouco mais de dez páginas – preenchida com blocos de texto quase sem parágrafos; o que havia dali em diante era intitulado *Começo de uma conversa com o suplicante*.

Eu me lembrava de já ter lido aquilo em algum momento do passado, quando ainda vivia com meu tio na fazenda. É parte de um conto, chamado *Descrição de uma Luta* e relata o encontro de um jovem com um esquizofrênico.

Só podia haver um motivo para o livro ter sido entregue a mim e a negativa ter sido feita para Benjamin.

– Reconhece este texto, Benjamin?

Entreguei-lhe logo o livro na página do conto para que lesse. Ele disse que não, que nunca lera nada de Kafka.

– Sim, naturalmente – eu lhe disse. – Como poderias, se ele ainda não era nascido em tua Praga? Mas eu li, o que já deveria ser

uma das *circunstâncias* de que falamos. Uma prova bastante simples. Mas essa pobre jovem veio colocar fim ao nosso entrave. O suplicante ao qual o título se refere é o louco da história, o personagem que fala dos seus delírios. Não és tu... Ela negou os seus argumentos e entregou o livro a mim, pois eu sou o único doente aqui!

Benjamin pareceu surpreso com meu tom.

Ele refletiu, o rosto emburrado, toda a expressão tensionada, mas desfez-se em tranquilidade, respirou fundo e assentiu:

– Está bem! – falou decididamente. – Concedo-te aceitação.

– Mesmo? Não pensei que fosse dizer isto tão cedo...

– E eu nunca imaginei que alguém pudesse se empenhar tanto em defender a própria loucura... talvez isto também te sirva de prova de que és mais doente do que eu.

Perguntei-me se havia verdade na aceitação, e se nela estava realmente o entendimento de que ele deveria renunciar a si mesmo. Como se ouvisse meu pensamento, Benjamin prosseguiu dizendo:

– Agora que sou obrigado a aceitar-te como o criador, Rupert, cabe a ti resolver o enigma – Benjamin virou a face da mão esquerda, na qual havia escrito o conteúdo do bilhete –, creio que não poderei ajudar numa frase sequer.

– Não, não. Claro que poderás, como sempre o fizeste, sempre ajudaste, teu raciocínio é parte minha da qual não tenho conhecimento.

– Quase fico lisonjeado.

– É verdade. Benjamin, tuas reflexões são inesperadamente relevantes e tuas conclusões mais do que pertinentes. Devias ficar lisonjeado mesmo. Apesar de qualquer coisa, tenho em altíssima conta tua companhia. Sem ti, nem sequer teríamos o bilhete trazido do invisível. Preciso da tua opinião em tudo isto, amigo. Eu te peço.

Ele levou a mão para o campo de visão, leu o que anotara e disse (não a contragosto, pelo contrário, parecia querer compartilhar sua interpretação já há algum tempo):

– Há duas pessoas referidas aqui. Talvez sejamos nós mesmos, foi o que primeiro pensei... Mas o principal é descobrirmos qual é essa lenda à qual a primeira frase se refere.

– Sim. Mas vejo a identidade dessas pessoas como o elemento mais importante. O que sabemos deles dois é que...

– ...um deles é honrado – sugeriu Benjamin –, pois não deseja fazer o mal e por isso mesmo jamais voltará para casa. Decerto foi exilado, e o expulsaram sem valorizá-lo. É um infeliz, um incompreendido.

– Enquanto o outro não pode deixar a capital. Talvez se refira ao rei, ou a algum político de importância, preso às obrigações.

– Mas políticos poderiam sair – disse Benjamin. – Não creio que...

– Não poderiam, caso estivessem subjugados politicamente, ou a desavença com países vizinhos fosse grande. Quem sabe o segundo tenha sido responsável pela expulsão do outro... Talvez fossem amigos, colegas, conhecidos.

– A única coisa óbvia é *o astrônomo*, que deve se referir à casa de Kepler. É para lá que devemos ir, o quanto antes.

Concordei.

Benjamin continuou:

– Só precisamos entender o que é o tal telefone.

Por um segundo, pensei que fosse uma piada.

– É um aparelho que transmite a voz das pessoas – eu disse –, para que conversem à distância.

– Então agora devem ter colocado um desses dentro da casa de Kepler, ou atrás dela... Mas, o que achas de tudo? Conheces alguma lenda relacionada à Sinagoga?

– Não... por isso pensei em irmos à biblioteca ao amanhecer.

– Deve haver outros sentidos... – murmurou Benjamin para si mesmo. – É a tua vez.

Ele começou a reler em voz alta as frases, como se desejoso por ajudar-me a dar alguma opinião. E fitou-me, à espera de que eu falasse.

– Realmente, não consigo pensar – eu disse –, não depois das tuas ideias. Elas parecem bastante certas... não creio que haja como fugir disto.

– Um enigma sempre tem de fugir do que é certo.

Eu fizera mentalmente minha interpretação e, devido a alguns detalhes, ela jamais poderia ser do conhecimento de Benjamin.

Permaneci calado.

E o silêncio fez com que ele quisesse falar mais. Sugeriu abandonarmos o guia para que não esperássemos o grupo e fôssemos logo à residência de Kepler. Mas voltou atrás depois de falar com Addumi, uma vez que também ele semeava discórdia quanto ao endereço real. Benjamin repudiou, dizendo que deveríamos ir para outra direção, para as margens do rio, e recebeu como resposta a informação de que a antiga casa de Kepler pegara fogo após a sua morte e agora o interior, sua estrutura, mobília e decoração foram recriados em uma nova casa, aberta para visitação. Mas Addumi não quis dar o número da casa. Decidimos esperar.

Benjamin ficou amuado. Tolhia-lhe os ânimos a informa o da destrui o da casa na qual, até semanas atrás, pela sua percep o do tempo, havia vivido na minha companhia e na do astrônomo.

Quando teve fim a refei o do grupo, seguimos seus passos até o hall da saída.

A casa estreitara-se novamente. O corpo do hall e a fisionomia da porta eram os mesmos; era a entrada e saída do número 22, inclusive a vista para a Travessa Dourada era a que se esperava ter ali de dentro. No entanto, foi colocar os p s para fora e tive diante dos olhos uma nova fachada. Essa casa da qual saíamos era da cor do barro, e seu número era o quatorze; a porta estava aberta e dava para um interior de escuridão que amedrontaria qualquer transeunte.

A constru o vizinha, também geminada, era um hotel. Embora aqui os postes não tivessem as modernas e brilhantes lâmpadas, era uma rua bem iluminada, se comparada   travessa de Kafka, em que quase não havia luz; aqui havia alguns lampiões, e até podíamos enxergar o que estava perto e o que estava longe sem grandes v os de penumbra por entre o caminho. Essa rua afinilava-se até a casa quatorze, crescendo em largura na dire o para a qual seguiam as senhoras e o guia.

Addumi apontava para frente, a menos de vinte metros, dizendo termos chegado. Era onde os lampiões mais brilhantes da rua iluminavam uma placa de bronze cuja forma fora esculpida para

retratar o busto honrado de Kepler. Era a fachada mais suntuosa da Rua Karlova.

Lembrei-me das palavras do bilhete que mais se fincaram na minha mente.

Ao passarem pela casa do inconsciente, avistam o destino. Há um telefone atrás do astrônomo.

Benjamin deve ter pensado o mesmo, pois disse:

– Estamos no caminho certo.

– Sim...

– E não é um enigma.

– Como não? – perguntei.

– Está mais para uma narrativa sobre nós. Era dito o que faremos, no caso o que ainda não tínhamos feito.

Parei de andar, ele também.

– Fale logo o que pensou.

– Estávamos na casa em que Kafka viveu, não? – disse Benjamin.

– Estávamos.

– E saímos de lá agora?

– Sim.

– Pois era outra a rua – ele disse e olhou para frente –, embora eles não tenham percebido.

– Eu percebi. Não pensei que tu também.

– Claro que vi! – exclamou Benjamin. – A Travessa Dourada fica do outro lado do rio. E a casa era azul! Agora passamos por ela e daqui já avistamos a casa do astrônomo. O bilhete é muito simples!

Assenti com a cabeça e avistei o grupo que seguia sem nós.

– Realmente somos nós os dois referidos aqui – concluiu Benjamin.

– Disto eu discordo.

– A parte final transforma as frases anteriores em referências enigmáticas a nós mesmos.

– Não pode ser tão simples.

– Releia.

Ele estendeu o punho, mas não pude enxergar. Fomos para perto do lampião.

Eles não estão no sótão da Antiga-Nova Sinagoga, mas, assim como a lenda, não têm voz. Renunciaram, ambos, embora ainda tenham a verdade estampada na fronte. Um está longe demais e nunca retornará por não querer fazer o mal, o outro se disfarça e jamais deixará a capital. Ao passarem pela casa do inconsciente, avistam o destino. Há um telefone atrás do astrônomo.

– Ei! – gritou Addumi com um pé na soleira da casa do astrônomo. – Não vêm?

– Não entendes em que situação estamos? – Benjamin chamou minha atenção. – Se a loucura não for fruto de um de nós, é fruto dos dois! Precisamos de uma cura para a mente... e este deve ser o caminho. Talvez, o objetivo seja encontrar a nós mesmos.

Eu ri.

A Cortina de Ferro

EU RI EM DESCRÉDITO, EMBORA CONCORDASSE. Era provável que fôssemos mesmo os dois referidos, uma ou outra frase servindo para qualquer um de nós; pois, tanto eu quanto Benjamin não poderíamos deixar a capital e voltar para casa. Tínhamos apenas motivos diferentes. Eu estava trancado num sanatório localizado na capital da Tchecoslováquia, embora me desse conta disso aos poucos. Lembrei-me de não reconhecer a cidade pela vista das janelas de um quarto branco; era minha suspeita estar em algum ponto da periferia, de onde não se podia enxergar montes ou rios, tampouco uma pontinha do castelo ou das torres góticas da Catedral de Tyn. Quanto a Benjamin, não seria possível que ele voltasse para casa, sua Inglaterra de nascença, pois havia morrido longe dela. E, infelizmente, não me refiro ao Benjamin que se mostra através das tintas desta história. Aqui, ele é apenas um eco do que foi, uma imagem a servir como marionete que manipulo em homenagem ao Benjamin que conheci, que respirou e que morreu além dos limites da minha cabeça.

— Faz sentido, não faz? — perguntou Benjamin sobre sua interpretação de que devíamos encontrar a nós mesmos.

Uma gota de óleo quente caiu na face da mão que ele tinha sob a luz do lampião. Não vi uma só centelha de dor em seus olhos.

Talvez ele tivesse sido sepultado em Praga, onde sei que morreu, e assim teriam aquele significado todas as frases do bilhete. No fim das contas, não havia garantias; era uma interpretação que não me deixava de todo satisfeito, pois dependia de sentidos figurados: a sinagoga e a lenda significarem a morte e a ressurreição, e a falta de voz, a nossa incapacidade de nos comunicar com o mundo.

Addumi chamou por nós outra vez.

Virei-me para Benjamin:

– Vamos descobrir agora – respondi-lhe.

Apertamos o passo e junto ao guia entramos pelo portão. A casa não ficava aberta para qualquer um. Um homem sentado atrás de uma escrivaninha nos barrou e disse que teríamos apenas uma hora até que fechasse a casa. Uma senhora levantou a ideia de então voltarmos no dia seguinte, quando teríamos mais tempo; Addumi a contrariou, dizendo que o melhor momento era aquele, quando não haveria mais turistas lá dentro e seria possível olhar tudo devidamente.

O homem da recepção, porém, fez uma ressalva:

– Há uma pessoa agora. Ele tem vindo todas as noites desta semana, sempre nesse horário. Mas, garanto que não será incômodo algum.

Addumi entregou ao recepcionista um cartão, que supus ser alguma identificação que o liberasse a entrar acompanhado de tantos sem ter de pagar as trinta coroas por pessoa estipuladas no quadro da recepção. Entramos. Addumi à frente, Benjamin e eu logo atrás; seguimos por um corredor e subimos uma escada íngreme, meus pés na sombra fraca que as velas projetavam de Benjamin nos degraus; subimos com pressa e intencionalmente deixamos para trás as senhoras esbaforidas, não permitiríamos que pusessem os olhos antes de nós na suposta réplica da casa em que vivemos.

Julguei bastante improvável ter sido feita uma boa reconstituição. A casa original de Kepler era térrea e muito ampla. Nesta, a escada deu numa porta que nos levou à casa cujo espaço era de duas a três vezes menor. A ordem das salas, porém, era a mesma com a qual tínhamos nos acostumado; sua disposição e, inclusive, o ângulo de algumas paredes partiram de uma planta fiel à original. Passamos primeiro por um hall que se abria em arco para a sala de estudos e a sala de chá, separadas apenas por um desnível. Mas, o que me impressionou foram os móveis e a lareira da sala de chá. Ver Benjamin ao lado dela, próximo a uma cristaleira semelhante a um móvel debaixo do qual uma vez ele se agachara para pegar uma lente de Kepler, fez-me sentir outra vez naquele momento. Dali

víamos a mesa de estudos, muito aquém da original, cuja extensão do tampo conferia o lugar ideal para toda a pilha de livros e cadernos do astrônomo. Aqui o móvel era pequeno, barato e vazio; e havia um só livro, aberto, sobre ele.

A cadeira estava ocupada pelo homem sobre o qual o recepcionista falara. Ele usava o lugar com bastante comodidade, lia o livro e se apoiava à mesa como se estivesse em casa. Ciente de que estava sujeito a visitas, não foi surpreendido por nossa entrada, nem teve o ímpeto de levantar os olhos para saber quem eram os tantos que haviam chegado.

As senhoras enfiaram-se nos outros dois cômodos; salas quase vazias que tinham condições de recriar o vestíbulo e o dormitório de Kepler, mas que estavam servindo a outro propósito, o de expor as ideias e conquistas do astrônomo e parte de sua vida em desenhos que o colocavam em situações fictícias. Um deles romanticamente retratava um dia em que ele teria ido à feira e lá se dirigido ao povo, gesticulando e utilizando frutas para representar planetas num discurso educativo. O texto abaixo do desenho falava de sua contribuição como professor. Kepler odiava as feiras de Praga e sempre pedia a Benjamin que fosse fazer as compras.

Dentro da outra sala avistei planetas feitos de isopor pendurados do teto até quase tocar o chão. Entre as senhoras, havia outro homem, um segundo turista que o recepcionista não mencionara. Não entrei nessa sala, e Benjamin ficou comigo, entretendo-se a perscrutar os objetos das prateleiras e a prataria da sala de chá.

Notei que não havia janelas, nem uma sequer, e, portanto, pelas horas da manhã o ambiente recriaria aquela mesma atmosfera inquiridora e fúnebre que víamos à noite, cenário de velas acesas por toda parte.

Benjamin interrompeu sua inspeção na sala de chá e veio até mim. Parou ao meu lado e ficou olhando para o livro aberto sobre a mesa de estudos.

– Nada? – perguntei.

– Nada, o quê?

– Ora, o que viemos fazer aqui, Benjamin! Achaste algum telefone?

– Como posso procurar se nunca vi um?

– É claro, desculpa-me... é algo mais ou menos deste tamanho; tem um disco com números e uma parte que se desprende e fica encaixada como uma alça avulsa de chaleira.

Benjamin voltou para a sala de chá, e deposei meu interesse no homem à mesa de estudos. Quis espiar o livro que lia, mas não podia ver a capa e também nada das páginas com suas letras pequenas e nenhuma figura. Atrevi-me a chamar a atenção dele assoprando cada uma das velas do castiçal que iluminava a mesa.

Ele retirou o chapéu, revelando uma careca perfeita, e pegou o castiçal. Foi tão rápido seu movimento seguinte que não pude desviar, eu já estava sentindo a dor quando vi o que fazia. Quatro batidas com o castiçal na minha cintura e ele parou.

– Se quer tanto saber o que estou lendo, por que não perguntar?

– ele disse, levantando-se para pegar as velas que tinham caído com as batidas. Reacendeu cada uma delas com o auxílio mágico do dedo indicador, passando-o suavemente pelos pavios. – Não é por saber que nada é real que pode fazer o que bem entende. As regras devem ser as mesmas, ou acabará tendo reações como a minha. E como bem pôde provar, é possível sentir dor na imaginação.

Ele não tornou a se sentar, e com a luz do castiçal que empunhava entre nós pude reconhecer seus olhos verdes e aquelas pupilas anormais.

– Joaquim!

– Não me toque.

– Onde estavas? – perguntei. – E Dolores?

– Não fomos a lugar nenhum.

– Lembro-me de ter dormido assim que partimos da estação. E não mais voltei...

– O trem ainda está seguindo. E chegará, cedo ou tarde. Não pense mais nisto. Você está onde deve estar agora, já possui um privilégio enorme que é saber o que sabe, então aproveite isto para adquirir os conhecimentos que lhe faltam.

– Mas agora não sei mais o que fazer, o que entender...

– Todas as ferramentas estão em suas mãos; fique atento aos detalhes, confira tudo e interprete o que está à sua volta. Em breve,

chegará a hora de fazer suas escolhas, por ora desfrute estes momentos em que ainda não é livre, são os mais preciosos.

Então, como se influenciado pela presença e pela sabedoria do Arlequim, dei-me conta de algo a que deveríamos ter dado mais atenção: lembrei-me do túmulo ao qual fomos levados pelo menino que Benjamin enxergara no cemitério judeu. Talvez houvesse um significado em ter escolhido justamente o túmulo do rabino para nos entregar o bilhete.

– Agora peço que me deixe voltar – continuou o Arlequim. – Espero por você na biblioteca.

– Que biblioteca?

– Diga: “Sim, Joaquim”.

– Sim, Joaquim.

E se foi, como uma chama que se apaga.

E o castiçal caiu no chão.

– Quem é Joaquim? – perguntou Benjamin.

Benjamin voltara da sala ao lado, e o Arlequim já havia partido. Agachei-me para pegar o castiçal e evitar que o fogo simpatizasse com as tábuas de madeira.

– Ninguém.

Benjamin deu de ombros.

– Bem, não encontrei objeto nenhum parecido com o telefone que descreveu, a não ser isto, que eu sei tratar-se de uma chaleira e nada além, mas, justamente por isso tive uma boa ideia. E se a palavra telefone não se referir exatamente a um telefone? E se for uma metáfora para alguma outra coisa?

– Como o quê? Não é uma má ideia, mas, se pensarmos assim, abriremos outras mil possibilidades.

Uma das senhoras saiu do quarto e, quando viu a chaleira, veio para perto de nós.

– O que temos aqui? – comemorou.

As outras vieram e, como toda boa senhora faria nessa situação, pediram que fossem servidas do chá. Benjamin lamentou dizendo que a chaleira estava vazia, e que ele nem sequer poderia preparar, pois não havia uma cozinha na casa.

Fazia frio, e também fiquei com vontade de um chá bem quente. Olhei para a chaleira e simplesmente soube que ela deveria estar cheia.

– Não, não está vazia, Benjamin. Serve-nos, por favor.

– Está sim, Rupert. Vê.

Ele quis pegar a chaleira para mostrá-la, mas a força que julgou necessária não foi suficiente para erguê-la.

– Nossa, eu poderia jurar...

Então, levantou-a da mesa e serviu as xícaras que cada uma das senhoras fizera o favor de pegar na cristaleira.

O homem que viera do quarto aproximou-se cautelosamente do grupo. Não era tão velho, ainda tinha fios pretos na cabeça, mas portava-se como um homem extenuado, andava com o auxílio de uma bengala na qual não parecia depositar muito peso e movia-se curvado com a outra mão às costas, enfiada dentro da calça, como a segurá-la ou a coçar o cóccix.

Ele pediu que fosse apresentado a nós dois cavalheiros.

– Senhores – disse uma delas –, este é Goddard, historiador que acabamos de conhecer. Goddard, estes são... são os dois senhores que conhecemos esta manhã.

– Na verdade, o Sr. Goddard trabalha como arquiteto – disse outra –, estuda história por amor.

– Ele assinou o projeto desta casa – informou Addumi –, e também de muitas outras plantas em Paris e na América.

– Com a descida da Cortina – disse o homem, em tom professoral –, meus trabalhos no oeste têm sido pouco reconhecidos por aqui, mas estas senhoras sabem dar valor e não se prendem a segregações políticas.

– Goddard nos contou estar trabalhando numa teoria original sobre o planejamento de cidades – disse a mais jovem delas.

– Seus nomes, senhores? – questionou ele, passando os olhos para as senhoras, à espera de que elas educadamente nos apresentassem.

Nenhuma delas, no entanto, saberia responder a essa pergunta, nem Addumi.

– Ele é Benjamin Strauss – eu mesmo disse –, alfaiate de Cádiz e o maior conhecedor de Kepler deste mundo. Eu sou Rupert, marquês da Corte de Isabel II.

Benjamin olhou-me extremamente confuso.

– Impressionante, senhores. É um prazer.

– Posso dizer por nós dois – eu disse – que nos interessaria muito saber como o senhor conseguiu informar-se sobre os detalhes da planta da antiga casa de Kepler.

– Utilizei tudo o que podem imaginar. Diários, cartas e confiáveis indícios da geometria, graças ao que restou da sustentação da casa após o incêndio e a reforma. Por que não nos sentamos e conversamos melhor sobre isso?

– Não temos tempo suficiente – disse Addumi –, apenas mais trinta minutos até que fechem a casa.

Não dei ouvidos:

– Ótima ideia. Temos mais chá nas outras chaleiras.

Sentamos. Quer dizer, sentaram-se, pois nós, homens, cedemos os dois sofás e a poltrona às senhoras.

– Esta sua teoria sobre o planejamento das cidades interessou-me – eu disse a Goddard –, embora eu não saiba do que realmente se trata.

– Bem, é apenas uma ideia revolucionária – ele riu –, estou tentando provar que também entre os animais existem rixas, mágoas e vinganças. O voo das andorinhas, por exemplo, incomoda tanto o sono das codornas que se torna desejo dessas voar com igual destreza e em horários em que as andorinhas estejam dormindo. Esta seria uma resposta para o porquê de tantas codornas morrerem entre o fim de tarde e o meio da madrugada, quando elas sentem ser o momento de descanso das andorinhas... quando, na verdade, sabemos ser o momento que as andorinhas reservam para a procriação silenciosa em seus ninhos. Por isto, quando as codornas deveriam estar copulando e progredindo a espécie, estão tentando voar e fazer barulho para incomodar as andorinhas. Portanto, as andorinhas dominam e as codornas sucumbem à queda do ciclo reprodutivo.

– Eu pensei ter ouvido que sua teoria era sobre cidades – eu disse.

– Sim. Resolvi dar início de modo poético ao estudo, é uma metáfora para as relações sociais e as consequências que o capitalismo pode trazer para a mente humana nas classes tão díspares que hão de se formar. As cidades mudarão, seja qual for o resultado da guerra. E esta mudança requererá novos planos.

As senhoras assentiram. Addumi parecia perdido no assunto.

– Também tenho uma boa metáfora para o bloco leste, se quiserem ouvir.

– Não, não – eu disse. E até ouvi uma das senhoras dizer baixinho “Não é necessário”.

– Envolve dromedários – ele disse, talvez tentando nos convencer.

– É o meu animal favorito! – disse Benjamin.

– Historiador, como lhe foi atribuído – eu desconversei –, é por ter lecionado em algum lugar, ou só por prazer mesmo?

– Não, não, sou apenas um pesquisador. Sinto satisfação em saber como chegamos até o momento atual.

– Acha que poderia nos prestar algumas informações acerca da história da cidade?

– Sem dúvida.

– A Antiga-Nova Sinagoga – Benjamin interpelou-me.

– Foi construída em 1270 – Goddard apressou-se em responder.

– É a sinagoga em atividade mais antiga do mundo.

– Disto sabemos. Mas quanto às lendas, conhece alguma relacionada a ela.

– Todas. São muitas; por qual se interessam?

– Não sabemos ao certo.

– Poderias nos contar sobre todas – sugeri Benjamin.

– Não temos tanto tempo – disse Goddard –, mas eu adoraria. E posso acompanhá-los fora daqui, não deixemos o horário da casa frustrar tão conveniente encontro.

– Conte-nos a mais popular – eu disse.

– Então tem de ser a do Golem. E é impossível que já não tenham ouvido falar. A criatura teria sido criada a partir da terra das

margens do rio Vltava pelo Maharal, o rabino-chefe aqui em Praga, para que protegesse o gueto dos antissemitas. Durante a noite, o rabino escondia o Golem no sótão da Antiga-Nova Sinagoga, até que ele fugiu do controle do rabino e começou a atacar e destruir desmedidamente. Com a promessa de que a perseguição aos judeus teria fim se o Golem fosse destruído, o rabino desfez o feitiço sagrado que concedia vida à lama.

– E podemos ver esse local, o sótão da sinagoga? – perguntei. – Ele existe?

– É evidente que existe. Da rua vocês podem ver a porta, mas está fechada para o público, os primeiros metros da escada foram removidos e não há nenhum outro caminho que leve até lá.

– Alguém já tentou acessá-la? Bastaria que levassem outra escada...

– Um prefeito certa vez enviou carpinteiros para consertar o telhado. Todos caíram de lá, como se tivessem sido arremessados. Mas isso tudo apenas faz parte de uma lenda, não é real. O maior mistério aqui é a razão por que os senhores se interessam tanto pela sinagoga. Decerto, você não é um de nós – disse Goddard –, não se porta como um, não fala como um, embora ande na companhia de um.

E apontou para Benjamin:

– Não é, meu jovem?

Benjamin fez que sim.

– Dissociar-se desta maneira não ajuda muito a sua causa – eu disse.

– Pois tenho o direito de diferenciar a mim e ainda assim não desejar ser julgado – argumentou Goddard. – Não há problema em sermos vistos como diferentes, mas como inferiores sim.

– A conversa está indo para um lado nada pertinente – disse Benjamin. – Respondendo à tua pergunta, senhor, é do nosso interesse as lendas da sinagoga, pois temos um enigma a resolver.

Benjamin agachou-se ao lado do senhor e mostrou-lhe a palma da mão.

Ele leu rapidamente e disse:

– Sim, a primeira frase evidentemente é sobre o Golem. Ele não tinha voz e a verdade estampada na fronte também é uma alusão à lenda. Para que o amontoado de lama inanimada tomasse vida, o rabino precisou escrever na testa da criatura a palavra *Emet*, que significa verdade ou realidade. E quando precisou pôr fim ao encanto, simplesmente apagou a primeira letra, pois *Met* significa morto.

Olhei ao redor e vi nos olhos das senhoras o súbito interesse que desenvolviam por mim e por Benjamin, por quem nem sequer tinham desejado saber o nome ao longo do dia.

Agradei com um sorriso franco e sentei-me no degrau que separava as salas.

As criações do meu imaginário eram irreais e encantadas como a criação de lama do rabino. Rabino que, afinal de contas, além de estar ligado à lenda, era o dono da lápide escolhida como destino pelo menino com o esqueleto e o bilhete. As duas pessoas que deveríamos achar talvez fossem históricas, como Kepler, as quais eu desenterraria, traria da morte e daria vida em meu delírio. Embora a primeira frase pudesse ter sido resolvida em seu significado maior, o que se podia fazer com aquelas informações, senão aumentar os simbolismos?

– Tens alguma ideia geral sobre isso? – perguntou Benjamin a Goddard. – Era um bilhete, mas o perdemos. Se tivesses encontrado, como pensarias resolvê-lo?

– Onde o encontraram? – ele perguntou.

– No cemitério, o velho cemitério judeu – eu disse.

– Quem lhes entregou?

– Um menino de rua – disse Benjamin.

– Por que estão levando a sério, então? Na melhor das hipóteses, deve ser parte de algum livro de suspense.

– Mas se soubesses ser endereçado a ti, como o decifrarias? – insistiu Benjamin.

– Eu começaria desconstruindo os sentidos óbvios, este tipo de charada faz uso de alegorias, portanto, o Golem não é necessariamente apenas o Golem. E é por isto que não encontraram

nada aqui além de mim; *astrônomo* poderia referir-se a muitas coisas além desta casa. Por que não o túmulo?

Benjamin ficou pensativo e de repente sorriu, veio até mim e me puxou para a privacidade da sala ao lado.

– É exatamente o que eu tinha falado – ele disse. – O telefone deve ser uma referência a outra coisa. A questão é: o que mais poderia haver *atrás do astrônomo*? Não só simbolicamente, o que de fato há atrás, ou *antes*, de Kepler?

Ele estava animado, e isso só podia significar que já tinha pensado numa resposta.

– Benjamin, se já decifreste, fala logo, não precisas valorizar, vou te admirar de qualquer jeito...

E então, de um segundo para o outro, entendi. E de alguma forma transpareci isso para ele.

– Sim! – comemorou Benjamin. – Tycho!

– Tycho Brahe. É ele, claro.

– Precisamos ir até o seu túmulo...

– Está na Igreja de Tyn – eu disse.

– Eu sei.

– E, como diz a última frase, poderíamos tê-la avistado quando saímos da casa... bastava tomarmos a direção da ponte!

– É bem na praça onde encontramos Addumi. Perdemos tanto tempo...

Quando voltamos para a sala de chá, o recepcionista estava presente, avisando que precisaríamos sair para que ele fechasse tudo. Descemos para a rua e nos refugiamos do início da chuva dentro do hotel vizinho, onde decidimos passar a noite. Dormi sem saber que havia deixado algo de extrema importância na casa de Kepler, algo que custaríamos muito a reencontrar.

Stanislaus

E RA UM HOTEL PEQUENO, TIVEMOS sorte de estar vazio; como dissera o recepcionista, fazia frio, chovia, e era agosto de um ano atribulado politicamente, cheio de idas e vindas à cidade, não se esperaria haver uma cama sequer disponível. Éramos onze. E mesmo assim todos tivemos cama. Benjamin dormiu numa cama vizinha à de Addumi e eu tive o infortúnio de dividir um quarto com Goddard e mais uma das senhoras. Uma cama de solteiro e uma de casal foi pelo que tivemos de primeiro argumentar. Consegui ficar só; a senhora aceitou deitar-se com Goddard, com muito bom gosto. E ele não desperdiçou a posição, no escuro do quarto revelou-se um galanteador de primeira, fez as perguntas certas na ordem certa, o que significa demonstrar interesse pelo mundo da mulher antes de expressar interesse por ela. Goddard perguntou sobre a rotina da senhora, o que ela tomava no café da manhã, o que fazia no chá da tarde, qual era seu país de origem, seus interesses culturais, sua linha favorita para o crochê. Muito tempo depois, perguntou seu nome e signo. Libra, ela disse.

– É uma pessoa de lua – ele começou. – Basta uma coisa fora do lugar e então, *hoje não, estou enjoada*, mas logo depois está carente, querendo um abraço, um cheiro, não é? E de um instante para o outro fica independente, precisando do seu espaço, um cantinho de solidão, longe de todos, quiçá ao lado das amigas somente.

Devo ter caído no sono e perdido alguma parte subsequente da conversa, pois de repente ouvi o som de beijos excessivamente molhados. Abri os olhos. Um abajur ainda estava aceso, e a senhora, atracada a Goddard. Beijavam-se como jovens virgens. Considerei

que a qualquer momento se cansariam disso, dariam um beijo na testa um do outro e silenciariam os ânimos naturalmente, pois tudo não teria passado de uma queima da juventude que lhes restava sob a ternura da velhice.

Pareceram arrefecer, e entrei num silêncio contínuo que quase me lançou ao sono novamente, mas foi impossível dormir depois que ouvi a senhora questionando o porquê de ele ainda não ter tirado a roupa dela. Eu pigarreei, na esperança de que soubessem que eu ainda não havia dormido.

– Eu estava esperando que tirasse a minha primeiro – respondeu Goddard, um tanto risonho.

Ela tentou argumentar, dizendo-se uma mulher recatada, mas por alguma razão calou-se abruptamente...

Até que entendi o que a fizera se calar.

Desci da cama, os olhos fechados para que nenhuma silhueta me traumatizasse, e saí sem fazer barulho. Ainda faltava muito para o fim da noite. No corredor, tentei me encontrar e lembrar qual era o quarto em que Benjamin e Addumi tinham entrado. Na pior das hipóteses eu dormiria no chão, na melhor delas haveria uma cama sobrando. Tentei girar a maçaneta de duas portas, mas estavam trancadas. Passou um vento frio pelo corredor. Corri até outra porta qualquer e consegui entrar, era um dos quartos em que duas senhoras dormiam. A mais mirrada de todas era uma delas. Então tive uma ideia que julguei brilhante. Peguei a menorzinha no colo e voltei com ela até o meu quarto.

Dessa vez tive de manter os olhos abertos. Entrei sentindo um cheiro forte de queimado. O cômodo estava mais claro, eles tinham acendido outro abajur, e então tive de enxergar aquela barbaridade em sua plenitude. Notei que Goddard tinha um traseiro enorme. Apenas notei, não contemplei, mas bastou para a imagem grudar-se em minha mente e eu depois relembrar daquela enormidade cheia de pelos e furúnculos como se ainda estivesse diante de mim. Pousei a senhora na minha cama e fui logo saindo. Goddard viu minha sombra na parede e se virou. Olhou para a desova que eu fizera e, como se tivesse esperado por ela, agradeceu com o polegar em riste. Então, eu estava no corredor outra vez e podia ouvir os

gemidos. A lembrança não vai muito além. Eu iria deitar-me na cama que esvaziara, mas lembro de avistar Dolores no corredor, apressada em se distanciar, talvez assustada com os gemidos.

Eu sempre os ouvira. Na casa em que cresci, na qual fui parar depois da morte de meu pai, os gemidos das mulheres que com meu tio apareciam eram de praxe, uma sinfonia noturna com a qual aprendi a conviver e pela qual passei a esperar. Às vezes, eram baixos e inexpressivos, não me atrapalhavam os pensamentos e o sono logo vinha. Mas, na maioria das noites, havia um desprazer claro, eram gritos do que parecia sofrimento, e isso me afligia, acelerava-me os batimentos e me fazia quase sofrer com elas. Restava-me imaginar pelo que passavam. Supunha ser alguma punição maior do que as que eu recebia, pois nenhuma me fizera gritar daquele jeito. O que tinham feito para merecer aquilo? Embora nada em meu cotidiano fosse adequado, eu simplesmente sabia que era algo que uma criança como eu não deveria ouvir. Em algum momento, não lembro quando, talvez depois de algum grito ter vindo acompanhado de uma risada ou algo próximo disso, apanhei a ideia de que elas pudessem gostar de sofrer; afinal, como apareceriam em casa sempre de tão bom grado e falantes? Haveriam de aceitar o convite, caso contrário, não seria tão frequente o sucesso de meu tio em levá-las a contragosto. Isso explicaria tudo. Decorrente dessa percepção ou independentemente dela, aconteceu de aflorarem novas sensações daquela audição no escuro. Via-me então como testemunha privilegiada; os batimentos acelerados passaram a servir a outro sentido que não o medo, nascia uma excitação diferente. A voz rouca e forte de meu tio retratava as investidas punitivas que ele desferia, e nesses intervalos meu corpo se inchava e minha mente se desligava de pensamentos. Era um tipo de prazer. Mas eu não sabia dizer o que é que me causava esse prazer. O sofrimento das moças? Minha imaginação da punição? Eu gostava de maltratar as enormes formigas do quintal de terra dos fundos da casa; era bom pisoteá-las por inteiro ou apenas parte de seu corpo; talvez as mulheres fossem as formigas para meu tio, e minha excitação fosse um indício de que eu puxara isso dele, e já me causava prazer ouvi-las sofrer. Mas em pouco tempo eu

percebi que não bastava ouvir seus gritos para os meus batimentos acelerarem, eu precisava ouvi-lo também.

Então, era a voz dele?

Qualquer que fosse a resposta, as sensações continuariam a fugir ao racional; quanto maior a confusão, tanto mais fluxo de sangue, mais ódio e mais prazer, irrefreáveis, até o ponto de eu precisar renunciar à parte de mim que queria entender, que temia, e sucumbir à liberdade e à sujeira da outra. Arrefecido, era um segundo de alívio, e então a culpa e o nojo me tomavam. Apenas o sono me resguardava do arrependimento. Até a manhã seguinte.

Sem a certeza de ter havido mais alguma imagem depois de ver Dolores no corredor, sei que acordei outra vez ao lado da cama de casal de Goddard e da senhora, agora separados e encolhidos, cada um em seu canto. O sexo fora um sonho, mas o cheiro de queimado persistia, forte; estava ainda mais forte no banheiro, uma mistura de charuto e papel queimado.

Fui até a janela e encontrei o céu do início de mais uma manhã; os telhados ainda molhados tinham passado do tom alaranjado para o grená.

Calcei-me, vesti o chapéu, o colete e a casaca e fui para o corredor, dessa vez sem dificuldades para entrar no quarto de Addumi. Sacudi Benjamin, e quando ele estremeceu sussurrei pedindo que viesse para fora do quarto. Ele saiu da cama tremendo de frio – vestia apenas sua ceroula branca e uma camisa de linho da mesma cor – e no corredor lhe expliquei que partiríamos antes que os outros acordassem. Eles só nos atrasariam, e o que quer que encontrássemos deveria ser apenas de nosso conhecimento.

Saímos agasalhados só com o que tínhamos, roupas antiquadas, de passados distintos, que fariam qualquer transeunte confundir Benjamin com um artista de teatro promovendo alguma peça de Shakespeare, e eu como seu agente ou investidor. Faltava-nos um cachecol e um tecido mais grosso, sentíamos a brisa gélida confrontar a pele e afastar o calor do corpo, mas o frio era de praxe em nossa terra de origem e narizes gelados não nos incomodavam.

O caminho para a Catedral de Tyn era nosso conhecido dos tempos em que saíamos da casa de Kepler, à margem do rio, e

pegávamos a extensão da ponte pela Rua Karlova em diante. Comentei isso com Benjamin, mas ele apenas assentiu e tratou de inserir outro assunto que tinha em mente:

– O que achas que podemos encontrar?

– Confesso que não tenho a mínima noção. Essa tua ideia de Tycho ser o telefone foi uma aposta e tanto.

– Não é exatamente o que eu quis dizer. Talvez seja uma referência à igreja. É possível que existam telefones na rua, por exemplo?

– Claro – respondi.

A Rua Karlova nos levou a uma bifurcação, e o caminho da esquerda, que daria na praça, naquele momento era usado para a montagem das barracas da feira de logo mais. Seguimos por ali, desviando das caixas e dos homens que carregavam as madeiras das barracas.

– Pois, então, talvez tenhamos alguém ou alguma voz nos esperando no telefone mais próximo à igreja.

– Não é assim que funciona, Benjamin. Ninguém ficaria todo este tempo lá, esperando entendermos as direções, e muito menos ligariam, pois não saberiam quando iríamos chegar.

– Já esqueceste que anteontem eu comia sardinhas na companhia do capitão e hoje ele está enterrado há séculos? Não há regras por aqui. Tanto podem nos esperar lá, quanto saber exatamente quando chegaremos.

– Há algumas regras – eu disse. – Infelizmente.

– Quais?

Tive a cartola em mãos e aproximei-me de uma sequência de barracas que já estavam montadas, e cujos feirantes nos olhavam esperando que fôssemos clientes. Acelerei o passo e passei de barraca em barraca surripiando algumas frutas; uma maçã, duas carambolas e uma pera. Os feirantes gritaram, um deles ameaçou vir atrás de nós, mas, dar a volta na barraca seria trabalhoso e demorado demais, então outro o fez por ele, veio correndo e anunciando nosso ato. Corremos por uns dez metros. Dei uma maçã a Benjamin e arremessei as outras frutas para trás, como em pedido

de paz. O homem parou. Continuamos correndo, embora não fosse mais necessário.

– Como vê, tivemos reações – eu disse, ofegante, quando diminuimos o ritmo. – Em outra situação, o que impediria que um guarda reagisse mal ao que fizéssemos?

Benjamin nada disse, ocupou-se em mordiscar a maçã por todo o caminho até o fim da rua.

Encontramos a praça como raramente costumávamos vê-la, quase vazia. Havia uma atmosfera suspensa, as poucas pessoas agiam com estranheza, letárgicas, como se por razão da hora ainda não tivessem realmente saído de seus leitos, e ali estivesse apenas uma representação defeituosa de seus corpos. Notei transeuntes e comerciantes cruzarem olhares e relutarem em introduzir um bom-dia, e quando um forjou um aceno tímido com a cabeça, o outro não correspondeu.

Não se via artistas de rua, nenhuma barraca colorida. Até mesmo o sol nascia incompleto, à espreita. Uma vulnerabilidade tomara conta de tudo, formara o ar e abraçara os cidadãos. Não soubesse tratar-se certamente de uma vulnerabilidade minha externalizada, eu desconfiaria de alguma notícia política nos jornais daquela manhã ter sido responsável por espalhar o medo e a desconfiança.

– Estou com fome – disse Benjamin, em meio a um bocejo.

– Acabaste de comer.

– Quero algo quente.

Apontei uma cafeteria, como a sugerir que fosse até lá. Ele foi, mas voltou antes de passar pela porta.

– Dinheiro – disse.

Dei de ombros.

– Também não tenho – respondi.

E prosseguimos.

Contrariando a ordem natural de ação e reação, segundos antes da primeira badalada do sino, todos os pombos que observavam a praça do alto da torre do relógio levantaram voo e foram pousar na torre da igreja.

O que predomina na vista de qualquer um que esteja na praça é a Catedral de Tyn, mas, à distância, não se enxerga da metade dela

para baixo e também nenhum caminho para alcançá-la; um turista se perguntaria por que outros prédios se colocam no caminho e cobrem a visão de uma construção que há de ter toda sua beleza contemplada. Aconteceu que a igreja começara a ser construída menor do que é hoje e crescera de modo a não se encaixar da melhor forma nos planos das construções vizinhas. Para se chegar à porta, é preciso fazer o caminho por um dos arcos de um prédio comercial.

E chegamos. A catedral deveria estar aberta para o público, não era tão cedo assim, mas todas as portas estavam trancadas. Até que notamos em uma delas o aviso de que as obras se estenderiam por tempo indeterminado. Olhei para Benjamin e soubemos o que pensávamos; entraríamos de qualquer jeito.

– Agora é uma boa hora para testarmos as regras – ele disse.

– Mas, o necessário é discrição.

– Claro.

Benjamin foi pegar duas pedras e voltou.

– Tens alguma ideia? – perguntei, mas já era tarde demais, ele lançava a primeira pedra e a acertava no limite do ferro que protegia o vitral. A segunda ele lançou mais alto e conseguiu fazer com que quebrasse o vidro. Os estilhaços foram poucos, pedaços grandes se soltaram e caíram dentro da igreja, de modo que ouvimos pouco os barulhos consequentes.

– O que pensas que conseguiste com isso?

– Agora podemos escalar – ele respondeu.

– Como escalar? Há uma grade, não vês?

Uma teia de ferro protegia todo o vidro; até conseguiríamos escalar, esse não seria o problema. Mas, como passar? Apenas um pássaro teria a chance de entrar pelos vãos. Benjamin deu passos para trás, calculando a dificuldade que teríamos.

– É – ele disse. – É muito alto. Eu pensei em usarmos uma corda, ou algo do tipo.

– Corda! E como passaríamos pela grade, Benjamin?

– Não sei! Só quis ajudar!

Ficamos por um tempo em silêncio, e ele logo teve outra ideia; falou baixinho, como se temesse não ser levado a sério:

– Poderíamos pegar uma dessas máquinas e vir com tudo para derrubar a porta...

Ele apontava para um dos carros estacionados.

Antes que eu pudesse opinar, ouvimos um som vir de dentro da igreja.

Então a maçaneta girou e nos fitou um homem cuja aparência de abatimento indicava muitas noites sem dormir.

– O que houve aqui, senhores?

Não havia tempo suficiente para eu construir uma boa mentira.

– Uma pedra quebrou o vosso vitral – adiantou-se Benjamin, tomando as rédeas.

– Disto eu já sei. – O homem mostrou que recolhera a pedra.

Ele tinha um nariz estranho e um bigode ruivo de extremidades longas como as de um sagui de bigode. Suas vestes estavam sujas de tinta; era um dos encarregados da obra, certamente.

– Fui eu quem atirou a pedra – disse Benjamin.

– Você atirou?

– Atirei duas, mas só uma acertou.

– E o que pretendia com isto?

– Trazer-vos aqui. Eu imaginei que já houvesse operários aí dentro e concluí que poderiam abrir a casa de Deus para rezarmos um pouco, excepcionalmente, hoje.

– O senhor deve estar pensando em nos dizer – eu disse – que há outras tantas igrejas onde poderíamos fazer isso, mas desejamos rezar em homenagem a Tycho Brahe, e é aqui que ele está.

– Não pensei em dizer nada disto, senhor.

Ele abriu a porta por inteiro, convidando-nos. E só a fechou quando passamos.

A voz de uma soprano ecoava ao longe, e não se podia medir de onde vinha. A cantora não estava em lugar algum, e o som, acompanhado da melodia do piano, parecia sair das paredes e subir para as alturas.

– De onde vem a música? – perguntei.

Mas, o homem sumira às nossas costas.

Benjamin fez pouco caso de seu sumiço, ou então nem notou, pois já ocupava-se em observar as mudanças da igreja após a

reforma.

Eu não tinha prudências religiosas e não simpatizava com os costumes impostos, como os de respeito a imagens e consequente adoração a elas, e Benjamin nem mesmo em sua religião era um beato, então, não titubeamos em evitar os bancos, nem paramos para uma reza ou sinal da cruz, seguimos a passos largos pela nave esquerda.

Avistei nosso anfitrião. Estava lá do outro lado, sumindo por uma porta.

Conhecíamos a igreja, e seu interior soturno não nos surpreendia, mas sempre que entrávamos havia fiéis; agora, o completo vazio, a má iluminação e a voz dramática da soprano intensificavam um quê de fantasmagórico, tão comum à qualquer igreja gótica. Não chegava a me perturbar, mas percebi que Benjamin não ousou distanciar seus passos dos meus.

Pouca luz vinha pelas enormes janelas das costas da igreja, e as imagens santas principais eram espectros escondidos nas sombras do altar; lá fora, o céu nublado de Praga conferia ao interior a sensação de um fim de tarde melancólico, como todo fim de tarde, aquele fatídico momento que nos mostra que o dia é bem mais curto do que gostaríamos, que não temos tanto tempo assim como pensávamos quando fazíamos planos para o dia durante o café da manhã.

A vida não espera que paremos para observá-la, dizia meu tio. Dentro da nova sociedade, o contemplar é um ócio, um furo no bolso do povo, um luxo aos bem-afortunados. E os bem-afortunados são os únicos realmente incapazes de contemplar, no sentido transcendente da palavra, pois já estão preenchidos por outras conquistas, por outros prazeres e outros conceitos de prazer, e porque simplesmente não podem abrir mão das obrigações que mais consomem tempo; e o não poder é a anulação primordial da possibilidade de desfrute de qualquer atividade à qual o estado ainda não atribuiu um valor. *Valores não devem ser impostos, não deixes que te digam quanto vale isso ou aquilo.* São algumas das poucas ideias de meu tio que posso guardar sem me envergonhar.

Próximo ao altar, entre o posto do padre e os assentos privilegiados da primeira fileira, o túmulo do astrônomo se fazia notar por uma pedra negra, de mármore talvez, uma parte retangular do piso em contraste com o restante mais claro, na qual estava escrito em dourado o nome. Tycho Brahe. Benjamin sentou-se na pedra, e eu me aproximei sem pisar sobre ela.

Entre pequenos vasos de planta ao redor da pilastra mais próxima ao túmulo, Benjamin encontrou uma caixa de fósforos. Chacoalhou-a, mas não soube do que se tratava. Peguei-a de sua mão e mostrei como acender um dos palitos, ele foi então até um castiçal do altar e voltou com uma das velas; acendeu-a, fez pingar parafina e a grudou à pedra da lápide.

Na pilastra, estava a imagem do astrônomo esculpida no que se passava por bronze, uma placa retangular emoldurada na direção do túmulo, fazendo parecer que Tycho lamentava o próprio falecimento, a cabeça decaída e os olhos fechados ou ocultos pelo artista. Acima da imagem, havia seu epitáfio: *nem o poder, nem a riqueza: apenas a arte e a ciência persistirão.*

O suposto operário da igreja reapareceu sabe-se lá de onde e veio para perto de nós carregando uma manta. Seu corpo todo tremia; ele deitou-se entre um dos bancos, sobre jornais sujos de tinta, a cabeça sobre um amontoado de panos, e cobriu-se com a manta. Não fechou os olhos, ficou bem desperto, observando-nos.

– Por que estás sozinho aqui? – perguntei-lhe.

Ele não respondeu. Seu tremor ia das pernas até a cabeça, e o bater de seus dentes só não reverberava pela igreja devido à música.

– Ele deve ser o chefe de obra – sussurrou Benjamin –, os outros chegam depois. É muito cedo ainda.

Benjamin sentou-se outra vez.

– Levanta daí, eu sei que não vais rezar coisa alguma. Precisamos investigar tudo.

– Sempre desejei vir vê-lo, então, deixa-me. Cabe uma homenagem... e prestá-la ao menos com o silêncio.

Então, deixei-o quieto, mas, segundos depois, ele mesmo interrompeu-se:

– Nunca entendi por que Kepler não nos trazia.

Nos aniversários de morte do mestre, Kepler saía de casa, deixando-nos atarefados, e dizia ir visitá-lo.

– Não achas estranho?

– Talvez ele chorasse e não desejasse ser visto – eu disse.

– Mas ele não encontraria essa privacidade de hoje, outras pessoas o veriam, que diferença faríamos?

O vento tem facilidade em percorrer essas construções góticas, igrejas que lançam o pé-direito o mais alto possível e nos fazem lembrar nosso tamanho, mas, a quebra do vitral devia ter facilitado a formação de uma corrente de ar, pois a chama da vela de Benjamin vacilava e se deitava, por pouco não se apagando.

– De alguma forma, isso não te faz refazer tua opinião? – disse Benjamin. – Sobre a causa da morte.

– O quê?

– Pode ser que ele nunca tenha vindo para cá de verdade. Talvez fingisse lamentar e vir aqui só para não o questionarmos. A última coisa que desejaria era a nossa desconfiança.

– Ele não correria um risco assim, poderíamos segui-lo.

– Mas nunca seguimos – disse Benjamin. – Vê como ele reagiu com Dolores, teve medo dos estudos perderem o valor e foi capaz de tratá-la da maneira mais vil.

Pelo visto, Benjamin não havia compreendido inteiramente o que significava ter concordado com a minha loucura. Pensei em explicá-lhe mais uma vez que nada daquilo tinha acontecido, e que, portanto, não valeria como prova da personalidade de Kepler; mas, guardei as palavras, pois o operário, ou chefe de obra, agora tinha opiniões a dar:

– Johannes não seria capaz de matar um gafanhoto! Como podem ainda levantar suspeitas sobre ele, depois de tanto tempo?

– Não leves meu amigo a sério – eu disse. – Há de haver outras possibilidades, como o problema da bexiga.

– Esqueçam a bexiga também, é apenas uma lenda. Mais provável que tenha sido um envenenamento, sim, os cientistas confirmaram depois que exumaram o corpo em 1901. Encontraram

mercúrio em grande quantidade nos restos mortais. Mas nunca saberão o motivo real, nem levantarão hipóteses coerentes.

– Tycho irritou o rei da Dinamarca – manifestou-se Benjamin –, disto sabemos; era odiado, e terminou deixando seu país para servir ao Império de Rodolfo. Talvez, naquele banquete do dia onze, ele tenha recebido uma visita...

– Blasfêmia! – irritou-se o operário. – Não uses de leviandade sobre o túmulo! Agora sai daí, sai!

Benjamin se levantou e veio para o meu lado. O operário também se levantou e, mesmo de pé, continuou com a manta cobrindo-lhe os ombros; pegou a vela que Benjamin deixara sobre o túmulo e foi para longe, por entre os bancos, até a porta.

Uma vez que para ele nossa vinda resumia-se a rezar por Tycho, imaginei que fosse nos obrigar a sair da igreja.

Vi se apagar a vela que empunhava e, em seguida, uma por uma, todas se apagaram. Passei a enxergar apenas Benjamin, a primeira fileira e um pouco do altar às nossas costas.

A música parou de tocar abruptamente.

– Vocês mentiram sobre seus motivos – ecoou a voz do homem.

– Está certo, mentimos. Mas mentimos para que não desses risada ao saber por que viemos.

– Pois não rio há muito tempo.

Ele reapareceu no corredor central e veio para o degrau do altar em que Benjamin pisava.

– Tenta.

Benjamin virou a mão e mostrou o texto. E, talvez considerando que poderia conferir mais sentido àquilo se desse outro contexto, ele disse:

– Recebemos estas palavras de Deus.

O homem, então, leu em voz alta cada um dos versos. Leu pausadamente e, enquanto o fazia, senti meu coração bater mais forte, acelerado, como se eu tivesse corrido; podia senti-lo nas têmporas e nos ouvidos.

O operário não chegou a ler o último verso, foi interrompido pelo toque estridente de um telefone. Assustado, Benjamin deu um passo atrás, tropeçou no degrau e caiu sentado.

A chamada parou, mas não terminou de ecoar, e outra já veio em seguida.

Apenas o operário não se assustara; murmurou para si mesmo:

– Já era hora.

Ele deu a volta até sumir atrás do pilar em que o astrônomo fora esculpido.

Um toque cessou pela metade.

– Pronto – ele disse. – Sim, sim, estão. Certo. E promete que não ligará mais?

A pessoa do outro lado deu uma resposta curta, pois ele logo veio dizendo:

– Ele quer falar com o ruivo.

Corri até o pilar, Benjamin veio comigo. O telefone era preto e estava pousado numa pequena prateleira de mármore.

– Isto não se parece nem um pouco com uma chaleira – disse Benjamin.

– Alô – eu disse.

– *Eu tenho uma missão para vocês* – disse uma voz masculina.

– Ele diz que tem uma missão.

Benjamin empertigou-se, animado.

– *Ouçã com atenção e só depois se preocupe em reportar.*

– Sim.

– Deixa-me ouvir – disse Benjamin.

Gesticulei para que se calasse e tampei um dos ouvidos.

– E por que devemos segui-la? – perguntei.

– *Porque não têm escolha. Deixarão Praga e este mundo para sempre, se não resolverem a tempo o que eu mandar.*

– Não soa assim tão mal deixar tudo para trás.

– *Mudariam de ideia se vissem o que há pela frente. Benjamin está aí ao seu lado, como sempre. Não está? Precisarà da ajuda dele.*

– E o que há pela frente?

– *O cotidiano, julgamentos. Vexações. E a solidão. Seus maiores sofrimentos.*

– Acontece que estou cada vez mais preparado. E a solidão não me aflige mais.

Ouvi sua respiração, ele parecia relutar em dizer o que disse em seguida:

– *Eu posso reaproximá-lo dela. Sei da falta que ela lhe faz. Sei para onde ela foi. E, o mais importante de tudo, sei também em qual manicômio você está. Algo me diz que isto pode ajudá-lo.*

– Quem é você?

– *Serei claro quanto ao que devem fazer, mas não serei um facilitador. É preciso que sigam ignorantes, pois só assim traçarão o caminho que lhes é destinado. Por isto, enviei o bilhete. Só no escuro puderam seguir por onde seguiram e conhecer quem conheceram. Agora, quero que me diga o que entenderam do bilhete.*

– Não muita coisa – eu disse. – Ficamos na dúvida se as duas pessoas somos nós e não entendemos o que a lenda do Golem tem a ver conosco.

– *Posso adiantar que não são vocês dois. Um deles está em Praga, disfarçado, em algum lugar que foge ao meu conhecimento. É ele que devem encontrar, é quem saberá dizer onde o outro está. Este outro, sim, é de nosso maior interesse. Por enquanto, é importante que desconheçam sua identidade, mas, com o tempo, saberão tudo o que devem saber. Ambos servem ao propósito de destruição e de defesa, assim como o Golem.*

– E o nome deste que está em Praga?

– *Ele se chama Stanislaus Prüter e não conseguirá completar vinte e nove anos. Morrerá no dia dois de setembro. Não posso fazer mais nada por ele, tampouco vocês.*

– Então qual a valia de...

– *Devem encontrá-lo, apenas. E têm bastante tempo. Praga será invadida por uma coalizão soviética. Tudo terá início no dia vinte de agosto.*

– Que dia é hoje?

Ele ficou calado.

O operário da igreja respondeu-me. Dois de agosto. Tínhamos então exatamente um mês. Tempo suficiente para achar uma pessoa em uma cidade como aquela, não? Praga não era assim tão grande.

– Tem certeza de que ele só pode estar em Praga?

– *Eu sei que tudo isto é um salto no escuro. Mas, ironicamente, o lugar em que vocês estão é uma boa partida. Você precisará de um pouco de fé.*

– Acho bom estares decorando tudo para me dizeres depois – disse Benjamin.

– *Por último... Um livro que pertenceu a Stanislaus Prüter encontra-se na casa de número quatro da rua Karlova. Vocês vão precisar desse livro para serem bem recebidos por ele.*

– Estivemos lá na noite de ontem! Nessa casa.

– *Que coincidência...*

– Qual é o livro? – perguntei.

– *Não sei o título, esse é um dos problemas.*

Imediatamente lembrei-me do livro que o Arlequim lia, o qual eu tivera o ímpeto de virar e ver a capa. Mas eu acabara me distraindo.

– *Vasculhamos correspondências guardadas e soubemos, por meio de cartas à mãe, que ele havia descoberto a localização do traidor, como ele se referia a quem procuramos, e que a resposta está em decifrar a dedicatória feita nesse livro. Mas, é só até aqui que vai minha ajuda.*

– E, quando resolvermos tudo, como poderemos encontrá-lo?

Ele desligara.

Coloquei o telefone no gancho e, por um segundo, foi apenas silêncio. Até Benjamin começar a lançar-me uma série de perguntas. O operário não demonstrou curiosidade alguma, apesar de dizer ter recebido ligações daquele mesmo homem todos os dias, às vezes mais de uma vez ao dia, perguntando se um ruivo e um pálido já tinham aparecido. Ele pediu que fôssemos embora, pois, finalmente, teria algum tempo de sono ininterrupto, sem preocupar-se com o telefone. Acompanhou-nos até a porta e, no meio do caminho, esticou-se para ligar uma vitrola instalada sobre um recuo da parede projetado para alguma imagem santa. Era o som da soprano. No fim das contas, eu não havia delirado quando a ouvi.

Benjamin e eu encontramos a chuva e nos sentamos nos degraus do lado de fora, sob a cobertura da igreja, para esperar que passasse o aguaceiro. Contei-lhe tudo o que ouvi, ele me perguntou como era a voz, se era um homem ou uma mulher. Respondi-lhe

apenas que era bastante parecida com a de meu tio, só que com um sotaque indefinível.

A Biblioteca do Mosteiro de Strahov

PRECISÁVAMOS RETORNAR À CASA de Kepler, talvez nada tivesse sido tirado do lugar e o livro que o Arlequim lia ainda estivesse sobre a mesa, e mesmo que tivesse sido devolvido à prateleira – e fosse de fato o livro que procurávamos – não haveria de ser trabalhoso encontrá-lo. Bastaria abrir cada um deles e selecionar aqueles que tivessem alguma dedicatória. Pegaríamos todos e levaríamos a Stanislaus, onde quer que ele estivesse. Esse, aliás, era outro problema sobre o qual ainda não tínhamos ousado falar. Como começar a procurar pelo sujeito? Sair por aí perguntando a quem cruzasse nosso caminho talvez não fosse uma ideia tão estúpida. Mas ainda não tínhamos colocado isso em prática; esperávamos sentados pelo fim da chuva.

– Prüter? – inquiriu Benjamin. – Que estranho. Tens certeza de que não ouviste errado?

– Tenho.

– Deve ser algum estrangeiro.

– Talvez...

– Pelo sobrenome. E até por *Stanislaus*.

– Não... este é comum por aqui. E também na Alemanha. Meu tio, por exemplo, tem Stanislaus no nome.

– Nunca me falaste dele.

Dei de ombros. – E por que deveria?

– Também já se foi?

– Sim.

– E como ele era? – Havia um interesse forçado na voz de Benjamin; claramente fazia aquela pergunta só por educação.

– Não vale a pena falar sobre isto.

– Eram próximos? – ele insistiu. – Fico curioso em entender essas famílias minguadas. Como pode, de uma hora para a outra, sobrar apenas um? É tão triste. Hás de ter primos por aí ao menos. Teu tio pode nunca ter dito, mas certamente espalhou crianças por onde andou. Com que idade ele faleceu?

– Não sei dizer.

Fui sincero. Para essa questão faltavam-me lembranças. Sua morte ainda era algo dissociado de qualquer imagem. Eu fugira de casa pouco depois dos vinte, disso me lembrava. Benjamin tinha ares que sugeriam ainda algum interesse na conversa. Então, expliquei:

– Ele me criou depois que meu pai foi para a guerra. E enganaste pensando que me entristece não ter familiares ou não conhecer os que ainda existam. Sinto mais força na minha existência e tenho mais desejo por um filho, por exemplo.

Benjamin parou para me estudar os olhos.

– Nunca te vi falando deste jeito – ele disse.

– Que jeito?

– Sobre filhos... Como se fizesses planos.

– Pois continuo não fazendo. Temo não saber tratar uma criatura tão necessitada de atenção. Talvez seja por isto que não falo.

Benjamin assentiu, pesaroso, como se também ele temesse. Terminou argumentando:

– Pois as mães estão aí para isto.

Passado o grosso da chuva, saímos da soleira da catedral e voltamos às pressas até a casa. Na praça, assistimos a um grupo manifestar insatisfação. Empunhavam placas com algum desenho e clamavam algo incompreensível. Quando já avistávamos a casa de Kepler, lembrei-me do custo de trinta coroas para poder entrar e também de nossos bolsos vazios. Teríamos que recorrer mais uma vez a Addumi. Entramos no hotel, esperando que todos já tivessem acordado, o que nos pouparia tempo.

Na recepção, encontramos Goddard sentado num sofá, os cabelos molhados por um banho recente. O suspensório armado e as botas amarradas indicavam que estava pronto para levantar-se e

partir a qualquer momento. Tinha um livro grosso aberto diante da vista: *Das Kapital*, de Marx. (Eu agora não deixaria uma capa sequer fugir à minha percepção. Como o Arlequim dissera, era preciso tomar cada detalhe como um dialogismo da minha pessoa comigo mesmo. Ou algo assim.)

– O que está fazendo aí? – perguntei.

– Digerindo o café e os bolos que nos ofereceram. Engolimos tudo rapidamente. Cheguei a precisar de um chá.

– Estou faminto – disse Benjamin.

– Mas... aqui no hotel? – perguntei ao velho.

– Está no pacote do pernoite, mas é só uma enganação. Pouco para um estômago como o meu, por isto tirei proveito da parte de algumas das senhoras, seus estômagos de passarinho saciaram-se com uma fruta.

– Então já acordaram todos – eu disse.

– Há muito! – disse Goddard.

– Não pensei que tivéssemos demorado tanto... – confabulei com Benjamin.

– E já se foram – continuou Goddard. – Tinham pressa.

– Como assim, não esperaram por nós? – indagou Benjamin

– Pensaram que tivessem fugido para não pagarem pelo dia de ontem. O guia contou-me ter desconfiado de vocês dois desde o primeiro momento.

– Somos direitos – disse Benjamin.

– Saímos logo cedo, mas íamos prosseguir com eles – eu disse.

– Mesmo assim, vejo-os da mesma forma. Aventureiros. Jovens inconsequentes e exploradores. Bem, ao menos, têm o interesse de turistas... E o preço de um passeio por esta cidade não deveria ter o valor exorbitante que Addumi e Roman Levi cobram.

– E para onde eles foram? – perguntei.

– Não sei dizer.

No silêncio que se fez, ele continuou nos fitando, à espera de que falássemos. Não falamos.

– Se quiserem comer – ele quebrou o silêncio –, uns pães e o café ainda estão servidos naquela primeira sala, aproveitem.

Goddard voltou à sua leitura. Fomos eu e Benjamin devorar os pães que restaram e tomar duas xícaras bem cheias de café com leite. Retornamos à recepção e Goddard ainda estava no sofá. Surgiu-me uma curiosidade que poderia nos servir de solução:

– Ontem, pouco antes de nos conhecermos, por acaso você fez alguma leitura, mexeu num dos livros das estantes?

– Não... em nada.

– Nem viu um que estava sobre a mesa?

– Posso saber a razão de uma pergunta tão específica? Tem a ver com o bilhete que estão decifrando? – pareceu debochar.

– Não, não tem.

– Eles estão com um livro que pertencera ao meu amigo aqui – inventou Benjamin.

– Foi um presente de meu avô – completei –, há uma dedicatória especial. Acha que pode nos ajudar a encontrá-lo?

– E como foi parar lá?

– Doação. Minha família agiu sem meu consentimento.

– Bem, estou livre hoje. Se vocês...

– Pois queremos achá-lo quanto antes.

– E por que precisariam da minha ajuda?

– Um problema – eu logo disse – é que não temos dinheiro à mão para pagar a entrada.

Goddard fechou o livro, levantou-se e foi saindo.

– Vamos – ele disse, como se já tivesse imaginado a nossa situação desde que chegamos. E foi pagar todas as moedas necessárias para entrar conosco.

Lá dentro, ao contrário da noite anterior, era impossível fazer uma conta imediata de quantos turistas perambulavam. À mesa de estudos não havia mais nenhum livro. Goddard nos levou até um dos quartos, onde havia a exposição dos planetas feitos de isopor. Era ali que ficavam as quatro estantes apinhadas de livros. Mas, não foi isso o que encontramos. Eram quatro delas, grandes, do chão até bem próximo ao teto, mas estavam vazias, ainda sujas com a poeira que delineava as partes em que os livros tinham ocupado espaço.

Goddard garantiu que as estantes estavam cheias até a noite anterior. Eram livros dos mais diversos temas.

– Estavam todos aqui! Eram centenas!

Descemos os três de volta à recepção e tivemos a seguinte resposta do recepcionista:

– Foram doados hoje mesmo à biblioteca de Strahov. Funcionários vieram assim que o sol nasceu e levaram todos num furgão colina acima.

– *Nenhum* livro ficou?

– Levaram todos, como eu disse. Aqui não era seguro, registramos alguns furtos nos últimos meses. Assim, todos saem ganhando.

– Uma ótima decisão – disse Goddard. – Eu mesmo já vinha recomendando isto há um bom tempo.

– Ao menos foi para Strahov e não para outra biblioteca – cochichou Benjamin.

De fato, era uma biblioteca dentro da cidade, próxima ao castelo.

Saímos de volta à rua, meus pés fumegando por guiar-me outra vez até o outro lado do rio e colina acima.

Goddard de alguma forma notou meu impulso e falou:

– Não pensam por acaso em partir a pé, ou pensam?

– Mas é claro que sim.

– Uma questão de horas afastou o livro de vocês. Tamanho desencontro há de ter uma razão de ser. Parem e reflitam, não tenham pressa. Aproveitem o dia, reencontrem Addumi, limpem sua honra pagando pelo dia de ontem.

– Faríamos, senhor – disse Benjamin –, se tivéssemos dinheiro.

– Falei sério quando disse que não temos nada – eu expliquei. – Um mendigo tem mais condições que nós dois juntos.

O grupo que vimos segurando cartazes e placas na praça passava agora correndo por nós a toda velocidade, sem nada nas mãos, em direção à saída para a ponte. Atrás vinham guardas mais lentos, desinteressados em alcançá-los, mas prosseguindo, até sumirem todos.

– Posso prover o dinheiro para passagens de ônibus, se aceitarem...

– Não seria uma caminhada longa para mim e meu amigo, estamos acostumados – expliquei a Goddard. – Mas, também tenho

o desejo de convidá-lo a vir conosco nesta busca. Em três pessoas teremos mais chances de achar logo o bendito livro.

– Pois concordo – correspondeu o velho, imediatamente. – E já era meu plano ir àquelas bandas. Conheço o itinerário de todos os transportes desta cidade. Em vinte minutos estaremos lá.

Goddard então nos guiou até o ponto de ônibus mais próximo.

Visando maior entendimento do que fora dito ao telefone, Benjamin lançou a seguinte pergunta fora de contexto:

– O senhor acha possível que uma coalizão soviética invada a cidade?

Goddard não titubeou, como se já estivéssemos inseridos naquele assunto há muito tempo, e respondeu:

– Mas é claro.

– E quão perigoso seria isto para nós, quero dizer, isto poderia se dar por quais circunstâncias?

Goddard olhou para mim, rindo, desacreditado da seriedade de Benjamin.

– De onde você vem, meu caro? Conte-me como foi viver numa caverna estes anos todos.

– Ele quis dizer... – tentei explicar.

– Não entendo de política – adiantou-se Benjamin em defender-se –, e história não é o meu forte. Seria muito elucidativo se me explicasses em que situação está o Império.

– Império? – exclamou Goddard. – É um uso interessante da palavra, não está de todo enganado. Na verdade, não está nada enganado. Na superfície, nos dividimos, mas tanto o oeste quanto o leste comportam-se sob as rédeas ideológicas separatistas dos dois polos de poder e influência; é o leste, contudo, o lado que mais exerce esse poder desde o fim da Segunda Guerra. E aqui estamos sob a tutela do Exército Vermelho. Mas somos o único país a revoltar-se, numa toada que pegou os soviéticos de surpresa. Foi uma questão de meses. O povo tomou ânimo e está disposto a lutar e forçar o partido. Obviamente, porém, não é viável rebelar-se contra um império desse tamanho. Se Dubcek não aceitar pôr fim aos excessos, a Tchecoslováquia corre o risco de ver florescer as ideias do inimigo neste solo.

Benjamin questionou qual era o inimigo, quem era Dubcek; falou de sua dificuldade em entender o assunto mesmo em suas questões mais simples. Então, enquanto esperávamos pelo ônibus e depois também, enquanto seguíamos viagem, Goddard se viu na necessidade de explicar tudo como se estivesse diante de um filho muito jovem. E teve a didática que se esperaria de uma boa professora. Definiu da forma mais simplória e breve o capitalismo, o socialismo e o comunismo. Falou da tensão entre as duas grandes potências mundiais e apontou o que considerava atropelos de Stalin, que apadrinhara os países que havia libertado do nazismo, mas não soubera como tratá-los senão como espécies de colônias, no sentido subserviente do termo. Depois, Goddard deu mais detalhes sobre as discordâncias que existiam dentro do próprio bloco socialista e, nisso, falou de Praga. Tudo começara com a União dos Escritores, símbolo da insatisfação de toda uma frente artística, jornalística e científica que sofria com a forte censura. Segundo ele, após um congresso da União dos Escritores, houve um rompimento crucial com a direção do Partido Comunista tchecoslovaco, e seguiam-se mobilizações estudantis na mesma direção, reivindicando a liberdade de expressão e a organização do sistema como um todo. Havia despertado de um sono de duas décadas o inconformismo com a intolerância, com o totalitarismo e com a constante extração dos recursos do país pela União Soviética. Desde meados do ano, o povo infringia essa conivência com manifestações em favor de mudanças, colocando pressão sobre o Estado para a implementação de um socialismo mais humano, o que, diante da recente remoção de Novotny e da ascensão de uma gestão mais liberal, a de Dubcek e Svoboda, não foi visto pelos soviéticos como simples desvio, senão como digressão apontada a uma gradual restauração do capitalismo – embora o partido discursasse em sapatos conservadores, pouco seguindo na direção de mudanças radicais e apenas planejando reformas limitadas que mantivessem a aliança com os soviéticos.

– E então a força maior entrará em ação – disse ele, conformado.
– Todos podem prever este dia, é algo que se anuncia. Resta saber quando virá a gota d'água.

Eu, Buda

É COMO TER DESAPRENDIDO A CONTROLAR um esfíncter. Até certa idade, sinto que fui inteiramente capaz de controlar meus pensamentos secundários, como os chamo – aquelas observações ou princípios de ideias que surgem como um reflexo de outros pensamentos, sem que pensemos nelas ou depositemos muito de nossa personalidade e caráter em sua formação; aquele pequeno ser endiabrado sentado em nosso ombro... Sinto que podia ignorá-lo. Rupert ouve aquilo que o incomoda e tem na ponta da língua algo que gostaria de dizer, mas que simplesmente não pode dizer. É uma questão de autocontrole, simples para a maioria e difícilíssima para mim. Pois certa vez, estive a bordo de um elétrico, desejoso por sanar uma dúvida sobre o percurso dos trilhos, e a primeira pessoa à qual dirijo minha questão se revela incapaz de responder. Primeiro, não entendo sua razão, ela só me olha, depois gesticula e faz grunhidos, para enfim mostrar-me um cartão que a classifica como muda. Meu desejo imediato, perdoe-me, leitor moralista, ou, quem sabe, mudo, é – e reprovo-me, saiba disso – estapeá-la; ou um tapa só, não muito forte, nem muito leve, bem na bochecha ou na orelha. Eu talvez tenha duvidado da mudez dela, pode ser isto. Nunca acreditei que alguém seja completamente incapaz de falar – e estudiosos que li fortaleceram esta minha crença com argumentos que defendem a ideia de que a deficiência não passa de um acabrunhamento mental, ilusório, algo psicológico, como um trauma; um segredo escondido no passado do sistema familiar fortifica-se em suas raízes e alimenta o ser que desconhece estar representando esse silêncio imposto. Então, meu impulso do

tapa talvez venha da esperança de arrancar, no susto, algum som mais digno que um *ugh* ou um *ehrm*.

Goddard era o extremo oposto, falava demais. Não era um professor, como ele mesmo dissera, apenas um entusiasta da história, mas, o prazer que demonstrava em ouvir a própria voz era o mesmo de um professor. E Benjamin era um aluno exemplar, daqueles que se sentam bem próximo e não tiram os olhos do mestre. Para os dois, o tempo que esperamos pelo elétrico deve ter passado muito rápido. Mas foi uma longa espera, meia hora no mínimo. E entramos num bonde cheio. Apenas Goddard, tirando proveito da fragilidade exposta pela bengala e pela curvatura da coluna, pôde ocupar o assento que um jovem lhe cedeu. Antes, porém, que eu me perca, a razão do parágrafo anterior é a seguinte: meu autocontrole dependia muito do meu humor. E ali, de pé, por muito tempo ainda fiquei ouvindo Goddard prosseguir em suas análises batidas sobre os soviéticos e o PCT. Eu já não estava bem, quando uma passageira que acabara de entrar aproveitou a primeira oportunidade que teve e foi sentar-se no único lugar que finalmente vagara, bem atrás de mim. Olhei para Benjamin; ele não notara, continuava imerso no monólogo político. Minha indignação fluiu ao encontro da raiva da qual eu não iria abrir mão até fazer algo. Diferentemente da muda que se salvou de ser curada no susto, esta não mereceu igual inação. Agi com o primeiro movimento que tomou meus braços. Puxei-a pelo colarinho. Sua blusa era frágil, de cetim, e cedeu; esgarçou tanto e tão logo que não deixou a força trazer o corpo junto. Pois meti a mão em seu pescoço e de uma vez ela veio, gemendo. E saiu tossindo, tropeçando, caiu entre os outros passageiros, que também esperavam para se sentar e que, talvez identificados com a minha atitude, não deram a mínima e nada fizeram em sua defesa. Sentei-me e mantive o olhar fixo nela. Talvez já se aproximasse do destino ou então se sentisse acuada e disposta a andar o resto a pé, pois no ponto seguinte desceu. Pude recostar a cabeça e caçar algum sono.

O itinerário não era dos mais curtos, adentramos desnecessariamente a cidade velha; foi uma volta longa até chegarmos a uma das pontes. E mais voltas então. Depois de

deixarmos as águas do Vltava para trás, caí num sono no qual eu sabia estar trancado dentro de uma biblioteca. A biblioteca estava em chamas, estantes queimavam de pé, outras desmoronavam, e os livros crepitavam todos ao mesmo tempo, como se praguejassem. Até que entendi algumas palavras farfalhando, resmungos que eram na verdade os gritos mais altos que podiam dar os textos que morriam. Eu corria, mas não para fugir ou encontrar uma saída; avistei o que eu perseguia: um livro que tinha pernas curtas e corria veloz e ciente de onde melhor se enfiar, uma vez que tão bem conhecia os corredores. E então, como se centenas de vitrolas tivessem sido ligadas em um mesmo disco, um som venceu o fogaréu e preencheu toda a biblioteca. Era o canto dos pigmeus viciados em cacau^[12]. Toda a biblioteca tremia, como se estivéssemos dentro de um contêiner ou um vagão, e entendi que aquilo que meus pés sentiam era a passagem de trilhos.

Benjamin sacudiu-me, e no ponto seguinte descemos ao pé da colina.

Ainda coube-nos achar a trilha pavimentada e íngreme. No Monte Petrin, o topo de Praga, o sol podia reinar, e meus olhos recém-despertos doíam, mas era por exposição a uma claridade muito branca, um teto de nuvens tinha surgido de uma vez só. Apenas ao longe, podíamos ver o amarelo dos raios iluminando os telhados laranjas da cidade velha.

Fomos dar numa descida, ao lado de um muro medieval que não se podia dizer onde começava nem onde terminava. O pavimento cessou num gramado salpicado pelo bege e por um grená ensoado do outono de árvores que não estavam ali.

O mosteiro surgiu, com sua fachada insossa e simplesmente branca. A distância que andamos até ali torturara as costas de Goddard. Ele chegou cansado, falando do desejo por uma cadeira, mas imediatamente sentiu-se feliz ao apoiar-se no balcão da entrada, onde não havia ninguém para nos recepcionar. As portas que saíam da recepção estavam fechadas. Benjamin foi até uma delas, quando ela abriu com um homem em sua batina.

Nas mãos, ele trazia uma xícara. Não se assustou conosco, mas arqueou as sobrancelhas a denotar que não nos esperava, o que me fez concluir que talvez não pudéssemos visitar o local.

– Boa tarde – disse Benjamin.

– Em que posso ajudá-los, senhores?

– Sinto que o interrompemos, irmão bibliotecário – eu disse.

– É minha hora do chá.

Ele foi para trás do balcão e lá ficou, bebericando e enfiando a mão num saco de biscoitos que não víamos.

– Estamos à procura de um livro – eu disse.

Ele estendeu a mão na direção da entrada, querendo dizer que cabia a nós procurar. Sobre os portões de ferro forjado da entrada, pude ler a frase destacada da parede: *O começo da sabedoria é o temor à ignorância.*

Eu insisti:

– É um livro que chegou hoje mesmo, junto com outros da casa de Kepler.

– Recebemos doações todo santo dia... – Tomou um gole longo.

– Qual seria o título?

– Confesso que não sei ao certo. Mas vou reconhecê-lo – menti.

– Saberá dizer-nos onde foram colocados os que chegaram hoje?

– Depende muito do espaço e dos títulos. A biblioteca é dividida em dois setores, o teológico e o filosófico. Queira que o livro de seu desejo esteja entre os de filosofia, pois a outra área está fechada à visita. Somente mediante permissão do abade abrimos exceção.

Então pedi que buscasse por essa permissão.

– Sim, sim. Mas, de qualquer forma, dispus a maior quantidade no segundo andar, na ala da direita. Procure por lá.

A biblioteca era uma peça de arte. Apenas um lado dela contava com janelas, mas eram extensas, do chão ao segundo andar, de modo que iluminavam tudo. A madeira bem tratada das estantes e do piso reluzia, e o imenso afresco da abóbada parecia tão vivo e claro quanto uma pintura recém-finalizada poderia sê-lo. A paleta de cores pinceladas não era ampla, como a da Capela Sistina, tampouco surtia aquele ar realista e sóbrio. Num retrato mais inocente e romantizado, aqui predominavam o amarelo, o azul-claro e o branco.

O afresco resumia-se a um céu ensolarado, em cujas nuvens ocupam-se de sua eternidade os maiores símbolos da história recente e antiga, desde os puramente mitológicos aos minuciosamente registrados pelos historiadores. Contracenam ali figuras como Noé, Adão e Eva, Caim e Abel, e também Alexandre, o Grande, com seu mestre Aristóteles, pintado ao seu lado. Em contínua encenação que mescla o bíblico, vê-se também aquele que meu agnosticismo me impedia de distinguir de um santo, um apóstolo ou um qualquer: uma figura em vestes longas, pintada com a cabeça envolta em luz, pregando diante de um monumento cujas palavras em latim louvam um deus desconhecido. Meus queridos Esculápio, Pitágoras e Sócrates também estão lá, dando sentido ao título que Goddard agora nos revelava:

– Chamam-no de o Progresso Intelectual da Humanidade. O pintor levou seis meses e precisou de um só assistente.

– Só espero que três dias sejam o suficiente para encontrarmos um livro no meio disso tudo – disse Benjamin, subindo ao segundo andar antes de nós.

Quando imaginei que Goddard poderia nos dar alguma ajuda na procura pelo livro, eu já havia considerado suas restrições físicas, visualizara a curvatura da coluna impedindo-o de examinar as prateleiras mais altas, mas eu não apostaria que ele nem sequer tentaria se mover. Permaneceu sentado e, contudo, contribuiu talvez mais do que teria contribuído se andasse de lá pra cá, pois, como ficou, bastou para ordenar que Benjamin lhe anunciasse os títulos enfileirados em cada prateleira, enquanto ele respondia se alguma vez havia visto os títulos citados nas estantes da casa de Kepler.

– Não é possível que se lembre de todos – eu disse.

– Eu não seria capaz de listar por conta própria todos que estavam lá – ele admitiu. – Seria como enumerar todos os nomes de pessoas que você já viu na vida. Mas, se lhe disserem algum que você nunca ouviu antes, o cérebro imediatamente perceberá. Garanto-lhes que conheci aquelas estantes o bastante para que títulos que não estiveram lá soem estranhos ao meu ouvido.

Tivemos indícios de que aquilo talvez funcionasse nas primeiras vezes que Goddard afirmou já ter visto o título. Ao contrário de

outros que Benjamin retirou da prateleira e conferiu as primeiras páginas, esses dois reconhecidos por Goddard tinham na primeira página um carimbo com a data em que haviam entrado para o catálogo da biblioteca. Dois de agosto de 1968.

– São de hoje – disse Benjamin.

– Bastante impressionante, mas levarão mais tempo neste procedimento do que levariam se Benjamin apenas abrisse cada um dos livros – argumentei.

Benjamin espirrou.

– Onde já se viu tanta pressa? – retrucou Goddard. – Deixe que eu me gabe um pouco. Mostrar que realmente li tudo aquilo.

Benjamin espirrou mais duas vezes.

– Vê? Seu amigo já não aguenta o pó. Imagine se abrisse todos!

Benjamin não falou coisa alguma. Geralmente, quando faz isso é por não querer mostrar que discorda de mim. E eu podia ver em seus olhos que se divertia com aquela *performance* do velho.

O dia teria fim antes que terminássemos de investigar metade de uma das longas paredes do segundo andar, e a ciência amarga disso somou-se ao informe que o bibliotecário de batina veio trazer: não teríamos acesso ao hall de teologia. O clérigo para o qual telefonara só poderia nos conceder permissão pessoalmente e estava de viagem fora da Boêmia, sem data para retornar.

– Teria ele temido a intervenção soviética e partido? – sugeriu Goddard ao bibliotecário.

– Não.

– Não vejo nenhum guarda protegendo a entrada, ou algo do tipo – disse Benjamin. – É irônico que ele prefira se preocupar com sujeitos inofensivos como nós três, tendo em vista que a biblioteca corre o risco de uma invasão.

– Invasão? Quem iria querer destruir livros? – disse o bibliotecário.

– A própria igreja o fez – rebateu Goddard –, não muito tempo atrás.

– Ninguém virá.

– Mas, os soviéticos... – começou Benjamin.

– Os soviéticos ignoram esta parte da cidade. O mosteiro não corre riscos – reiterou.

Houve um longo silêncio.

– Há um banheiro aqui que eu possa usar? – inquiriu Goddard.

– Não, senhor.

Deu as costas e sumiu porta afora.

– É claro que há um banheiro – murmurou Benjamin. – Como é que ele faz?

Quis continuar a procura, mas a visão dos milhares de livros me imobilizava.

Deveria haver uma parte de mim completamente ciente do título e de onde encontrá-lo. Ninguém mais responderia às minhas próprias perguntas, como me esclarecera o Arlequim em nossa conversa na taverna. Mas ele também falara dos meus limites. Eu mesmo impedia-me, criava qualquer empecilho necessário. Alguma coisa, porém, havia de estar ao meu alcance. Seria de grande ajuda se ele resolvesse aparecer naquele momento. E esse pensamento trouxe a ideia de que talvez houvesse algo que eu pudesse fazer para trazê-lo. Relembrei das vezes em que ele veio e busquei algum indício de uma recorrência, alguma repetida ação minha que justificasse seu aparecimento. Notei que ele geralmente surgia imbuído do sentido de transporte: surgira dentro de minha carruagem em Cádiz, depois nas margens do lago de onde retirou Dolores da água, e mais tarde no cavalo que nos levou à taverna... No entanto, ele também aparecera simplesmente sentado à mesa da casa-réplica de Kepler.

Então lembrei: ele se despedira na última vez dizendo que nos encontraríamos numa biblioteca. Havia de ser esta!

Fui para longe dos dois, pelo corredor até a outra parte do edifício, onde havia janelas compridas, através das quais pude enxergar as estantes do que havia de se tratar da biblioteca de teologia. A parede do fim do corredor fora usada inteiramente como tela para um pintor e forjava uma continuidade, dava a ilusão de haver a partir dela um novo hall, com um piso de mármore semelhante a um tabuleiro de xadrez. Mas, de perto, a ilusão se perdeu, pude ver as ranhuras da tinta e também o uso pobre das

cores e sombras. No teto, havia uma pomba branca descobrindo, entre nuvens negras, uma abertura para o céu azul.

Pensei que encontraria alguma porta trancada que eu tivesse que arrombar para chegar à seção teológica ou, ao menos, alguma sinalização da restrição do abade. O arco de entrada, porém, estava logo em frente, e a passagem livre.

Uma vez dentro, meus olhos primeiro pousaram no lado esquerdo, numa imagem de madeira de um santo. E já que não vi ninguém por perto, é da imagem que me pareceu vir a voz que ouvi dizer:

– Apenas em caso de ter esquecido, ou estar ignorando: *Buda* é aquele que acordou, sem, no entanto, deixar o sonho.

Contudo, fora um homem que falara. Ele estava no ponto mais distante da porta, próximo a uma janela. Não demorei a reconhecê-lo, embora estivesse sem a maquiagem e sua roupa de losangos.

– Joaquim! Preciso de tua ajuda.

– É aquele que se livrou das perturbações da mente – ele continuou – e que ampliou a concentração, pois descobriu viver na ilusão.

– Sim. Não me esqueci de nada disso.

– Não é irônico?

– O que exatamente?

– Que você esteja dentro do seu inconsciente.

– Eu já havia pensado nisso.

– Mas, apenas pensar não é o bastante. Certo? Venha cá.

Fui até ele. Aquela seção da biblioteca era comprida. O teto era baixo e curvado, permitia que mesmo uma pessoa pequena visse os afrescos do teto de perto, como se fossem telas penduradas na parede. Um trabalho de estuque barroco emoldurava em branco cada uma das pinturas.

– É curioso observar que nem tudo você é capaz de emular – disse o Arlequim. – Por maior que seja seu conhecimento e sua criatividade, não foi capaz de preencher todas as páginas de todos estes livros. A biblioteca é o único lugar que vi revelar claramente que todo este mundo é produto seu. Venha ver com os próprios olhos o que digo. Pegue três livros quaisquer na estante e traga-me.

Fiz como mandou, mas adiantei minha pergunta:

– Joaquim, qual era o livro que estava lendo na mesa de estudos de Kepler?

– Traga, traga logo – desconversou. – Abra um e leia a primeira e a última página, e depois faça o mesmo com os outros.

Li e logo vi que eram textos iguais.

– Acontece com todos os livros – ele disse –, estou conferindo cada um deles. A maioria dos títulos você inventou, simplesmente não existe lá fora um *Solitarius*, muito menos *O Joelho de Natal* ou *O Caso das Axilas Marrons*. Mas uma impressionante quantidade do que vemos aqui partiu da sua memória. Títulos, frases, às vezes parágrafos inteiros, como no caso dos parágrafos iniciais e finais dos seus livros preferidos. A abertura de *A Metamorfose* e o fim de *O Grande Gatsby* estão rigorosamente de acordo com a realidade. Há de haver outros, ainda verei todos. Não lhe dá algum tipo de orgulho olhar para isto tudo? Qualquer um que pudesse entrar aqui faria um bom passeio por sua personalidade. Encontrei coisas bem interessantes naquela prateleira. Um exemplar de *O Castelo* prossegue após a súbita parada do que foi recuperado dos manuscritos de Kafka, e você completou o período inacabado. Noutra prateleira encontrei os mais variados títulos infantis contendo um único conto, *O Rouxinol e a Rosa*.

– Por que não me responde? Qual o livro que estava lendo na casa de Kepler?

– Estamos falando sobre coisas mil vezes mais interessantes!

– Pois podemos continuar falando, depois de me responder...

– Eu não sei qual era o título, pronto! Li apenas alguns trechos desinteressantes e vocês chegaram. Sei que era alguma escrita autobiográfica.

– Como não sabe o título?

– Ora, não virei a capa... Ele já estava lá, aberto.

– É claro que está mentindo. Como não saberia? Você sabe de tudo!

– Maldita hora em que fui lhe prover este detalhe. Mas, isto me leva ao que venho fazer aqui. – Ele devolveu um livro à prateleira e pegou outro, este apenas com páginas em branco. E também o

recolocou na prateleira. – Eu não deveria lhe responder esta pergunta.

– Por que não?

– Por que prezo a sua liberdade.

– Seja mais claro.

– Eles o estão distraindo, querendo prendê-lo nesta teia de eventos para levá-lo de volta ao caos de antigamente. Não vê que já conseguiu grandes feitos? Você está ignorando tudo o que lhe apresentei como verdade, abrindo mão do conhecimento e, assim como Benjamin, fechando os olhos para as inconsistências. Eles encontraram um jeito de colorir o delírio com a Primavera de Praga. Pegaram seu tempo mais recente para lançar sentido à desordem. E eu sei o que está em jogo. Prometeram-lhe Dolores. Mas não poderão trazê-la. Também prometeram a localização do sanatório. Como se fosse disto que você precisasse. O efeito será o contrário. Se você for àquele lugar, mais um ciclo se fechará e mais uma chance terá sido perdida. Você deve voltar ao trem. É lá onde sua mente o espera; deve despertar, reabrir os olhos ao meu lado e ao lado de Dolores. E é lá o único lugar onde pode encontrá-la.

– Pois, leve-me de volta.

– Eu já o teria levado! Não é tão simples assim. Apenas você possui a capacidade de se transformar e se mover, seja para frente ou para trás, como está sujeito agora. Sua fuga do trem se deu tão logo a viagem começou, eu o vi fechar os olhos e não mais os abriu. Estamos lá agora. E isto que vive com Benjamin aqui é mais uma das interferências da sua parte que teme a liberdade e que urge por sabotar qualquer progresso. Ela tem mais poder do que você pode imaginar. Está me entendendo, Rupert? Ainda guarda o que conversamos na taverna?

– Sim. E posso aceitar toda esta teoria, contanto que haja uma forma concreta para eu acordar. Caso contrário, ficaremos apenas em interpretações infundáveis.

– E há um jeito. Mas, não soará sensato assim que eu disser...

Levou tempo demais em silêncio.

– Diga.

– Estava procurando palavras melhores para dizer isso, mas... Bem, é preciso que você tire a vida de Benjamin. Ele é o elo.

Eu nada disse.

Ele continuou:

– E que em seguida tire a sua.

– É claro que não é uma opção. Não posso fazer nada disto... Por que está rindo?

– Porque sei que você é capaz.

– Você mesmo já provou que sinto dor, mesmo aqui eu sinto dor. Não conseguiria. Não há nenhuma chance. Dê outro jeito.

– Não há outro jeito.

– Pois não farei isso. Minha outra opção é branda. Basta que eu siga pela cidade em busca de um homem. É claro que já sabe o que escolherei.

– Bem sabe que Benjamin já está morto. E você não corre risco nenhum. Abrirá os olhos imediatamente. Eu posso garantir. Estou bem ao seu lado neste instante.

– Como saber se o que eu faço aqui não implica na realidade, lá onde estou internado? Certamente há o risco de eu me matar aqui ao mesmo tempo em que me mate lá fora. O que me garante que você não é, na verdade, uma parte de mim que quer me ver morto? Seria bastante coerente, aliás...

– São boas perguntas, e eu não conseguiria deixá-lo seguro em relação a nenhuma delas. Mas, acredite, o jeito que está vivendo não é muito distante da morte.

– Não estou sofrendo aqui. Estou muito bem.

– Este sossego tem vida curta, eles estão vindo. Tem que acreditar. Deve agir enquanto pode.

– Eles quem exatamente? Os soviéticos?

– Os guardiões. Lembra-se do ritual que fizeram com o seu corpo?

– O que era aquilo?

– Tentavam impedir que você se encontrasse comigo, mas só conseguiram eliminar uma parte sua. Lembre-se que Benjamin era um deles e nada fez para te ajudar. É por isso que deve matá-lo antes que os outros dois venham até você. Benjamin não sabe

ainda, mas mudará de lado assim que se reunirem. E então terminarão o que resta.

– Se eu bem entendi o que me ensinou, eu sou a razão de tudo o que nos cerca. Então não há por que me dizer que só existe uma forma de acordar. Eu criarei outra! Não sei como fazê-lo ainda, mas vou descobrir. Vou encontrar esse Stanislaus. Não me custa. E até lá posso andar armado. A qualquer sinal de aparição de Krupp e Horácio, eu os derrubo imediatamente.

O Arlequim murchou os ombros, como se não contasse com a minha insistência.

– Naquela noite, na casa de Kepler – ele disse –, quem colocou o livro sobre a mesa foi o seu mais novo amigo, Goddard. Ele tratou de pegá-lo de volta tão logo todos se distraíram com o chá. Saiu de lá com ele dentro da calça; e não fez isso por apreço à leitura; quando você e a senhora adormeceram, ele foi ao banheiro e abriu a janela com a esperança de que alguma fresta desse conta de levar a fumaça embora... Ele o queimou por inteiro.

Saí em disparada e do corredor lancei os olhos até a cadeira na qual o velho estivera até pouco tempo atrás. Benjamin estava ali, ainda examinando os livros, mas Goddard...

Então o avistei correndo porta afora, se é que pode ser chamada de corrida aquele esforço para carregar-se em duas pernas gordas e uma bengala alta. Era como um potro.

– Benjamin! Vem!

– O que há?

– Goddard mentiu para nós!

Ouvir-nos e ver-me correndo pareceu bastar para ele não questionar a perseguição e também apressar os passos. Do lado de fora, o avistamos correndo ao longe, no gramado. Não precisamos correr assim tão rápido. Gritei seu nome, e isso o fez atrapalhar-se: pelo desejo de apertar ainda mais o ritmo, perdeu o controle da bengala e despencou, ofegante por demais.

Não falou, nem tentou se levantar. Ali ficou, olhando-nos. Estendeu uma mão a Benjamin, pedindo que o ajudasse a ficar de pé. Benjamin fez que daria uma mão. Eu dei-lhe um tapa no braço. Goddard fez um tremendo esforço para virar-se, mas não conseguiu,

ficou como uma tartaruga virada por uma onda ou por uma criança travessa.

– Por que estavas fugindo? – questionou Benjamin.

– Ele mentiu desde o início...

– Eu não estava fugindo! – Ele apontou para a árvore a poucos metros de nós. – Não tem banheiro lá dentro! Ajudem-me, por favor, antes que eu me molhe todo!

Benjamin o ajudou a levantar-se e o acompanhamos de perto até a árvore. Enquanto ele urinava, interroguei-o:

– Por que queimou o livro?

– Como...

– Não tente negar. Eu já sei.

– Como ficou sabendo tão de repente?

– Não acreditaria se eu lhe contasse.

– Ele queimou o livro que estamos procurando?! – exclamou Benjamin.

– No banheiro do hotel – respondi –, enquanto dormíamos.

Benjamin expressou surpresa e vontade de perguntar como eu havia obtido aquela certeza tão subitamente, mas o tom confirmativo de Goddard foi o bastante para cativar sua atenção, e ele calou sua dúvida por ora.

– Queimei outros exemplares que encontrei nesta cidade. Caso ele fosse mesmo o livro de seu avô, realmente sinto muito. Mas é pouco provável que seja o que procuram. É uma publicação recente. E confesso que não fiz uma vistoria, não me lembro de dedicatória alguma. Por isso mesmo, quando me falaram que procuravam um livro, prontifiquei-me em ajudá-los. Se encontrássemos, eu ficaria de consciência limpa.

– Por que o queimou? – exclamou Benjamin.

– Agora que não podemos sanar a dúvida, vai nos contar tudo sobre esse livro.

– É uma leitura que deveria ter sido proibida! Em alguns lugares até foram feitos impedimentos, e as livrarias não o puseram à venda. Mas, por aqui, acharam um jeito de disponibilizar um grande número de exemplares e, infelizmente, estou longe de ter queimado

todos. Chama-se *A Cortina de Ferro*, é a história confessional de Gouzenko, a história de como esta tensão toda começou.

– Nós temos que lê-lo – disse Benjamin. – Quais as chances de ainda encontrarmos um?

– Era a dedicatória que nos interessava – eu disse. – Nela estava a informação crucial para a localização de Stanislaus.

– Mesmo assim...

– Não são poucas – respondeu Goddard. – Muitas pessoas compraram e agora os guardam em suas estantes. Mas nas livrarias de Praga vocês não encontrarão, posso garantir.

– Não entendi o que o livro tem de ruim – disse Benjamin.

– Já não é óbvio? Não seja tolo, estamos falando de Igor Gouzenko! Esse livro é a sua risada estridente no ouvido da Mãe Rússia. Qualquer um que leia e se deixe levar pela simpatia que ele vende é também um traidor em potencial.

– Quem é Igor Gouzenko? – tornou Benjamin a perguntar.

Goddard riu.

– Você precisa começar a ler os jornais, meu jovem.

– É um espião, Benjamin – eu disse.

Mas isso era tudo o que eu sabia.

– Um espião da pior espécie – disse Goddard. – Ou seja, um espião munido de sentimento de culpa, cheio de compaixão e humanismo. Ele não podia viver com o peso da responsabilidade que tinha. Estava lá para colher informações acerca dos experimentos nucleares americanos. Mas escolheu entregar-se e entregar a todos nós. Permanece vivo, protegido e escondido com a ajuda deles. Ninguém sabe onde está.

Um está longe demais e nunca retornará, por não querer fazer o mal; o outro se disfarça e jamais deixará a capital. Gouzenko e Stanislaus eram os dois de interesse... E este saberia a localização do outro. Era melhor que Goddard não tivesse essa informação que a Voz nos dera ao telefone. Temi pelo que ele desejaria fazer com ela. Mas concluí que a voz poderia desejar a mesma coisa: Gouzenko morto. Porém, quais teriam sido os motivos por trás da traição? Dera bons resultados? Benjamin estava certo, era de grande importância que lêssemos aquele livro. Tempo para tal não nos faltaria. Onde

quer que Stanislaus Prüter estivesse enfurnado, ainda teria um mês de vida.

Mas, até lá, Benjamin e eu precisaríamos arrumar um lugar onde ficar. E dinheiro.

Petrificação

SE ESTÁ LENDO ESTA FRASE é porque me deu sua mão ao longo das páginas que deixou passar ou, então, porque nos primeiros contatos com o livro numa livraria ou biblioteca, a fim de espiar o conteúdo de alguma passagem aleatória que seus dedos sorteassem, veio parar aqui por acaso (e, se isto ocorreu, creio que concorda que devemos considerar este um evento de ordem quase mágica, uma vez que, dada a ínfima probabilidade – principalmente se a página não tiver caído numa das seções fronteiriças da costura da brochura –, este parágrafo seria como uma profecia. Eu, no seu lugar, perderia qualquer dúvida e sairia da livraria ou da biblioteca com o livro nas mãos). De qualquer forma, o que quero dizer é que a esta altura da história é meu dever fornecer mais informações acerca de como se deu a composição dos meus relatos até aqui e dos que ainda estão por vir. Uma releitura do prólogo agora poderia sugerir que eu me sentei naquela biblioteca de Berlim e ali dei início a tudo. Mas a verdade é que comecei as anotações muito antes, e os lugares em que estive para escrever foram tantos quantos os dias que já se passaram. Este meu projeto em breve alcançará três anos, e nem tudo foi um jorro de lembranças. Possuo uma memória que assusta quem porventura fala comigo, mas jamais daria conta de lembrar-me de tudo o que vi enquanto estive enclausurado. Escrever tardiamente sobre delírios é como deixar de registrar imediatamente um sonho. Se não levantamos e colocamos logo tudo no papel, as minúcias se vão, e as primeiras horas do dia consomem até as imagens mais claras. Uma vez ou outra em que o sol atravessasse a cortina e ilumine o quarto, o que se testemunha lá no imaginário perde força, e o consciente dá conta de colorir e até mesmo esboçar

coisas novas. Cobia-me escrever no instante em que o meu entorno fictício se esvanecesse e eu entendesse a função de um papel e um lápis de cera. Sim, de cera, pois não pense que me permitiriam manusear um lápis comum, muito menos uma caneta. No princípio, bem antes de piorarem as coisas e levarem-me à terapia de choque, não confiariam a mim objetos quaisquer que pudessem me machucar ou machucar os outros. Eu frequentava uma oficina de arte-terapia no terceiro andar, e lá havia cavaletes, telas, papéis, tintas e lápis de cera de todas as cores. Eu juntava os papéis, cerrava os lápis no vão da grade da janela, para que ficassem mais finos e apropriados para a escrita, e levava tudo para o quarto. Nunca me impediram, pelo contrário, incentivavam-me, pois eu me destacava dos pacientes que relutavam em produzir alguma coisa de bom com aquele tratamento; alguns mais escandalosos mal lidavam com os pincéis e com os lápis como gente.

É com o auxílio desses registros que venho compondo minha odisseia. Mas, a esta altura do conto, há uma grande falta de informações, uma lacuna que pode ter se dado pela minha incapacidade mental de registrar tudo ou pela perda dos papéis desta seção em particular. Lembro-me dos dias em Praga, mas não me lembro de minhas falas ou ações cotidianas. Minhas conversas com Benjamin nesse período, se existiram, não pertencem mais a este mundo. No esforço de recordar-me, olho para trás e vejo tanto quanto qualquer um vê quando olha para o passado: recortes, cenas estáticas. Às vezes, vejo um cenário e não sei dizer se pertence ao que vivi, ao que sonhei ou ao que inventei. Para o são ou para o louco, os dias primeiro se acumulam, se empilham uns nos outros, depois implodem e soterram todas as memórias que tínhamos. Como poderíamos nos lembrar dos pormenores? O que nos levou a escolher aquela roupa em uma foto que guardamos com carinho? O que houve mais naquele dia? O telefone tocou? Tudo some no fundo da cabeça, e só podemos continuar enxergando o que está à frente no agora. O agora, sinônimo de opressão, única instância do tempo que conseguimos imaginar que experimentamos; pois, de fato, é apenas uma tentativa, consome a si mesmo antes da percepção, passa sem nunca se mostrar do mesmo jeito mais de uma vez,

escapa como a água que nunca permanece em nossas mãos, por melhor que façamos o formato de uma concha. Talvez por isto gostemos tanto de livros e filmes, pois são histórias que possibilitam a sensação de que aquilo está ali para ser revisitado e, sobretudo, para ser consumido de acordo com a nossa necessidade; podemos avançar as páginas com a velocidade que nos convier, às vezes num devorar, às vezes a estender os dias para terminar uma só página, fazendo uma pausa enorme para só voltarmos ao livro depois de meses, anos; ou, como na maioria das vezes, no meu caso, não voltarmos. Muitos livros eu fechei sem terminar a leitura e nunca mais os abri. Existem tantos outros a serem lidos. São como as pessoas. Jamais conhecerei todas, então, contento-me em espiá-las e deixá-las de lado tão logo passem. Até que chega um momento em que já conheço o suficiente e não preciso mais enxergar o que me cerca; quando então nenhum livro mais me interessa. Nem uma pessoa.

Há algum tempo que só leio o que escrevo. Nenhuma ficção estimula minha imaginação, como já aconteceu um dia. Prefiro textos teóricos, acadêmicos; por isto, me vejo hoje mergulhando no que guardei de teses e textos didáticos da faculdade. A filmes de ficção não consigo mais assistir: falta prazer. Posso até me forçar, mas prefiro documentários.

Instalaram um aparelho de televisão a cores na sala de arte-terapia, isso aconteceu bem na época do lançamento do filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate* em fita cassete. Não puseram antena no televisor, e por um tempo só o que tínhamos para nos distrair era aquele filme. Nenhuma pessoa fora de um manicômio assistiu tantas vezes à procura daquele selo dourado. Pois cheguei ao ponto de decorar as falas, as canções e inclusive o movimento dos figurantes em cada uma das cenas. Não foi difícil encontrar interesse para tanto. Apesar do efeito hipnotizante desses aparelhos, o que me cativava era a filmagem, suas cores e sua atmosfera esquisita, nada mundana. Era a primeira vez que muitos de nós víamos um filme colorido e, ainda por cima, tão colorido como aquele, tanto nos cenários quanto nos figurinos. Aquela gente estranha estava lá passeando por um mundo imprevisível, cada qual

trajando vestes com cores diferentes das dos outros, enquanto nós ali assistíamos a tudo trancafiados e vestidos apenas de branco. Essa distância da realidade fazia ressoar nosso passado atribulado, como se as origens de nossos problemas estivessem ali na tela e, de alguma forma, também ali o caminho que devíamos encontrar para voltar a pertencer àquele mundo de cores. Talvez fosse a constante exibição do filme uma espécie de terapia, um tratamento indireto por parte dos médicos. Mas a identificação do *eu* e o reflexo não haveriam de bastar, pois também lá fora assistíamos à vida trajados de branco e somente dentro do nosso caos encontrávamos sabores, mesmo que artificiais, como os doces da fábrica. De qualquer forma, o filme funcionava ao menos como abstração.

“Invenção, meus caros, é noventa e três por cento de fome, seis por cento de virilidade, quatro por cento de inspiração na invenção de outrem e dois por cento de uísque”, dizia Jan, um dos loucos ao meu lado, parafraseando a lógica de Wonka.

Desde a primeira vez, tive a suspeita de que Charlie era um filho secreto de Willy Wonka abandonado quando bebê, e por muitas vezes me dediquei a encontrar alguma pista deixada pelos responsáveis pela produção que confirmasse minha intuição e revelasse a paternidade. Nesse intuito, percebi que os outros pacientes não entendiam o filme como produto de uma equipe de profissionais, era como se considerassem a imagem uma autoria unicamente daquele aparelho e as pessoas nele vistas tão irrealis quanto as “pessoas” dos desenhos animados. Um sujeito com quem falei não entendia que lá fora, nas ruas, era possível encontrar aquelas mesmas pessoas, embora lá fora elas vivessem papéis diferentes, personagens mais próximos de seu *eu* verdadeiro. A dificuldade que ele apresentou em entender esse conceito – discernir a ficção e aplicá-la no modo como se enxerga o mundo – era tamanha, e os argumentos retóricos de uma imbecilidade... Nesses companheiros, o lugar do *eu* dava-se ao vazio, um vácuo, esfaimado; o corpo, então, alimentando-se de pseudoaleatoriedade, era como um receptáculo de neuroses, receios e anseios paradoxais, talvez não muito distante de mim nestes últimos sentidos; mas, este diagnóstico em comum entre nós era neles contemplado pela

imobilidade da verdadeira pessoa, o ser que nunca expunham, que guardavam para si e ao qual não podiam assistir. Fechavam-se então num desconhecimento sufocante que extingue qualquer adaptação do ser. Estavam mortos em vida, eram pedra com olhos de sangue e carne. Senti-me tão são e superior àquelas pessoas que, por um segundo, considerei-me curado. Mas, eu não era o único capaz de reagir racionalmente a diferentes propostas de realidade: outros ali também sabiam entender o filme como uma colaboração de roteiro e direção. Apresentávamos então outro problema: suspendíamos a realidade para substituí-la por uma igualmente complexa. Nossas projeções fictícias no mundo real eram como ações cinematográficas em que detínhamos instâncias de produção e audiência.

Então, de uma hora para a outra, minha relativa superioridade aos outros pacientes deixou de servir-me como vantagem na absorção do filme. Tudo nele passou a me causar mal. Os rostos me incomodavam, os olhos azuis de Charlie e Willy Wonka eram azuis demais, as vozes eram melosas, as atuações, exageradas, as falas, pouco imaginativas, as canções, um mantra infinito cujo poder era causar desespero. Tudo era previsível. Nada restara de mágico. E a previsibilidade amarrava-se a um desejo de transgredir aquela realidade e mudar o que acontecia nela, impedir que as crianças levadas ao passeio pela fábrica continuassem cometendo os erros que cometiam ou, então, se continuassem imbecis como teriam de ser sempre, que não aparecessem mais na estória. Por que Wonka continuava permitindo que elas entrassem em sua fábrica? Por que não pulava logo essa fase pedagógica e ia direto aos momentos felizes que compartilhava com seu *filho*? Somente as cenas em que ele e Charlie apareciam juntos continuavam a me agradar.

O poder de controlar o tempo das estórias fictícias é o poder que nos falta na leitura de nossas próprias vidas. Nessa leitura, os olhos do leitor invisível, cravados em nosso texto, são uma existência despersonalizada: é ele o tempo, um leitor incansável que não permite pausas e jamais se compadece com o nosso sofrimento, nem se questiona se vale mesmo a pena estar lendo, por mais comuns e enfadonhos que sejamos. E, mesmo que nos acabrunhemos num íterim da estória, as páginas estão virando, e

dali a pouco talvez retomemos ânimo, durante alguma ação com a qual nos identifiquemos mais, a qual desfrutemos em desempenhar, na qual esperaremos nos agarrar, desejando que dure.

Já não me lembro bem se fui a Berlim pela última vez no ano passado, no retrasado, ou se foi neste ano. Quando foi que abracei minha mãe? Já não vivo o instante em que aqui escrevo; em breve desejarei voltar a esta mesa pequenina, à quietude deste recanto entre estantes que escolhi ao pé de uma janelinha que dá para a porta do prédio da FACVLDADE DE DIREITO, como diz a velha placa da universidade na qual cursei psicologia há muitos anos, há uma década ou mais.

Antes de perder o total controle sobre a desintegração do meu entorno, eu podia sentir quando começavam as falsas percepções e, antes que me diluísse na desordem e no turbilhão metafísico de certezas estranhas e só me desse conta disso muito tempo depois, buscava então cortar imediatamente o primeiro sinal de alucinação, infringindo dor em mim mesmo. A dor era a única coisa que se comunicava sem erros com o *lado de lá*. Eu podia subitamente puxar meus cabelos para os lados e sentir a cabeça se aquietando, os temores se anuviando. Não que a dor me desse prazer, não sou masoquista, nem cheguei próximo de me tornar um depois de anos me autoflagelando. Era apenas a forma que encontrei, fácil e rápida, de sentir a realidade, enxergá-la e pensar ordenadamente sobre ela. A sensação era de que, enquanto a dor latejava, o que eu via era o mundo de verdade. Eu podia ter a certeza de que estava inserido nele, mesmo que sofresse por estar nele. Tive que inventar mentiras sobre minhas mãos constantemente enfaixadas, pois uma forma eficaz de estender a dor era cortando-me e cortando-me novamente quando a ferida cicatrizava.

É fácil concluir que esse recurso perdeu efeito depois de um tempo. A dor tornou-se comum, e os mergulhos na insensatez, recorrentes, apesar dela. Eu me perdia da consciência ao menos duas vezes ao dia, enquanto no tempo restante ocupava-me com o receio dela escapar. Temia não estar onde eu estava, de não estar sendo visto de verdade por quem eu enxergava.

Sabendo da impossibilidade de relembrar-me de tudo o que envolve a pilha de dias que deixei para trás, nunca saberei relatar em completude o que experimentei naquela passagem de tempo dos meses seguintes ao Agosto de 68 em Praga, tanto o real, quanto o imaginário. O imaginário, a lembrança e o delírio devem se confundir e acabar num enlace pouco ordenado que é o relato desse período. Uma anotação que tenho guardada, e que reflete minha dificuldade em entender minha passagem por ali, é a seguinte:

Hoje consigo sentir que o tempo existe e que tem passado. Vejo que há muito eu estava numa espécie de vácuo temporal, e que nenhum dia se diferenciaria do outro, que não havia o peso do tempo no espaço. Seria fácil a qualquer momento jurar que eu estava internado há dois meses, ainda em 1968, tanto quanto jurar que anos já teriam se passado comigo aqui dentro. Falei disso ao médico e teorizei que agora o mais provável é que já tenham se passado mais de dois anos. Por intuição, apontei para hoje o ano de 71. Ele não escondeu a surpresa, ficou feliz por mim e confirmou meu palpite.

Eu me via enfim reposicionado no tempo-espaço; o cárcere era consciente, na mesma proporção em que eu estava de fato ciente da separação do espaço físico do hospital de alienados e do espaço do meu delírio.

Mesmo sem muitas anotações desses paralelos, muita coisa eu enxergo devido ao peso e à cor que tiveram em comparação ao todo, e esses retratos, quando bem observados, servem como liberação de mais lembranças; funciona da mesma forma quando um cheiro, um gosto, um sentimento ou uma fotografia há muito esquecida no fundo da gaveta despertam outras tantas imagens, e a vivência se refaz numa avalanche de certezas, algumas verdadeiras e outras, justamente, inferenciais.

Os escritos que me haviam servido como distanciamento da realidade, ao mesmo tempo expunham-me ao meu próprio juízo, quando me encontrava desperto o suficiente para julgar o que lia. Essa atividade, sim, funcionava diariamente como uma "arte-

terapia”, muito além das pinturas propostas, mas, ironicamente, advinda das ferramentas que eles tinham me proporcionado. Considero que ela me resguardou durante o tempo aniquilador que era o cotidiano do hospital, e ela sobreviveu ao novo diretor e às suas propostas de evolução do tratamento: incontáveis doses de insulina e choques elétricos que por vezes me levaram ao coma.

– Já é muito o que este senhor nos faz, em nos conceder moradia. Não quero extrapolar, entendes?

– Ele faz por bondade, Benjamin. Não vê a felicidade nos olhos dele quando sentamos à mesa?

– Faz isto porque de fato é carente e o agrada ter companhia para uma conversa.

– Pois que seja.

– Mas, não pagarmos nem mesmo pela comida é demais. Logo ele se dará conta da afronta que isto é, e correremos o risco de perder este canto.

Era quase um esconderijo onde fomos viver durante o período que pretendíamos usar em nossa busca por Igor Gouzenko. Dormíamos no depósito de um museu do Monte Petrin, conhecido como a Galeria de Noer Dan Orgian, um ambiente muito menor que minha casa em Cádis. Os dois andares usados para a exposição se separavam por uma pequena escada em espiral, em que só uma pessoa por vez poderia subir ou descer. As paredes e o teto eram revestidas de gesso, deformado e pintado a fim de simular o interior de uma caverna; portanto, não era possível pendurar nenhum quadro, todas as telas eram expostas apoiadas nos cantos, acotovelando-se entre móveis, num amontoado que fazia o próprio museu parecer um depósito de tudo aquilo que poderia ser devidamente exposto de outras maneiras. Ninguém escolheria mostrar suas peças e telas daquele jeito, mas era justamente esse o charme do lugar. Inclusive, nessa linha de pensamento decorativo, propositalmente eram deixadas intocáveis as teias de aranha que se acumulavam, e também os insetos por elas capturados. Também as aranhas, que vinham da floresta densa do Monte Petrin, recebiam o direito de viver ali entre a arte. Nosso quarto ficava ao lado de uma das salas de exposição, nenhuma aranha nunca nos visitou, mas o

cheiro de mofo tomava toda a casa. Em compensação, havia a música. Uma vitrola tocava em alto som música erudita; podíamos ouvi-la com clareza do nosso “quarto” logo abaixo, dormíamos ao som de Schumann, Vivaldi, Bach, Tchaikovsky, Mozart ou Dvorák.

Tocava a *Sinfonia do Novo Mundo* na noite em que viemos. Noite que se seguiu àquela tarde que passamos na biblioteca do mosteiro. Depois de revelar que queimara *A Cortina de Ferro*, Goddard prometeu recompensar-nos – não sem antes lançar perguntas sobre os nossos propósitos, às quais respondi apenas com a verdade, o que bastou para primeiro ele desacreditar e depois nos tomar por birutas – e encontrou um meio de fazê-lo apresentando-nos a um amigo solitário que conhecia das noites de chope na taverna mais movimentada do Monte Petrin.

– Estes são Rupert e Benjamin, amigos de curta data, curtíssima, mas boas pessoas, bons ouvintes, interessados no que realmente interessa. Eles não têm onde dormir, nem têm moedas.

Noer, um senhor cujas vestes roxas, longas e de seda se esperaria ver apenas num dos três reis magos, abriu um sorriso desfalcado e coçou os cabelos vermelhos armados, como se ponderasse com dificuldade sobre o que responder. Mas, claramente, fez o gesto para fingir ambivalência, pois o sorriso aumentou e ele abriu os braços, feliz e decidido. Fez que nos abraçaria de uma só vez, mas apenas nos deu um aperto nos ombros, espremendo-me de encontro a Benjamin.

– O tempo que precisarmos – falou enfim, com uma voz aguda. Precisarmos? Não quisera dizer “precisarem”?

Logo fez sentido a inclusão de si mesmo na conjugação do verbo, tão clara foi a demonstração de carência e necessidade de ouvidos que não fossem os seus próprios. Era assim que nos cobrava, pagávamos diariamente com atenção ao que tinha a contar de si e de sua arte. Era um pintor. Grande parte das peças que expunha era de sua autoria, com exceção de algumas que trouxera de viagens, das quais falava com detalhes excessivos. Por um tempo, então, talvez não mais que uma semana e meia, tivemos a sensação de que compensávamos o custo do abrigo e das refeições, até que ele silenciou e não nos requisitou mais.

– Ele até deixou de falar conosco – disse Benjamin.
– O que sugeres então?
– Que façamos todas as refeições na rua, para começar. E que paguemos algum trocado por cada dia.
– Já falamos sobre isso, o dinheiro...
– Não deve ser tão difícil assim conseguir um emprego. Precisamos pelo menos tentar.

– Mesmo que fosse fácil, que conseguíssemos um serviço nas docas ou na taverna, não ganharíamos bem o suficiente. Hoje em dia só pagam bem a quem trabalha o mês todo. E, assim, que tempo teríamos para ir atrás do que realmente precisamos?

Todas as manhãs, Benjamin e eu descíamos para a cidade com o endereço de ao menos uma *knihkupectví* e uma *antikvariát*, uma livraria e um sebo, da lista de lugares que Goddard nos confessara não ter visitado para o seu propósito de destruição do livro. Nessas buscas, aproveitávamos para perguntar a todos que cruzavam nosso caminho se conheciam Stanislaus. Algum Stanislaus, todos conheciam. Mas nunca tinham ouvido falar de Stanislaus Prüter. Sempre atravessávamos a ponte de volta para a casa de Noer sem nenhuma informação sobre o sujeito e sem o livro de Gouzenko.

Na manhã em que nos restava apenas um sebo para visitar, Benjamin não me acordou. E, quando subi até a cozinha, ouvi de Noer que meu amigo já havia partido.

– Para onde?
– Disse que tinha conseguido trabalho com uns pescadores. Deixou aqui o endereço do *antikvariát* que vocês veriam. Ainda não tomei o meu café, acompanhe-me.

Não pense que é por considerar desnecessário que visualize, ou então por desleixo, que não descrevo meus aposentos, a cozinha e os pormenores da casa de Noer. A verdade é que não me lembro com exatidão. Com exceção do espaço de exposição de arte, todos os interiores parecem ser de qualquer jeito que eu queira imaginar. Lembro-me agora de paredes de pedra, mas é só. O exterior é de que tenho algumas certezas, e se você passar por Praga e puder subir o monte, comprovará minha descrição. Terá, contudo, que se embrenhar na floresta para encontrar essa construção. A casa de

Noer é alta, construída em alvenaria de pedra, sustenta quatro andares e figura no monte como um castelo esquecido de um rei morto ou vencido. Encontra-se numa seção íngreme, com as janelas mais altas dando para um desfiladeiro de árvores altas cujas copas encobrem a vista para o rio, mas não para a cidade.

Benjamin e eu sempre saíamos pela frente, por onde acessávamos o caminho mais curto e pavimentado até a ponte, mas, nesse dia, sem a companhia de meu amigo, Noer deu-me moedas para que eu pegasse o elétrico direto até a cidade velha. Saí então pela porta dos fundos e descí pela trilha íngreme e já muito obstruída que daria nos trilhos ao pé da colina. A ideia era a mais simples possível: seguir sempre em direção ao norte, até que o amontoado de salgueiros e pinheiros sumisse e o campo desse num gramado entremeado por uma estrada sinuosa, a qual eu deveria descer.

A densidade de árvores era grande, e os troncos em sucessiva desordem devem ter me impedido de manter uma linha reta, pois, quando essas árvores cessaram, deram vez a outras. Deram num bosque de árvores mais suscetíveis aos efeitos do outono, árvores cor de sangue que pareciam colorir a neblina que surgira sem que eu notasse e fazer do ar uma extensão das folhas. Não estava tão forte a névoa, não era difícil enxergar; a descida, porém, era cada vez menos segura. Segui lentamente. À minha esquerda, pensei ter visto o muro principal do Monte Petrin, o Hunger Wall; havia de ser, era extenso, envelhecido, já muito envolvido por musgo e trepadeiras. Talvez tenha esse bosque menos de cem metros de largura. Ao sair dele, eu me vi numa descida com largos degraus de concreto e com vista para uma rua não muito distante; eu, uma cerejeira, e mais seis estátuas de ferro.

Ali a neblina estava forte, ao longe se podia avistar apenas parte do telhado de casas mais próximas. Não parecia haver alma viva por perto.

Senti um frio cortante. Vestia apenas uma camisa de tecido fino. Tentei vencer o desconforto, lembrando-me de que o criava. Mas, modificar algo assim tão aparentemente natural, uma questão de causa e efeito, era tão improvável quanto mover um copo com a

força do pensamento. Mesmo quando não mais que pura imaginação, uma invenção pode logo encontrar validade, ser musicada e repetida em tom irreparável.

Não abandones as tuas ilusões. Sem elas, podes continuar a existir, mas deixas de viver.

Reconheci aquela frase. Mas não me lembrava de onde exatamente.

Se tivesse ido pelo outro caminho da casa de Noer, àquela hora eu já estaria na ponte. Talvez encontrasse Benjamin nas docas...

O que me preocupava é que ele podia facilmente ser detido, não tinha documento nenhum em sua posse. Qualquer oficial que implicasse com sua cara teria motivos para prendê-lo sob este e outros pretextos do regime separatista. E se ele não voltasse?

Cada um só pode ser ele mesmo inteiramente pelo tempo em que estiver sozinho.

Essa eu soube de quem era. Usara como uma das citações de abertura da minha tese de doutorado, que fora reprovada. Era Schopenhauer. Mas por que eu pensara nela tão subitamente? Lembrava-me de tê-la encontrado num dos livros que roubei da biblioteca da faculdade.

Apenas se deveriam ler os livros que nos picam e que nos mordem. Se o livro que lemos não nos desperta como um murro no crânio, para que lê-lo?

Essa era de Kafka. Viera como as outras, tão natural e instantaneamente que era como se as palavras tivessem sido ditas em meu ouvido. E eu já não tinha tanta certeza se a ouvira em minha mente ou no ar, em sibilos disfarçados pela brisa que começou a deslizar.

Tive a sensação de estar acompanhado... O que era recorrente em meu cotidiano. Eu aprendera a considerar qualquer sentido desse tipo uma farsa, apenas uma mania de perseguição.

Aproveitei que o vento começara a dissipar a névoa e fui enfiar-me de volta no bosque vermelho, com a ideia de refazer o caminho que me trouxera ali. Mas, com a limpeza da vista adiante das estátuas, descobri que já me encontrava próximo do fim do monte, quase no nível da cidade e do rio. Bastava seguir em frente,

descendo os degraus, e eu daria na rua que desemboca na ponte Legií.

Atravessada a ponte, o endereço da última livraria iria me guiar por um trajeto longo e sinuoso até o bairro de Karlin, além da Cidade Velha. Teria muito que andar, mesmo que pegasse algum transporte. Escolhi guardar as moedas que Noer me dera. Percorri o caminho todo a pé.

Como em todos os sebos anteriores, tive que confiar no vendedor, que me garantiu não ter o livro de Gouzenko. Eram muitas prateleiras, desordem na maioria delas, poeira e traças a cada livro movimentado, mas não deixei de vasculhar onde podia e conferir as seções relacionadas, para caso o vendedor estivesse errado. Desisti no momento em que ele insistiu, dizendo que não possuía aquele título e que há muito vendera o último dos poucos exemplares a um marinheiro italiano. Perguntei se tinha seu nome guardado ou se saberia onde encontrá-lo. Ao que respondeu que clientes iam e vinham e ele jamais invadiria a privacidade deles dessa maneira.

A volta foi rápida, mas já escurecia. Sabia que encontraria Noer sentado à mesa da maior sala com o jantar servido e esperava que Benjamin também estivesse lá.

– Ele não voltou – disse Noer. – E você também demorou! Eu já estava ficando preocupado.

– Fui a pé o caminho todo. Só usei o bonde para voltar. E acabei me perdendo hoje mais cedo... Acho que segui um pouco para a esquerda e depois dos pinheiros passei perto daquele muro longo.

– Poderia ter seguido o muro, em alguma hora daria na rodovia.

– Mas foi um bom atalho, acabei ficando muito próximo da ponte. Ali na altura de umas estátuas de ferro.

– A estátua do poeta?

– Não sei. São ao menos seis, pelo que consegui contar naquelas condições.

– Seis? Distantes uma da outra, não é?

– Não. Bem próximas, na verdade. Estavam em degraus largos. A maioria está destruída de algum jeito, algumas perfuradas, um braço faltando, o peito aberto.

– Então, você deve ter ido bem mais longe do que está me contando. Não há nenhuma estátua dessas aqui nas redondezas, e eu conheço o Malá Strana melhor do que ninguém.

– Não andei mais do que cem metros, eu lhe garanto.

– Quero que me mostre então – disse Noer. – Amanhã, a primeira coisa.

– Está bem.

– Agora preciso me retirar – disse, bocejando. Ao se levantar, empurrou de volta a bolsinha com o pouco de moedas que restara. – Fique com o que sobrou...

Também me deitei, apesar de me preocupar com a ausência de Benjamin. Deitei-me lembrando a proposta do Arlequim. Se apenas a morte de Benjamin bastasse para meu despertar, eu talvez considerasse a possibilidade de conversar com ele sobre o que o Arlequim dissera e propusesse um envenenamento ou algo que o valha. Adormeci.

Sonhei com as estátuas que Noer nunca vira. Estava nublado como mais cedo, mas a neblina cobria apenas a cidade lá embaixo. Eu podia enxergar ao redor e notar os detalhes das estátuas. Eram escuras e magras.

Então, ouvi as mesmas frases.

Não abandones as tuas ilusões. Sem elas podes continuar a existir, mas deixas de viver. Cada um só pode ser ele mesmo inteiramente pelo tempo em que estiver sozinho. Apenas se deveriam ler os livros que nos picam e que nos mordem. Se o livro que lemos não nos desperta como um murro no crânio, para que lê-lo?

Eram as estátuas falando, pude até ver a boca de uma delas articulando-se. A mais próxima levantou os braços e segurou-me pelo pescoço, apertando suas mãos de ferro gélido com muita força. Senti as arestas pontiagudas e enferrujadas cortando-me a pele. A pressão era crescente, já não respirava. Possível que dali a pouco me separasse de minha cabeça.

– *Que, neste momento – ela disse –, minha alma e minha língua sejam hipócritas; por mais que as minhas palavras transbordem em*

desacatos, não permita, meu coração, que eu as transforme em atos![\[13\]](#)

– Rupert! Acorda! – exclamou baixinho.

Abri os olhos para a luz de velas do quarto.

Era Benjamin.

Sentei-me.

– Finalmente! Onde estavas?

– Consegui dinheiro. – Benjamin pousou na cama uma bolsinha e a abriu. Estava cheia de moedas e cédulas. Muito além do que qualquer cidadão poderia conseguir em um só dia de trabalho.

– Como conseguiste isto?

– Não fui longe. Primeiro, procurei algum serviço nos arredores do castelo. Mas, ali, eu já esperava ser difícil. Acabei indo às docas, como me disseste para fazer...

– Não. Eu não disse que devias procurar, estava apenas comentando as possibilidades...

– Enfim, que seja... Fiquei onde pudessem me ver, para falar com todos que passassem – ele prosseguiu, cheio de entusiasmo. – Eu tinha a ideia de poder pescar, quem sabe dar sorte para a rede de algum velho azarado. Isso valeria muito, mas nada me encheria mais o bolso do que o veleiro do Marco, um marinheiro que acenou pedindo ajuda para amarrar o barco. Falei que procurava serviço, ele contou que precisaria de um cozinheiro. Contei ser dos melhores e usei da minha experiência com a cozinha de Kepler. Cozinhei os dois pratos preferidos do astrônomo, polvo à espanhola e lagosta grelhada com aspargos. O jantar serviu seis pessoas.

– Fico muito orgulhoso, amigo. Realmente fico. Parabéns. E, pelo visto, agradaste muito.

– Sim, sim. Mas, deram-me poucas moedas – lamentou. – E não são de ouro.

Ele virou a bolsa na cama. Havia alguns trocados em moedas, mas a quantia em cédulas era enorme.

– Eles me garantiram que os papéis valem mais.

– Claro, muito mais. Hoje quase não se usa moeda.

– Quem sabe seja o bastante para pagarmos o que devemos a Noer.

– É mais – eu disse, começando a contar e fazer uma estimativa de nossos gastos nas últimas semanas –, até sobrar.

Benjamin sentou-se na beirada da cama e suspirou.

– Espero que não estejas cansado – eu disse –, pois vamos sair agora.

– Não estou. Só um pouco. Mas, agora, no meio da noite? Por quê?

– Tive uma revelação.

Levantei-me.

– Eu te conto no caminho.

– Pois espera. Isto pode te fazer mudar de ideia...

Benjamin foi até a mochila com que voltara da rua.

– Tive que roubar assim que vi... – disse envergonhado pela confissão. – Enquanto jantavam e eu os servia, fui olhar uma das estantes...

O livro tinha uma capa dura verde-musgo, e o título impresso em pequenas letras brancas:

A CORTINA DE FERRO

I. GOUZENKO

– Por que não disseste logo?!

– Vamos lê-lo?

– Vamos! É claro que vamos. Mas não agora... Preciso conferir uma coisa e quero sua companhia. Põe uma bota, cruzaremos a floresta.

Deixamos dinheiro bastante para recompensar os gastos que Noer tivera com a nossa alimentação e levamos o restante conosco.

É a salvação o conhecimento da culpa?

– EU NÃO TERIA ACEITADO VIR, se soubesse que era para isso... procurar estátuas no meio da floresta em plena madrugada – resmungou Benjamin.

– Foi por isso que não te falei.

– E, agora que já aceitei vir até aqui, podes explicar ou não?

– Elas são especiais.

– Isso tu já me disseste.

– Eu não tinha percebido quando as encontrei pela manhã. Mas o sonho me fez entender.

– De qualquer forma – disse Benjamin –, poderíamos ir ao amanhecer! Está frio e escuro. Teria sido muito mais proveitoso se ficassemos no conforto do quarto lendo o maldito livro.

Ele trouxera o livro, embora estivesse escuro demais para ler.

– Eu tenho certeza de que estavam por aqui – pensei em voz alta.

– Passamos todos os dias do último mês à procura disto aqui – continuou Benjamin –, e agora não me pareces nem um pouco entusiasmado.

Eu estava. Mas ainda faltava Stanislaus. E eram cada vez menos dias sobrando.

– Segura – entreguei-lhe a lanterna. – Aproveita e usa-a para já começar a ler alguma coisa.

Ele não reclamou e logo o fez; abriu e começou a ler em voz alta:

– *A mentalidade soviética vê todos os compromissos unicamente do ponto de vista dos interesses soviéticos. Não toma absolutamente*

conhecimento do outro lado do acordo. Seria ingênuo perguntar: que desejam os soviéticos?

– É assim que começa? – perguntei.

– Não.

– Então volta! Começa pelo início.

Parei a caminhada, incerto se a descida da qual nos aproximávamos fizera parte do meu caminho pela manhã.

– *No momento em que se escreve este prefácio, um homem vive, com sua família, no Canadá, sob a proteção atenta e constante da Real Polícia Montada daquele país. Apenas alguns altos funcionários do Governo e da polícia sabem que ponto, no mapa do Canadá, representa a casa desse homem. Ele vive sob um nome suposto e, talvez, sob disfarce. Determinações severas de segurança proíbem a reprodução da sua fotografia, assim como descrições minuciosas da sua pessoa ou quaisquer sugestões que possam indicar onde ele pode ser encontrado. Para as entrevistas relacionadas com a publicação deste livro, o misterioso personagem viajou escoltado por elementos da polícia a diferentes locais, em diferentes cidades. Este homem é Igor Gouzenko.*

– Canadá... – murmurei. – Se isto estiver certo, significa...

– Onde fica o Canadá? – perguntou Benjamin.

– Lá para o Novo Mundo.

– Isso é bom, assim excluimos a ideia de que talvez precisássemos procurá-lo também. Já basta Stanislaus.

Voltei a guiar Benjamin. Decidi pela descida e julguei termos chegado ao lugar certo, pois saímos do bosque, e ali o espaço era aberto como o espaço onde a neblina mais cedo escondera a vista.

Todavia, nada avistei, nem as luzes lá embaixo.

– *Se, no fecho desta introdução, permitimo-nos um comentário – Benjamin prosseguia lendo o livro –, este se resume na interpretação da atitude de Igor Gouzenko, audaciosa e viril, a qual representa um tributo profundo à nossa maneira de viver. Esse homem deliberou arriscar a sua vida para esposar os princípios em que se fundam os direitos que usufruímos desde o berço. Assim procedendo, ele nos ajudou a salvaguardar a nossa grande herança de liberdade.*

Embora a lua estivesse encoberta, a escuridão não era absoluta, e eu podia distinguir os troncos das árvores ao longo do gramado. Eu deveria, portanto, ver a silhueta das estátuas contra o espaço vazio. Mas não via.

– O leitor deve, porém, lembrar-se de que este livro não contém uma história que alguém tivesse ouvido de outrem, tampouco é um relato impressionista de algum observador da imprensa. A verdade é que o autor destas páginas tomou parte nos acontecimentos; viveu-os durante anos; assistiu ao drama vermelho no palco e nos bastidores... Mas, por que enfrentou Igor Gouzenko tantos perigos, revelando ao mundo as ramificações da espionagem soviética em nosso meio?

Então, ouvi outra voz que não era a de Benjamin:

Um belo livro é aquele que semeia ao seu redor pontos de interrogação.

– Ouviste? – perguntei-lhe.

– Não. O quê?

A partir de certo ponto, não há retorno.

– Uma voz! Falou agora de novo.

Este é o ponto que é preciso alcançar.

– É... não ouvi – ele disse. – Mas o louco aqui és tu, então...

– Devemos estar perto.

Já podíamos ver as luzes da Cidade Velha e a água do rio reluzindo.

Benjamin esbarrou em alguma coisa, deixou cair a lanterna e quase foi ao chão também – o que, naquele ponto íngreme, significaria sair rolando terra abaixo. Mas, teve sorte, pois naquilo em que esbarrou pôde também se segurar. A lanterna não foi danificada e sua luz iluminou por baixo o que eram pernas de ferro fincadas no chão.

– Achamos? – disse Benjamin. – Está quebrada, esta aqui.

– Sim. São elas. Desce, olha as outras.

Benjamin levou a lanterna até cada uma delas.

– Não vejo nada de especial além do fato de estarem todas um pouco quebradas – ironizou. – Esta aqui está inteira.

A do degrau mais baixo tinha o rosto bem visível, o cenho entristecido, os olhos fundos.

– Faz uma pergunta a ela – eu disse.

– Como?

– Uma pergunta, qualquer uma, elas vão responder.

– Por que diabos estamos aqui? Serve? Ou melhor, quem foi o louco que deixou você sair do hospício?

O oleiro faz um vaso manipulando a argila, mas, é o oco do vaso que lhe dá utilidade.

– Estamos aqui porque eu posso ouvi-las.

Benjamin riu.

– Ouvi-las?

– Respondem a tudo. Esta aqui acabou de te responder.

– É mais provável que estejas inventando as respostas em tua cabeça.

– Sim, eu sei. Mas ter isto é ter tudo. Se sou eu quem levanta nossos problemas, devo eu solucioná-los. As respostas não virão de nenhum outro lugar, senão de minha cabeça.

– E o que elas respondem?

– Este é o problema. Não me parecem dar respostas muito claras. Até agora apenas citaram pensadores e escritores famosos. São frases que, de certa forma, servem de resposta, mas parecem charadas... Essa que te respondeu citou Lao-Tsé... Ela disse que o oleiro faz um vaso manipulando a argila, mas que é o oco do vaso que lhe dá utilidade.

– Isto é pura filosofia – disse Benjamin –, pode-se perder horas interpretando esse tipo de resposta desonesta. Vejamos.

Virou-se para elas, interrogativo:

– Por que apenas copiais e não respondeis utilizando ideias originais?

De cada uma delas veio uma resposta diferente, quase se sobrepondo:

Originalidade não consiste em dizer o que ninguém disse antes, mas dizer exatamente o que você pensa por si próprio.

Originalidade é uma imitação não conhecida.

A imitação é, até nova ordem, a única escola da originalidade.

Apenas a dos mestres-escolas se iguala à ignorância dos que aqui na terra têm a jactância de haver dito uma palavra que outros antes não disseram.

A originalidade não é mais do que uma imitação criteriosa.

Muitos não sabem propriamente distinguir a originalidade da excentricidade: uma caracteriza o gênio, outra manifesta o louco.

– Todas responderam enaltecendo a imitação – eu resumi. – Esta aqui citou Fernando Pessoa, basicamente disse que não posso ser gênio e louco ao mesmo tempo. Pelo menos, foi o que entendi...

Mas, por último, veio uma sétima voz, dizendo baixinho, como se por estar mais distante ou por ter receio de ser ouvida contradizendo as outras:

É melhor fracassar na originalidade do que ter êxito na imitação.

As outras se manifestaram contra:

Shhhhh!

Ei!

Por que não se cala?

– Há alguma esperança para a minha pessoa em sair disto tudo e retornar à minha casa e, quem sabe – perguntou Benjamin a elas –, ao estudo da arte da costura?

Elas hesitaram. E, no silêncio, pareciam confabular, como se buscassem uma forma de evitar a pergunta.

Benjamin fitou-me, imaginando que eu já tivesse ouvido a resposta e agora só me faltasse reproduzi-la a ele.

Pois demoraram mais. E, de repente, disse-me uma estátua à direita:

O sentido da vida é que ela acaba.

Não lhe contei a resposta. Fiz parecer que nada haviam dito.

– Vejo isto tudo como uma serendipidade – eu disse.

– E o que seria isto?

– É quando o acaso e a sorte nos guiam a respostas para perguntas que ainda não nos tínhamos feito, e assim solucionamos aquilo que estava escondido e nem sequer esperávamos que precisasse ser solucionado.

– Soa interessante, mas... se apenas tu ouves... que graça tem para mim? Continua te divertindo, eu vou aproveitar que o céu está

clareando e fazer algo que realmente ajude em nossa busca.

Ele abriu o livro e foi sentar-se num banco não muito distante.

Tomei meu tempo para refletir e lancei a pergunta à qual meu mestre nunca soubera dar uma resposta clara.

– Qual o caminho para o fim do sofrimento?

Não responderam logo. E o silêncio assemelhava-se ao silêncio de meu mestre na primeira vez que conversamos sobre isso.

– Não há um antídoto para curar os males que advêm da incompreensão permanente, Rupert. O sofrimento está sempre ligado à culpa, e a culpa, por sua vez, geralmente se dá pelo desconhecimento. Por isto, devemos focalizar nossa atenção no que faz o sofrimento girar. Assim como a roda da vida, o sofrimento perpetua-se; mas, também pode caminhar do seu início à cessação. As nobres verdades explicam: o entendimento da natureza e da origem do sofrimento deve levar naturalmente ao caminho para o fim.

– Contudo, é fácil teorizar, mestre. Eu entendo meu sofrimento, mas ele se intensifica, não cessa. E não parece vir de mim o que sofro. O sofrimento substitui a tranquilidade, tão logo penso que a estou experimentando.

– Portanto, debes dedicar-te mais em sentir e menos em pensar, Rupert.

Toda a dor deseja ser contemplada, ou então não será sentida.

Uma das estátuas enfim se manifestara. Tentei tirar algum sentido daquilo. Mas insisti:

– Alguma de vocês tem outra resposta que queira dar?

Não é o sofrimento das crianças que se torna revoltante em si mesmo, mas, sim, que nada justifique tal sofrimento.

– Desde sempre, eu sinto culpa e medo. E não tenho certeza por que exatamente eu sinto isso.

Como não fora uma pergunta, eu não esperava resposta alguma. Mesmo assim, uma das estátuas achou por bem comentar:

O que é terrível na culpa é que ela atribui ao medo, o maior mal que existe, um enorme direito.

– Toda verdadeira mãe teria prazer em trocar a própria vida pela do filho, Rupert – dissera-me uma vez o mestre, numa vã

enunciação, enquanto subíamos de volta ao templo, após uma caminhada no vale.

Eu talvez não seja onisciente como o seu Arlequim. Mas, sou desprovido dos malefícios do ego. Posso responder com sinceridade a qualquer pergunta que me fizer.

– Quem disse isso? – exclamei. – Qual de vocês?

Benjamin retornou. Caía uma chuva fina. Não precisamos pensar em partir, mas ele teve de resguardar o livro dentro do casaco, num abraço, pois a chuva era suficiente para danificar as páginas.

Estou aqui. Olhe para a direita.

Não, não pode.

Fique calada.

Agora, inclusive as bocas se mexiam.

– Estás ouvindo isso? – perguntou Benjamin alarmado.

– Também ouviste?!

– Sim...

– Qual de vocês pode me responder? – perguntei.

As pernas, aqui!

A voz parecia ter vindo da última da direita. Mas ela não articulara a boca.

Aqui, rapaz, a única sem cabeça e sem tronco, em quem seu amigo fez o favor de tropeçar.

– Qual pergunta pode sanar?

Presumo que tenha uma de maior interesse.

– Eu realmente a matei? – perguntei de uma vez só.

– Quem? – alarmou-se Benjamin.

Nenhuma voz veio das pernas. Uma estátua riu, enquanto outras disseram:

Quero só ver responder isto agora.

Ela não pensou que ele pudesse perguntar uma coisa dessas.

Ninguém pensaria...

– Por que perguntaste isso? – insistiu Benjamin. – Mataste alguém?

– Pode me responder ou não? – eu disse às pernas.

Posso. Mas, deixe-me pensar. Explique-se ao seu amigo enquanto isso.

– É, explica-te a mim. Eu sou teu amigo, tenho o direi...

– Meu pai me contou quando eu tinha seis anos... – disse-lhe. – Minha mãe morreu não muito depois que nasci. Teve complicações no parto, sobreviveu, mas nunca se recuperou completamente.

– Isso não faria de ti um assassino – disse Benjamin.

– Acredita, faz. Nosso cérebro é uma máquina de encontrar responsabilidades, por isso pensamos que tudo deve ter uma causa e, por trás dela, uma intenção. Na infância é quando são piores as consequências, porque não conseguimos entender o mundo como uma partilha de milhões de causas, a maioria delas não intencionadas. Vemos a nós mesmos como os únicos realmente capazes de pensar e agir e, por isso, nos julgamos a causa de todo e qualquer efeito. Nem sequer percebemos quando manobramos a memória a fim de esconder lembranças. Não se chega aos dez anos de vida sem se considerar culpado de ao menos uma coisa.

Você acabou de responder à própria pergunta. De qualquer forma, o que eu adicionaria a isso tudo é que, embora o início da salvação seja o conhecimento da culpa, você desconhece a sua culpa, ainda.

– Sinto muito interromper um momento tão terapêutico – disse Benjamin, ficando de cócoras para falar, como se assim fosse mais respeitoso para as pernas –, mas também tenho uma pergunta muito importante. – Onde está Stanislaus Prüter?

Prüter?

– Isso.

Prüter... Deixe-me ver.

Por mais de um minuto ela ficou sem falar, o que é tempo demais para a intermitência de uma conversa, principalmente se se está falando com *alguém* que não pode mostrar as expressões do rosto justificando o silêncio.

– Está aí ainda? – eu disse.

Sim, sim. Só um minuto.

– O que estás fazendo? – perguntou Benjamin.

Verificando se alguém sabe deste cidadão. Nós, estátuas, podemos nos comunicar com qualquer outra do mundo. É como uma rede telefônica aberta, basta lançar um anúncio e travar conversa.

Pronto, responderam-me. Vocês estão com sorte, viu? Parece que Prüter está justamente aqui em Praga.

– Já soubemos disto. Mas onde exatamente?

Ele é um dos estudantes da revolta, então, suspeito que tenha precisado mudar de localização para não ser descoberto pela guarda soviética. No entanto, ele foi visto esta manhã pelas duas grandes estátuas da Praça Mariánské. Aliás, elas acabaram de me dizer que o veem passar por lá todos os dias.

– Esta praça é longe de onde estamos? – perguntou Benjamin.

– É próximo à Rua Karlova, onde estávamos o tempo todo!

Vocês podem cortar caminho pela balsa principal, logo ao lado da ponte Legií. Mesmo antes de o sol aparecer, já deverão ter chegado.

Desesperança

SE SOUBÉSSEMOS SEMANAS ATRÁS onde iríamos parar agora, bastaria não termos nos distanciado muito. Quando nos hospedamos com Goddard e as velhas no hotel da Rua Karlova, estávamos a menos de cinquenta metros da Praça Mariánské. É nela que se encontra um dos prédios mais importantes de Praga, o Nová Radnice, o novo posto da prefeitura da cidade, desde que se desinstalara da Praça da Cidade Velha.

Como nos garantira uma das estátuas do Monte Petrin, de fato, antes de o sol mostrar uma ponta, nos vimos na silenciosa praça. Faltava apenas encontrar as outras duas estátuas que teriam visto Stanislaus por ali. Mas estátuas, em uma cidade como Praga, que acumula e preserva a estatuária de seus escultores desde antes da Idade Média, são um artigo em tal abundância que, mesmo em um espaço fechado como esta praça, ficaria sempre a sensação de não termos notado todas ao nosso redor; e o pior: não conseguiríamos falar com todas que víamos; há algumas solitárias sobre os telhados, outras se acotovelando na fachada em relevo do prédio da prefeitura e ainda dezenas daquelas pequenas ornamentais dos arcos das fachadas. Até mesmo as menores delas, as mais torpes e abjetas deviam ter suas opiniões e recordações dos seres que viram andando por ali; afinal, assistir à rua era tudo o que lhes restava fazer.

Mostrou-se como uma vaga para automóvel o espaço onde Benjamin e eu estávamos distraidamente plantados. Os faróis apontados para nós pediam que saíssemos. Andamos um pouco para o lado e esperamos que estacionasse e a porta se abrisse. Uma

mulher desceu e se apressou a seguir em direção ao prédio da prefeitura.

– Com licença! – exclamou Benjamin. – Bom dia!

– Sim? – ela disse, sem se virar e sem parar.

Adiantei-me em perguntar:

– Por acaso conhece alguém chamado Stanislaus?

– Claro – respondeu ao parar no último degrau, antes das portas.

– Muitos. Por quê?

– Prüter – acrescentei –, é o seu sobrenome. Stanislaus Prüter.

– A senhorita trabalha aqui? – perguntou Benjamin antes que ela me respondesse.

Ela olhou desconfiada de um para o outro e nada mais disse. Colocou-se logo para dentro.

– Por que perguntaste se ela trabalha aqui?

– Porque se as estátuas o veem todos os dias, como nos disseram, é porque ele vem para cá todos os dias. Ele deve trabalhar aqui com ela, ora!

– Mas não era para teres perguntado isso, ela se sentiu invadida. Deixa que eu faça as perguntas...

O prédio da prefeitura tomava toda a quadra. No recuo de cada uma das esquinas da fachada, havia uma estátua de ferro, ambas escuras. Talvez fossem as duas a que se referira a estátua conselheira do Monte Petrin. A primeira a que nos dirigimos era a do chamado Homem de Ferro, um cavaleiro com a cabeça encoberta por seu elmo.

– Com licença... Boa noite – disse Benjamin.

O cavaleiro não correspondeu.

– Poderias nos dar uma informação?

Ele se manteve em sua condição não humana e correspondeu à correta expectativa de silêncio e impavidez.

Benjamin tentou mais uma vez. Dessa vez falando *Bom dia*, em vez de *Boa noite*. E nada.

– Ele não parece disposto a falar – concluiu.

– Há outra ali.

Na outra esquina, encontramos a estátua do Maharal, o Rabino Low.

Benjamin logo atentou-se para o que não havia de ser só uma coincidência:

– Era dele o túmulo no qual peguei o bilhete de dentro do esqueleto!

– Tens certeza? Não me lembro bem.

– Tenho! Absoluta. Olá! – disse-lhe Benjamin. – Bom dia. Nós estamos procurando por um homem que atende pelo nome de Stanislaus Prüter.

Essa estátua era maior que a outra, o rabino havia sido representado mais corpulento que o cavaleiro, o que provavelmente se devia ao volume sugerido pela veste avantajada de seu ofício sagrado, afinal, sua cabeça era diminuta. Ou então seu criador quisera retratar o modo superior e mágico que envolvia o rabino em sua fama de um semititã a favor dos judeus, uma vez que, tal qual Prometeu, ele havia utilizado água e terra para moldar e depois vivificar sua criatura. Na manhã cada vez mais clara, seu rosto ainda não se mostrava inteiramente, sua boca parecia aberta para a escuridão de dentro, congelada em um dizer, como se prestes a nos responder.

Mas nada veio dela.

– Pergunta tu, Rupert. Pelo visto, elas não me estimam muito.

Perguntei. E insisti mais vezes, organizando de um jeito diferente as palavras em cada interrogação.

– Olha – disse-lhe Benjamin –, talvez estejas encabulada e firmemente decidida à mudez por não desejares revelar-nos que consegues falar. Mas, a não ser que existam muitos loucos nesta cidade, imagino que eu e meu amigo sejamos os únicos a dirigir-te a palavra. E não contam os fiéis que vêm aqui fazer-te pedidos. Ninguém poderia tratar-te como tratamos. Mas, se isto não basta, deixa-me explicar por que estamos falando contigo. Conversamos com as estátuas do Monte Petrin e fomos instruídos a vir aqui, pois tu e a outra ali teríeis visto este sujeito que procuramos.

De repente, os postes se apagaram, embora a luz da manhã ainda não iluminasse bem a praça.

Continuamos sem resposta.

– E se aquelas do monte forem especiais? – murmurei. – Talvez estas aqui possam apenas enxergar e reportar-se entre si.

– Não inventes teorias ainda mais estapafúrdias, Rupert! Se uma fala, é natural que todas falem! É o que devemos esperar.

Quis lançar mais algumas palavras, mas não insisti; Benjamin chamou-me a atenção para algumas pessoas que começavam a chegar a pé, que pareciam estar vindo ao prédio, mas só passavam perto de nós e depois sumiam na outra esquina. Aquietei-me.

De um instante a outro, aconteceu de muitas pessoas aparecerem perambulando pela praça, adentrando os prédios, indo de lá pra cá com muita vontade, a maioria com pressa. A sensação era de haver mais transeuntes vagueando sem propósito do que gente com um destino determinado. Se firmássemos a atenção em algum deles, talvez pudéssemos constatar que estivesse repetindo caminhos, indo e vindo, se fazendo pensativo, como se pudesse realmente pensar como eu e Benjamin podíamos, tentando disfarçar-se de vivo, como quem com muito livre-arbítrio sai de algum lugar para ir a outro. Muito provavelmente estariam até cientes da efemeridade de sua participação no cenário, como figurantes esforçados que sabem que pouco aparecerão e, mesmo assim, dedicam-se a agir da maneira mais convincente. E isto valeria para qualquer outro, inclusive aos que entravam e saíam dos prédios ou sumiam e apareciam pelas esquinas.

– E agora? – disse Benjamin.

– Não sei o que fazer.

– Só nos resta perguntar a cada um que conseguirmos. Tu ficas naquela esquina e eu fico nesta.

Assim o fizemos, apesar de minha enorme desesperança. O fluxo aumentou, e nem todos passavam por onde estávamos. Talvez as estátuas não fossem aquelas duas, talvez fossem outras das muitas sobre os telhados e avistassem Stanislaus a uma grande distância. Ele poderia nem sequer transitar diariamente ali tão perto de onde estávamos. Fiz um sinal para Benjamin, e ele entendeu que devíamos circular pela praça, perguntando a quem aleatoriamente cruzasse nosso caminho. Alguém haveria de conhecer aquele homem. Depois de um tempo, Benjamin veio até mim.

– E se ele próprio não quiser ser descoberto? – ele propôs. – Se alguém está atrás dele é porque ele fez alguma coisa de errado. Deve saber que tem que se esconder... É possível que já tenhamos encontrado algum conhecido que se recusou a responder com sinceridade. Ou até mesmo ele próprio...

– Vamos parar. Tens fome? – perguntei automaticamente.

Eu não estava com fome. Mas Benjamin fez que sim, e o acompanhei até um restaurante de uma rua que dava para a Praça Mariánské. Descobrimos que não tínhamos tanto dinheiro assim com aquelas cédulas que guardamos. Gastamos quase a metade para que ele comesse linguiças com batata doce.

De volta, fincamos o pé no centro da praça e só então nos demos conta de que poderíamos encontrar ajuda no prédio da prefeitura diante de nós.

Não adiantou. Não nos deixaram passar da recepção. Um soldado nos levou pelos braços de volta para a rua, como se tivéssemos apresentado alguma resistência e fosse necessária sua incisiva intervenção. Como outros tantos, ele estava ali sem realmente precisar estar ali, à espreita de algum evento bobo e corriqueiro para se fazer atuante e assim legitimar seu posto injustificável. Injustificável para nós, cidadãos, pois, decerto muitos deles viam real sentido naquela repreensão disfarçada de proteção. Pelo prazer que aquele tivera em nos expulsar, era latente sua honesta afeição pela mãe Rússia.

Sentamos nos degraus da prefeitura e, pela primeira vez em muito tempo, deixamos o silêncio crescer. Dali a pouco não tínhamos mais a capacidade nem o desejo de cortá-lo. Benjamin bem menos, pois tirou da mochila o livro de Gouzenko e começou a lê-lo sozinho. Se realmente havia o que fazer, estávamos muito longe de saber o que seria. Ficamos calados pelo que pode ter sido mais de uma hora.

– Eu não gosto de desistir... – disse Benjamin, enfim.

– E há quem goste?

– Há quem só faça isso. Os apaixonados por abrir mão das coisas. Não vamos desistir. O que é aquele mendigo, por exemplo, senão uma desistência ambulante?

– Eu já diria que foi o Estado, e também a sociedade, quem desistiu dele.

– Ele já havia desistido de si antes de desistirem dele.

– Ainda assim – insisti –, o Estado deveria dar assistência.

– Ninguém deve nada. Já é muito o que se consegue organizar com esse sistema de que Goddard falou.

– A natureza precisa semear a desigualdade e a impressão de injustiça entre os animais. Lá, isso pode acontecer, Benjamin. Mas o homem tem a capacidade de melhorar isso. O senso de injustiça não deve ser só uma opinião do fracassado acomodado ou daquele que falsamente se compadece.

– Tu gostas de falar num tom de quem se considera muito versado sobre o tema, como se detivesses a única razão e tuas ideias fossem mais valiosas que as minhas ou de qualquer pessoa, percebes? Dás sempre um jeito de torcer e inverter as palavras de modo que pareça impossível discordar. É disso que não gosto em ti.

– Eu sei que sou orgulhoso.

– Ensimesmado – corrigiu-me. – Teu orgulho seria tua parte elogiosa. És jactante, pernóstico e esnobe.

– Obrigado. Tudo o que eu precisava ouvir no momento.

– Pois não falo por querer que me dêes ouvidos.

– O que está acontecendo, Benjamin? Já te tratei muito pior antes e não recebi tantos elogios.

– Não sei... Talvez seja porque, além de nos vermos em meio à tamanha desesperança e desorientação, ainda devo me tomar como irreal nisto tudo. Que papel tenho eu se, afora a carne e o espírito, nem sequer opinião posso ter? Tenho que ouvir-te martelar tuas convicções e anular o pouco de existência que me restaria nas contrariedades. Que papel tenho eu? Diz.

– Tu me fazes companhia. E me tiras do silêncio. Com quem mais eu estaria falando agora? Esta praça pode estar cheia de pessoas, mas, com nenhuma delas eu posso sentar para refletir.

– Refletir! – Benjamin exclamou. – É justamente isso que digo. Refletir é tudo o que faço. Reflito tuas ideias tal qual um espelho o faria.

– E a ideia de ser como um espelho meu não te enobrece?

– Não! É claro que não. Na verdade, preocupa-me. Reflexo é uma reiteração. Portanto, sou a confirmação de ti e da tua loucura. É mais saudável enxergar também aquilo que não queremos. Ter as ideias refratadas. E, pelo visto, eu nunca poderei servir a isso.

– Podes sim. Aquilo que não quero enxergar também está em mim. Tu não és uma mera psicologia reversa. Não entendes?

– Deverias te livrar de mim de uma vez.

– Como assim? – eu disse, ao mesmo tempo recordando a advertência do Arlequim, de que eu deveria tirar a vida de meu amigo antes de qualquer coisa.

– Deixa-me para trás – respondeu Benjamin –, sai andando.

Uma pequena caminhonete do Exército russo estacionou no meio da praça, e dela desceram dois homens fardados. Começaram a descarregar umas caixas e levá-las até o prédio do outro lado da praça.

– Não posso te deixar assim... – eu disse. – Caso não tenhas...

– Eu me viro. Mas como chegamos nisso? Ah, sim. Eu dizia que não gosto de desistir. Pois desistamos. Começamos por aí. Afinal de contas, por que deveríamos seguir nesta busca? Não ficou claro para mim...

– Já falamos disto.

– Mas não entendi. Por que não apenas vivemos nossa vida e aderimos a um cotidiano despropositado, como qualquer pessoa faria?

– Porque não somos qualquer pessoa. E porque foi uma ordem. Fomos mandados. E quem nos mandou garante que é a única saída.

– Mas, saída do quê?! E para que sair?

– Não te faz mal não pertencer ao teu tempo? Tu não és daqui.

– Acho que em momento nenhum isto realmente me incomodou. Posso encontrar um emprego e viver normalmente... És tu que fazes tudo parecer pior.

– Benjamin... Falas assim porque estás numa ilusão perfeita. Ainda possuis âncoras na realidade, com estas tuas impressões de fome e necessidades biológicas, mas eu... Eu nem consigo me lembrar de quando foi a última vez que fui ao banheiro... Não sinto

fome de verdade. É desesperador demais não ter estas sensações, são indícios da vitalidade, provas de que não estou morto.

– Mas por que não achar bom estar assim? É como se tivesses chegado ao paraíso, em que as pendências do corpo ficaram para trás.

– Então, eis um indício de que esse lugar e essa eternidade não necessariamente seriam boa coisa. Bom é sentir de verdade! E só sentimos com um corpo. Se você me bater, posso até ter a sensação da dor, mas também ela é fabricada aqui. A única coisa que realmente sinto às vezes é a cabeça latejando de um jeito desesperador. Vem e depois some. A vontade que dá é de puxar a cabeça para todos os lados ao mesmo tempo, de arrancar todo o cabelo e também a pele. É uma dor que parece precisar de mais dor para passar.

Essas palavras devem ter acalmado as discordâncias de Benjamin, pois ele não pareceu encontrar como se opor ao meu sofrimento. E só voltou a falar com outra questão:

– Mas então, de quem é que estamos recebendo essas ordens? Não faria mais sentido que primeiro soubéssemos quem é que nos manda fazer uma coisa antes de pensarmos em fazer essa coisa?

– Isto não é importante, Benja...

– Claro que é! Não sejas desonesto.

– Saberemos quando chegar a hora.

– Que hora? Não percebes que...

– Quando tivermos Prüter – respondi –, quando recebermos nossa recompensa.

– Prometes que, aconteça o que acontecer, irás priorizar nossa amizade?

– Claro...

– E que se for para seguirmos nisto até o fim e entregarmos esse sujeito, que façamos tudo sem desmerecer a opinião do outro? Posso até fazer o esforço necessário para aceitar que sou apenas uma sombra. É doloroso, mas consigo. O que não quero é que tomes as decisões sem me considerar, sem me consultar. Se até tu me ignorares, deixo de ser inclusive o mínimo que posso ser.

– Fica tranquilo, Benjamin, quanto a isto, fica tranquilo. Considero-te, e é por isto que não deixarei que partas assim, a troco de nada, por um capricho. E esta conversa me fez realizar outro problema... Como faremos quando chegar a hora de avisar essa pessoa que nos ordena? Onde encontrá-la?

– É uma boa pergunta...

No centro da praça, um menino de aparentes oito anos aproveitara a distração dos soldados e saltara da caminhonete com uma caixa em mãos. Mas não calculara bem a dificuldade que teria em fugir com ela. Poucos metros havia andado, e o avistaram. Um guarda do meio da praça apitou, e ele próprio e os dois homens fardados que descarregavam o veículo correram até o pequeno. O ímpeto para o furto despertou não só a minha curiosidade em saber o conteúdo da caixa como também a certeza de que haveria um bom motivo para o garoto desejá-la. Mas, para soldados, seres possuidores de parca individualidade e quase nula alteridade, seria impensável abrir mão de seus *modus operandi* pelo dispendioso esforço que teriam para sentir empatia. Levantei-me para intervir. Benjamin continuou sentado na escada.

– Ei! Larguem o garoto!

Os dois pararam, não porque eu mandara, mas por terem ficado surpresos com a minha audácia.

Fui mais longe ao insistir, fitando o soldado que o segurava:

– Solte-o.

– É seu filho, por acaso?

– Sim.

Imaginei que falar assim aumentaria a chance de me respeitarem, mas não enganei nem a mim. Fora uma retórica, ele não estava genuinamente querendo saber se eu era o pai, pois o menino tinha cabelos escuros como grafite e a pele pardo-avermelhada tão comum aos mouros, enquanto eu... esse espécime de branquidão, para dizer o mínimo.

Prossegui:

– E mesmo se não fosse. Olhe o tamanho dele, não precisa usar força...

– Este camundongo estava roubando.

Bastaria arrancar-lhe a caixa, mas ele espremeu o pequeno braço com certo prazer. O menino se contorceu de dor, arqueou o outro braço e deixou-a cair.

– O que há na caixa? – perguntei.

– Respondam – ordenou o guarda, mostrando não conhecer os outros dois e a tarefa que desempenhavam – O que há na caixa?

Eles hesitaram, até que responderam:

– Leite.

O guarda imediatamente mandou que voltassem ao trabalho e o menino foi solto enfim. Um dos dois soldados fez questão de pegar a caixa para levá-la de volta, mas o guarda deu ordem para que a deixassem. O menino não agradeceu, agachou-se e saiu arrastando a caixa rapidamente.

Segui-o pela praça. Na primeira vez que parou por cansaço, ergui a caixa e disse que levaria até onde ele precisasse. Foi quando Benjamin me alcançou, e descobrimos ser o destino do menino um beco muito estreito, onde havia apenas uma porta, saída do que devia ser um dos casarões da praça. A porta dava primeiro para um depósito, talvez uma dispensa dessas que seria usada por uma família grande para estocar alimentos. A porta que a comunicava com o resto da casa estava trancada em muitos pontos, mas o menino tinha todas as chaves e girou cada um dos trincos. Uma vez dentro, ele refez o processo. Mais do que simplesmente não desejar que qualquer um tivesse acesso à casa e ao fato de que ele morava ali, parecia querer se precaver daqueles que já sabiam onde poderiam encontrá-lo. Eu não era uma pessoa qualquer. Defendera-o, quando nenhum transeunte o fizera. Eu merecia, no mínimo, conhecer seu espaço. Por extensão, Benjamin também foi permitido, embora eu nem sequer o tenha apresentado.

Era de fato uma das grandes casas da praça, estavam lá as compridas janelas que davam para a rua; mas todas fechadas; não entrava luz nenhuma. Não havia móveis. Nada. E os espaços eram largos, aumentando a sensação de vazio. Parecia um galpão, com divisória para duas ou três salas; claramente, o projeto de um arquiteto pouco preocupado com os benefícios de erigir paredes. Também não havia água nas torneiras e nenhuma lâmpada acendia.

Na menor das salas havia dois colchões estirados diante de uma lareira e, deitado em um deles, aquele que deveria se tratar do pai do garoto.

O sujeito em farrapos dormia na posição de um feto. Seu cabelo grisalho só restava nascendo como um penacho feito dos últimos tufos de uma vassoura muito gasta, em um arco do cocuruto até a linha das orelhas. O menino o acordou e contou da ajuda que recebera de mim. Eu disse-lhes que não tínhamos onde passar a noite. Ao que o homem respondeu apenas apontando para o outro colchão que havia.

O fim de tarde não anunciava o frio que estava por chegar. A noite nos castigou sobremaneira e, mesmo ali, ao pé da lareira, trememos; havia uma só manta, larga, então juntamos os colchões e deitamos os quatro bem próximos um do outro, a porta fechada para que o calor não escapasse.

Não dei importância para o fato de que alguém deveria acordar de tempo em tempo para atentar à manutenção da madeira. Desde que havíamos chegado, nenhuma lenha fora acrescentada às que queimavam, e o fogo não dera indícios de diminuir. Assim, esperei que por toda a noite prosseguisse a magia de tocos inconsumíveis. As labaredas estavam lá nas primeiras vezes que acordei com o corpo inteiro chacoalhando. Benjamin estava acordado, lendo de bruços. Mas na vez em que acordei e ele estava dormindo, nenhuma chama havia. Todos dormiam, mas o frio enfraquecia-me tanto que passei a sentir vontade de vomitar. Então, fui até os tocos cinzentos e esfarelados e os puxei com o pé para colocá-los ao redor do colchão. Ainda estavam em branda brasa. Voltei a aconchegar-me mais próximo do corpo ao lado, que acabava por ser o do homem, e tive que tomar certa distância para que seus cabelos de vassoura não me espetassem o rosto.

ING

A CORDEI DEFINITIVAMENTE COM A VOZ do pai exclamando ao filho:

- Vá lá ver logo, faz favor!
- Mas acabei de olhar.
- Pois veja de novo! Já passou da hora.
Benjamin também acordou e começou a se espreguiçar.
- O que houve? – perguntei ao homem.
- Nosso almoço.
- Ah, tão pequeno e ele já cozinha?
- Claro que não. Não temos cozinha, como ele iria cozinhar? E nem sabe preparar nada. Recebemos doações. Diariamente, graças a Deus.
- Ele não falta com a caridade nem um dia sequer – disse o pequeno, brincando de sujar as mãos nos tocos de madeira que eu havia espalhado durante a noite.
- Ele quem? – perguntou Benjamin.
- Costumava ser uma mulher quem vinha – disse o pai. – Deixava frutas e garrafas de água dentro do jarro de concreto que temos na porta. Mas, nos últimos dias, tem sido um jovem. Ele bate à porta e nos serve com o que traz de um restaurante aqui perto. Ele talvez trabalhe lá e não veja esforço em nos ajudar.
- E qual o nome deste jovem? – perguntou Benjamin.
- Que pergunta... – respondeu o pai. E recorreu ao filho: – Qual é mesmo o nome do abençoado?
- Não sei. Nunca perguntamos. Perguntamos?
- É... não. Não sabemos.

– Como podem não ter perguntado o nome de quem os deixa tão gratos? – questionei.

– Senhor – disse-me, mesmo sendo bem mais velho do que eu –, já faz um bom tempo que o meu nome deixou de interessar a quem quer que seja. Até mesmo a mim, pois nosso nome só é importante à medida que temos de dá-lo a alguma pessoa que pergunte por ele. Não conheço mais ninguém intimamente. Nomes deixaram de ser úteis.

– Mas, este jovem que vos ajuda – disse Benjamin –, ele costuma vir em que horário?

– Já deveria ter vindo – disse o pai. – Passa sempre antes de a barriga doer.

– E já está doendo – murmurou o filho.

– Ele virá, garoto.

Perguntei a Benjamin se, assim como eu, também não sentia fome.

Ele disse que não muita, e continuou a questioná-los:

– E se em algum momento ninguém mais aparecer para vos ajudar?

– Aparecerão – ditou o pai –, e se não aparecerem, roubaremos o que precisarmos para sobreviver. Esta sociedade não deseja mais os meus serviços, e deixou de dar resultado apenas pedir ajuda aos que passam por nós na rua. O pequeno aqui é safo e esperto. Pode ter encontrado necessidade da sua ajuda ontem com o soldado, mas foi somente porque a caixa era pesada. Ele é capaz de roubar qualquer coisa.

– Quando fala dos teus serviços não serem mais necessários – disse Benjamin –, refere-te a que exatamente?

– Como muitos neste país que afunda, tive que me lançar nas águas antes que o governo acabasse com a minha dignidade. Eu era professor universitário.

– Professor?! – surpreendeu-se Benjamin. – O que ensinavas?

– Filosofia.

– Minha Nossa!

Pensando bem, Stanislaus Prüter era um nome que sugeria boa estirpe, que talvez se encaixasse em um professor universitário

adorado por seus alunos. Concluí que podia ser ele o nosso homem. E Benjamin concluiu isso ao mesmo tempo, pois nos entreolhamos e um soube o que o outro pensava.

Benjamin fez a pergunta.

– Ah! Percebem como até agora não tinham se interessado em saber? – ele disse, abrindo um sorriso amargo. – Foi preciso obter a informação de que já fui alguém na sociedade.

– O nome dele é Arthur – disse o pequeno.

– Mil perdões, Arthur. Não fizemos por mal. Prazer, meu nome é Benjamin.

– Não me chamem mais por esse nome! Arthur *foi* o professor. Sou um qualquer agora. Se fizer questão de me chamar por alguma coisa, use *senhor*.

– E teu filho? – perguntou Benjamin.

– Ele não é meu filho.

– Meu nome é Pedro Simmel – ele mesmo respondeu.

– Mas ele te chamou de pai – argumentou Benjamin.

– Ele gosta de me chamar assim – disse o professor. – Não gosto de ouvir, mas... Passei a deixar que chame.

– Minha barriga está doendo – disse Simmel.

Benjamin disse que também estava faminto – o que julguei como disfarçada justificativa para me convencer a sair para acharmos algo que pudéssemos trazer para eles dois. Mas Benjamin se levantou e disse que buscaria algo para todos e já voltaria. Argumentei que não tinha dinheiro suficiente para fazer isso. Ao que Benjamin não precisou responder, pois Simmel lembrou-nos de algo:

– Vamos abrir o leite, pai?

– Não. Devemos guardar.

– Mas guardamos para momentos como esse, não?

– Não. Guardamos para o dia em que ele não vier. E ainda é cedo. Então devemos esperar.

– Por que vos colocardes dependentes desta forma? – perguntou Benjamin. – Tens ótimas capacidades. És um professor!

– Sim – concordei –, podem encontrar seu caminho de volta à sociedade, com certeza há como se sustentarem e adquirirem bem

mais que apenas o alimento para o dia. Podem voltar a ter tudo o que precisam para viver bem.

– Não precisamos de nada além daquilo que nos mantém vivos. Estamos felizes aqui, não estamos Simmel? Não precisamos de móveis, de quadros, de roupas novas, nem mesmo de pessoas e livros. Podemos conversar a dois. E, quando o garoto se cansa de me ouvir falar, ele vai à rua. Isso basta. Chegar à felicidade pelo caminho da satisfação é uma via com seus dias contados... Este aqui já aprendeu isso. Não é?

O menino fez que sim.

– A vontade é uma coisa insaciável. Ou acham que o mundo terá sempre como suprir a vontade de todos? O Novo Mundo é muito competente em desenvolver novas vontades e disfarçá-las de necessidades. Tudo tem uma roupagem muito atraente e perigosa. Todos se distraem e não atentam para o mais óbvio de todos os conhecimentos recentes: o planeta não é infinito. Saber disso deveria bastar para questionarmos tudo o que fazemos. Mas, ainda assim, lá fora continuam a expandir-se, ocupar e destruir como ratos e cupins fariam... E isso não se restringe aos capitalistas do oeste. Chegará o tempo de uma geração infeliz que terá de sofrer as consequências de todas as gerações nefastas, como a nossa, que deixaram que o tempo passasse sem que a ponderação e o conhecimento expurgassem o desejo vicioso de conquista, de produção pela produção e de acúmulo infinito.

– Mas como podeis ser felizes assim? – disse Benjamin. – Quando nem a barriga tem vontades atendidas. Assim só se atinge a morte.

– Aceito um destino como este, mas não aceito o despotismo e a tirania. Fiquem certos de que não trocaria a minha triste sina pela solidão de vocês.

– Não precisam aderir de corpo e alma a nenhum governo para que retornem à sociedade – argumentei.

– É claro que precisamos! Uma coisa leva a outra. É necessário um caminho para a felicidade que percorra outras sensações que não a satisfação. E como funciona para alguns encaixes na vida, a solução pode estar em girar a peça e encaixar pelo outro lado. Por

isso é que está certo inverter este problema e encontrar a resposta no caminho oposto. Em vez de nos levarmos à satisfação, basta que neguemos a satisfação. Meus melhores alunos entenderam isto muito bem. É a anulação da vontade. Conhecem o budismo?

– Claro que sim – respondi –, eu inclusive...

– Pois então pode entender melhor o que digo, melhor que seu amigo, que não tem uma boa cara enquanto falo.

Benjamin parecia contrariado com as propostas do professor.

– Não é isso – respondeu Benjamin –, estou acompanhando bem o raciocínio. É que a última vez que comi alguma coisa foi ontem.

– Eu também – disse Simmel.

– No budismo – prosseguiu o professor –, o nirvana é o estado da libertação de todo e qualquer sofrimento. É a superação do apego aos sentidos e às ilusões... duas coisas, aliás, que deveriam ser sinônimos em todo dicionário: sentidos e ilusões. Só ao atingirmos o estado de paz é que transgredimos o plano físico e elevamos o nosso espírito até o despertar para a realidade.

– Pai, se não posso abrir o leite, então irei para a rua encontrar alguma coisa.

– Não! Fique aqui. Não deixe que pensem que não concorda comigo nisto tudo. Estamos juntos neste sofrimento.

Convidei os três a meditar comigo. Prometi que assim resistiríamos à fome com mais facilidade. Mas só precisei ensinar a Simmel e a Benjamin, pois o professor alegou já ter um mantra só seu. Eu disse que deveriam fechar os olhos e repetir mentalmente o seguinte som: *Ing*.

E que não o entendessem como uma palavra, para que não vissem as letras ao fechar os olhos e pensar nele. Era apenas um som mentalizado, um mantra que os desligaria dos pensamentos e dos sentidos do plano físico. Pela falta de um relógio, não teríamos como marcar um tempo limite para cessar a prática; então, eu diria que parassem quando sentisse ter-se passado tempo suficiente.

Para mim, foi breve. Mas eles devem ter sentido como uma eternidade, pois não paravam de se mexer e se coçar. Quem deve ter tido a maior dificuldade para se concentrar foi o pequeno Simmel, cuja barriga fez uma sinfonia do início ao fim.

Quando disse que podiam abrir os olhos, o professor murmurou:

– Vamos abrir uma caixa... Uma só e dividir.

Simmel sorriu pela primeira vez, e notei que seus dentes eram muito bem cuidados, bem mais brancos que os de Benjamin.

– Senhor... – disse Benjamin –, por acaso conheces alguém chamado Stanislaus Prüter?

– Não me é um nome de todo estranho.

– Não?! – Em meio àquilo tudo, eu não considerara a possibilidade de o professor conhecê-lo.

– É possível que tenha sido um aluno seu? – perguntou Benjamin.

– Sim. Se pensarmos que a maioria dos nomes que ouvi na vida é de nomes de alunos, então podemos dizer que é até bastante provável. Por quê?

– E é viável imaginar que algum aluno tenha tomado conhecimento de que vive escondido aqui?

– Isto já seria bem menos possível. Não saio com frequência. Quando saio, é para levar os dejetos embora, tomar um ar, lavar-me no rio e voltar. E estou muito mudado. Se me vissem, não me reconheceriam.

– Mas não é impossível – afirmei, em tom de incerteza.

– Impossível não é, claro. Mas...

– Quem sabe essas refeições estejam vindo de antigos alunos seus – eu disse. – Primeiro, era uma mulher, como nos contou, e agora, que por algum motivo ela não pode prosseguir, deve ter passado a tarefa para esse outro.

Assim que Simmel voltou arrastando a caixa para abri-la diante de nós, ouvimos o que mais parecia um estalo da madeira do assoalho. O professor se aprumou, também ouvira. Outra vez, estalou de leve. Depois forte, por três vezes, revelando-se o som de uma aldrava.

– É ele! – exclamou Simmel, saltando como um animal e correndo até a porta.

Também eu e Benjamin corremos.

Suliko

NA SOLEIRA DA PORTA RESTAVA uma sacola; no ar, o cheiro inconfundível de frango, e sobre a jarra de pedra, uma cesta com frutas vistosas.

– Ele ali! – Simmel apontou para as costas do jovem que se misturava aos transeuntes. – Aquele baixinho.

Benjamin foi correndo à frente e saímos do beco, de volta à praça. O jovem não estava tão longe, mas ficamos ofegantes ao alcançá-lo.

– Stanislaus? – perguntou Benjamin, colocando-se na frente dele.

Era loiro e franzino, seus olhos tão claros quanto uma bolinha de gude frágil e translúcida. Ele deu um passo atrás, assustado, e esbarrou em mim. Olhou de um para o outro, mediu Benjamin dos pés à cabeça. O cenho franzido e a mudez pareciam indicar que aquele não era seu nome.

Benjamin insistiu:

– Stanislaus Prüter.

Ele era menor que nós dois, mas conseguiu se lançar com força contra Benjamin e fazê-lo cair no paralelepípedo, depois pulou o canteiro e saiu correndo, desviando das pessoas e dos carros com a maestria de uma criança. Benjamin colocou-se de pé antes que eu precisasse puxá-lo e partimos em velocidade. A rua que o baixote adentrou deu acesso a uma viela em que se instalava uma tímida feira de artesanato. Ele correu por entre o tumulto de turistas e, contrariando o que é lógico, não trombou com pessoa alguma, tampouco derrubou tendas pelo zigue-zague que percorreu. Mas, fiz o contrário. As barracas que deliberadamente levei ao chão pouparam-me a distância. Cortei o caminho em uma linha reta, até

me jogar contra o seu corpo. Ele tentava levantar enquanto eu já o empurrava até o muro de uma esquina.

– Eu esperava mais discrição de você, Prüter... – eu disse. – Não teria forma mais contundente de se entregar.

– Bastaria ter mentido – disse Benjamin. – Muito inocente. E a altura também está muito aquém do que eu poderia esperar.

– Não sou quem pensam – ele disse, arfante. – Meu nome é Jan Amadi.

– E correste por qual razão? – inquiriu Benjamin.

– Imaginei que fossem da guarda e estivessem disfarçados – ele respondeu. – Eles não são conhecidos por tratar bem a quem intimidam. Se vocês tinham me ligado a Prüter, seria possível que me levassem embora. Em momento algum entendi que me consideravam o próprio...

– Mas então você o conhece – afirmei, a fim de precipitar uma resposta honesta.

– Sim – ele respondeu.

Completamente sem necessidade, Benjamin entregou-lhe:

– Não o conhecemos. Nem por foto alguma vez o vimos.

Meus olhos exclamaram *Benjamin! Calado! Temos de fingir que sabemos o que queremos*. Amadi já provara ser um bom informante, então deveríamos poupar evidências que expusessem nossa total ignorância.

Benjamin pareceu entender essa repreensão. Mas deveríamos ter tido uma longa conversa planejando como iríamos nos comportar, pois ele logo emendou outra besteira:

– Só temos o nome desse sujeito. Quem ele é exatamente?

Amadi espantou-se, aliviado, sorrindo de um jeito jocoso.

– Imaginei que viessem em nome do Estado, mas para isso deveriam saber mais do que aparentam saber. Só não sei o que é pior... Eu é que devo perguntar: quem são vocês?

– Ninguém nos enviou – continuou Benjamin.

Intervi com uma mentira:

– Viemos até você, pois queremos nos juntar à causa. Conseguimos o nome de Prüter com estudantes em um bar.

– Mas como chegaram a mim? – ele perguntou.

- Perguntamos por ele pela cidade inteira – respondeu Benjamin.
- Foste o primeiro a sair correndo.
- E como vou saber que não querem delatá-lo?
- Pergunte primeiro a ele se pode nos receber – eu disse. – Iremos para ficar.
- Somos a favor da Revolução – acrescentou Benjamin.

Ele disse que nos levaria pelo caminho que iria fazer se não o tivéssemos interpelado, que precisava passar por onde estava hospedado e que de lá ligaria para Prüter, falando de nós dois.

Para um simples estudante que imaginei que fosse, Amadi mostrou herdar posses, pois entramos com ele em um dos hotéis mais caros de Praga, localizado na Venceslau – avenida conhecida como praça, uma das partes mais importantes da cidade, caminho para o museu nacional. O Grand Europa trata-se de uma suntuosa construção em Art Nouveau e, como é orgulhosamente anunciado na recepção, apresenta quartos decorados no estilo Luís XVI.

Amadi pediu que esperássemos na recepção. E subiu.

Aproveitei a privacidade para ter com Benjamin uma conversa que o deixasse a par de tudo o que era sensato e adequado dizer dali para frente. Pelo receio de que Amadi voltasse logo, descarrilei as ideias na esperança de que Benjamin entendesse tudo de uma vez. Acordamos que o mais correto era conquistarmos a confiança de Prüter nos mostrando interessados em contribuir com o momento decisivo enfrentado pelo país. Como não éramos tchecos, então, que nos apresentássemos como dois jornalistas de Londres, demitidos por demonstrarmos grande afeição pelo socialismo. Buscávamos escrever para em breve encontrarmos algum jornal que nos aceitasse como correspondentes dos conflitos internos do bloco do leste. Exporíamos indiretamente os pontos positivos do sistema socialista... o povo de Praga era o melhor retrato disso, pois estava se rebelando contra o comunismo e o extremismo, as duas distorcidas e generalizadas imagens do leste que eram profundamente difundidas e repudiadas no oeste... e assim por diante. E não falaríamos de Gounzeko por ora. Deixássemos isso para depois, quando Prüter já nos conhecesse e não imaginasse que nosso único desejo era saber a localização do desertor. Sobretudo,

até que conseguíssemos fazer Prüter falar sobre si, deveríamos fingir que sabíamos muito bem quem ele era e o que representava de importância...

Tão logo desceu, Amadi fez um sinal para subirmos. A escada levou-nos a um segundo andar, onde havia um bar e uma vitrola cujo som de um alto-falante dourado e corpulento preenchia o ambiente com uma canção entoada por um coral. Soava como um hino de um povo resignado em seu sofrimento. No disco de vinil, vi as cores avermelhadas do papel circular se misturarem à rotação do disco e não pude identificar o nome do que tocava.

– Ele se foi – disse Benjamin.

Amadi havia descido e nos deixado ali.

Mas não tivemos tempo de suspeitar que nos enganara e fugira, pois veio do bar outra voz:

– Gostaram do coral de Alexandrov? *Suliko* é a única que consigo ouvir, embora seja a favorita de Stalin. Confesso que prefiro a música importada. Mas, aqui, jamais me deixariam ouvir Muddy Waters.

Amadi nos enganara, sim, mas do modo mais desejável possível. Não precisara fazer ligação nenhuma. Ali estava quem tanto procurávamos. Havia de ser ele. Sentamos ao seu lado.

Aparentava ser tão jovem quanto um estudante ainda por se formar, mas a firmeza dos traços e o cansaço do olhar declaravam uma maturidade que só se adquire com o tempo e o acúmulo de vivências. O maxilar era quadrado e o músculo da mandíbula parecia retraído, como se os dentes estivessem prensados permanentemente. Seu cabelo era castanho, um pouco mais escuro que a dose obscena do uísque que bebia.

– Prüter? – verificou Benjamin.

Ele fez que sim.

– É inglês – disse, empurrando a garrafa. – Importam-se?

– Aceito um gole, obrigado – respondeu Benjamin. – Não fazes ideia de como foi difícil chegar até aqui.

– Não ofereci – disse Prüter. – Só quis saber se incomodava o fato de ser um uísque inglês.

– Sou inglês de honrosa nascença – rebateu Benjamin.

– Então, sou obrigado a servi-lo...

Prüter alcançou um copo do outro lado do balcão e o serviu generosamente.

– Este é um amigo que conheci em Aylesbury – Benjamin me apresentou; e pude ver a serventia da leitura que vinha fazendo d’*A Cortina de Ferro*: – Atravessamos a Cortina juntos. Tivemos muita sorte. Chamo-me Benjamin, por sinal...

– Jan me contou que pretendem juntar-se à revolta.

– Chama-se Rupert – continuou Benjamin. – Deixarei que ele te explique nossa recente peregrinação.

Usei de tudo aquilo que tínhamos planejado para nos apresentar e mostrar como apoiávamos a causa dos tchecos de corpo e alma.

– Acima de tudo, queremos unir forças – terminei por dizer –, pois acreditamos que abrir mão desta luta poria em risco o futuro do mundo todo. Praga floresce os novos dias do socialismo e serve de estopim para todas as outras democracias populares satelitizadas.

– Já ouvimos muito do povo sobre o que pensam – disse Benjamin. – Seria bom ouvir de ti a avaliação que faz da situação...

– O programa de ações que foi proposto em abril deste ano já não é mais eficiente – disse Prüter –, o centralismo burocrático de Praga tem os dias contados e a US teme muito pelo que pode vir. É como quando perguntei se me permitiam tomar o uísque inglês... ou quando falei sobre a música americana que não posso ouvir... Jamais poderiam saber que eu e outros da União dos Escritores ouvimos o som do oeste. Parem para pensar no que concluiriam se soubessem que preferimos bebida importada e, o que é pior, que ainda damos um jeito de comercializá-la entre nós. Eles não entendem a diferença entre hipocrisia e equilíbrio; nossa ideologia política independe do que apreciamos. Muitos da Academia de Ciências e do Instituto de Ciências Econômicas escondem suas preferências particulares para não dar motivo às teorias de que secretamente ansiamos pelo capitalismo e que tudo o que fazemos é para envolvê-lo dubiamente no nosso discurso. O trabalho que desempenhamos com a direção do partido diz respeito ao desejo de toda a nação por um socialismo mais humano. Só nos manifestamos contra a sufocação das liberdades individuais, a censura e a intervenção armada da guarda.

Quem são aqueles que estão fardados? Agem como bonecos, alimentados por uma manobra política que fantasia uma união mais que nacionalista. Não se lembrar da cegueira provocada pelo nazismo é impossível. Mas todo o país se inflamou conosco, é tarde agora, não mais aceitarão que uma minoria tcheca detenha o poder e restrinja os direitos dos eslovacos.

– Também acredita que haverá medidas de força? – questionou Benjamin.

– Se acredito?! – alarmou-se. – Isso não é mais uma questão de crença e opinião, meu caro. Se vocês dois querem mesmo ajudar, era de se imaginar que já soubessem que se trata de uma resistência. É tudo uma questão de tempo. A comissão política do partido levantou o plano de invasão no fim de julho. E terça-feira passada correram boatos de que o Exército sairia ainda neste mês. Iuri Andropov insistiu ao Politburo que fossem deslocadas tropas soviéticas para nos invadir.

– Andropov? – disse Benjamin. – Li sobre ele recentemente.

– Onde? – inquiriu Prüter, franzindo o cenho. – É ninguém menos que o chefe da KGB, evita-se falar em seu nome em todas as publicações...

Benjamin fez o que combinamos que não faria. Puxou de dentro da mochila o livro de Gouzenko e o folheou, à procura do trecho exato.

– Foi em algum lugar aqui – disse.

– Oh! Se interessam por Gouzenko? – perguntou Prüter, prazerosamente surpreso.

– Claro – adiantei-me em falar.

– De certo modo, o veneramos – acrescentou Benjamin. – Agiu pelo bem de todos os países.

Prüter desencarquilhou o rosto inteiro de uma só vez, como se tivéssemos adentrado um novo campo de intimidade, que nos valesse mais cumplicidade.

– Já ouviram falar de Viktor Kravchenko? – ele nos perguntou.

– Não – disse Benjamin.

Fiz que não.

– Basicamente – disse Prüter –, foi dele que Gouzenko tirou a inspiração para desertar. Kravchenko tem uma frase pertinente para este nosso momento. Mas não me lembro direito de como é... fala de liberdade... Odeio esquecer essas coisas. Logo eu! Não é permitido no nosso ofício...

– Falando no teu ofício – disse Benjamin; e surpreendeu-me com a pertinência e pontualidade em instigar Prüter –, aceitas de bom grado o fardo que carregas em ser um dos poucos a manter contato com Gouzenko?

– Acabas de ganhar a minha curiosidade, meu caro. Como sabes disso?

– Conhecemos um homem que teve em mãos outro exemplar deste livro que carrego – respondeu Benjamin. – Um exemplar que pertencera a ti e no qual escreveste informações específicas referentes a Gouzenko.

– Meu Deus! Eu vivo dizendo que esta cidade não é maior que um quarteirão, no que diz respeito a casualidades impensáveis! Mas, respondendo à tua pergunta: não, não é um fardo. Felizmente, não sou o único a saber. E ele tem sido cada vez menos visado, devido aos novos problemas.

– Este livro lançou minha imaginação às alturas – disse Benjamin –, mas nunca chegou perto de explorar como Gouzenko de fato vive hoje. Tu, porém, sabes de tudo. Aqui é apenas dito que ele residiria em algum lugar secreto no Canadá. Poderias ao menos confirmar-me isso?

Prüter precisou servir-se de mais uma dose do uísque. E disse:

– Esta pergunta começa a me fazer duvidar das intenções de terem vindo até aqui...

– Perdoe a curiosidade de meu amigo – adiantei-me. – Ele não consegue desligar a cabeça dessa história toda de Gouzenko, é só disso que fala nos últimos anos. Viemos, sim, pois desejamos nos juntar à luta.

– Perdoo, é claro, Gouzenko cativou a todos, especialmente aos que pensam que a Cortina foi declarada a partir dele. Mas não vejo por que não sanar essa curiosidade de seu amigo, se vocês de fato retribuírem, ficando ao nosso lado.

– Seria imensa bondade tua – disse Benjamin.

– Ficaremos – eu disse.

E aí lembrei-me da previsão de morte que a Voz dera pelo telefone da igreja. Segundo ela, Stanislaus Prüter estaria vivo até o dia 21.

– Que dia é hoje? – perguntei.

– Vinte – disse Prüter.

– Disseste que o exército viria até o fim do mês – continuou Benjamin –, então... devem se dirigir para cá dentro dos próximos dias, se já não estão a caminho.

– Sim.

– Como resistiremos? – perguntei.

– Fazendo frente pacífica. Mas o confronto é inevitável. Haverá baixas. Se esperam acabar com nossas ideias, terão de acabar com as nossas vidas. Por isso, se o país todo for às ruas, eles não terão escolha: não estão aqui para conquistar terras, então, como declarar vitória em um país que tenha todos os seus cidadãos aniquilados?

– Posso ser pessimista – eu disse –, mas acho que eles podem fazer exatamente isto. Não terão piedade alguma. Não desejam a terra, desejam fazer desta repressão um exemplo. Talvez, fazer-lhes frente não seja o mais sensato. Vocês todos são muito jovens, todos estudantes, não são? Perdê-los seria perder o futuro: exterminado ou desiludido.

– E o que a tua inocência propõe? Rupert, não é? O que restaria fazer, Rupert? *Fugir?*

– Eu escolheria outra palavra para o mesmo movimento. *Partir*. Antes que eles venham, partam, levem a esperança com vocês.

Ele riu.

– Para onde? E para que fim, senão o de adiar o confronto?

– Dobris, talvez – prossegui –, enquanto continuam a assistir ao desenrolar. Não seria adiado o confronto, seria aumentado o contingente dos que os apoiam.

– Dobris? – repudiou.

– É próxima daqui, e o governo de lá sempre se mostrou desgostoso com o caráter autoritário de Stalin.

– Minha mãe nasceu em Dobris – disse Prüter. – De certa forma, seria até poético retornar e resistir ou morrer naquelas terras. Mas é um lugar óbvio, lá está o castelo da União dos Escritores. É um alvo frágil. E eu nem deveria acompanhá-lo nesta sandice! É impossível cogitar um recuo a esta altura. Devemos resistir aqui.

– Prüter – disse Benjamin –, o que meu amigo parece ter vergonha de dizer é que não podemos ficar. Nós mesmos teríamos de partir quanto antes, pois a guarda sabe que cruzamos a fronteira ilegalmente. Já quase fomos detidos.

– Sim, fugiríamos para Dobris – acresci à invenção de Benjamin. – Minha esperança é que haja neste movimento um indício de que pode também suscitar a melhor sorte para o povo...

– Não sairemos daqui – Prüter firmou em conclusão, e se levantou.

Com um gesto, pediu que o acompanhássemos. Deixou a garrafa, mas trouxe o copo. Fomos até um elevador atrás do bar.

– Podem ficar conosco – ele disse. – O lugar onde trabalhamos é também onde alguns têm se refugiado da guarda.

Descemos ao nível da cozinha e a percorremos até a saída dos fundos, que dava para um beco. Prüter tirou do bolso um chaveiro e destrancou uma porta de ferro. Demos em um quintal muito sujo e adentramos o que poderia servir como garagem, se houvesse meios de um carro chegar ali. Parecia uma casa qualquer, podia abrigar Prüter e mais ninguém, mas descobrimos escadas para outros três andares, onde encontramos movimento intenso, semelhante ao de uma redação de jornal. Revelou-se então um dos prédios com vista para o pequeno círculo onde se erigia a estátua de São Venceslau montado em seu cavalo.

Os Portões de Bohnice

– QUE LUGAR É ESTE? – PERGUNTOU BENJAMIN.

– Este é o editorial do nosso semanário, o *Primavera*. Conhecem?

– Na verdade, não – disse Benjamin. – Não estamos aqui há tempo suficiente.

– Não são poucas tiragens. Começamos antes de Novotny cair.

O segundo andar era em suma uma grande sala dividida em pequenos nichos, com uma escrivaninha para cada jornalista e, no ar, o tagarelar de máquinas de datilografar.

– Esta casa pertenceu ao meu avô – disse Prüter. – Vocês ficarão no quarto andar. Venham.

Prüter nos deixou diante de uma porta, quando ouvimos gritarem seu nome. Antes de voltar por onde viemos, ele apenas disse que não nos seria dado um quarto de todo desocupado.

No interior, encontramos duas camas de beliche. Benjamin me fez lembrar da última vez em que tivéramos de dividir um dormitório; então, com Krupp, no galeão. Dessa vez, parecia que haveria duas pessoas.

– Qual era mesmo a data limite? – perguntou Benjamin.

– Dia 21.

– Mas, então, é amanhã!

– Sim.

– Eu não me lembrava... Não achas que deveríamos alertá-lo?

– Ele demonstrou que já conta com a possibilidade de perder a vida em confrontos futuros, Benjamin. Não imagino que faria algum efeito tentarmos alertá-lo, ainda que conseguíssemos fazê-lo acreditar que realmente sabemos de seu futuro.

– Mas ele precisa viver, enquanto não soubermos de Gouzenko.

– Podemos tomar conta do que ele fizer, sem termos de falar sandices – eu disse –, podemos insistir que ele não saia daqui amanhã.

– Ou então podemos insistir para que nos fale hoje mesmo.

– Não! Ele já tocou vezes suficientes no nome de Gouzenko. Tínhamos combinado que não nos exporíamos.

– Eu esperava que tivesses percebido quão crucial eu fui no dia de hoje. Mas já posso ver que não chegaste perto de entender isto. Se não fosse pela minha iniciativa, se eu não te contrariasse, não teríamos conquistado tanta confiança.

– Sim... Sou obrigado a concordar.

– Também podes apenas dizer: muito obrigado, meu amigo.

Prüter reapareceu no corredor e, ainda por entrar no quarto, veio dando resposta à pergunta mais importante que Benjamin fizera naquele dia:

– A resposta é não – ele disse.

Entrou e não fechou a porta, como se falasse sobre algo banal que qualquer pessoa pudesse ouvir.

Ele continuou:

– Gouzenko não está no Canadá, embora muitos sejam levados a crer que está.

Benjamin dirigiu-me um olhar vitorioso. Ele conseguira conquistá-lo de tal forma que nem precisara insistir no assunto.

– Como não?! – exclamou Benjamin. – O próprio livro diz que ele está lá.

– Esse livro foi publicado há algum tempo. Agora está mais próximo do que jamais imaginaram.

– Onde?

– Já ouviram falar dos portões de Bohnice?

Benjamin fez que não.

– Onde fica este lugar?

Eu mesmo respondi:

– Aqui.

Benjamin balbuciou duvidoso.

Prüter reafirmou:

– Sim, ele está em Praga.

– Mas ele precisa de resguardo político – disse Benjamin. – Somente lá garantiriam isto a ele.

– Realmente, não faz sentido que ele tenha voltado – eu disse.

– Em Bohnice, ele tem o resguardo de que precisa. Vocês podem ir até lá conferir o complexo de segurança. Agora que voltou, ele atende pelo pseudônimo de George Brown.

Benjamin começou a anotar as informações na primeira página do livro. Prüter foi mais longe, ao nos dar o endereço exato:

– Rua Ústavní, no. 91.

– Muito obrigado – disse Benjamin.

– Mas não acho que conseguirão falar com ele pessoalmente.

Não agradei. Estranhei as razões de ele confiar em nós tanto assim, a ponto de nos dar o endereço tão rapidamente. Parecia ter entendido que era apenas por aquilo que estávamos ali.

– Como conheceu Gouzenko? – indaguei.

– Aparento ser jovem, mas tenho mais idade que vocês. Se dependesse das preocupações, minha cabeça estaria inteiramente branca. Fui membro do Partido Comunista, por algum tempo vivi em Moscou, tinha contatos com alguns funcionários da KGB. Tudo isso antes de vir para cá auxiliar na contenção de riscos, como eles chamam. Logo que souberam que eu estava caindo nas graças de Dubcek, apagaram-me de todas as fotografias.

Prüter precisou se ausentar uma vez mais, pois ainda naquela noite fechariam a próxima edição do semanário e muitas dúvidas de última hora costumavam surgir antes de enviarem o produto para a gráfica.

Benjamin aproveitou para me dizer que devíamos partir, que não precisávamos mais continuar ali, agora que tínhamos o que precisávamos.

– Temos mesmo? – retorqui. – Desconfio que ele não tenha sido inteiramente verdadeiro. Não acha que foi tudo rápido demais? Gouzenko é alguém de grande importância. Por que ele confiaria sua localização tão de repente? Nem chegamos a pedir novamente pelo endereço.

– Achei estranha a ideia de Gouzenko ter preferido deixar o Canadá e voltar, isto sim.

- Evidente que é. Muito improvável.
- Mas, por que mentira? Indo até o endereço facilmente descobriremos que nos enganou.
- Eu não soube o que responder. Benjamin tinha razão. Não haveria sentido em mentir, bastaria nos ter negado a informação.
- A questão agora é – prosseguiu Benjamin: – como vamos reportar o que conseguimos? Já temos o que nos foi pedido. Era só o endereço, não era? Não precisamos de Gouzenko.
- Eu não sei como faremos isso, já te disse.
- Chegou a hora, Rupert.
- Eu não faço a mínima ideia! Não me falaram nada do que haveria depois disso. Eu até perguntei, mas a ligação caiu.
- Vamos embora daqui. Descobriremos sozinhos. Podemos voltar à casa de Noer. Quem sabe até mesmo as estátuas do Monte Petrin possam nos responder isso!
- Não podemos sair daqui. Não agora, Benjamin.
- Por que não?
- Prometemos ajudar.
- O que importa? Falas como se eles tivessem pedido nossa ajuda. A ideia era ganhar a confiança de Prüter para sabermos de Gouzenko. Conseguimos.
- Justamente! Conseguimos sem esforço algum. Deve haver mais alguma informação. Devemos ficar.
- Estás escondendo algo de mim?
- Como assim? Por que dizes isso?
- Sinto-te estranho, Rupert... Não aparentas muita felicidade com o nosso sucesso.
- Não estou estranho.
- Já estás assim há um tempo. Não demonstras tanto empenho quanto eu. Se não fosse por mim, que encontrei esse livro depois de dias seguidos de esforço, poderíamos ter tido muito mais trabalho para fazer Prüter acreditar que nos importamos profundamente com Gouzenko e todo o resto.
- Eu já agradei por tua interferência.
- Acho que é justamente este o problema. Minhas interferências provaram que sou mais importante do que tu pensas. Que não sou

um mero reflexo teu.

– Nunca duvidei da sua importância, me entendeste errado! O queres que eu diga?

– Quero que aceites que amanhã pela manhã devemos resolver isto tudo de uma vez.

– Eu não vou sair daqui enquanto não souber exatamente o que é a melhor coisa a fazer.

– A melhor coisa?

Sentei-me na cama de baixo do beliche.

– É que... A verdade é que tenho receio de que acatar essas ordens não seja de fato o mais indicado.

– Ah! *Agora* vais resolver dizer isso? Onde foi parar o Rupert que ontem mesmo insistia no contrário? Que dizia orgulhoso que devíamos seguir as ordens de uma voz que nem sabemos a quem pertence...

– É que eu não pretendia te contar uma coisa...

– Eu sabia que estavas escondendo algo. O que é?

– Talvez essa dificuldade toda em sabermos como vamos reportar seja, inclusive, indício de que devemos parar por aqui enquanto há tempo.

– Fala o que é.

Tentei encontrar algum jeito de adaptar meu dilema com alguma mentira que não envolvesse mais loucuras, mas não tive opção.

– Conheces arlequins, Benjamin? Já viste algum? Calma, isto faz parte do que tenho para te dizer.

– Sim. Já vi. Aqueles do paraíso, com asas?

– Não, esses são querubins. Refiro-me àqueles das festas de rua. Como os que apareciam em alguns espetáculos. Vestidos com uma roupa bem colorida.

– Aqueles das peças de teatro às quais Kepler convidava apenas a ti, enquanto eu tinha de cuidar da casa?

– Sim...

– O que têm eles?

– Qual a última vez que viste um?

– Sinto em dizer que na atual conjuntura não temos tempo para pensares em compensar aqueles anos todos e me convidares para

uma peça.

– Não é nada disso. Só me fala se tens em mente a última vez que viste um...

– Não me lembro agora.

– Antes de embarcarmos no galeão de Kepler, eu avistei um na ponte. Ele acenou para nós. Tu não o viste?

– Não. Eu devia estar distraído. Mas por que estás falando disto só agora?

– Ele me persegue. É o mesmo sujeito sempre. Vestido desse jeito. A última vez que o vi foi na biblioteca do mosteiro, enquanto estavas com Goddard. Aliás, foi ele quem me disse que Goddard estava mentindo para nós, que havia queimado o livro. E, no fim das contas, ele estava certo.

– Eu cheguei a te perguntar mais de uma vez como ficaste sabendo daquilo...

– Naquele dia, ele me disse também que eu não deveria concluir a missão que a Voz nos dera. E disse que eu e, portanto, também você continuaríamos presos aqui se eu fosse até o fim com a ideia de encontrarmos Prüter e Gouzenko...

– Tinhas que ter me contado isto antes.

– Acontece que ele me falou mais uma coisa. Que a única forma de eu acordar disto tudo e voltar para onde está Dolores, onde eu estou de verdade, é tirando a tua vida e depois a minha.

Benjamin não me parecia consternado em ouvir aquilo, nada disso, parecia desapontado apenas por eu ter cultivado um segredo por tanto tempo.

– Não querias me falar por medo do que eu iria pensar?

– Sim... Na verdade, não... – titubeei. – Eu só precisava avaliar as razões por minha conta.

– Mas, então, não entendo por que decidiste contar-me isto agora. Imagino que tenhas pensado tudo o que achavas necessário.

– Quanto mais penso, mais confuso fico...

– Por favor, Rupert, não me digas que estavas...

– Claro que não! Não, não mesmo. Jamais consideraria uma coisa dessas. Refiro-me à primeira parte do que ele disse... sobre

não devermos entregar Gouzenko... Mas não acreditas então que exista este sujeito que fala comigo e me aconselha?

– Acho que acredito...

Benjamin caminhou pelo quarto e parou junto à janela.

– Nunca pensei que fosse dizer-te isto, mas, ser teu amigo é realmente enlouquecedor. Há muito tempo deixei de ter alguma mínima vantagem em passar meu tempo contigo. Tens muita sorte de eu não ter mais ninguém neste mundo com quem andar.

E não falou mais nada. Fechou-se em pensamentos que eu não podia decifrar. Deixei-o quieto e tentei eu mesmo pensar com meus botões, mas nada veio. Existia uma enorme dúvida pairando, porém não em forma de frase. Era um silêncio interrogativo. Logo troquei isso pelo mantra e, mesmo de olhos abertos, comecei a repeti-lo interminavelmente *ing, ing, ing, ing, ing, ing, ing*.

Ao anoitecer, fomos chamados para um jantar no segundo andar, que aconteceu numa mesa retangular que poderia acomodar não mais que doze pessoas, embora dezesseis tenham conseguido espremer-se e comer à custa de encolher os ombros e não mexer os cotovelos. Outras duas pessoas tiveram que sentar-se no chão, como ratos. Essas duas pessoas eram Benjamin e eu, naturalmente, os últimos a integrar o grupo. Fomos apresentados a um casal, Matryona e Nikolai, com os quais Prüter disse que dividiríamos o quarto.

Tive a impressão de que Matryona fosse loira, esguia e jovem. Mas isso eu depreendi de sua voz, pois não olhei para ela diretamente em momento algum. Continuei concentrado em meu mantra. Cabisbaixo. Tampouco dirigi olhares a Nikolai. Quando os reencontrei, no quarto, já estávamos no escuro. Nada do que vi permitiria uma descrição fiel do que eram, portanto não inventarei uma aparência que lhes desse o privilégio de parecerem importantes, pois não eram mais que figurantes.

No quarto, quando Nikolai já dormia, Matryona percebeu que, enquanto Benjamin lia o livro de Gouzenko, eu encarava a cama de cima; sentiu-se então com liberdade de dirigir a palavra a mim, sussurrando. Perguntou-me se eu gostaria de uma leitura emprestada. Eu disse que sim. Ela veio de sua cama, vestida num

pedaço de pano transparente que pouco cobria da cintura para baixo. Só o que sei descrever fielmente são suas pernas. Eram tão brancas como as de qualquer russa, mas belas, mais belas que qualquer imagem estereotipada que eu já fizera das russas como mulheres mal cheirosas e gordas. Eram delineadas e firmes, as panturrilhas, e grossas, as coxas. Elas andaram naquele curto espaço de uma cama à outra quase nas pontas dos pés. Não deviam existir modelos russas como as americanas, mas Matryona muito bem poderia servir ao capitalismo, suas pernas venderiam qualquer produto. A luz alaranjada da rua coloriu-as, encheu-as de um viço inebriante. Ela veio e retornou para a cama, apressada, travessa; e envolveu-se nas cobertas.

Conferi o livro. *As Aventuras do Bom Soldado Švejk*, de Jaroslav Hašek.

– Primeira Guerra Mundial – contou Matryona, ainda falando baixinho. – É uma sátira ao militarismo. Um protesto contra a guerra e contra o Império.

Não respondi. Não queria ler. Achei por bem fingir que tinha adormecido, embora não houvessem passado mais de vinte segundos desde que me entregara o livro.

Ela falou mais alguma coisa.

Firmei o desejo de, pela manhã, lembrar-me de percebê-la e descobrir se o rosto fazia par às pernas em beleza. Mas, como se temeroso por descobrir uma face aquém daquele desenho perfeito, o sono me fez perder essa intenção e não mais procurá-la. Sonhei com Dolores. Misturei as duas. Dei rosto às pernas e pernas ao rosto.

Vazio

A CORDEI NA MADRUGADA COM UM ESTRONDO. Amadi entrou no quarto exclamando que *eles* tinham chegado. Pensei que Benjamin também estivesse tonto de sono como eu e com dificuldades para entender o que acontecia. Mas a cama de Benjamin estava vazia. Só quem resmungava era Matryona na cama ao lado.

– Eles quem? – perguntei.

– As tropas. Recebemos ligações de Dresden e de Liberec. Vieram pelo norte. Estima-se que sejam mais de sessenta mil homens.

Nikolai levantou num só movimento e começou a se vestir.

– Onde está seu amigo? – perguntou-me Amadi.

Eu não soube responder.

A Batalha de Praga

NÃO BASTASSE A TENSÃO NA VOZ de Amadi ao nos acordar, o zumbido de aviões que já sobrevoavam Praga sucedeu sua retirada do quarto. Em menos de um minuto estávamos prontos.

Não é possível perceber o momento exato em que uma cidade acorda. Durante a noite, até os sons mais ruidosos desaparecem, e vive-se na madrugada o silêncio de tempos de paz. Mas, em algum instante da manhã, os ruídos ressurgem, como se todos ao mesmo tempo, e logo o burburinho dos seres e o canto dos pássaros desaparecem entre os barulhos sucessivos e artificiais. Com isso me refiro, principalmente, às grandes cidades, onde os carros, os aviões e outras máquinas compõem os acordes do Novo Mundo. Nessas cidades, o silêncio da noite é o silêncio mais valioso, quando o homem moderno pode ouvir melhor o som de seus tormentos e suas veleidades. É quando a cidade dorme que me sinto vivo e pensante, de algum modo livre da torrente que dali a pouco me obrigará a participar. É por isso que escrevo à noite. Meu consciente gosta de presumir que todos aqueles que poderiam estar pensando estão desligados em suas camas. O papel em branco se torna navegável. Não é à toa que os mestres vivem distantes dos centros urbanos. Somente o silêncio dos retiros de monges é capaz de replicar o silêncio das noites e propiciar a elevação do espírito. Lançado todos os dias numa metrópole da atualidade, se toda manhã tivesse que se iludir em pensar que conseguiria um emprego na Praga desses tempos turbulentos, Gandhi ou qualquer Dalai lama enlouqueceria. Não estaria a mente de nenhum deles desperta para a

autoconsciência, se a cidade os reduzisse a escravos assalariados, pagos para que se calassem.

Não há dúvida de que a arma do poder moral de Gandhi teria grande serventia nas mãos dos jovens estudantes da resistência de Praga, trata-se do princípio básico para a sustentação da luta não violenta por direitos. Mas, se não estudadas as causas e os efeitos das próprias atitudes, o iminente vazio dos primeiros insucessos é substituído pela desavença violenta. Ninguém havia lido algum dos 198 caminhos da ditadura à democracia, pois tampouco Gene Sharp os havia escrito. Mas é certo que teriam sido de grande ajuda. Difícil é saber até que ponto a pequena Praga poderia amanhecer e florescer às custas de tão pouco apoio vindo de dentro das estruturas principais do domínio ditatorial.

A saleta logo abaixo do dormitório foi onde se realizou uma reunião de última hora. Havia cerca de vinte pessoas sentadas e mais algumas de pé, encostadas nas paredes. Eram cinco da manhã, mas nenhuma delas parecia ter ido dormir, tão eletrizados todos estavam. Apesar da preocupante notícia, não havia nenhuma conversa. Os olhares pousaram em mim no segundo em que entrei e depois se voltaram à porta, à espera do surgimento daquele que lhes desse o que pensar e discutir.

– O que é aquilo? – murmurei a Amadi, referindo-me a uma garrafa que um dos jovens enrolava com um pano.

– É um *molotov*. A arma que os finlandeses usaram contra o mesmo Exército que enfrentaremos hoje. No caso, esta aqui é especial, sofre ignição por impacto. É uma mistura de éter etílico com ácido sulfúrico. Quando a garrafa se quebra, o líquido reage com uma mistura de clorato de potássio e açúcar cristalizados naquele pano.

Eu nada disse depois disso, e a sala continuou quieta.

Não era possível o silêncio aumentar, mas, quando Prüter enfim entrou na sala, ouvi alguém fazer *shhh*.

– Chegou a nossa hora – disse Prüter. – O circo soviético realmente está de volta. Não teremos tempo para rever instruções de conduta, mas tenho certeza de que já tivemos reuniões suficientes. Sabemos como devemos encará-los?

– Como animais – disse uma voz entre aqueles sentados.
– E estou certo de que entendem exatamente o que fazemos com esses animais – disse Prüter.
– Não os alimentamos – disse um.
– Não os provocamos – disse outro.
– Sobretudo, nós os observamos – completou Prüter. – Ontem, fizeram-me lembrar de Gouzenko e Kravchenko, mas naquele momento não consegui citar uma frase que agora deve nos servir imensamente. Quando questionado sobre a decisão que tomou, acusado de traição à pátria, Kravchenko disse que sua escolha, como a maioria das escolhas que tomamos, não estava no mérito de seu país de origem, estava em sua relação com o mundo e na relação que qualquer cidadão deveria ter com a sociedade. Tinha então que escolher, como disse, entre *uma liberdade precária e uma escravidão confortável*. É natural que ele tenha escolhido a liberdade precária, pois estamos falando de um homem que entende que a importância do que faz não se encerra nele. E é natural que façamos o mesmo. Peço-lhes que não temam, nem duvidem. Nossas escolhas devem ir além da noção individualista de que devemos estar vivos para ver o efeito do que escolhemos fazer. Se fugirmos hoje, meus caros, e só pensarmos na nossa sobrevivência, o país estará morto para os que nascerem amanhã.

Eu não deixava de pensar no significado da partida de Benjamin. Ele poderia ter apenas aberto mão da minha companhia e fugido, como ele próprio havia dito que era o indicado a ser feito: a nossa separação. Ou se incomodara com a ideia do Arlequim e, de posse das informações que tínhamos de Gouzenko, vira-se num dilema: confiaria a mim a decisão final? Eu não confiaria a mim mesmo. Não depois de tudo o que eu dissera e de toda loucura que tinha sugerido. Quem gostaria de me ter por perto? Benjamin ficara tempo demais até, eu teria partido antes, se pudesse. Eu deixaria a mim mesmo, se houvesse para onde correr.

Enquanto Prüter dirigia-se ao grupo, Amadi cutucou-me e murmurou:

- Afinal, onde está o seu amigo?
- Já te disse. Eu realmente não sei.

– Ele seria capaz de nos delatar? Não é de conhecimento público a nossa localização...

Eu fiz que não.

– Não é só na cabeça dos pensadores de cada geração que mora a resposta – prosseguia Prüter. – Quem está lá na linha de frente não precisa saber muito, e são geralmente esses que trazem os resultados para os grandes problemas. Ainda que esteja por nascer alguém que saiba imaginar a solução desta desordem, uma coisa é certa, em algum momento eles perderão o Império, ou ele se perderá. É uma questão de tempo, sua queda será a mais rápida e a mais vergonhosa.

– E nós vamos participar disso! – exclamou um.

– Começa hoje a queda – bradou outro.

O tempo nessa sala bastou para desbancar qualquer precipitada conclusão de que a cidade inteira dependeria de nossos alardes. Pois ainda nem clareara o céu por completo e da janela já avistávamos algumas pessoas paradas ao redor da estátua de São Venceslau e mais dois grupos de umas cinco pessoas chegando pelas ruas de acesso. Tinham descoberto de alguma forma e decidido que ali deveria ser o lugar a se encontrar, como se aquele fosse indiscutivelmente o palco principal de Praga. Devido às vielas que costumam a Cidade Velha, seria natural concluir que a Avenida Venceslau funcionaria como um campo aberto onde todos poderiam resistir unidos.

Prüter decidiu que era prudente descermos para um diálogo com aqueles que se reuniam na praça em frente. Assim ficamos sabendo que tinham recebido ligações telefônicas de parentes que viviam nas fronteiras e viram a entrada das tropas aliadas e dos soldados russos. Prüter os alertou para o perigo e como resposta de um pequeno grupo teve a boa surpresa de que não temeriam tanque algum e que nas ruas ficariam o dia inteiro, até que eles chegassem. Num cálculo impreciso, imaginamos que, na velocidade baixa dos tanques e dos blindados, seriam necessárias pelo menos cinco horas até a chegada. O tempo que ficamos ali bastou para mais cidadãos se juntarem a nós e, sabe-se lá pelo incentivo de quem, começarem a entoar canções patrióticas. Conforme o céu clareava, aquelas

vozes pareciam servir como a engrenagem que fazia o sol se levantar. Prüter berrou *Vamos mandar a URSS para casa*, e outros repetiram. Em seguida, ele me puxou para avisar que voltaria à redação.

Eu o acompanhei, e pela rádio, já tomada pela população, descobrimos que a cidade toda havia despertado para o que se avizinhava, e muitos já tomavam providências para ajudar na resistência, grupos estavam quebrando placas com os nomes das localidades e das ruas, na intenção de assim desorientar os invasores. Perguntei-me até que ponto não seria inútil, já que deviam vir dispendo de mapas e algum conhecimento prévio do caminho a seguir. Pela expressão de Prüter, ele pensara o mesmo, mas demonstrou ser a favor de qualquer ação bem-intencionada: era, afinal, ao menos um indício da união que precisariam para o resto do dia.

Depois de um tempo cuidando apenas da supervisão do que os outros estavam fazendo em diferentes setores da redação, ele enfim veio até mim, perguntando-me se não me afligia a fuga de Benjamin. Eu disse que não podia imaginar para onde ele teria ido. Ele disse que sabia:

– Para bem longe daqui, é para onde ele foi, correndo desesperadamente. Assim que previu o perigo de nos ajudar, quis salvar-se, pois é um covarde, como muitos dos que não sairão de suas casas hoje e assistirão a tudo pela janela de uma sala quente e confortável.

Ele percebeu então que o som das máquinas de datilografar tinha diminuído, e que alguns olhavam para ele. E, como era próprio de sua personalidade expositora, elevou a voz para que os companheiros de todo o andar pudessem ouvi-lo.

– Se bebês pudessem escolher alguma coisa, vocês acham que eles decidiriam sair do conforto e da segurança da barriga de suas mães? Mesmo que pudessem saber que a vida só teria início quando abandonassem a dependência extrema, ainda assim escolheriam ficar lá e jamais nascer de fato! É exatamente este o estado de percepção daqueles que não lutam ao nosso lado: são incapazes de enxergar o mundo além de seu umbigo! Podem temer a morte nas

ruas, mas jamais nascerão para uma vida verdadeira e por isso, ironicamente, nada têm a perder, pois já estão mortos.

Chamaram Prüter para um telefonema que trouxe a informação de que os tanques já podiam ser avistados do Monte Petrin. Haviam chegado duas horas antes do previsto. E a voz na Rádio Nacional também confirmou. Eram pelo menos dez tanques vindos de direções diferentes, três deles em linha reta, por um caminho que só podia sugerir a direção da Avenida Venceslau.

Fui à janela e mais uma vez me impressionei com a quantidade de gente que se acumulava lá embaixo. Era impossível não sentir o ímpeto de me juntar a eles em seus gritos; e se eu, que não nascera ali, já sentia isso... era fácil entender que todos na redação sentiam o mesmo.

Isso se confirmou quando todos se levantaram de pronto sob as ordens de Prüter: pausariam tudo que estavam fazendo e desceriam imediatamente, junto com ele. O povo não enfrentaria os tanques sem eles. A edição podia esperar. Concluiriam depois.

Não éramos muitos, não tantos quanto se esperaria ao se esvaziar uma redação de qualquer grande jornal. Não passávamos de quinze e quando quis contar quantos éramos, já havíamos chegado à calçada, nos somado aos milhares e já não importava mais, pois estávamos todos unidos em um só propósito. Ainda que nem todos soubessem por quais mudanças lutavam, ou que nem todos estivessem igualmente insatisfeitos com os recessos advindos do regime estalinista, estavam todos a fim de enfrentar a invasão, uma opressão que esteve ali nos anos anteriores, mas que só então se consolidava numa imagem que deveria despertar a coragem de qualquer cidadão.

Independentemente de patriotismo, avistar tanques subindo a íngreme avenida fez-me deixar de temer pela minha vida e sentir o sangue correndo nas minhas veias e também nas dos outros. Meu corpo não terminava mais em mim: estava em cada parte, temendo como qualquer outro e se escorando em todos. O medo então sumia e surgia uma coragem perigosa, inconsequente, maior que a somatória dos que estavam ali.

O som das tropas mudou, indicando que aumentavam a velocidade. Os canhões se viraram para lá e para cá, depois a velocidade diminuiu. Eram dois tanques, mas ao longe surgiu um terceiro.

Um jovem próximo a mim pôs uma mochila no chão, abriu-a e tirou de dentro dela um objeto de metal um pouco menor que um revólver, sacudiu-o e apontou. A cor vermelha que espirrou fez escrever no muro: *Lenine, levanta-te! Brejnev está louco!*

Os tanques pararam, suas verdadeiras intenções ainda pouco claras. Então, os grupos de cidadãos desarmados se moveram seguindo uma primeira leva de gente que se arriscou em se aproximar. Logo os tanques estavam todos cercados por um mar de pessoas e para se mover um centímetro sequer teriam que ousar passar por cima delas.

Algumas pessoas, a maioria mulheres, dirigiam-se aos soldados sentados do lado de fora dos tanques e das viaturas, pedindo-lhes que viessem para o lado do povo, pois também eles sofriam daquilo que todos os outros sofriam, também eles estavam sendo enganados e tendo seu destino, como o de qualquer um daquela e de outras cidades, roubado.

Um grupo que não ousara se aproximar unira-se para colocar a haste da bandeira da Tchecoslováquia presa na estátua de São Venceslau.

Uma mulher em especial me chamou atenção. Dirigia-se energicamente aos soldados, dizendo algo que não dava para ouvir de onde eu estava. Seus cabelos escuros e cortados na altura do ombro trouxeram o rosto de minha Dolores à superfície dos pensamentos. Onde estariam os dois? Nem Dolores, nem Benjamin me acompanhariam no que podia ser um confronto sangrento. Eu não gostaria de partir sem os dois por perto. De repente, me senti vazio, meu sangue não mais corria com o dos outros, corria por um limite de veias desse corpo frágil sem nada alcançar.

E então a aparência pacífica com que se postavam os soldados até aquele momento ganhou um contraponto de crueldade injustificada. Um soldado que havia descido de uma viatura blindada num quarteirão próximo à estátua de São Venceslau empunhou sua

metralhadora e atirou incontáveis vezes contra as costas de um homem que escrevia com seu spray: *A arte popular soviética surgiu nas paredes do Museu Nacional.*

Os disparos não serviram como em outra situação serviriam, as pessoas não correram tão logo se assustaram. Ficaram paradas, olhando na mesma direção. Depois gritaram e partiram para cima do soldado. E, com os gritos, mesmo quem estava a quadras de distância soube que os tiros não tinham sido para o alto.

O estrago teria sido imenso se os pilotos dos tanques, temendo a reação da massa, tivessem andado. Mas, antes disso, a massa temeu pelo movimento dos tanques e se dispersou. Com o espaço aberto, os soldados desceram dos blindados com armas em punho. Foi a deixa para revelarem-se entre os estudantes aqueles que haviam trazido os coquetéis *molotov*. Lançaram à distância, mirando os tanques. A maioria errou o alvo, mas os que acertaram puseram os blindados em chamas. Com a morte do primeiro soldado, teve início o verdadeiro caos.

De repente, contudo, me dei conta de que já não prestava mais atenção nisso tudo. Intrigou-me um pássaro calmamente pousado num canteiro, pouco acima da linha do chão, na altura de maior vulnerabilidade para qualquer pássaro. Qualquer um teria voado por muito menos, mas ele mantinha-se indiferente a qualquer coisa, faltava apenas ciscar. Talvez sua coragem viesse do fato de já ser um ferido de guerra. Faltava-lhe o rabo. Não sei dizer sua espécie. Poderia ser um rouxinol, mas sua penugem era azulada, e não haveria de ser um chapim-azul, pois faltavam-lhe as outras cores. Apesar de a maioria correr para longe dos tanques, continuei ali, ao lado do pássaro.

A fim de segurar os tanques que retomavam a subida da avenida, jovens deitavam-se no asfalto diante deles. Um casal correu para ficar à frente e deitar-se numa distância que o piloto pudesse vê-los. O tanque andou mais um pouco, mas logo parou. Outras pessoas fizeram o mesmo com o terceiro tanque. Mas esse, cujo tambor de gasolina tinha o desenho da cruz hitleriana (para o espanto dos que notaram e apontaram gritando *fascistas!*), resolveu desviar e passar por cima do canteiro, destruindo uma árvore. Tudo

isso deveria fazer o pássaro voar, mas ele continuava ali, andando na beirada do seu canteiro. O tanque que liderava o grupo decidiu que também se moveria, mas não teve o preciosismo de mudar a direção o tanto que deveria. E assim o ângulo que abriu poupou apenas metade do primeiro corpo sobre o qual passou demoradamente, o de uma mulher, que depois fiquei sabendo se tratar de Matryona. Para a “felicidade” dela, essa metade dizia respeito ao tronco e a cabeça, assim ela não teve de sobreviver em dor nem por um segundo sequer.

Muitos berraram, horrorizados, mas o pássaro anuro não se alarmou.

Eu subi no canteiro e me equilibrei no estreito contorno de concreto, aproximando-me dele para ver se assim voaria. Pelo contrário, ele veio em minha direção, em seus passos saltitantes, muito consciente de que era dever me expulsar do espaço que não me pertencia. Eu perdi o equilíbrio e desci.

De uma mochila que dois soldados arrancaram de um homem capturado na correria, os coquetéis *molotov* encontrados foram lançados contra a população em fuga. Um desses acertou um carro estacionado, colocando-o em chamas e depois o fazendo explodir. Mas o povo continuava revidando à distância, com pedras e coquetéis. Comemoraram quando viram um soldado correndo em chamas.

O Arlequim dissera que eu só a encontraria quando acordasse, quando voltasse ao trem. Mas ela também poderia estar ali sem que eu soubesse. Ela era como aqueles jovens, destemida e militante. Ela havia de estar entre eles. Quis correr e encontrá-la em alguma parte daquela gente, mas não deixaria o canteiro e o pássaro. Se ela estava ali, também estaria à minha procura, então era melhor ficar parado.

Através das ondas de calor do fogo que queimava o carro e uma árvore ao lado, pensei ter avistado Benjamin num andar apressado. Mas era só um jeito parecido de caminhar.

Sentei-me no canteiro e dei minha mão aberta para o pássaro, fingindo que havia ali alguma coisa que ele pudesse ciscar. Mas ele nem sequer considerou o gesto como uma entrega de comida.

Considerou como convite e fez de minha palma uma plataforma. Saltou para ela e, nos segundos que ali ficou, pude ver seus olhos da cor da noite brilharem. Então, saltou mais uma vez e ficou no meu joelho, a uma altura que melhor nos entreolhássemos.

Agora não me olhava mais, dera as costas e fez-se espectador da correria na direção do Museu Nacional. No lugar do rabo que lhe faltava, as penas restantes misturavam a cor do sangue ao azul invernal das costas.

– Tem alguma notícia de minha Dolores?

O pássaro virou-se de frente para mim e me fitou, como se respondesse efusivamente, sim, sim! Mas ele apenas disse:

– És tu o louco?

– Sim, sou eu. Também estou à procura de meu amigo Benjamin.

Ele voou até minha cabeça e deu bicadas nela, na testa, no cocuruto, e até abocanhou alguns fios de cabelo e os puxou com força, como se houvesse algo que quisesse retirar de dentro da minha cabeça.

Então voou, e dessa vez para longe. Seu voo não foi calmo, parecia fugir de algo que finalmente o assustara.

Assim como a multidão, ele se colocou na direção do edifício do Museu. Imediatamente levantei e o segui. Ele pousou na cabeça de São Venceslau para me esperar, depois prosseguiu até uma das estátuas da escadaria do museu. Subi as escadas, ele entrou no museu, e eu também.

Uma vez dentro, não mais o vi.

Descobri que ali muitos se refugiavam da guerra; senhoras, alguns funcionários do museu e pais e filhos talvez pegos desprevenidos quando iam para algum lugar. Num canto, sozinho, lá estava ele.

– Benjamin! Por que sumiu deste jeito?

– Fui resolver nosso problema.

– Como assim?

– Está tudo resolvido.

Benjamin tinha uma aspereza no jeito de falar que não lhe servia naturalmente.

– O que fizeste? – eu disse.

– Eu não consegui dormir. Não tens ideia como me feriu ouvir aquilo que disseste. E o jeito displicente com que falaste tornou tudo pior. E ainda, logo em seguida, dormiste com uma facilidade assustadora.

– Refere-se à proposta do Arlequim? Eu jamais faria uma coisa dessas... Ter te contado é uma prova disso.

– Eu tinha medo de dormir. Não poderia mais confiar em ti. E então pensei, pensei muito sobre tudo o que fizemos desde o início e descobri. Descobri muita coisa. Entre elas, descobri quão óbvio era o meio de passar as informações de Gouzenko. Se a Voz nos contatara pelo telefone, também por lá nós a contataríamos.

– Por que não me acordou? Iríamos juntos.

– Não ouviste a parte de que não podia mais confiar em ti? Não foste firme quando falaste desse palhaço. Eu precisava aproveitar a vantagem de resolver isso sozinho, sem que tu mudasses de ideia e colocasses empecilhos e minha vida em perigo.

– E desde quando tens motivos para temer a mim.

Benjamin olhou-me com desprezo.

– Como eu disse – ele continuou –, não dormi. E naquele momento lembrei-me de outras muitas noites em que eu estava acordado, enquanto tu chiavas na outra cama. Percebi ali... Como seria possível que eu fosse uma invocação tua, uma invenção da tua cabeça, quando tua cabeça se desliga e a minha permanece ativa?

– Isso é facilmente explicável.

– Não. Não é. Eu existo tanto quanto tu e mereço esta consideração. Não és maior que eu. Isto, se não fores menor!

– Não acredito que estamos voltando a essa conversa.

– Fica tranquilo, esta conversa já acabou. Não permitirei que me confundas mais uma vez com tuas artimanhas egocêntricas. Só vim para dizer-te que consegui. Fui até a igreja e a Voz agradeceu pelas informações e nos parabenizou. Disse que seremos poupados de todo o horror que se instalará na cidade pelos próximos meses. Como prêmio, eu recebi a minha liberdade. Tu receberás o que fora prometido: o endereço do lugar onde te internaram e tua Dolores. Eu te desejo boa sorte, *amigo*. Quem sabe sejamos igualmente loucos e nossa história juntos seja muito maior que isso tudo que

inventamos. Talvez, quando receberes o endereço e voltares, me encontres lá, e entenderás que nunca fui apenas um reflexo.

Lá fora, deram o primeiro tiro de tanque do dia. O segundo foi endereçado ao Museu Nacional. Acertaram em cheio o lado esquerdo da fachada, abrindo um rombo que era a soma de três janelas. Mas nada do que voou pelos ares nos atingiu. Benjamin saiu correndo pela entrada principal e eu o segui.

Os tanques que haviam atirado estavam logo em frente, seus canhões apontados diretamente para nós dois. Mas não atiraram outra vez.

Havia uma van preta parada entre os dois tanques, como se tivesse sido escoltada por eles até ali.

A porta se abriu, de dentro saíram dois homens vestidos de branco, como enfermeiros, até seus sapatos eram brancos.

Eram Horácio e o decrépito Krupp.

A multidão não mais guerreava, tinha a atenção voltada para os dois de branco. Horácio chamou um dos jovens, dirigiu-lhe a palavra e deu-lhe um papel. Esse jovem subiu as escadas do Museu Nacional e veio entregar-me o papel. Nele estava escrito: Rua Ústavní, número 91.

Era o mesmo endereço que Prüter nos dera, alegando ser a localização de Gouzenko.

Com a ajuda de Horácio, Krupp puxou para fora do veículo um tapete enrolado e mais pesado que o normal. Do modo como caiu, denunciou envolver um corpo.

Minha Nobre Verdade

ESSE TAPETE PARECIA CONTAR UMA HISTÓRIA. O desenho dos beirais, os arabescos enroscados às folhas, lanças e rosetas e a flor de lótus ao centro fizeram-me lembrar do tapete do hall de entrada da casa dos guardiões à beira do lago. Talvez fosse o próprio.

– Encontrei o que procuravas – gritou Horácio. – Dolores está aqui, em sono eterno.

De qual outra Dolores poderia se tratar, essa envolvida pelo tapete, a não ser da que mais viajara em minha mente? Aquela que passeava no templo antes de se jogar no lago, ir parar no Vltava, desaparecer do galeão de Kepler durante a tempestade e emergir do lago outra vez para reencontrar a virilidade indesejada de Krupp. Ali estavam os últimos homens que a torturaram naquele dia. Tinha de ser Dolores Valentim. Mas com que certeza poderia dizer qual Dolores seria qual, uma vez que meu próprio *eu* desdobrava-se continuamente? Qual dos muitos que fui se aproxima de quem sou verdadeiramente? Eu não sou apenas um. Ela também não poderia ser.

– Reconheces estes dois? – perguntei a Benjamin.

Ele fez que não.

– Não? Não lembras mesmo? Aquele ali está um pouco mais velho, mas é o que torturou Dolores no galeão e depois foi lançado ao mar graças à tua ajuda. O outro é o capitão Wooland.

– Não sei do que estás falando.

Horácio apontou para Benjamin, como se o convocasse. Benjamin deu um passo para frente, e Horácio lançou-lhe algo como um embrulho.

Benjamin desdobrou o tecido. Era uma camisa de força.

Ele começou a vesti-la. Enfiou um braço, mas foi interrompido pelo velho Krupp:

– Não, idiota. É para ele.

Benjamin olhou da camisa para mim e voltou para a camisa. Permaneceu pensativo por um tempo, sem sair do lugar, talvez desgostoso com o que ponderava. Essa falta de prontidão levou Horácio a chamá-lo, para que pudessem falar. A isso Benjamin acedeu de pronto.

Krupp colocou um objeto nas mãos dele, enquanto Horácio lhe segredava algo ao ouvido. Depois, também Krupp lhe disse algo. Benjamin apontou para o corpo de Dolores, fazendo-lhes uma pergunta ou afirmação.

Então, ele retornou. Era uma adaga o que recebera. Subiu os degraus empunhando-a firmemente.

Quis duvidar de que seria capaz de fazer-me qualquer mal, mas ele havia mudado muito desde que fugira.

– O que te disseram?

Ele encostou a ponta da lâmina na minha barriga e, mesmo sem fazer pressão, pude senti-la ameaçadora, tão afiada estava.

– Não vamos nem fingir que foi difícil – ele disse. – Pegarás da minha mão e farás o que tem que ser feito.

– Como?

– Pega isto assim que eu disser. Rápido, de um jeito que a dor não perdure.

– Fala o que esses dois disseram!

– No fim das contas, deves fazer como o tal palhaço te disse...

– Por que mudaste de ideia assim? Fala!

– Vamos logo, Benjamin! – exclamou Horácio.

Benjamin fez parecer que acatara a ordem: enquanto manteve a lâmina contra a minha barriga, com a outra mão estendeu-me a camisa de força, para que eu a vestisse.

– Finge que me obedeces – ele me disse.

Enfiou um braço e depois o outro.

– O que te disseram? – não desisti de perguntar.

– Mal amarrarei, ficará frouxo para que te soltes antes da hora.

– Por que estás fazendo isso?

– Porque tu mereces descobrir a verdade. É por isso. E porque, apesar de tudo, sou teu amigo.

Benjamin foi amarrar as mangas às minhas costas.

– Que verdade?

– Ela não morreu como pensas. Tu não tiveste culpa alguma.

– Não entendo. Dolores?

– Se for eu a te dizer, não *sentirás* a verdade.

Descemos até o último degrau e só então notei que o conflito entre o povo e o Exército invasor havia parado. Eu não podia enxergar até o fim da Venceslau, mas até a estátua principal todos haviam se virado para me observar, e era de se concluir, pelo silêncio no restante da avenida, que também os outros tivessem cessado o confronto, embora fosse impossível que me avistassem no museu.

Era como se eu fosse a fonte de toda aquela desavença política, e minha liberdade o motivo da invasão, pois inclusive os russos demonstravam profundo interesse no que me sucederia.

– Diante de todas estas testemunhas – disse Horácio –, declaro-te culpado.

Então, ali, mais de perto, olhei para a pobre Dolores. Eu a fizera sofrer tanto. Seu corpo ainda estava esquelético pelo tempo que passara aprisionada nos porões do galeão de Kepler. Se eu ao menos tivesse deixado que o suicídio se completasse no lago e não a levasse de um lado para outro, talvez ela tivesse sofrido menos no imediatismo da morte com os crocodilos. Ou, então, que eu a salvasse do salto no templo, que chegasse lá a tempo e a fizesse entender que poderia encontrar a solução e, quem sabe encontrasse ali mesmo, no budismo, a salvação que eu encontrara um dia.

Apesar de conhecer a dor de estar preso num corpo fadado a morrer, jamais pude entender o despreendimento do ser que renega o princípio básico de sobrevivência e se decide incapaz de lutar pelo próximo segundo vivo. Mesmo eu, com todo o meu desequilíbrio, jamais pensei em colocar uma arma contra minha própria cabeça, e motivos – outros concordariam – não me faltaram.

Horácio e Krupp retiraram da viatura duas estruturas de madeira, que se encaixavam para formar outra, parecida com uma janela sem

vidro.

– Você deve estranhar esta máquina – disse Horácio. – Numa guilhotina tradicional, a entrada da cabeça serve para a eficácia do encontro da lâmina com o pescoço, pois permite que a cabeça não se mova muito, o que é comum quando a pessoa ouve a lâmina cair e se amedronta. Mas com esta aqui não temos muito controle sobre seus movimentos. Você se deitará e verá a lâmina cair, poderá tentar se mexer e acabar se ferindo de um modo pior. O interessante é que ela fica muito mais próxima do chão, o que reduz a força do impacto. Então talvez tenhamos de fazer cair mais de uma vez. Faremos quantas forem necessárias.

– Alguma vez já imaginou como seria perder a cabeça? – disse Krupp. – Digo, literalmente, pois do sentido figurado você já entende o bastante. Como será para a consciência continuar ativa no cérebro por mais alguns segundos depois que a cabeça tiver se separado do corpo? Quem sabe isso leve mais que apenas alguns segundos. Existirá dor? O que pensará vendo o mundo de uma posição tão ingrata? Ainda será capaz de mergulhar em outras mil e uma alucinações? Haveria todo esse mundinho lá dentro dos seus olhos? Se houvesse, em algum momento iria parar e, enfim, viria o silêncio que tanto precisa conhecer. Estamos certos de que esse é o fim que merece. Daqui não deverá passar. E não há *nada* que você possa fazer.

– Nada?

O nada é um conceito tão difícil de imaginar, pelo vazio que propõe. Sozinho, o *nada*, a palavra, tem seu efeito mais próximo do ideal, mas, junto de qualquer palavra, perde seu sentido, ou ganha sentidos que não deveria. Algumas línguas vulgarizam a combinação e chegam ao ponto de usá-lo comumente com o *não*, uma dupla negativa que na poesia pode surtir efeitos edificantes. *Não há nada* é uma provocação filosófica. *Se não há nada, então algo há*, foi uma das primeiras frases com que importunei a professora do ensino fundamental. Mas a língua é filosofia disfarçada.

Não há nada no deserto. Ou nada há no deserto?

O fato é que há no vazio do deserto o solo mais fértil para os nossos significados. Seja esse vazio o nosso vazio interior, o vazio da

ausência de sentido e explicação para o que desejamos ver explicado, ou então o vazio deixado por alguém que partiu. Esses *nadas* são tudo para a mente que deseja criar sentido e dar respostas. O vazio permite o crescimento da culpa. Quando o vazio encontra a mente solitária de uma criança, ele dá ao ego a chance de julgar a si mesmo como culpado e, então, suscita o estabelecimento duradouro, mas ainda ilusório da culpa.

E somente uma ilusão é capaz de dissolver outra ilusão. A ilusão primordial, aquela que nos acompanha desde o início das más interpretações da infância, só essa nos revela e dissolve todas as outras ilusões que determinam nossa relação com o mundo. Essa é a liberação da culpa. Liberação que vem do reconhecimento do estado ilusório, da tomada de consciência das circunstâncias que se unem ao evento do qual nos culpamos ao pensar ter ele dependido tão somente de nós mesmos.

– Você disse que sou culpado – dirigi-me a Horácio. – Culpado de quê?

– Você é um assassino. Seu lugar é aqui entre nós, o mundo lá fora não deve sofrer as consequências de vê-lo outra vez.

– Presumo que a esta altura não faria muita diferença se lhe contarmos quem somos e o que desempenhamos – disse Krupp. – Faria?

– São os guardiões do lago, e o lago é a minha consciência. Isso eu já pude entender.

Krupp se espantou. – Como suspeitávamos, você chegou mais longe desta vez!

– Desta vez?

– Como a roda que gira e o eixo que não diferencia o início do fim – respondeu Horácio –, seus delírios se sucedem num passar de tempo incessante e maior que aquele tempo que pode ser medido. Toda vez utiliza os mesmos arquétipos, mas raras vezes chegou a precisar de mais de uma intervenção nossa. Então, é evidente que alguma parte sua o está ajudando desta vez.

– Mas, não se preocupe, Rupert – disse Krupp. – Você está perdendo o que não merecia ganhar.

Krupp testou o funcionamento da guilhotina, puxou uma parte da madeira no topo que segurava a lâmina. A lâmina mostrou quão pesada era, pois imediatamente ganhou velocidade e caiu de uma vez até o chão.

Horácio então retirou de dentro da van uma maca e deitou-a alinhada ao corte da lâmina. Pediram a Benjamin que me levasse até próximo da maca. Antecipei qualquer movimento de Benjamin e eu mesmo coloquei-me diante da maca, entre Krupp e Horácio.

– Vejo que, mesmo com toda essa luta, você continua entendendo o que é melhor para você e para todos nós – disse Horácio. – É bom que colabore consigo mesmo, pois é isso que somos: um só. Por favor, deite-se.

A maca possuía ataduras de couro para manter meus pés presos e um cinto para prender-me pela cintura.

Se eu iria agir, tinha de ser antes de me deitar.

– Agora, Rupert – disse Benjamin.

Horácio e Krupp não imaginavam que Benjamin estivesse se referindo a outra coisa que não fosse obedecer e fazer-me deitar para o sacrifício.

Krupp era o mais fraco dos dois, leve e velho. Soltei então meus braços do nó falso que Benjamin fizera e de uma vez só o empurrei com toda a força. Ele bateu a cabeça na van e caiu.

Benjamin puxou Horácio para a maca e, com a adaga em sua garganta, o obrigou a deitar-se. Ele não obedeceu, naturalmente; então, Benjamin o derrubou, e soltei a lâmina em suas costas, um palmo abaixo da linha do ombro. Foi o bastante para ele não mais se mexer, o peso da lâmina o impediria de qualquer jeito.

Krupp, caído, ainda tentou dar ordens a Benjamin. Mas Benjamin ficou parado, nenhuma expressão em seu rosto.

Então, colocou a adaga em minha mão, dizendo:

– Agora é a tua vez. Acaba logo com isto. Não quero viver, se não puder ser livre para ser eu mesmo.

Vi em seus olhos o desejo verdadeiro de que fosse levado a sério, e vi naquilo e na obediência ao Arlequim a única real oportunidade de um resultado diferente. Merecesse ou não a libertação da minha prisão, devesse ou não o mundo me reconhecer

como um dos seus, eu tinha que insistir no meu direito a enxergar tudo outra vez. Dolores não havia morrido por minha culpa. Ela fora roubada de mim. Eles a mataram. Eu era apenas um observador. Houve um tempo em que eu não estava consciente. Agora a ideia ressurgia com aquela imagem, primordialmente, em sua verdade simples e crua. Eu não fora o culpado. Uma ideia simples, mas que não se resumia a essa frase, vinha imbuída de uma convicção inteiramente nova. Todos os olhos da cidade sabiam disso. Entre as muitas causas que percebi como portadoras de dor e sofrimento para mim, a minha culpa não constava mais. Tudo estava nela, o terror e o antigo medo.

Benjamin ajoelhou-se de costas para mim.

– O que eles te disseram, Benjamin?

– O que já sabes... Que todos nós estamos dentro de ti. O único arquiteto daquilo que desaba sobre ti és tu mesmo. Deixes de temer. Só deixarás de temer tudo o que conheces quando conheceres tudo o que temes. Tu não tiveste culpa alguma pela morte dela.

– Eu agora entendo que você existe, amigo – eu lhe disse. – De verdade. Eu me lembro de você agora, Benjamin. Eu sinto muito.

A posição possibilitava-me uma investida mortal, tal qual a coronhada desferida contra a cabeça dele em Cádiz.

– Peço perdão por ter lhe dado uma consciência e a certeza de que era dono dela. Espero que pelo menos isso você não sinta.

Segurei-o pelo ombro, para que não se mexesse e levei ao alto a mão com a adaga. Descendi o mais forte possível, para que uma entrada da lâmina bastasse. Mirei a nuca, mas a adaga encontrou o lado direito da cabeça e perfurou o cérebro pela linha enviesada a partir da orelha.

Benjamin não fez som nenhum. Perdeu o equilíbrio e caiu de bruços.

Perguntei aos cidadãos que assistiam a tudo se algum deles tinha um coquetel à mão. Um jovem trouxe sua mochila. Pedi-lhe duas garrafas. Abri uma com cuidado e a virei sobre a cabeça. Senti o líquido todo me banhar enquanto repetia em voz alta: *meu corpo não sou eu. Eu não estou em meu corpo.*

O jovem se afastou às pressas.

A outra garrafa tinha o pano que deveria garantir o mecanismo de ignição pelo impacto. Joguei-a no chão com toda a força que tive.

No Lugar Dele

QUEIMAVA-ME POR DENTRO, EU NÃO SENTIA o fogo rasgar a pele e os nervos, mas subir pelas costas e se concentrar no pescoço.

Doía a cabeça exatamente onde a adaga entrara em Benjamin e as costas onde a lâmina acertara Horácio. Essas associações me fizeram enxergar Venceslau e me lembrar dos tanques esmagando pessoas. Vi as pernas de Matryona, mas logo em seguida não sabia se eram pernas de uma mulher ou de um homem, ou se os tanques tinham mesmo esmagado alguém naquele dia. Tudo se dissipava, como no despertar de um sonho, e só me restava uma imagem cheia de cores e certezas: a de Dolores, esquelética e em farrapos, deitada sobre o tapete.

– Não se preocupe, você está vivo. Como lhe prometi, despertaria aqui se fosse corajoso o suficiente para fazer o que fez.

O Arlequim ocupava os dois bancos à minha frente, estava largado, quase deitado, com os pés apoiados na janela.

– Agora ficou o mais próximo que pode ficar do seu corpo físico, antes de se reunir ao espiritual. O que experimentou em Praga é o que seu antigo mestre budista chamaria de morte antes da morte.

A paisagem em movimento era plana e desértica, não se via início de propriedade nenhuma, tampouco razões para que alguém desejasse possuir terras tão mortas.

– Gostaria de revê-lo – eu disse, sentando-me direito no assento –, pergunto-me se ainda está vivo.

– Seu mestre? Revê-lo para que, se agora tem a mim? Não sou um *bodisatva* de aura infinita como ele, mas serei seu mestre daqui para frente.

– Percebo que não me recordo das coisas que fiz tão bem quanto das que sei não ter feito. Está tudo tão misturado. No sonho, os guardiões apareceram em Praga e me disseram que sou um assassino.

– Eles queriam te manter preso à culpa.

– Mas, o que eu fiz?

Ele não respondeu. Fitava-me daquele seu jeito estranho, como se eu não tivesse feito nenhuma pergunta.

– Eu não a matei, disto tenho certeza.

– Esta é a única certeza que precisa ter. Você foi o melhor que poderia ter sido.

– Ela estava aqui... Não estava?

– Dolores? Estava, claro.

– Onde...

– Foi para outro vagão. Por algumas horas, observou-o dormir. Mas, de repente, se levantou e foi por aquela porta.

O trem fez uma curva acentuada para a direita. Fiz menção de me levantar.

– Você deve ficar. Deixe-a. Ela agora está onde precisa estar.

Levantei-me mesmo assim. Fui até a porta, mas não consegui abri-la. Estava trancada do lado de cá, com um cadeado, e não havia ninguém além do Arlequim e eu deste lado. Só ele poderia ter trancado.

– A chave, me dê! – exclamei.

– Eu não tenho a chave. Acalme-se. Se você a trancou foi por uma boa razão. Na próxima estação todos nós desceremos. Irá revê-la. Você está seguro comigo, garantirei que nada o impeça de entrar em contato com ela. Certo?

Sentei-me, e ele se levantou para alcançar a bagagem de mão no compartimento acima da minha cabeça. Era uma maleta preta, de couro envelhecido, mofado. Ele a abriu e mostrou-me. Eram vestes pretas. Ordenou que eu as vestisse, ou então não me receberiam bem.

Só depois que as vesti percebi que não cheiravam bem.

– Estão fedendo.

– É o charuto do seu tio... – disse o Arlequim. – Mais dez lavagens e uma década ao ar livre não fariam este cheiro sair.

O trem desacelerou.

Tentei avistar pela janela alguma placa que indicasse a estação. Mas nada havia.

– Estamos chegando – ele disse.

– O que devo fazer agora?

O Arlequim ficou na ponta dos pés para alcançar alguma outra coisa no fundo do compartimento superior. Tateou, tateou, mas nada achou. Então se agachou e, embaixo do meu assento, encontrou o que queria. Um quepe preto com uma caveira de metal encravada no centro. Ele o colocou em minha cabeça e respondeu-me com uma pergunta:

– O que teria feito no lugar dele?

Todo Lugar é Aqui

ALGUNS SE VESTIAM BEM COMO EU, PROTEGIDOS do frio nesse uniforme primorosamente montado por algum alfaiate tão competente quanto Benjamin. O restante, a maioria, trajava um pedaço de pano capaz apenas de impedir a nudez. Mas chegavam outras pessoas, cada uma vestida a seu modo, saindo de um dos vagões do trem e sendo logo tocadas, como animais, para que formassem uma fila. Dolores não estava ali, havia apenas homens e meninos nesse grupo. A fila veio até a cerca que nos separava deles. Do lado de lá, um homem uniformizado como eu avaliava cada um e apontava para a direita ou para a esquerda, assim formando duas novas filas; uma fila era daqueles visivelmente mais debilitados, curvados de cansaço ou doença, de cenho desfalecido; a outra, daqueles que ainda tinham algum viço no rosto e a coluna ereta. Esta, que tinha mais crianças, veio na minha direção, e então coube a mim encaminhá-los. Segui intuitivamente para o pavilhão mais próximo e os deixei numa antessala espaçosa, onde esperaram, temerosos, sem saber pelo que esperavam. Até que vieram outros oficiais, que estenderam cobertores no chão e ordenaram que ali fossem jogadas as posses, todos os alimentos enlatados que por algum motivo ainda tivessem, todas as joias e todos os relógios. Os encarregados de manejar os objetos eram prisioneiros mais antigos, que colaboravam na ordenação e no destino do que era jogado sobre os cobertores. Quando a movimentação cessou e supôs-se que todos houvessem entregado tudo o que tinham, o guarda ao centro foi até o cobertor e se agachou para pegar, entre os relógios, um que o agradasse. Encontrado um, dourado e de bolso, ele voltou ao centro e gritou, olhando para os ponteiros:

– Em dois minutos vocês têm de estar completamente nus! Atirem tudo ao chão; nada podem levar, exceto sapatos, um par de óculos e, no máximo, o bragueiro de quem tem hérnia. Vou cronometrar dois minutos: já!

Enquanto se despiam, desesperados, um dos prisioneiros antigos que colaborava com a tarefa de separar os pertences veio entregar-me um envelope, dizendo ser uma carta, e uma foto. Eram pertences dos quais um dos homens, que naquele momento se despia, implorara a permissão de não se desfazer. Eu disse que depois do banho devolvesse a foto ao sujeito. O envelope com a carta guardei em meu bolso.

Em seguida, passados os dois minutos, começaram a açoitar os corpos para que seguissem para a próxima sala. Foi quando saí.

Lá fora, a fila dos que foram considerados debilitados demais para sobreviver aos próximos dias ainda seguia rumo a um pavilhão a menos de duzentos metros, do qual despontava no céu nublado uma chaminé fumegante.

Aqui e ali, figuras esqueléticas se ocupavam com a limpeza de latrinas e com o transporte de excrementos pelo terreno acidentado, algumas inevitavelmente eram atingidas no rosto por alguns respingos. Avistei um espectro desses, que me surpreendia por ainda conseguir manter-se de pé sobre pernas tomadas por hematomas e mais finas que os joelhos. Parou por um segundo para limpar o rosto, e tão só por isso foi açoitado. Ele não se aguentou de pé e, caído, apanhou mais, agora sob o pretexto de que tinha de se levantar.

Do outro lado de uma grade imediatamente ao meu lado, encontrei os olhos de um menino que me encarava decididamente, de um jeito que nenhum outro me olhara. Ele não devia ter mais de dez anos, não emagrecera como os outros, por isso deviam julgá-lo ainda capacitado para o trabalho. Mas talvez não houvesse mais calçados que lhe servissem, pois trabalhava descalço na neve, com o tornozelo roxo e todos os dedos do pé enegrecidos. Nenhum deles tão mortos quanto o seu olhar.

CHOVERIA EM BOHNICE. Até onde eu podia ver, as cores douradas da tarde se apagavam prematuramente do outro lado dos muros, a qualquer momento o vento desceria dos montes e traria a água que já devia cair por lá.

O branco amarelado de roupas com cheiro de urina encobria minha vista. Era meu vizinho de leito, Benedikt, o primeiro a voltar do passeio da tarde, ao qual somente eu e os mais doentes, enjaulados em suas camas, não tínhamos ido.

– Um paciente da ala dos autistas escapou – ele disse. – Eu sei, você provavelmente está se perguntando como ele pode ter sido capaz. E deve estar concluindo que, se ele conseguiu, nós também podemos conseguir.

– Não, nada disso... Na verdade, eu estava pensando que devem ter errado no diagnóstico dele. Como ele saiu?

– É o que ninguém sabe! Deram falta dele hoje de manhã. Procuraram o dia inteiro, até descobrirem que ele estava na quadra aqui do lado, sentado no ponto de ônibus! Ele aceitou voltar tranquilamente.

O muro era alto, e o sistema de segurança confiável. A única forma de sair que imaginei possível seria pelo portão principal, e o autista não poderia fazê-lo sem ser visto.

– Isso me faz lembrar do Teodor... – disse Benedikt, indo sentar-se em sua cama.

Começara a chover. Deixei a poltrona e fui até a janela para ter uma visão melhor do complexo.

Teodor estava lá fora na cidade, recebera alta pouco depois que cheguei. Mas antes de assinarem sua alta, ele sumira. A diferença é que durante as buscas ninguém se dera ao trabalho de procurá-lo no ponto de ônibus. E ele estava lá, exatamente como o autista. Retornou por conta própria, dizendo-se perdido, sem saber que ônibus pegar para ir para casa. Todos sabiam desse ocorrido. Como era possível que ele conseguisse escapar, decidisse voltar e, ainda assim, menos de dois meses depois, recebesse alta? O sujeito gerou certo fascínio. Talvez as outras alas também conhecessem essa história, talvez o autista tivesse assimilado isso do jeito errado e

concluído que, uma vez do lado de fora, ir para o ponto de ônibus fosse o melhor a ser feito.

– Ainda escrevendo isso? – perguntou Benedikt, chafurdando entre os papéis sobre a minha cama.

– Tire a mão daí.

– Ninguém vai querer ler uma loucura dessas.

– Os médicos concordam que é uma prática funcional.

– Nem eles leem. Só querem mantê-lo ocupado... tanto faz se for escrevendo com giz de cera colorido ou cutucando as paredes com uma espátula invisível.

– Acontece que isto está me ajudando mais do que podem imaginar.

– Eu diria o contrário, justamente o contrário. Olhe só.

Ele pegou um dos papéis e leu um ponto qualquer numa voz jocosa.

– *Eu adoraria ter visto a cidade ser invadida e destruída naquele instante; poderiam antecipar os tanques e bombardear o castelo, de preferência durante um de seus bailes tolos e tão irritantemente desejáveis; que queimasse com todos dentro, mulheres, idosos, não me importa; que lá de fora, das alturas da capital, se visse restar de luz apenas o fogo. Mas deveriam poupar o que fosse antigo. Como as estátuas. Eu gostava de tê-las me olhando quando passeava por aí, eram visões petrificadas tão poderosas e reais quanto as de qualquer pessoa viva ou morta com quem cruzei o olhar. Que grandessíssima merda é essa? Hein? Aposto que nem você sabe explicar.*

E pegou outro papel.

– *Minhas orelhas estavam no nível das águas, então a maré trazia-me o comunicado na ondulação, que me molhava com o som: mata-o. Lembrei-me uma vez mais do negrinho e meu coração saltou. Tu limparás a nossa terra de sua ira. Mata-o, lamentando ser apenas um diante da tua mira. Que estupidez é essa?*

– Lendo com essa voz qualquer coisa fica estúpida. E eu posso explicar qualquer coisa daí. Isso é uma memória de infância que recuperei aqui, meses atrás, depois de uma noite inteira tremendo

de frio e acordando com vozes e imagens. Eu tinha dez anos, ou menos, e...

– Não percebe? Você continua delirando como eu! Se isso tem alguma função é de enobrecer seu delírio, elevá-lo a um status de escritor. Nada disso o deixou mais próximo de receber uma alta, teria tido o mesmo resultado se passasse esse tempo todo babando no ombro do velho do gamão.

– Por que tem de ser tão negativo? Não estou pedindo que leia. Não preciso da sua aprovação.

– Mas precisa sair daqui. E eu também! Então pare de gastar tempo com essas inutilidades, prove que é mais inteligente que aquele autista e tire a gente daqui!

Ele se sentou na mesinha de cabeceira, sobre outros escritos meus. Então primeiro recuperei os papéis que ele tinha em mãos para depois empurrá-lo com toda a força. Ele era magro demais, foi parar a metros da minha cama, trombando com o enfermeiro que acabara de entrar trazendo numa bandeja copinhos com comprimidos. Com a queda de todos os copinhos, dois pacientes dos mais bobos riram e chutaram os comprimidos para longe. Benedikt pegou um para tomar e foi catando os outros, um por um.

À noite, tirei proveito, como de costume, de que os outros dormiam cedo. Peguei o lápis de cera debaixo do colchão e comecei a reler a parte em que eu havia parado a escrita. Àquela hora, era preciso forçar a vista devido ao escuro do quarto. Eu já havia pedido uma vez à enfermeira mais gentil que fizesse a delicadeza de me conceder uma vela, mesmo que fosse só de vez em quando, se tivesse que depender de seus turnos, mas ela lamentou não poder ajudar, dizendo confiar em mim, mas temer a ação dos outros. Naturalmente, não era viável colocar uma arma tão perigosa quanto o fogo perto de mim, de Benedikt e dos outros. Restava-me, então, lutar com a luz caramelo que ia e vinha pela janela ao lado da minha cama, ao sabor das sombras inquietas da árvore que chacoalhava lá fora.

Como essa era uma noite de ventania, as idas e vindas da luz embalavam-me a consciência num torpor oriundo mais dos medicamentos do que do cansaço do dia. Cansaço de que, afinal?

Nada fazíamos, a não ser perambular. Reli a mesma frase dezenas de vezes, sem prestar atenção nas palavras, apenas movendo os olhos pelas letras, que ora sumiam, ora reapareciam em seu tom verde. Era melhor que não me dessem uma vela mesmo. Numa noite de destempero poderia decidir dar fim ao ronco de Benedikt, acordando-o com o fogo em seus lençóis. Sem perceber, pousei o lápis sobre o papel e adormeci escrevendo.

Segundos depois, acordei e vi duas palavras novas. *Tem cheiro*. Para quem nunca passou por isso, pode parecer louco, mas o cérebro humano realmente é capaz de escrever enquanto dorme. Voltei a ler desde o início. Eu estava na China, num lugar que seria infinitamente mais capacitado a curar minhas alucinações. Li até onde o papel ficava branco novamente. Mas não consegui dar continuidade, os pensamentos agora invejavam o autista e, como se ele tivesse reaberto a noção de que havia um mundo lá fora, eu só conseguia circundar a ideia de que era hora de voltar para aquele mundo. Resolvi sentar-me na cama. Larguei os papéis e sentei-me como meu mestre me ensinara. As pernas estavam desacostumadas e, em poucos minutos, a posição de meio lótus já fazia meus tornozelos latejarem e os músculos da perna repuxarem. Mas, continuei firme e meditei, com a intenção de encontrar meu próprio caminho para fora dos portões de Bohnice.

NÃO PENSE QUE A RAIVA é exterminada da alma dos monges. A minha raiva não é diária, mas quando surge é desenfreada, vem sem aviso prévio. Não percebo que estou me incomodando com algo e, depois, continuo sem saber o que me incomodou. Aqui neste lugar não há motivos aparentes para o destempero. Mas talvez sejam justamente essa tranquilidade toda e essa rotina perfeita que prejudiquem o escape da irritação e o senso de sua origem. Nos meses precedentes a esta manhã em que acordei com a notícia da morte do décimo terceiro Dalai Lama, eu vivia irritado, impulsivo e pesaroso com as coisas mais insignificantes, como os gestos desengonçados de um ou outro monge, ou o andar plácido de

alguns mais velhos. Eu lhes dava apelidos mentalmente quando me irritavam, de modo que os pensamentos ruins devem ter se repetido por mais vezes que os mantras.

Meu mestre diria que estou errado, mas hoje penso que o mundo se divide entre as pessoas que se dão o direito à felicidade e as outras que não se dão. É claro que mesmo estas, as mais frequentemente infelizes e irritadas, vez por outra encontram algum ar puro e celebram pequenas felicidades, mas para elas é sempre tudo muito fugaz, logo voltam a se recobrir com um ar de desgosto, avessas a enxergar o que têm no presente e o que podem ter no futuro. Para elas, o presente é cinzento, e o futuro, claustrofóbico. Meu mestre diria que todas as pessoas são assim. Sempre insatisfeitas e em busca, e sempre consumindo imediata e inteiramente o que conquistam. Acesso à verdadeira felicidade teriam somente aquelas que não buscassem e que não consumissem, e por isso mesmo florescessem e acumulassem a sensação de bem-estar. Mas não há como medir, não há como ter certeza de quem é e quem aparenta ser, há? Em suma, não há como saber o que é a felicidade.

– Como saber, mestre, se o que esse esvaziamento das necessidades mundanas faz sentir é o bem-estar da felicidade ou o bem-estar de não sentir coisa alguma?

– Por que diferenciar? Parece-me estar falando de duas coisas iguais.

– Se a felicidade for o não sentir, se for a vacuidade, se ela precisa do vazio de todas as sensações e sentimentos, então ela não existe de fato.

– Por que não?

– Pois se é preciso abrir mão de tudo o que *eu* sou, de tudo o que este corpo foi feito para sentir, renuncio à minha própria existência, a mim como indivíduo, não no sentido do individualismo, mas no sentido de uma alma, uma essência, o que quer que chamem, que *precisa* de um corpo para viver e, portanto, depende das sensações dele para cumprir seu papel.

– Você mudou a questão, não percebe? Agora me parece ter outra dúvida: só existo à medida que esse corpo existe e sente que

existe? Quem eu sou sem meu corpo? Sou alguém ou dependo das limitações desse corpo para ser?

– Eu já aprendi aqui as respostas para essas perguntas.

– Não. Não aprendeu. Se tivesse aprendido de verdade não diria o que acabou de dizer.

– O que eu quis dizer é que...

– O que você *disse* é que renunciará à sua existência se optar pelo não sentir. Por acaso já se esqueceu de *anatta*? Sua primeira lição! Não somos um só. Eu não sou. Você não é.

Ele se referia a uma das três marcas da existência na tradição budista. *Anatta* significa o não eu. *Dukkha* é o sofrimento, *anicca* é a impermanência.

– O *não eu* e a *impermanência* são respostas às suas questões. O que então me leva a perguntar: se concordamos que você e eu existimos tanto quanto uma borboleta e uma montanha, o que nos difere? A montanha existe, mas não sente. A borboleta existe e sente, mas não pode reclamar do que sente e de que existe, ela apenas sente e existe e, portanto, não sofre. Em outras palavras, o que nos diferencia é que podemos pensar sobre o fato de existirmos. E então sofremos. Tanto pensamos, que achamos ter nossa existência mais valor do que essas outras existências. Mas só pensamos isso porque *sentimos* medo: medo do sofrimento, medo dos animais e das florestas escuras, medo de perder quem nos alimenta quando ainda só sabemos chorar. Se conseguirmos abrir mão do medo e de todos os outros sentimentos, que derivam apenas dele, então nos resta uma única coisa a nos diferenciar de tudo nesse mundo e a garantir a existência no sentido que você deseja entender: o pensamento. O pensamento livre de qualquer amarra do corpo é o pensamento mais próximo do conceito de divindade e o único bem-estar que ousa chamar de felicidade.

Era tudo o que eu precisava ouvir naquele dia, apenas sorri e baixei a cabeça em agradecimento por ele se dedicar tanto em responder a um ocidental impertinente e esnobe como eu. Mas, agora que revejo essas palavras, meu atrevimento ressurgiu na forma de mais uma pergunta que eu poderia ter feito, se tivesse pensado na ocasião: Não é também o pensamento um sentir? Uma

sensação criada por milhões de reações químicas do cérebro? E, como todo sentir, não deveria ser renunciado?

Ao que ele certamente responderia com uma clareza e um conhecimento que eu gostaria de ter comigo para poder responder a mim mesmo. Quem sabe ele dissesse que existem dois pensamentos, um da mente e um do cérebro... E que a ascese daria cabo dos pensamentos do cérebro, puramente químicos.

A ascese nada mais é do que a renúncia do prazer e de outras necessidades básicas, a mortificação das necessidades, a negação do indivíduo e do corpo ou, como Schopenhauer acrescentaria, o aniquilamento do querer por meio do contato direto com o sofrimento. Para o budismo, trata-se da renúncia de prazeres mundanos, o exercício de restringir hábitos alimentares e sociais, por exemplo, para assim provar que se está livre do corpo.

O caminho para a ascese, contudo, acarreta efeitos colaterais naqueles que não estão preparados para recebê-la. Nem todos podem desfrutá-la, assim como nem todos podem encontrar a felicidade.

No Templo Suspenso, seguíamos o Caminho do Meio, isto é, tínhamos o exercício da ascese suavizado, tal qual fora proposto pelo próprio Buda no Sermão de Sarnath. Porém, uns e outros, talvez não mais de dez monges, todos muito jovens ainda, decidiram opor-se aos costumes do templo e seguir o caminho mais extremado. Comiam muito menos do que nós; às vezes, só os víamos no refeitório duas vezes por semana, e inventavam rituais diários penosos, como meditar sob o sol, sentados de cócoras sobre pedras grandes para lá dos jardins, onde não havia sombra que os protegesse, nem correntes de ar que refrescassem a pele. Nos dias em que não comiam, apenas bebiam água, não mais que um copo a cada três horas. Também acordavam antes de todos e caminhavam descalços pelos passadiços rentes à montanha, quando o sol ainda estava por nascer e o frio da madrugada pungia e repuxava as costelas. O ascetismo extremo como caminho para a libertação do sofrimento acabava por levá-los a um estado físico deplorável. Dia após dia nos surpreendiam, aparecendo para as meditações em grupos cada vez mais esqueléticos, o rosto ressequido, os olhos

saltados, a roupa dependurada sem encontrar nenhuma forma a delinear. Os mantos eram a única coisa que lavavam, mas a falta de banho não seria notada, pois não fediam. Quanto a isso, diziam molhar a nuca somente, o que não fazia sentido.

Era impossível não me lembrar do próprio Buda. Não visualize Buda como o gordo que as estatuetas ao redor do mundo comumente retratam. Em um dos momentos críticos de sua busca pelo conhecimento da vida, Buda não era muito diferente desses monges esqueléticos. Buda era Sidarta Gautama, um príncipe que recebera do pai tudo o que poderia desejar: iguarias, dançarinas e três palácios construídos especialmente para ele. Em contraponto, Sidarta era introspectivo, as luxúrias não o privaram das reflexões sobre a vida, embora o pai, por medo de perdê-lo, e no desejo de transformá-lo em rei, o aprisionasse àquela vida para que não tivesse outra coisa em seus pensamentos a não ser o poder e o senso de hierarquia. Justamente esse contraste, porém, cultivou na natureza altruísta do príncipe um olhar cada vez mais atento àqueles que não desfrutavam do que ele desfrutava. Sidarta compreendeu a insignificância dos prazeres conforme teve contato com o mundo de fora, com o sofrimento dos doentes e dos idosos, tão distantes de sua realidade. Ele se dava conta de que a riqueza material irrestrita não era o objetivo da vida. Aos 29 anos, abandonou o palácio e a família e partiu para a sua busca espiritual.

O primeiro mestre que teve foi Alara Kalama, que o introduziu ao ensinamento do "reino do nada". Alara praticava a automortificação como prova de sua liberdade do corpo. Por seis anos consecutivos, com Alara Kalama e também na companhia de cinco eremitas mendicantes, Sidarta praticou aqueles terríveis exercícios aliados a uma penitência de inanição tão árdua que, segundo o registro de suas palavras, "tornaram-se como restos de juncos secos todos os meus membros, como cascos de camelo minhas ancas, uma corda ondulada minha espinha e, assim como numa casa em ruínas os caibros em declive da cumeeira estão todos à mostra, minhas costelas inclinadas ficavam aparentes, devido ao rigor do jejum. E quando eu tocava na superfície de minha barriga minha mão tocava minha espinha, quando alisava meus membros os pelos com a raiz

morta saíam em minhas mãos”. O fim veio num dia em que se banhava no rio. Tamanha era sua fraqueza, desmaiou e quase se afogou.

Decidiu, então, abrir mão daquilo e recobrar a saúde para encontrar as respostas de outro modo. Os mendicantes, chocados, tomaram seu ato apenas como uma desistência. Mas ele estava convicto. Classificou aquela prática desenfreada como “tentar dar nós no ar” e partiu. Encontrou as respostas sem precisar daquela falsa conquista de esvaziamento. O que devia buscar era a vacuidade, não o *nada*. Por isso, em nosso mosteiro, fora cogitada a expulsão desses monges ascetas, para que não servissem de atração para os iniciantes – que corriam o risco de ignorar os ensinamentos primordiais e de sentirem-se, por comparação, mundanos transgressores de um caminho ideal. Mas não foram expulsos, e diariamente tentávamos convertê-los ao caminho saudável. A última vez que vi um desses ascetas desmaiar foi na mesma manhã em que acordamos com a notícia da morte do décimo terceiro, no dia em que acabei por levá-los à morte.

EU ANDARIA POR MAIS UM QUILÔMETRO naquela lama se fosse preciso, mas um carro parou e insistiram que eu fosse junto. Entrei, e seguimos em direção ao complexo vizinho. Garantiram-nos que seria a primeira vez que Alma Rose tocaria para nós. E para eles. Era a brilhante filha de Arnold Rose, líder da Orquestra Filarmônica de Viena. Havia chegado da França não fazia muito tempo. Estivera em Drancy, mas aqui seria bem tratada, decerto, como as outras da orquestra que lideraria, para que vivesse enquanto pudesse servir.

Estava tudo devidamente montado. Foi possível que todos os oficiais se sentassem confortavelmente. Alma estava de pé e de pé ficou até o fim, as outras mulheres da orquestra ficaram sentadas. Vestiam-se mal; panos disformes, cinzentos, incapazes de esquentar o corpo devidamente naquele frio. Ainda assim, estavam mais bem-vestidas que as oito apáticas prisioneiras colocadas em fila diante da

orquestra. Reconheci Dolores entre elas, mesmo com a cabeça raspada.

Uma certeza se passava na cabeça de todos nós. A belíssima arte que presenciávamos era também o melhor presente que as prisioneiras podiam receber desde que foram trazidas ao campo. Por isso, alguns ventilavam a opinião de que era indigno que elas desfrutassem daquilo. Mas o que parecia impedir essa ideia era a morbidez do fato de que suas semelhantes estavam a tocar. Era, portanto, uma tortura para a orquestra, tortura mais lenta, menos dolorosa do ponto de vista físico, mas não menos destruidora do que qualquer outra tortura que visasse à aniquilação da identidade daquelas pessoas.

Antes de Alma começar, foi ordenado que as prisioneiras ficassem descalças na neve e se despissem. Assim ficou mais evidente a diferença de idade entre elas. A postura e o estado decrépito de duas senhoras eram alarmantes. Embora as outras não estivessem muito diferentes, ainda pareciam se posicionar com algum tipo de esperança, ou dignidade, mesmo sabendo que dali não haviam de passar. Dolores era a única cabisbaixa.

O que estava para acontecer era uma prática que havia caído em desuso depois que o General Erich von dem Bach-Zelewski convocara o Comandante Heinrich Himmler a olhar para os olhos dos homens que tantas vezes tiveram de atirar em mulheres e crianças à queima-roupa. Segundo ele, estavam criando seguidores neuróticos ou brutais, sem expectativa de vida. Himmler então concordara que precisavam de métodos melhores de assassinato. Métodos mais impessoais.

Alma não anunciou o que tocaria, mas já estava previamente acertado que ouviríamos o Concerto para Dois Violinos, de Bach.

E foi isso o que ela entregou fervorosamente. A partitura seguiu os três movimentos. Alma foi uma das solistas do violino, acompanhada por uma mulher no lugar que seu pai um dia ocupara. A técnica da austríaca se mostrou primorosa após o fim do primeiro movimento, quando a orquestra apenas acompanhou com acordes e permitiu que os dois violinos à frente fossem ouvidos em destaque. Todos esperavam que só ouvíssemos os tiros ao fim do terceiro

movimento, mas, durante os poucos segundos de silêncio que marcaram as passagens de página do segundo para o terceiro movimento, um oficial deu a ordem e os oito guardas atiraram ao mesmo tempo. As oito prisioneiras caíram na neve acumulada da noite anterior. Alma foi obrigada a continuar, agora só para nós.

COM OS OLHOS FECHADOS, ninguém pôde perceber que um dos ascetas tinha desmaiado durante a meditação. Quando antecipei o fim dos meus mantras e abri os olhos foi que vi seu corpo caído, desconjuntado, como se enfim houvesse morrido de inanição. Levantei o mais rápida e silenciosamente possível para não desconcentrar os outros e fui acordá-lo. Coloquei os dedos sob o maxilar para sentir sua pressão, não senti os batimentos, mas notei que ele ressonava profundamente, a boca sibilava como uma chaleira. Deixei-o assim, naquela posição mesmo. Antes de cair, devia ter dormido sentado, como acontecia à maioria dos que tiveram uma noite curta de sono.

Deixei de calçar as sandálias para sair da sala. Às vezes, eu andava descalço para sentir-me mais próximo da essência do espaço. Acreditava piamente que o templo, tanto quanto qualquer outro lugar, existisse como uma entidade e pulsasse com energia própria. Ali, nos passadiços, sozinho e descalço, eu sentia o vento soprando de baixo para cima por entre as frestas das tábuas e tomava consciência da distância dos meus pés até o pé do penhasco. Lá embaixo, quando a grama se enfiava por entre meus dedos e o orvalho esfriava-me a pele, eu experimentava o prazer de simplesmente *estar*. Mas, nessa manhã, eu saí da sala de meditação sem articular o desejo de ir ao encontro daquelas sensações; apenas cortei a sala em linha reta e, para poupar-me os passos até as prateleiras de sandálias, pus-me logo para fora.

Já poderia ter me arrependido e voltado atrás depois do primeiro passo no corredor, pois as tábuas estavam arenosas – uma sujeira que, pela minha experiência com a limpeza nos primeiros anos de reclusão, acumulava-se numa única noite devido aos ventos fortes

que sopravam na montanha e traziam ao penhasco areia das fendas mais próximas. Era preciso que o encarregado se levantasse sempre às quatro da madrugada para que os corredores estivessem limpos para a primeira meditação. A morte do décimo terceiro poderia servir de justificativa para a falta do serviço, mas, até onde eu sabia, a notícia só tinha chegado depois das cinco horas – quando a vassoura já deveria ter riscado a madeira.

Resolvi ir em busca dele. E fui descalço mesmo, para que quando eu chegasse lá, meu pé já tivesse juntado bastante daquela imundice e servisse como prova do trabalho porco que ele desempenhava.

Começou a ventar com uma força assustadora, e meu medo de altura sempre aumentava com os ventos fortes. Caminhei pelos corredores estreitos com uma mão firme no corrimão do parapeito e a outra no seio do penhasco.

Surpreendi-me com a quantidade de monges aqui e acolá, debruçados, olhando para baixo, relutantemente chorosos, esforçados em retraindo a dor e encobri-la com pigarros falsos demais. No horizonte ainda enegrecido, o sol parecia ter recebido a notícia do décimo terceiro, pois se atrasava; ou, em luto, resolvera se pôr antes de ter nascido.

E A NOITE CHEGAVA A BOHNICE antes de chegar ao restante de Praga. Encontrei meu lápis de cera verde debaixo da cama e o agarrei rapidamente e com força, como se do contrário ele pudesse criar pernas e escapar. Percebi que eu também estava debaixo da cama e não havia de ter ido parar ali à procura do lápis, pois uma poça de baba e vômito se espalhava do meu peito à altura da minha cabeça. Eu devia estar ali já há algum tempo sem que ninguém se desse conta. Esgueirei-me para fora e sentei-me no chão ao lado da cama, tentando me recompor e desacelerar os batimentos que podia sentir pulsando nas orelhas. Senti a garganta seca como uma lixa, mas a única jarra de plástico do quarto estava vazia. Não me lembrava de ter dado um gole sequer, então fora Benedikt o

responsável. Ele já roncava, o que indicava que havia sido ele mesmo, pois tinha o costume de beber mais de um litro antes de dormir e depois acordar todo mijado pela manhã. Senti que havia me recomposto quando o cheiro do vômito começou a me incomodar. Na esperança de me afastar do cheiro, fui sentar na poltrona velha ao canto do quarto (uma de estofado vermelho, um pouco esbranquiçado na região dos braços, em que ataduras de couro geralmente serviam para prender ali quem os médicos tinham que imobilizar). Mas continuei a sentir o cheiro à distância, e só assim entendi que minha roupa também estava bem suja. Então, de repente, me lembrei da fuga do autista como quem recorda de uma notícia antiga. Não sabia mais se tinha ouvido aquilo no dia anterior ou no mês passado. Fui até os meus papéis tentar descobrir a passagem do tempo de acordo com a quantidade de páginas que tivessem texto inédito para mim. Eram seis folhas no chão e cinco sobre a cama. O texto mudava de cor três vezes; do verde para o azul, depois vermelho e, por último, laranja. Significava que eu podia ter ido até três vezes à oficina e trazido novos lápis, ou então trouxera os três depois de apenas uma ida. Calculei que podiam ter se passado de dois a nove dias, uma vez que minhas idas ao terceiro andar eram às terças e quintas. Fui à janela, como se pudesse encontrar ali alguma indicação.

O pouco da cidade que era possível avistar daquelas janelas dos dormitórios nos fazia lembrar da efervescência do centro da Cidade Velha. Eu podia imaginar dali do quarto o cheiro dos porcos assados na praça maior, ouvir os músicos da Venceslau e a centena de turistas aplaudindo as marionetes do relógio astronômico de hora em hora. Mas, aqui ao norte, já não havia o que fazer depois que o sol se recolhia. Os corredores propositalmente escuros só se acendiam quando os enfermeiros passavam. E lá embaixo, no gramado, só havia lampiões acesos ao redor do jardim em estilo inglês que chamávamos de praça.

Decerto o breu fora um aliado para a fuga do autista.

Era impossível que ele escapasse das câmeras e dos guardas em plena luz do dia.

Por outro lado, à noite os dormitórios eram fechados com uma grade depois da devida contagem dos internos. De que jeito ele pudera sair?

Ou o sucesso fora fruto de um planejamento minucioso, ou de completa sorte e de uma sucessão de erros por parte da equipe médica e da equipe de segurança.

O hospital crescera muito durante a Primeira Guerra Mundial, atingira um total de mais de 1.700 camas, possuía sua rede própria de abastecimento de água e uma estação elétrica. Foi nesse período a construção da igreja que ainda hoje é o centro dos 88 edifícios e pavilhões que se distribuem em 64 hectares. Agora, passados os tempos mais difíceis da invasão comunista, quando o hospital fora quase desativado e transformado numa base militar, a direção voltava a investir no crescimento das instalações. Éramos como uma pequena cidade. Havia inclusive um teatro ali dentro, além de uma grande biblioteca. Muitos funcionários podiam viver uma vida inteira do lado de dentro dos muros sem dar falta das coisas que a cidade proporcionava. Nós não aproveitávamos tudo isso, mas o aparato bem estruturado das oficinas de trabalho cumpria o valor de preencher o nosso dia com a satisfatória sensação de entretenimento e propósito, afinal, para todos aqueles que as frequentavam significava um contato direto com a possibilidade de se sentir útil construindo coisas que podiam estimar.

Resolvi que procuraria o autista.

Na manhã seguinte, perguntei se Benedikt o reconheceria. Ele apontou o sujeito quando descemos para a caminhada ao ar livre.

Estava sentado sozinho num banco debaixo de uma árvore. Assim que me sentei na outra ponta, a uma distância que julguei que não o incomodaria, ele se afastou um pouco, foi bem para a beirada do banco. Como quem nada quer além de se sentar para uma leitura tranquila, puxei de dentro da minha roupa (mais precisamente de dentro da calça) um dos papéis que carregava comigo (ainda tinha espaço em branco para quando, onde quer que fosse, eu precisasse escrever; o lápis também andava de lá pra cá dentro da minha cueca). Fingi que lia, pensando no que poderia dizer que o instigasse a se sentir à vontade comigo. Naquele papel a

última coisa que eu havia rabiscado, abaixo de um bloco conciso de alguns parágrafos era o garrancho insensato: TEM CHEIRO. Bem, aquilo não havia de ser algo instigante o suficiente para pessoa alguma do planeta, mas, talvez fosse convenientemente insensato, como algumas coisas que saíam da boca de um autista. Poderia servir como um bom cumprimento.

– Tem cheiro – eu disse na sua direção.

Ele meneou a cabeça e virou os olhos até meu pé. Claramente fora instigado a pensar. Eu não podia imaginar o quê.

Então, ele disse:

– Tem mesmo.

– Tem. Não tem?

– Tem – reiterou. – Eu estava pensando nisso.

Levei alguns segundos pensando em como levar aquilo adiante; apenas disse:

– Eu também. De onde vem?

– Senti quando você chegou. Cheiro de vômito.

Olhei para minha camisa, estava manchada da noite anterior. Eu já nem sentia mais o cheiro, mas devia estar forte.

Ele havia levantado e se distanciava apressadamente. Pedi que voltasse, o que não surtiu efeito, então pensei rápido numa outra frase qualquer que pudesse realmente despertar sua curiosidade.

– Eu tenho uma carta de sua mãe.

Ele parou por uns segundos e depois continuou a ir embora. Mas esse ir embora era para dar uma volta longa e desnecessária por trás de uma árvore e vir sentar-se novamente.

– Diz o que... a carta? – ele perguntou.

– Eu te digo, se você puder me ajudar com uma coisa.

– Chantagem.

– Não, não é chantagem. É empatia.

– Lê pra mim.

– Eu posso ler. Eu vou ler. Só preciso que me conte uma coisa.

– O quê?

Então ele me olhou nos olhos pela primeira vez, o que me assustou porque sempre pensei que eles não soubessem fazer isso. De qualquer forma, foi a única vez que o fez.

– Quero que me conte como conseguiu sair do hospital.

Ele sorriu para o chão.

Disse:

– Por ali.

Apontava para os portões da entrada e saída de veículos.

– Mas, como fez isso? – perguntei.

Ele demonstrou algum conflito para começar a falar e quando disse alguma coisa foi baixo demais, quase para si mesmo. Então tirei de dentro da calça novamente o papel. Mostrei-lhe como se fosse a carta de que eu falara. Apesar de ser improvável que a mãe tivesse usado um lápis de cera de cor verde-clara para escrever-lhe, ele acreditou e fez cara de ouvinte ansioso. Mas logo guardei novamente, pedindo outra vez que primeiro me contasse como havia saído.

Ele então se levantou e disse que me mostraria.

SIDARTA NÃO FICARA SATISFEITO com a ideia de Alara, seu mestre asceta, de que era necessário limpar e purificar o *eu* por meio daquelas práticas de sofrimento, pois ele então já entendia que a crença na existência de um *eu* era a fonte de todas as perturbações existentes no mundo, desde conflitos individuais até as guerras. Não havia o *eu* na matéria e não haveria o *eu* no corpo. Então, nada podia ser purificado. O sonho de atingir o céu após a morte era apenas isso, um sonho, irreal de princípio. Era fruto do desejo do corpo, a voar entre castelos mágicos nas nuvens, esperando que nos acolham eternamente. Ele entendeu que, se não havia uma alma a ser purificada ou salva, não haveria, por conseguinte, a necessidade de concebermos uma superalma. Como se para comprovarmos a gravidade não bastasse nossos pés estarem presos ao chão e precisássemos ainda nos jogar de um precipício.

Entretanto, nós tínhamos na direção do décimo terceiro Dalai Lama um olhar de inconfessa e extremada adoração, que reivindicava nele muito mais do que um simples *eu* maior: víamos

nele, de fato, a superalma. Por isso, a dor da perda haveria de marcar o tempo por muitos dias.

O sol renascia naquele instante para nos lembrar o maior dos ensinamentos que viera a Sidarta depois que ele deixou Alara para trás e seguiu seu próprio caminho. Sentado sob a figueira, sobre a relva macia que, com a ajuda de um jardineiro, espalhara para que pudesse se sentar com os pés embaixo de si e só se levantar depois de muito tempo de meditação, ele intuiu: "Todo lugar é aqui". E não mais se levantou. Por 49 dias e 49 noites ele permaneceu sentado até que se apagou, como uma única vela que sozinha ilumina o mundo inteiro, e no escuro completo pôde entrar em contato com a unicidade da verdade maior: ver-se livre do apego. Sua mente atingiu a liberação de toda a dor. Veio a ele a compreensão de que todas as coisas vêm de uma causa e vão para a dissolução. Portanto, todas as coisas são impermanentes, todas as coisas são infelizes e todas as coisas são irrealis.

Deparei com a porta do Hall das Três Religiões fechada, o que era muitíssimo estranho, pois dia e noite as portas viviam abertas para quem quisesse encontrar-se com as faces esculpidas do Buda, de Confúcio e de Lao-Tsé e depositar nesse ato suas reflexões ou mantras. Fechada que estava, dava a entender que naquele dia de morte não nos caberia mantra ou reflexão alguma.

Até que fixei minha atenção nas luzes que vinham do interior. Era um brilho forte e breve, não durava mais do que um segundo. Como que por razão de um *déjà vu*, soube do que se tratava e tive a certeza de que me encontraria com *ela* ao abrir a porta.

ELE ME LEVOU POR ENTRE AS ÁRVORES rente ao muro até o pavilhão onde ficava a padaria. Ali, ele garantiu, diariamente passaria uma caminhonete para descarregar sacos de trigo. E, uma vez por mês, chegariam barris de vinho e iriam embora barris vazios. Ele garantiu que precisara apenas escolher uma boa hora para subir na caminhonete e se esconder por algumas horas num desses barris, até o motorista levá-lo embora. Tudo isso soava muito

improvável, não me parecia viável que ele obtivesse tais informações simplesmente observando o movimento. Quando questionei se havia apenas espionado ou ouvido alguém falar sobre a rotina de transporte da padaria, contou-me que sua irmã trabalhava ali.

– Você quer fugir? – ele me perguntou.

– Sim, quanto antes.

– Só no mês que vem tem outros barris.

– Então vamos pensar em algum outro jeito que seja tão... funcional – eu disse – e inteligente quanto este, porque quero sair ainda esta semana.

– Por quê?

– Porque eu não preciso mais de cura alguma.

– Seria bom se conseguisse sair antes das vinte e uma horas de quinta-feira.

– O quê?

– Seria bom se conseguisse sair antes das vinte e uma horas de quinta-feira – ele repetiu.

– Sim, eu ouvi. Mas, por quê? Por que quinta? Não entendi.

– Eu estava no ponto de ônibus e um garoto veio pedir informação. Como faço para chegar ao Hospital Psiquiátrico de Bohnice, ele disse. Por que você quer ir lá? Perguntei. Ele perguntou de novo, como faço para chegar ao Hospital Psiquiátrico de Bohnice. Eu não sei! Eu disse. Quase gritei. Ele entrou num ônibus e foi embora. Mas deixou cair isso aqui...

Na falta de bolsos, eu não era o único a aproveitar da cueca. Ele também enfiou a mão dentro da calça e puxou dali um papel. Um papel retangular, que me entregou.

– Pode ficar com eles – disse-me.

O papel se desdobrou em dois. Tinham custado 250 coroas tchecas, eram dois ingressos para um concerto da Filarmônica tcheca no Rudolfinum, às 21 horas de quinta-feira.

– Agora, a carta de minha mãe – ele disse. – Leia para mim, estou sem óculos.

Naquele papel as palavras falavam apenas sobre o décimo terceiro dalai lama e o impacto de sua morte nos monges do Templo Suspenso, mas eu as li, ou melhor, passei meus olhos por cima delas

dando a entender que as lia, pausadamente, de modo que pudesse inventar o que seria a voz de uma mãe cujo jeito de se dirigir ao filho eu jamais poderia adivinhar.

– Amado filho – comecei, e ele se sentou ao pé de uma das muitas árvores ao nosso redor para ouvir –, não há um dia que se passe sem que eu me pergunte se fizemos a melhor escolha. Sua irmã me garante que você está mais feliz aí dentro, e eu sou obrigada a confiar nisso. Estou usando um colar que ela me garantiu ter sido feito por você numa dessas oficinas que vocês têm. É um belíssimo colar.

Olhei para ele de soslaio, para conferir se fazia sentido o que eu dizia. Ele tinha o olhar vidrado no chão e assentia lentamente, como quem pede para ouvir mais.

– Um médico me disse para não me preocupar com o vazio que eu possa ter deixado no seu dia a dia. Ele diz que você experimenta a saudade de um jeito diferente de nós. Também sou obrigada a confiar nisso e, afinal, saudade de mãe é sempre maior. Mas saiba que você pode voltar. Seu quarto está à sua espera do jeito que você gosta.

Ele fungou, e isso me fez pensar que a carta o levara às lágrimas. Mas não chorava, apenas fungara. E sorria para o chão. Levantou-se e chegou mais perto de mim para me dar um abraço, de lado, um meio abraço – talvez com nojo do vômito em minha camisa.

– Pode ir – ele disse, apontando para os ingressos – no meu lugar.

– Ah! Sinto dizer que talvez nenhum de nós possa ir. Hoje já é... que dia é hoje?

– Quarta-feira.

– Então, hoje já é quarta-feira... – lamentei de verdade. – Isso aqui é amanhã.

– Mas ainda nem digerimos o café da manhã. Vamos pensar. Vem, vamos andar e pensar.

VOTAMOS ANTES DO AMANHECER, e havia sido decisão quase unânime (em que eu fora um dos poucos a discordar) que naquele domingo a entrada do templo ficasse fechada aos turistas como um sinal de respeito pela morte do décimo terceiro. No entanto, lá estava ela fotografando o interior do Hall das Três Religiões.

Assim que abri a porta, ela parou e olhou-me, o rosto corado, sem saber o que dizer. Tinha o cabelo castanho-claro longo descendo até o ventre e estava num vestido branco que desceria até os calcanhares, não estivesse um pouco repuxado pela saliência de alguns meses da barriga.

Ela guardou a câmera numa bolsa verde-musgo e ameaçou sair.

– Não há por que partir – eu disse rapidamente. – Por mim pode continuar a tirar suas fotos. O dalai lama iria preferir que não houvesse essas restrições no dia de sua partida. Por acaso é uma jornalista?

Ela fez que não com a cabeça.

– Pegue sua câmera, continue!

Ela sacou da câmera e colocou para fora o tecido sanfonado da lente.

– Quer tirar uma foto minha também? – brinquei, mas sem conseguir empregar o tom de escárnio.

Ela franziu o cenho.

– Nossa, é exatamente o que queria lhe pedir... Permite?

– Claro.

Aprimei-me, mas antes que ela levantasse a câmera, ouvi a aproximação de um grupo de monges. Fechei a porta para que não nos vissem.

Feito isso, quando me virei de volta, a jovem estava a um palmo de mim. Olhava-me de baixo para cima, de um jeito que até poderia parecer sedutor, se não fosse tão triste. Seguiu-se um diálogo de silêncios. Seus olhos pareciam me perguntar alguma coisa que eu não podia responder.

Reagi num movimento que eu teria considerado invasivo se pensasse melhor antes de fazê-lo; coloquei a mão sobre o seu ventre.

– É um menino? – perguntei.

Ela fez que sim.

– Mas você se arrepende – afirmei.

Ela fez que sim.

– O que procura encontrar aqui?

– Você, *mon choupinet*.

– DIGA-ME QUE OUTROS VEÍCULOS entram e saem regularmente, além da caminhonete da padaria.

– Tem a van da Sra. Malski – ele disse –, o caminhão de lixo, a van de mantimentos e a van dos funcionários.

Eu sabia sobre o transporte dos funcionários, pois avistava as vans paradas abaixo da minha janela durante a noite, quando estacionavam para buscar todos os que não moravam no complexo. Era certamente a opção menos segura, uma vez que ao menos um dos funcionários poderia ser capaz de me reconhecer.

– Quem é a Sra. Malski? – perguntei-lhe.

– A Sra. Malski! – apenas exclamou. Por um segundo, pensei que soubesse sobre ela somente o nome. – É a aposentada. Amelie Malski. Filha do antigo diretor.

– E a van que pertence a ela?

Ele não respondeu.

– A van da Sra. Malski serve para quê exatamente? – reformulei a pergunta. – Para vir buscá-la e levá-la?

Ele fez que não.

– Serve para tudo que é dela.

Isso não era claro o suficiente, e ele não conseguiu ser mais específico. Pedi que me levasse até onde a Sra. Malski vivia.

– Não sei – disse ele, e deu de ombros. – Não sei onde é.

– E a que horas essa van entra e sai?

– Não sei!

– Mas como é essa van?

– Vermelha? Não sei, não sei!

Ele agarrou os cabelos com as mãos e começou a puxá-los e a coçar a cabeça com violência.

– Me desculpe se o estou pressionando... – eu disse. – É que quero poder procurá-la amanhã ou depois. Entende?

– Mas se procurar amanhã ou depois, vai perder o Rudolfinum!

– Tudo bem, não tem problema.

Como uma criança contrariada, ele fechou o rosto, insatisfeito, e saiu correndo. Poucos metros depois, tropeçou numa raiz saliente e ao cair quase bateu a cabeça no tronco de uma árvore. Aproximei-me para erguê-lo, ao mesmo tempo em que uma enfermeira se aproximava para fazer o mesmo.

– A van da Sra. Malski? – ele disse, olhando para a enfermeira.

– Sim, sim – disse ela. – Ela acabou de chegar. Agora se levante. Ai, ai, ai, olhe sua mão!

A mão direita ralara na queda e agora sangrava um pouco.

Notei também que ele apontava para longe, para o caminho pavimentado pelo qual se distanciava e sumia atrás dos prédios uma van vermelha.

– A Sra. Malski está nela? – ele perguntou.

– Vamos entrar e cuidar disto. Venha, por hoje chega.

Ela o levou pelo gramado do jardim e entraram no pavilhão. Antes de sumir, ele se virou para trás e lançou os olhos na direção da minha barriga. Fiz um sinal para ele, coloquei o dedo indicador na frente dos lábios. *Shhh*. E, mesmo sem me olhar no rosto, ele enxergou, pois fez que sim com a cabeça e mostrou o polegar em sinal de positivo.

Não dei atenção aos chamados de Benedikt, que queria saber o que o autista dissera. Imediatamente, corri na direção do caminho que levava a van vermelha para trás do pavilhão.

TALVEZ HOUVESSE ALGUMA NOTÍCIA de como a morte chegara ao décimo terceiro, pois foram muitos os monges que passaram na direção das escadas e nenhum deles quis parar no hall ou atentou para a porta fechada.

Nada disso me importava mais. Ela me mostrara aquilo que Buda sempre dissera e que meu mestre sempre se esforçara em me

mostrar. Mas eu sempre tivera os olhos virados para dentro de mim e os ouvidos atentos apenas aos meus pensamentos. *Você não é um só*, ele dizia. Sim, eu não era um só, pois não estava enclausurado sozinho dentro desse corpo. Eu era mais de um, eu era o todo. Tudo estava em mim, e tudo de mim estava lá fora. Era esse o significado maior do sonho do qual o Buda despertara. Era o nirvana de que meu mestre me falara e eu não pudera até então entender na prática. Tinha estado a vida toda enclausurado dentro deste corpo e deste inconsciente de convicções, temores e delírios, tal qual o sonhador de um pesadelo, que foge desesperadamente do que o aflige, convicto da ameaça, sem jamais suspeitar ser ele próprio o construtor desse mundo e dessa ameaça, deitado à salvo em seu leito.

Até que tornemos um trauma consciente, ele será capaz de comandar nossa vida e chamaremos isso de destino. Como eu poderia entender minhas dores e me libertar delas, se ainda não entendia as dores de quem me trouxera ao mundo? Estaria para sempre condenado ao sofrimento enquanto não conhecesse aqueles e aquelas que realmente sofreram para que eu existisse e até hoje, tão frivolamente, resmungasse sobre o que achava ser a dor. Não parte, nem se encerra em cada um a essência do sofrimento. Eu precisava primeiro entender-me como simples ramo, antes de me pretender como raiz.

– Tem certeza de que quer fazer isso? – ela me perguntou quando já estávamos no corredor mais alto do templo. – Eu posso ir sozinha.

Respondi agindo. Ergui-a pela cintura para que colocasse os pés no parapeito.

Pelo medo de altura, eu naturalmente evitava olhar para baixo ao longo de todos aqueles anos. Chegar perto do parapeito, só se me segurasse firmemente no corrimão e não curvasse muito o corpo. Mas agora não havia nenhum braço livre para poder me segurar, e eu tinha que sustentar o corpo dela com muito esforço, inclinando o tronco um pouco para fora. Daquela altura pude ver o enorme lago reduzido ao tamanho da minha mão e a casa negra dos guardiões não muito maior que um polegar.

Ela já tinha os pés no telhado e foi se arrastando para longe. Soprava do leste, mas o penhasco fazia frente e lançava ventos que ameaçavam levantar o seu vestido. Em gesto de preocupação fora de hora, ela pôs a mão sobre o ventre, o que interpretei como intenção de impedir que a barriga ficasse à mostra.

No tempo que meditou sob a figueira, Buda enxergou todos os nascimentos que o antecederam e todos os que ainda o sucederiam, por isso enxergou também a morte de todos aqueles que o precederam, a miríade de mulheres que, antes de respirarem pela última vez, se tornaram mães.

Quis subir de uma vez no parapeito, mas era alto demais. Tive de parar e descobrir como faria. Ao mesmo tempo, um monge, que não devia ter avistado mais do que o vestido branco esvoaçante, gritou avisando que havia uma turista no telhado do último andar. Outros monges vieram e com eles também aqueles esqueléticos praticantes ferrenhos da ascese, num andar desnorteado, os olhos fixos encantados na mulher que anunciava abertamente seu desejo de morte.

Três dos monges sadios vieram para bem perto e começaram a pedir a ela que descesse, dizendo que estavam todos muito tristes com a trágica notícia da morte de Thubten, mas que aquela não era uma forma sábia de reagir.

Pedi que se afastassem, ao que responderam fazendo o inverso. Então propus que me erguessem, para que eu falasse com ela mais de perto. Recusaram. Mas aquele que desmaiara na meditação e outro igualmente magro e pálido fizeram de suas mãos degraus nos quais me apoiei.

Assim que consegui subir, todos perceberam que eu não tentaria convencê-la, pois me esgueirei, pé ante pé, até ficar perigosamente ao lado dela.

Dei-lhe a mão e eles começaram a gritar.

Não consegui olhar para baixo.

– O que está vendo? – perguntei.

– O lago. E uma casa. Tem gente acenando lá de baixo, eu acho.

– Mas, e as pedras?

– O que tem? – ela disse, tendo ainda a desenvoltura de colocar para trás da orelha uma mecha do cabelo. Um gesto tão feminino e, novamente, tão fora de hora que a tornava a mulher mais estranhamente interessante que eu já havia visto.

– Nenhuma no caminho? – perguntei. – A queda é livre até a água?

– Parece que sim...

– Olhe direito.

– Olhe você.

Só conseguia olhar para ela.

– Saiba que, se sobrevivermos à queda – eu disse –, o lago nos reserva crocodilos.

– Eu não acho que sobreviveremos.

Três dos monges ascetas subiram no parapeito e fizeram seu caminho até o nosso lado. Também não queriam convencer ninguém a desistir.

Dolores apertou minha mão.

– Você me fez tanta falta...

– Eu queria tanto salvá-la.

– Você era tão pequeno. Não podia fazer nada.

Ela se lançou e me puxou.

SENTI O VENTO E O FRIO NA BARRIGA e não mais larguei a sua mão. Entendi por que Sidarta dissera que todas as coisas são infelizes. A essência da existência estava na morte, tal como a essência das belas flores que desabrocham na primavera está na secura e queda que antes precisa chegar às folhas no outono. Nada poderia existir por conta própria, nenhum corpo poderia depender de uma essência individual; a única existência do *eu* estava no coletivo, no somatório de toda a matéria existente no universo. Então, a morte do outro é sempre uma morte nossa. E, se *todo lugar é aqui*, como ele dissera, então tudo é o *eu*. O eu se divide e está contido em cada grão de areia do deserto e em cada gota de chuva. Eu estava em tudo. E pela primeira vez podia dizer que não

me sentia mais só. Enxerguei o sorriso de Benjamin, meu fiel amigo de faculdade, e senti falta de seu companheirismo honesto, mas entendia agora que poderia ouvir sua voz e jurar vê-lo sempre que eu quisesse, pois ele viveria para sempre dentro de minhas reimaginações. Passaram diante dos meus olhos todos os que me faziam companhia no enfrentamento ao medo de viver a sós comigo mesmo. Vi minha adoração pelas estrelas e pelos livros de astronomia ganhar textura e realidade no volume da enorme barba que Kepler sempre sujava ao tomar a sopa que Benjamin lhe preparava. Vi os traços do rosto do Arlequim, que agora se mostravam tão parecidos com os de meu tio. Passou por mim Benedikt e sua roupa fétida, enxerguei-me parado diante da janela do nosso quarto, mas a vista lá de fora não era a de Bohnice, era a de um dia ensolarado em Cádiz, do alto do terceiro andar da mansão em que me pusera a viver com Benjamin na tentativa de dar vida à minha paixão pela materna Espanha, em especial pelo litoral da Andaluzia, que nunca pude visitar de verdade.

Amelie

O PORTÃO ESTAVA ABERTO E A MURETA que o sustentava era tão baixa que pude saltá-la sem esforço, uma perna por vez. Eu tinha minhas dúvidas de que dali para frente haveria alguma casa no terreno: o portão era simples demais, parecia apenas demarcar mais uma área de funcionários. Mas eu tinha certeza de que avistara a van vermelha passar por ali. Continuei, até me esclarecer diante da placa que dizia: Residência da Sra. Malski.

Pude ouvir a porta de um veículo bater e a voz de um homem se despedindo. Escondi-me atrás de uma árvore e avistei uma senhora entrando na casa e a van vermelha vindo para descer pelo caminho que eu fizera a partir do portão.

Quando achei prudente, saí de trás da árvore e fui em direção à porta. A coragem de simplesmente continuar me aproximando vinha de outro lugar que não da certeza de como eu agiria quando a confrontasse, pois até aquele instante ainda não havia arquitetado nenhum plano e não tinha a mínima ideia do que iria dizer a ela. Só então surgiu uma certeza: a de que ela não poderia me ver naqueles trajes comprometedoramente brancos.

Ouvi um latido, e um segundo depois o cachorro já havia saltado sobre mim. Um labrador. Saltou não em ameaça, mas em carência. Ficou de pé, as patas cravadas no meu antebraço. Só sossegou quando acariciei sua barriga; e deitou, pedindo mais.

– O que querem agora, hã? – gritou uma voz de dentro da casa.
– Já disse que não preciso de nada para hoje!

Fiquei o mais imóvel possível, sem cessar o carinho na barriga do labrador.

– Quem está aí?

A senhora abriu a porta. Eu estava num ângulo em que, da soleira, ela não poderia me ver.

– Não seja tão fácil, Marx! Quem está te seduzindo? Venha pra cá!

O cachorro abriu mão do meu afago e foi correndo até ela. Como se não bastasse, começou a latir na minha direção.

A senhora segurou-se à guia do labrador para descer os degraus com mais segurança e foi andando para mais longe de mim. Continuei tão silencioso quanto as estátuas da Praça Mariánské, mas o labrador fez questão de virar-se e propor que seguissem na minha direção. Estavam próximos o suficiente para que ela me visse, quando pude enxergá-la melhor e descobrir uma película aquosa branco-azulada a encobrir os seus olhos.

– Sra. Amelie Malski?

– Pode me chamar pelo primeiro nome, não me importo. Até prefiro, me faz sentir jovem outra vez.

– Era o nome de minha mãe – menti. Eu não sabia o nome de minha mãe.

– Então é mais um motivo para preferi-lo. Mas, o que o traz aqui? Não me lembro de já ter ouvido sua voz antes.

– Eu cuido dos jardins. Estava de passagem e... confesso que cruzei o seu portão, pois sou curioso e não sou bom em retrain meus impulsos. Queria ver como vive a senhora de quem todos falam.

– Todos falam?

– Sim! O respeito é enorme. Mas levei muito tempo até saber sobre a senhora. Há uma certa discrição. A sua popularidade ainda se limita ao mistério.

– O senhor tem uma dicção boa demais para um jardineiro.

– As pessoas costumam dizer isso. Mas é só um preconceito delas, e também da senhora, se me permite ser honesto. Não esperam que eu saiba muita coisa. Mas fui criado entre livros. Tenho modos, tenho cultura e sei me portar.

– E qual a sua graça?

– Benjamin. Benjamin Florence Strauss.

– Que cheiro horrível é esse? – ela perguntou, não para mim, mas ao cachorro, como se o responsabilizasse.

– Cheiro de quê?

– Não sei. É terrível! Vamos sair daqui.

Então me dei conta de que o cheiro vinha de mim, era o vômito da noite anterior. Comecei a desabotoar a camisa.

– Gostaria de me acompanhar para o chá da tarde, Benjamin? Tenho chocolate quente, se preferir.

Retirei a camisa por completo. Já estava frio, sem a camisa então... um chocolate quente seria muitíssimo bem-vindo.

– Seria a maior honra que este lugar me proporcionaria, Amelie.

Amassei a camisa e a joguei sobre os galhos da árvore mais próxima.

Não precisamos entrar, a mesa já estava inteiramente posta na varanda, o que foi um castigo a mais para o fato de eu ter de me sentar descamisado. Tomei o chocolate, mas os biscoitos tive que recusar, estavam envelhecidos e moles.

– Vive sozinha aqui?

– Eu e Marx, é o suficiente.

O labrador me olhou nos olhos brevemente, como se estranhasse minha falta de etiqueta em sentar-me sem camisa para um chá da tarde com uma cega. Depois, voltou a olhar para longe.

– Prefiro assim – ela prosseguiu –, só eu e ele. Mas sempre vem alguém se preocupar, querendo ver se sei me cuidar sozinha. No início, sim, admito, foi muito difícil. Mas já são tantos anos agora. Eu me acostumei perfeitamente. Pensei que tivessem te mandado vir aqui por isso...

– Não, não.

– Tem a voz de um jovem, Benjamin. Com quem aprendeu a manejar as plantas? Por acaso é parente do antigo jardineiro?

– Não. Aprendi com meu tio.

– Viktor costumava vir sempre cuidar do meu jardim.

Se um dia houvera algum canto para o jardim, há muito havia sido extirpado. Só crescia mato, não muito alto, mas muito feio. Talvez alguém viesse de quando em quando aparar a feiura, mas nada além disso.

– Podemos voltar a fazer isso então, Amelie. Não vejo uma flor sequer por aqui.

– Nem eu – disse, rindo da própria brincadeira, os olhos mortos vidrados em lugar nenhum para lá da varanda. – Esse é o problema, eu não as veria. Não poderia acordar e descobrir quais botões se abriram, quais flores estão secando e pedindo mais água.

– Mas sentiria o cheiro delas – argumentei. – E tenho certeza de que Marx adoraria cheirar e destruir algumas.

– Você faria isso por mim, Benjamin?

– Mas é claro.

– Viria todos os dias?

– Todos os dias.

Não falei da boca pra fora, transmiti na voz a certeza das promessas mais sinceras. Pude me imaginar voltando ali todos os dias, não haveria de ser tão difícil aprender a plantar e cortar, e uma vez que conquistasse a confiança e a intimidade dela e de Marx, naturalmente ela não se importaria em saber que eu era um dos internos e recomendaria ao diretor que me mantivesse ocupado dessa forma, que eu era um sujeito tão lúcido quanto é possível sê-lo, e que não haveria mais motivos para me manterem ali. Eu não precisava pensar em fugir.

Contudo, esse cenário me alertou para o óbvio, para o fato de que ela ainda não desconfiava da minha condição. Eu devia então tirar proveito disso o mais rapidamente possível.

– Amelie, se a senhora me permite acelerar este nosso compromisso e já pressupor uma intimidade que, estou certo, um dia partilharemos, gostaria de lhe fazer um convite.

Ela sorriu e empertigou-se para dizer:

– Eu jamais negaria um pedido feito de uma forma assim tão educada.

– Pois então, digo-lhe que estou colocando aqui sobre a mesa dois ingressos para amanhã à noite no Rudolfinum.

– Benjamin!

Nem mesmo o desatino permanente dos olhos cegos foi capaz de esconder a felicidade que brotava ali dentro.

– Está falando sério?

– Claro que estou.

– Você consegue me surpreender vezes demais em um curto espaço de tempo.

– Gostaria de me acompanhar?

– É claro que sim.

– Pois amanhã passarei aqui para levá-la. Na mesma hora de hoje.

Pela cor do céu, pude concluir que as enfermeiras já deviam estar prestes a encerrar o tempo de caminhada dos pacientes, então tive de me apressar e voltar.

Benedikt estava sentado em minha cama quando retornei. Por medo de que ele comprometesse minha saída com a Sra. Malski, preferi não contar em detalhes o que havia conseguido. Mas achei por bem alertá-lo de que era muito provável que aquela fosse a nossa última noite de amizade – o que acarretou uma série de perguntas, algumas das quais tive de responder. Quando lhe contei sobre como o autista conseguira escapar, ele se deu por satisfeito, suspeitando que eu também tentasse sair dentro de um barril de vinho, ou algo igualmente arriscado.

– Não perca seu tempo com isso – disse, ao me ver me esforçando para dar um nó na fronha que arranquei do travesseiro e usei para empacotar meus textos. – Duvido muito que amanhã à noite você não esteja aí deitado, como sempre, escrevendo suas histórias.

– Eu lhe dou só mais uma chance de um abraço de despedida.

– Na... Eu passo.

– Só não se arrependa quando sentir minha falta...

– *Peraí* – ele disse –, por que você está sem camisa?

– Eu vomitei nela.

– Ótimo, típico de você. Me lembra um cachorro que uma vez tirei das ruas. Vomitava a ração. Preferia lixo. Tinha se acostumado ao lixo.

– E você já está na hora de trocar de calça por motivos semelhantes!

Benedikt olhou para a enorme mancha amarela entre suas pernas.

– Só viu agora?

– Vá se foder.

Antes de dormir, uma enfermeira conseguiu uma nova camisa para mim. Os textos eram tudo o que eu tinha e os levei por baixo da roupa na manhã seguinte. Acenei para Benedikt e sumi entre as árvores, a caminho do portão da Sra. Malski.

– Vivo tão perto de tanta gente louca que confesso que temi ter sido uma alucinação minha, Benjamin, ou no mínimo um sonho em que só podia ouvir sua voz. Isso acontece muito, sabia? Marx! – ela gritou para dentro de casa. – O jardineiro amante de orquestras voltou!

– E se ainda for invenção da sua cabeça, Amelie?

Ela apoiou brevemente uma mão sobre meu ombro e me deu conta do risco que corri no dia anterior, caso ela tivesse feito o mesmo movimento...

– Eu iria querer que continuasse, Benjamin. Está ótimo assim. Eu já não o enxergo, então é meio caminho andado! Mas eu não diria a ninguém.

– Contou a alguém sobre esse nosso passeio?

– Não... É melhor que só eu e Marx saibamos.

– Também acho... Mas, e a van?

– Hoje não é dia dela vir. Teremos de nos virar. Você dirige, Benjamin?

– Infelizmente não, Amelie.

– Então eu vou poder matar a saudade dos elétricos!

– Aliás, Marx irá conosco?

Eu acabara de perceber uma gravata-borboleta preta ao redor do pescoço dele.

– Claro que vai.

– Ótimo. Mas agora sou levado a me sentir um pouco inadequado. Marx está perfeito, e a senhora também, deslumbrante. Não estou à altura.

– Deixe-me ver o que veste.

Ela esticou as duas mãos.

– Basta soltar alguns botões... – ela disse. – Que tecido é esse?

– Não sei dizer. É o melhor que tenho.

– Que cor?

– Azul. Escuro.

– Vamos dar um jeito nisso, então. Ainda há ternos do papai no armário, não é, Marx?

– Não seria indelicado, Amelie? Não quero que...

– Shhh, shhh. Não. Venha.

A calça ficou um pouco folgada, mas o restante não caiu tão mal. Apertei bem o cinto para que meus textos ficassem seguros debaixo de tudo.

E saímos.

Marx do lado direito dela e eu do esquerdo, com o braço entrelaçado ao seu, quis seguir pelo gramado, por entre as árvores, para não correr nenhum risco de ser reconhecido por alguém. Marx, porém, se mostrou treinado em levar a senhora apenas pelos caminhos mais seguros para caminhar, portanto tivemos de andar pelo passeio pavimentado que, mais adiante, passaria pela praça onde estavam todos que já conheciam meu rosto há anos.

– Talvez não seja uma boa ideia irmos por aqui, Amelie, lá na frente os internos estão à solta. Temos outro caminho até os portões.

– É claro que temos outros caminhos. Eu conheço isto aqui como ninguém. Na realidade, aqui dentro eu não precisaria de Marx para ir a lugar algum. Mas iremos por onde ele preferir. Não vejo por que temer essa gente. Fique tranquilo, Benjamin. Pelo visto, você ainda tem muitos preconceitos.

Já avistávamos a torre do relógio da igreja construída próximo à saída, quando a última pessoa que eu esperava que, se me visse, me reconheceria naqueles trajes, veio a nós exclamando simplesmente:

– Ei!

Era o autista. Ele estendeu uma mão para Amelie e assim ficou, sem demonstrar aperceber-se da cegueira.

Marx se colocou à frente, sem latir, mas impedindo que ele se aproximasse muito.

– Quem está aí? – ela disse.

– Meu nome é Juan Slavik. A senhora é a Sra. Malski?

– Sou eu mesma. Juan Slavik Svoboda?

– Sim, senhora.

– Juan! Eu tive o prazer de conhecer sua mãe. Ótima pessoa. Como estão os dias?

– Bem. Aonde vai tão bem-vestida?

– Meu amigo aqui me convidou para uma noite no Rudolfinum!

– Maravilha!

– Não é?!

– Então se apressem. – Juan abriu o caminho e fez um gesto de aprovação que só eu pude enxergar e entender. – Tenham uma bela noite.

– Como a senhora conheceu a mãe dele? – perguntei, quando já estávamos longe o suficiente.

– Eu era jovem. Ela trabalhou aqui até a morte.

– Ah... E ele sabe que ela não está mais viva?

– Sim. Por quê?

– Por nada.

Prosseguimos mais uns cem metros e fomos parados por um segurança.

– Sra. Malski!

– Igor.

– Há quanto tempo não vejo a senhora caminhando por aqui.

– Hoje é um dia especial. Benjamin vai levar-me para um passeio.

Ele estranhou e não economizou na expressão de contrariedade que lançou para mim.

– Não acho que já o tenha visto antes, rapaz – ele disse.

– Temo dizer que sou mais velho que você. Não queira se dirigir a mim dessa forma.

– Benjamin é um amigo de família, Igor – disse Amelie em minha defesa.

– Ele chegou hoje? – insistiu o segurança. – Eu o teria visto passar pelo portão.

– Está passando dos limites – ela firmou a voz. – Se me dá licença, nós três estamos muito ansiosos, e o sol não vai esperar você sanar todas as suas dúvidas inúteis.

Ela me puxou para que continuássemos a andar.

Eu já podia ver o portão.

Supus que ela cortasse os questionamentos do segurança por desejo de encobrir que estava saindo com o jardineiro, afinal, talvez os seguranças pudessem reprovar isso, e o homem da van vermelha talvez fosse o único encarregado a fazer-lhe companhia. Mas, agora que escrevo, suspeito da possibilidade dela ter desconfiado da minha história. Quem sabe ela soubesse desde o momento em que tocou minhas vestes, ou mesmo antes, que eu não passava de um dos loucos. Talvez quisesse apostar na própria desconfiança e se arriscar a descobrir o que era verdade e o que era mentira; se serviria de artifício para me libertar ou se ganharia um amigo e um ingresso para uma noite maravilhosa.

O segurança nos alcançou outra vez.

– A senhora permite-me ao menos saber aonde irá? Preciso ter o que dizer ao Sr. Boháč, caso ele me questione.

– Diga apenas que fui à cidade. Agora peça que abram o portão.

– Eu sinto em insistir, Sra. Malski, mas não posso agir contra as normas. Precisamos verificar o nome de seu acompanhante. Nenhum horário de chegada pode ficar sem o registro do horário de saída.

Ela parou abruptamente e se virou na direção dele. Esticou as duas mãos até o seu ombro. Igor não era muito maior que ela, então foi fácil que tateasse seu cabelo e suas bochechas, como se o reconhecesse.

– Meu jovem – ela disse –, sua pele é ainda macia como a do pequeno Igor que eu vi correr pelos corredores e por esse gramado.

Ela o tocou no rosto mais duas vezes, com carinho, e depois acertou um forte tapa em sua bochecha.

Ele enrubesceu de imediato.

– Agora encontre algum Benjamin qualquer nos seus papéis idiotas, preencha com qualquer coisa e abra o nosso caminho.

Meu último medo foi que tivesse me restado o azar de não haver nenhum funcionário chamado Benjamin, e isso bastasse para que a Sra. Malski não tivesse mais poder de decisão. Mas tive sorte: havia um Benjamin. E, depois que cruzamos o portão, ninguém mais veio até nós.

Não havia no primeiro ar que respirei fora do hospital nada de especial, não senti sensação alguma de vitória ou liberdade. Quem sabe, se eu fosse uma pessoa de comemorações, como a grande maioria que vê importância nas datas e não consegue passar um último dia do ano sem que se envolva em alguma algazarra ou numa mesa cheia de familiares erguendo taças antes do segundo convencionado aos abraços obrigatórios... Se eu tivesse sido criado em uma família dessas, talvez eu pudesse ver poesia nos pequenos marcos da vida. Eu teria, senão sorrido e me segurado mais firme ao braço de Amelie, sentido um profundo prazer em poder andar sem que me vigiassem. Ainda assim, a felicidade poderia ter me atrapalhado os sentidos e me impedido de perceber a valiosa verdade: não eram os muros que me aprisionavam. Eu jamais seria livre de mim mesmo.

- Este vento está dizendo que vai chover, Benjamin. Não está?
- Realmente, está nublado.
- Devemos nos apressar. Vamos, Marx, mais rápido.

Conseguimos um ônibus que nos deixou num ponto em que um elétrico poderia nos levar para o outro lado do Vltava. Mas, nesse ponto, tivemos de pedir informações para uma jovem loira que já havia aberto seu guarda-chuva, embora ainda só sentíssemos eventuais respingos. Ela disse que também iria para a Cidade Velha. Então, só fizemos subir no mesmo elétrico, o de número 17. Vinte minutos depois, descemos um ponto à frente de onde teria sido melhor, mas, ainda assim, a apenas uma quadra do Rudolfinum. Na esquina com a Rua Kaprova, começou a chover. Atravessamos a rua para nos resguardar sob uma marquise, quando me descobri ao lado de um piano. O instrumento e uma cadeira estavam acorrentados ao chão. As teclas brancas muito escurecidas indicavam que ele estava exposto ali há muito tempo. Contei à Sra. Malski o que havia entre nós, e ela disse que tocaria.

Sentou-se e tocou uma canção que não reconheci, mas que fez quem passava parar e aproveitar o som e a proteção da chuva. Ao fim, levantou-se com a minha ajuda, e um senhor foi substituí-la. Parecia-me alcoolizado, pois errava algumas notas e a cada acorde se virava para nós com um sorriso plácido e um olhar espremido

pelo rosto inchado, uma expressão de felicidade e prazer, quem sabe contente por ter uma plateia. Completamente oposta a essa felicidade era a triste melodia que saía dos seus dedos. Ele tocou uma longa partitura que sabia de cor, e foi aplaudido por nós dois apenas. Quando parou, foi para dar um gole em uma garrafa sem rótulo cheia de uma bebida que poderia ser uísque ou refrigerante. A chuva diminuiu quando ele voltou a tocar. Nós tivemos que deixá-lo e atravessamos a rua para subir os degraus do Rudolfinum.

Marx – não sem antes sacudir toda a água que o incomodava – foi bem acolhido por uma jovem funcionária do guarda-volumes do primeiro andar, onde ele ficaria à nossa espera pelas próximas duas horas.

– Só me esqueci de lhe dizer, Amelie, que nossos assentos ficam atrás da orquestra.

– Ora, perfeito. Assim poderemos ter uma bela vista das partituras, não é?

– Obrigado por ter aceitado o meu convite.

– Agradeça mais uma vez e eu ficarei triste em concluir que você não teria mais ninguém nesse mundo que aceitasse acompanhá-lo.

A filarmônica já estava posicionada quando sentamos. Faltava apenas o maestro.

Todo arranjo que a Sra. Malski reconhecia, ela fazia questão de sussurrar em meu ouvido a autoria, como se eu não fosse capaz de reconhecer por conta própria. E a verdade é que eu não era.

– Esta é de Piaf – ela disse, logo no início. – *Exodus*.

Pensei em minha mãe. E a ouvi dizer, em algum momento do passado, que teria adorado ir a um concerto, embora eu não me lembre de ter um dia ouvido a sua voz.

— EPÍLOGO —

NESTAS ESTANTES DA BIBLIOTECA ESTADUAL de Berlim, onde acabo de escrever o prólogo para as histórias que ainda hei de editar, cruzei por acaso com um dos livros de Gaston Bachelard que há mais de década aguardava-me para a leitura. Eu o vi pela primeira vez na faculdade, nas mãos de um querido amigo de classe, um judeu inglês ávido por conhecimento e corajoso no modo estranho de se vestir. Enquanto eu repetia pela quinta vez na semana a mesma calça, Benjamin chegava com cores e peças que nenhum homem ousaria usar, como o amarelo-mostarda de uma calça que eu nem saberia onde comprar, o vinho de uma echarpe tricotada e, quando estava quente demais, um leque que, não importasse sua cor, só esperaríamos ver na mão de uma moça. Mas, corrijo-me: eram peças que ficariam estranhas em outras pessoas, pois nele acabavam por combinar com sua personalidade excêntrica. Outro pequeno sinal dela: eu colecionei meses para terminar a leitura d'*A Consciência de Zeno*, ao passo que ele disse ter chegado ao fim em duas noites. A cada manhã aparecia na sala com um livro diferente. Sempre tive a impressão de que fossem sucessivos abandonos de uma leitura por outra, mas logo ele me provava o contrário, vindo com comentários elaborados demais sobre tudo o que os livros diziam. Geralmente, eram de crítica literária, poesia ou filosofia, áreas que, apesar de cursarmos psicologia, pareciam interessar-lhe mais do que qualquer coisa. Mas, o que quero realmente dizer desde o início é que, amiúde, esses livros vinham parar em minhas mãos por empréstimo, ou para uma leitura completa ou apenas para que eu me inteirasse daquilo que ele tinha vontade de compartilhar numa conversa breve e que, portanto, via a necessidade de que eu melhor entendesse ao ler com meus próprios

olhos. No dia em que falou de *La Poétique de l'Espace*, o livro de Bachelard que reencontro agora, intrigou-me o que ainda hoje me lembro de ter entendido como uma elaboração filosófica por trás de um auxílio à psicanálise. Mas não tive a capacidade de entender bulhufas, nem uma ideia sequer... Não porque faltasse maturidade filosófica ou inteligência, ou porque meu francês permitisse pouco além de uma conversa fútil nas ruas... não me lembro de ter tropeçado em muitas palavras estranhas... Não entendi o que li porque me faltava vivência e melhor compreensão de mim mesmo, de minhas memórias e de meu lugar nelas. Muito frequentemente, esses textos filosóficos alienam leitores relutantes em preencher com associações íntimas o vazio em que o filósofo tece o abstrato; quando então o filósofo é também poeta, como no caso de Bachelard, o trabalho é ainda maior e segregativo; torna-se um esforço homérico colher em si e no mundo as associações e imagens pertinentes àquilo que insiste em não alcançar significado e encerrar-se na sintaxe. Hoje, porém, com uma versão muito bem traduzida e uma consciência ampliada para as associações, penso ter chegado próximo do entendimento de parte do que ele quis dizer. A Poética do Espaço estabelece uma noção de estudo do inconsciente por meio da análise daquilo que se depreende da nossa memória espacial, daquilo que enxergamos como o espaço físico do cenário das memórias. É proposto que as emoções e os traumas residam nas formas espaciais daquilo que temos fotografado nas lembranças. Em outras palavras, a experiência na memorização do espaço seria um produto, um processo residual daquilo que sentimos. Estariam lá, impressas no ambiente que nos acolheu no passado, na infância longínqua, as marcas e as proporções não só do imaginário, mas do sentimental, do traumático e do sublime, portanto, de tudo aquilo que constitui o nosso eu: medos, ilusões, disfarces. Nós nos revelaríamos de modo mais fidedigno por meio das lembranças espaciais, em vez de meramente pelo espaço dos sonhos, a que se prendiam os jungianos e freudianos. É nesse raciocínio que Bachelard, não apenas numa analogia à mente e seus corredores, saletas, sótãos e porões, destaca o valor da casa em que vivemos na

infância, onde criamos nossas fantasias e externamos as más interpretações em cada moldar do espaço.

Um autor brasileiro define bem a nostalgia da casa da infância, e o faz por meio do abundante uso de descrições espaciais. Não me recordo de todo o seu texto, e também me foge o seu nome, o que é uma vergonha tremenda. Só me lembro de não saber pronunciar a alcunha que lhe deram. Mas a frase me é marcante, e creio valer a pena tentar citá-la de cabeça, pois a sinto fluir quase íntegra agora: *a casa da infância é um espelho, revela as pequenas coisas que o olhar infantil admirava no tempo em que tudo era belo: o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. Ela se divide em dois mundos distintos: o térreo, onde transita o presente, e o de cima, onde descansa a memória.* (Espero que até a publicação deste livro seja possível descobrir a quem pertencem essas palavras e eu possa corrigir este trecho...^{*}_{__}). A casa da infância, portanto, está nessas pequenas coisas que delimitam o sentimento daquele olhar infantil que as admirava. Há alguns meses, assim imbuído de associações que julguei combinarem com o pensamento de Bachelard, olhei para a minha memória. Acontece que, ao perscrutar as imagens espaciais de minha infância, na tentativa de encontrar alguma poesia que servisse como desenlace, reafirmei as marcas de uma mente cindida. Tal qual minha dificuldade em me lembrar da casa de Noer Dan Orgjan, no Monte Petrin, não me recordo dos interiores das casas em que cresci. Sei que vivi em mais de uma, mas não sei diferenciá-las, nem supor como teriam sido. Primeiro, estive em uma na França e, depois, na fazenda de meu tio, na Alemanha. Ambas constituem cenários que me restam na memória como o palco de uma peça de teatro sem muito investimento decorativo. As equidistâncias parecem dar no vazio por todos os lados. Alguns móveis restam vagamente: minha cama com a cabeceira circular, uma estante carcomida com muitos livros, uma cômoda com um vaso de vidro vermelho, mas não vejo os caminhos que lá me levavam a essas coisas. Sinto um cheiro de peixe, misturado ao cheiro do charuto de meu tio, que impregnava muita coisa além do vergonhoso uniforme da SS que ele guardava a sete chaves. Ouço

uma tábua rangendo que anuncia que ele se aproxima do meu quarto e vejo a enorme árvore que faz a paisagem numa janela, mas não sei dizer se essa janela ficava na cozinha, na sala, no quarto ou mesmo no sótão...

Se Bachelard respondesse ao meu relato, talvez propusesse que minha mente não é espacial, que é incapaz de imprimir aos espaços as sensações, e que assim as lembranças remeteriam ao espaço claustrofóbico das emoções e das solidões. Eu, porém, diria que é pior, e mais sintomático de minha doença mental: eu não estava lá! Os medos, as felicidades e quaisquer observações não imprimiram no espaço suas marcas, pois fiz de mim o único espaço. Assim o fiz lá atrás, como o faço aqui. Colecionei solidões sem nunca conhecer o tédio. Bakhtin, o filósofo russo, tem uma boa análise dessas experiências, quando diz que no presente somos capazes de experimentar apenas o tempo e seu decorrer incessante, e que para o passado, para as lembranças, é o inverso: o tempo se confunde e só temos a experiência espacial. Bachelard floreia essa mesma ideia quando diz que é no observar desse espaço memorizado que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências, que o inconsciente permanece nos locais, que quanto mais sólidas forem as lembranças, tanto mais espacializadas serão. Contudo, o poeta e filósofo alemão Novalis diz que o espaço se mescla com o tempo assim como o corpo se mescla com a alma. A verdade é que nada disso fala de mim. Quem me dera acreditar na alma e encontrar em mim aqueles belos fósseis. Experimento o inverso daquilo que Bakhtin descreve. No presente, não entro em contato com a passagem do tempo, pelo contrário: vivencio apenas o espaço e nele me faço imediatamente espectador de tudo o que minha mente constrói.

Quando pequeno, de passagem por lugares aos quais julgava que retornaria em breve, costumava escrever meu nome a caneta em qualquer lugar, no canto da mesa de um restaurante, na estante da biblioteca, na porta de sanitários públicos; fazia-o à espera do prazer que colheria quando, esquecido do que fizera, reencontrasse o escrito lá, vivo. Fazia sentir-me vivo. Existente. Nossa passagem pelo tempo é tão acelerada e fugaz, somos tão recorrentemente

lembrados de que somos provisórios, que acabamos apenas ansiando por eternizar a matéria, nossa matéria e nossa alma noutras matérias. Todas as espécies o fazem inconscientemente por meio do instinto de reprodução. O homem, entretanto, por ser consciente, e pelo maior discernimento da transição daquilo que é impermanente e se findou, teme apaixonadamente a morte e rebelase de modo mais sofisticado contra essa mortalidade construindo meios que simulem o permanente. É este o motivo, confesso e inconfesso, de todo autor; seja a obra um épico, um conto, um filme, uma música, uma pintura com sangue no interior de uma caverna, um rabisco no assento do ônibus, opiniões pichadas no muro de Berlim, corações de casais apaixonados, sulcados no tronco de uma árvore... todas elas ecoam um mesmo medo: o medo de que as ideias, os sentimentos e nós mesmos sejamos passageiros e dispensáveis, como o são os segundos. Se nada construimos, assinamos nossa dispensabilidade e abraçamos a morte consentindo em haveremos servido ao imemorável. Ainda que o cosmos nos revelasse os mecanismos do tempo, e um encontro da teoria de Einstein e do eterno retorno de Nietzsche se mostrasse a grande verdade, a experiência desse tempo permanente continuaria sendo um segredo para a consciência; continuaríamos experimentando o tempo fugidio e temendo o fim que saberíamos inexistente, pois seu peso estaria ainda encerrado em nosso peito, decorrendo da imutabilidade de cada ação tornada eterna pela decisão consciente ou pelo impulso daquele momento em que agimos. Temeríamos o fim, pois é disso que somos feitos: de fins e de medos. Somos máquinas de expectativa, esperamos pela salvação: em vão, naturalmente. No entanto, somos tão impacientes que pudemos aprender a nos desmontar, literalmente, e entender nosso funcionamento. Quanto mais nos desmontamos, porém, mais reiterada e amarga se torna nossa finitude. Os mecanismos do tempo são ainda inalcançáveis no presente em que escrevo; a ciência apenas sonha com isso. A manipulação mais sofisticada possível continua sendo o papel e a linguagem. A linguagem garantiu que o conhecimento não morresse com as gerações que definham e continua garantindo que Tolstoi, Svevo e outros

quaisquer viagem no tempo quando alguém se fecha sobre as suas páginas.

Escrevo, então, para que minha voz persista na mente por trás dos olhos que me descobrirem nas palavras. E estou certo em imaginar que esse júbilo é correlato daquilo que sentem os pichadores ao avistarem e distinguirem seus traços marcados no tal ponto do muro que escolheram, como se externados assim no espaço, no concreto que é visto prevalecer ao tempo e às intempéries, fossem ali ficar para sempre, comunicando, permanecendo. Então, que me descubram, por muito tempo depois que eu não puder mais falar de verdades e mentiras, nem rir, ou ver quem faço rir.

Aliás, há muito não vejo sorrisos se abrirem por algo que eu tenha dito. E há nisso, sinto, na simples obtenção de um vislumbre dos dentes de terceiros, mais que um adorno perecível para o ego, há um teor de vida imprescindível para a saúde da alma. Torna decrépito o espírito, tal ausência.

Se é possível sentir saudade de quem nunca conhecemos, então é exatamente isso que sinto quando penso nela. Assim como a casa da infância que não vejo na memória, também ela eu não poderia descrever: não me recordo de nenhuma imagem convincente de sua presença. Mas ainda persevera a sensação de acolhimento, sensação de que estivemos juntos em algum canto. Não há fotos, tampouco gente viva que possa me contar uma ou duas coisas sobre seus trejeitos, seu modo de pensar e outras particularidades suas. Mesmo assim, pude senti-la presente esse tempo todo. Às vezes, posso até jurar que já a toquei, que ouvi sua voz, senti seu cheiro ao sair do banho, que admirei seus vestidos longos. Mas, como se a fragilidade dessas certezas fosse a mesma fragilidade de todas as certezas que já tive na vida, aprendi a temer que tudo não passasse de uma invenção pobre de uma mente solitária. Ou que também ainda seja um puro ideal a descoberta que guardo com cuidado, agora que me vejo do lado de cá dos portões de Bohnice.

Faz pouco mais de um ano que fugi daquele lugar e, desde então, tenho vindo a esta cadeira quase todos os dias. Sinto que estou seguro entre estes livros. E que estou são, agora que entendo

seu destino. Mas ainda há aquele temor. Se este livro está em suas mãos, leitor fiel que me acompanhou por todas as inverossimilhanças, é porque compreendi que, ao eternizar as minhas palavras, estaria também materializando-a de alguma maneira e, independentemente da veracidade de minha descoberta, tornando-a igualmente eterna. Espero que essa revelação, sobre a identidade de Dolores, por si só tenha surtido o efeito que nenhum tratamento de choque jamais seria capaz de surtir. E que a clareza do pensamento que tenho experimentado nesse longo período de um ano que se encerra não tenha decorrido apenas da constante válvula de escape que têm sido a escrita e a revisitação dessas memórias. Contudo, confesso: não me incomodaria nem um pouco descobrir que ainda sou refém da alucinação, se ao retirar os olhos do papel em que me debruço pudesse vê-la mais uma vez, sentada na cadeira do outro lado desta mesa pública. Jovem, como eternamente será. Sorrindo com honestidade antes mesmo que eu pense em alguma coisa engraçada para lhe dizer.

SE RUPERT SOUBESSE AMAR, teria ao menos uma vez abraçado sua mulher. Não contam as vezes que, na cama, envolveu-a nos braços. O sexo valoriza as sensações, os sentidos tomam outros significados. Há homens verdadeiramente brutos que não são afetados por isso e, mesmo ali, na hora de envolvê-la, pouco a tocam, mantêm-se atentos tão só ao próprio prazer. Mas Rupert não era um desses. Ele a abraçava em seu suor, beijava-a; uma vez, até acariciou brevemente seus cabelos. Mas, terminados os atos, como compensação do sentimento que desvelara, logo cessava o contato; parecia surgir-lhe repulsa, colocava-a de lado ou saía de perto, para pouco olhá-la ou dirigir-lhe a palavra até que novamente se encontrassem nus.

É verdade que o idioma era uma barreira para a conversação. Rupert estava apenas de passagem pela França quando a conheceu, Amelie Messier; cabelos castanhos, pele corada e olhos claros; jovem cuja sapiência e excepcional domínio de línguas conseguiram sobrepor-se à beleza e à sensualidade e cativar o intelecto de Rupert. Em tão tenra idade, aos vinte, ela dominava três línguas: o francês, o espanhol e o inglês. E ainda veio a demonstrar interesse por aprender o alemão, que ele, num francês medíocre, a fez entender que lhe ensinaria.

Perpetuou-se a memória de como a vira pela primeira vez. Andava à procura de uma tabacaria quando a avistou fumando, encostada no parapeito de uma varanda, numa das esquinas do bairro parisiense de Montmartre. Rupert a chamou, pedindo um cigarro. Ela desceu.

As melhores conversas que tiveram foram no início de tudo, quando a admiração pelo conhecimento e pela cultura da jovem levava-o ao esforço de comunicar-se ora em francês, ora em inglês

e, na maioria das vezes, entre enganos de sentido e pronúncia, em alemão mesmo, quando então tirava um sorriso da bela, por ela nada entender. Estava provada a máxima do filósofo de que o amor surge nos silêncios e se inflama nas incompreensões. Eles não precisavam conversar para que se desejassem ardentemente; essa, inclusive, fosse talvez a fórmula ideal, tendo repetidamente a falta de entendimento do outro dado movimento aos corpos, na tentativa de travarem alguma comunicação inequívoca.

No entanto, à máxima do filósofo falta o terceiro ato, e nenhuma história existe sem um terceiro ato. Silêncios e incompreensões, parafraseando o Conselheiro, assim como o apoio e a opinião pública, dão em muros sem vigas; somente haverá sustentação se houver interdependência e, portanto, cumplicidade - e mistérios: temores recíprocos.

Por parte dela, embora os diálogos fossem, em tese, imprescindíveis para isso tudo, tudo isso existiu enquanto o tempo permitiu. Estavam lá a dependência, o medo da perda e a cumplicidade, a incompreensão e o silêncio. Ela o amava, e isso bastava, não precisava haver eco. E, talvez, se ele soubesse amá-la, não seria tão amado de volta, pois era assim que ela o desejava e sustentava-se, e talvez só assim pudesse se permitir desejá-lo, sozinha em seu sentir, pouco vista, pouco ouvida e pouco requisitada. Ele nunca lhe ensinou o alemão, e também isso mantinha a distância na medida certa para os desejos inconscientes dela.

Se ele soubesse amar pelo menos um pouco, teria gerado algum sentimento pela filha que brevemente tiveram, teria sofrido junto à mulher ou lhe dado apoio depois que a pequena voltou à escuridão com apenas três meses de luz.

Ele dizia, sem ressentimentos ou culpa, como numa justificativa não esperada, tampouco apazível de se ouvir, que teria sofrido se fosse um menino, pois era um filho que desejava verdadeiramente.

Não muito tempo depois, um menino eles tiveram. Deram-lhe o nome do pai. Por um tempo, pareceu ser ele o elo que faltava ao casal e a centelha de vida que faltava ao coração do pai. Mas o pequeno Rupert Lang não foi fácil, nos quatro anos em que passou

sob o teto de sua primeira casa, no nordeste da França. Era irritadiço e arredio, impulsivo, como esperado da idade, mas especialmente destemperado; se a mãe desviava o olhar de algum jogo ou interação qualquer que travavam, como quando o pequeno divagava sobre assuntos indetermináveis num alemão ininteligível, ele investia-lhe a mão fechada num soco fraco que não alcançava muito além do joelho, mas que a deixava entristecida com a sistemática falta de retorno do amor.

Mesmo quando a fala já daria conta de expressar suas intenções, ele preferia o contato físico. Tudo muito diferente do que depois viria a se tornar uma retidão quase militar, pois Rupert cresceu com o tio, quem, como um general, aparou todas as suas farpas, tolheu suas reações e o fechou num caos interno. A qualquer um podia dar a impressão de ser uma pessoa ponderada e reflexiva.

Antes de o tio aparecer para levá-lo à Alemanha, o início do arrefecimento de toda a inquietude daqueles primeiros anos veio aos sete, após a morte prematura do pai, quando só então se deu conta de que estava sozinho, de que a mãe realmente não voltaria.

Nancy, Alsácia-Lorena, França, 1942

O SEGUNDO ANDAR DAQUELA CASA o assustava tanto que nunca se deitou sem que os pais já estivessem deitados também. Naquela noite, a mãe adormecera no sofá da sala, a cabeça recostada perto da mesinha, onde uma vitrola tocava baixinho *L'accordéoniste*, de Piaf.

O pai estava na cozinha, combatendo a insônia com um jogo de palavras cruzadas do jornal. Bem que ele poderia aproveitar e ler um dos livros que a mulher vivia lhe recomendando, mas apenas ela tinha verdadeiro gosto pelas letras. Ele dizia ficar com dor de cabeça, se lesse páginas por muito tempo.

Era certo que ele não estava esperando visitas. Espantou-se ao ouvir baterem à porta dos fundos. Quando espiou pela janela da

cozinha e constatou de quem se tratava, voltou-se letárgico para o filho. Talvez tivesse ficado pálido, se já não fosse tão branco.

Rupert percebeu que a visita não deixara o pai feliz. Foi ordenado a subir, ao que ele se recusou. Não sabia quão amedrontador era subir à noite sem ter alguém lá em cima? A luz era fraca e os quartos tinham pouca mobília. Era desolador!

Bateram mais uma vez na porta.

Talvez por julgar não ter tempo para levá-lo à força escada acima, o pai empurrou-o até o corredor, onde poderia escondê-lo. Colocou-o atrás das folhas de uma porta dupla num canto escuro. Mas o pequeno poderia assistir a tudo dali, como fazia quando brincava de esconder-se da mãe e pela fresta da porta a enxergava, pensando ter desaparecido com sucesso, sem deixar pistas.

Desta vez, porém, não parecia se tratar de uma brincadeira. Era algo sério, pois o pai, que a muito custo o encontrara ali uma vez, agora recorria a esse canto sabendo da qualidade do esconderijo, com certeza. E ele ordenou veemente que não saísse dali sob hipótese alguma. Palavras que, em alemão, aliadas ao fervor daquela circunstância, não impediram que dois perdigotos fossem atirados sobre o rosto do pequeno. Para o bem da situação, esses dois pingos deram ao pedido a força de persuasão que tão somente as palavras não teriam para uma criança de apenas quatro anos.

Rupert fincou o pé. Tudo bem, ficaria firme atrás da porta!

O que enxergava pela fresta entre as dobradiças era a cozinha. Pelos fundos, o pai deixou entrar um homem alto e todo vestido de preto. As botas desse homem eram lustrosas e grandes; ele soube adentrar a cozinha sem fazer muito barulho.

- Não esperava que viesse hoje – disse o pai, em alemão.
- Eu lhe disse que viria assim que tivesse tempo.
- Eu sei, mas poderia ter ligado. Foi tão rápido...
- Passou bastante tempo. Quatro meses, Rupert.
- Ela está dormindo.
- Isso é bom...
- Trouxe o que lhe pedi?
- Sim. – Ele colocou uma maleta sobre a mesa. – E este olhar? O que há?

– O que há o quê?

Não podia ver o rosto do pai, pois ele estava de costas para o esconderijo. Mas o sujeito alto sorriu. Retirou a espécie de quepe preto com copa alta que usava.

– Não vá me dizer que sucumbiu ao remorso antecipado...

– De modo algum – disse o pai. – Nem precisei voltar a refletir sobre isso. O que é certo é o nosso dever: disso não fujo. Temo apenas a solidão.

– Sempre foi só... – sussurrou o homem. – Sempre consegui sê-lo, a despeito de quem o rondasse. Você não nasceu para ficar preso a uma mulher, muito menos a uma miserável.

– Muito menos... – ecoou o pai em concordância.

– Seja livre.

– Serei!

Acaloraram-se com tapas nas costas que se passaram por um abraço apressado, mas eram apenas isso, tapas.

– Mas preciso saber – disse o pai. – Preciso saber como fui enganado.

– Trouxe uma cópia dos documentos originais, e também os falsos.

O homem abriu a maleta e entregou um caderno.

– Ela nem sequer nasceu na França. Veja...

– Espanha... – murmurou o pai para si mesmo.

– Foi muito bem educada, esse colégio lhe ensinou o francês que nos enganou tão bem. Como sabe, tanto o pai quanto a mãe são judeus... Mas veja e calcule: ela fugiu aos dezesseis anos e aqui ganhou a vida muito rapidamente. Decerto sobreviveu pelos meios mais desonrosos. Não desejo alarmá-lo, nem sequer despendemos tempo com uma investigação profunda do período que passou aqui antes de se conhecerem, apenas teorizo, mas o faço convicto, pois é uma fácil conclusão.

O pai sentou-se para encarar os outros papéis.

O homem prosseguiu:

– Esta que ganhou o seu nome atende, na verdade, pela alcunha de Valentim. Sobre toda e qualquer coisa ela mentiu... a prostituição é o menor dos males neste caso.

– Sim. Já não a toco desde que me contou dos pais dela. Mas não é bom saber também disso...

– Posso entender.

Dotado de uma repugnância e um ódio que palavra alguma conseguiria sozinha expressar, o pai fez parecer o lamento de uma tragédia o que sua voz rouca levou o menino a ouvir e gravar:

– Ela sempre me pareceu tão *limpa*...

Como se precisasse saciar a necessidade de morder alguma coisa, o homem de preto arrancou um pedaço pequeno do pão que estava sobre a mesa e o levou à boca. Era o pão que Rupert tentara comer no café da manhã com a mãe, mas estava duro demais e machucara seus dentes. Até mesmo aquele homem estava fazendo uma tremenda força para mastigar. Mas parecia ter prazer nisso.

– Para onde devem levá-la?

Então, o homem ia levá-la? Por qual razão a levaria? E por que discutiam sobre isso sem que ela estivesse por perto para opinar?

Talvez não contassem com o apoio dela, ela poderia se rebelar e não entender a importância daquilo. Talvez ele próprio, se o pai tivesse lhe contado tudo antes daquele momento, não fosse entender a situação. Mas, no fim das contas, o pai o pusera ali no canto para lhe dar a chance de escutar. Era uma situação séria e ele devia ser parte disso. O pai o colocara ali pois era importante que ele entendesse. Mas o que havia para entender?

O homem enfim engoliu o pão e respondeu:

– Birkenau.

Aquele era o nome que já ouvira o pai usar em conversas com amigos. Um lugar para quem tivesse a alma doente, dizia, onde a sujeira era limpa e a raça purificada.

Então a mãe seria levada ao hospital...

– Ouvi dizer que estava lotado – disse o pai.

O homem sorriu.

– Nem perto disso – rebateu. – Mas estamos indo bem, tomando novas e eficientes providências. A mão de obra já não é mais tão visada. Apenas os números finais nos interessam.

– Evidente que sim.

– A estimativa é que já tenhamos passado de um milhão.

O homem fardado guardou os papéis na maleta, levantou-se, vestiu o quepe e foi até o lado de fora. Assobiou. Do escuro da noite vieram mais três soldados.

O pai fez um sinal enérgico na direção da sala. Foram os quatro pelo corredor, tendo que passar pela fresta onde se escondia o pequeno.

Não o viram.

E logo voltaram. Apenas o mais alto fora necessário, veio de lá com a adormecida em seus braços. O modo firme com que ela se mantivera sem despertar e a forma desconjuntada de seu corpo naquela posição desconfortável sugeriam ao filho que ela estivesse mesmo enferma. E ele, embora soubesse do sono pesado da mãe, pois muitas vezes acordava antes de todos e nem mesmo sacudindo-a conseguia trazê-la dos sonhos, teve a certeza de que ela havia escondido sua doença dele e do pai, e que aqueles homens eram sua única esperança.

Rupert ouviu a voz dela baixinho, no balbuciar comum a quem acorda sem entender onde está. Antes que tivesse tempo de ver-se no colo de um sujeito que não conhecia, o próprio lhe falou:

– *Enchanté, Mademoiselle, Messier. Ou devrais-je simplement vous appeler par Dolores?*

Ela começou a se debater. O soldado teve de colocá-la no chão, mas ainda manteve controle sobre ela e a levou em direção à porta.

O pai não se levantou da cadeira, nem sequer ergueu a cabeça para vê-los passar com ela por ele.

– Rupert! – ela gritou, já do lado de fora.

Por impulso, Rupert quase saiu de seu esconderijo, mas achou prudente cumprir a promessa e esperar mais um pouco. Devia estar acabando. E ela talvez não tivesse se referido a ele dessa vez. Apenas o pai costumava ser chamado pelo nome. Para a mãe, o pequeno era sempre *mon choupinet*.

O que ele não entendera de jeito nenhum fora aquela última palavra do homem de preto. *Dolores*. Soara estranha, uma pronúncia um pouco diferente de *douleur*, palavra que a mãe usava quando queria perguntar se algo o estava machucando, como quando o vestia com muita roupa e o levava para passear na rua.

O pai fechou a porta sem se despedir. Talvez fosse demais para ele e, para não sofrer, preferisse apenas desviar os olhos e acreditar que fariam o melhor para salvá-la.

[1] Do francês; literalmente traduz-se como “minha pulga”, mas no uso popular pode ter sentido sexual ou apenas carinhoso, se aproximando de “meu querido” ou “minha querida”, geralmente direcionado à amada ou ao amado.

[2] Longe de mim subestimar os conhecimentos gerais e específicos de meu leitor, mas preciso considerar a possibilidade de alguém não ser capaz de associar o nome à pessoa; por isso, tirando proveito de que estas, ao contrário das de outrora, são informações que não me requerem levantar e ir em busca de um livro de história, lhe digo em detalhes inescrupulosos: Kepler é um sujeito de nossa história, da história que independe de meus delírios com Benjamin. Kepler nasceu em Weil der Stadt, perto de Stuttgart, em 1571, e passou grande parte da vida dedicando-se a estudos que contribuiriam para incontáveis descobertas e convictas afirmações do futuro. O maior impacto de seu trabalho é a providência de fundamentos para a teoria universal da gravitação de Isaac Newton – gênio que, no período em que essa estória se passa, estava a décadas por ser fecundado pelos gametas de um casal que ainda sequer se conhecia.

[3] Em seu ápice, a extensão territorial do império englobou os territórios dos modernos estados da Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Luxemburgo, República Tcheca, Eslovênia, Bélgica, Países Baixos e também parte da Polônia, França e Itália - apesar de seu nome, na maior parte de sua existência o Sacro Império Romano-Germânico não incluiu a cidade de Roma em seus domínios.

[4] Kepler trabalhava no estudo da órbita de Marte desde a morte de Tycho; era o planeta para o qual havia o maior número de dados herdados. Tycho, entre os anos de 1580 e 1600, observara dez posições de Marte, às quais Kepler adicionou as posições de 1602 e, após uma noite da semana passada, as de 1604. Era sabido que qualquer conjunto de três observações da posição de um planeta deveria resultar na mesma órbita. Mas isto não acontecia com os estudos de Kepler, cujos resultados tinham uma precisão muito aquém dos de Tycho.

[5] Nota do editor: A palavra é de um dialeto indo-europeu. *Vipaśyanā*, em sânscrito, significa entendimento, ou a capacidade de ver as coisas como elas realmente são.

[6] Ao contrário do que a etimologia pode sugerir, a meditação não envolve pensamentos, mas a exclusão deles.

* Do mandarim, equivalente à “até mais”, ou “nos vemos mais tarde”.

* Pai, tem um homem no lago!

[7] Nota do editor: Esse trecho trata-se de um encaixe do poema de Bertolt Brecht, intitulado "A solução", escrito em referência a uma revolta na Alemanha Oriental, ocorrida no dia dezesseis de junho de 1953. A notável diferença no original é o nome do bulevar *Stalinallee*, no lugar de Villarroya.

* Nota do editor: O que devia estar expresso em letras vermelhas é o título original, *Beim Bau der Chinesischen Mauer*, do alemão, a língua materna do autor. O alemão era a língua de todo o império no qual situam-se as personagens que partiram de Praga rumo a Hamburgo em 1604. É subentendido, portanto, que aqui estejam todos falando essa língua. O curioso de tudo isso e, portanto, mais um ponto do inverossímil do todo, é que Dolores Valentim, que tem sua origem na Espanha, demonstrou saber um pouco de mandarim quando estava de passagem pela China e, agora que foi parar em Praga, é forçada a entender e comunicar-se em alemão. Não obstante, supõe-se que domine também o inglês, uma vez que é a língua utilizada ao longo das páginas do romance de Oscar Wilde encontrado em sua bolsa.

* Nota do editor: Se Dolores soubesse, poderia ter poupado o orgulho de Kepler. Existe uma longa lista de inventores que contribuíram para a invenção do rádio, como o alemão Heinrich Hertz e Nikola Tesla, natural da Sérvia. O também alemão Karl Ferdinand Braun e o italiano Guglielmo Marconi dividiram em 1909 o Nobel por conta de suas descobertas nesse campo. Este último é normalmente considerado "o pai do rádio". Graham Bell, por sua vez, é natural de Edimburgo, na Escócia. E a invenção da televisão é atribuída a diversos cientistas, a maior parte dos quais é de origem européia, como o húngaro Kálmán Tihanyi, os escoceses John Logie Baird e Alan Archibald Campbell-Swinton, o alemão Paul Gottlieb Nipkow e o russo Boris Rosing.

[8] Atualmente conhecido como Mar Báltico.

[9] Parte da ode número 30, do livro 3, de Horácio.

* Nota do editor: Toda a fala do embriagado trata-se de um trecho do capítulo três do livro *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo.

* Nota do editor: Também conhecido como o imperador dos Cinco Grãos, faz parte da mitologia chinesa. É visto como o pai da agricultura e teria cultivado centenas de ervas para testá-las como plantas medicinais. Imagina-se que tenha governado há cinco mil anos, o que o coloca como um imperador anterior à primeira dinastia descrita pela historiografia tradicional chinesa.

[10] Ensino fundamental do budismo.

[11] Não só atiradores viviam nessa rua em seu momento de criação, ela também fora lar de alquimistas. Chama-se *Zlatá Ulička*, mas é conhecida pelo mundo todo como *Golden Lane*, ou a Travessa Dourada. O imperador Rodolfo II, que demonstrava sua admiração e gosto pelas duas ciências mais populares da época, a astrologia e a alquimia, e abertamente declarava seu desejo de encontrar a

Pedra Filosofal e também produzir ouro através de outros metais, fez da Travessa Dourada, no Distrito do Castelo, o lar dos alquimistas que contratou. Como se não fosse o bastante, uma lenda dá conta de aumentar o sentido do nome. É dito que um morador dessa rua teria investido todo o seu dinheiro e dedicado todos os dias de sua vida à magia e feito diversos experimentos em seu laboratório, até que, em 1831, uma explosão veio de sua casa, abalou a vila e chamou a atenção de todos. Teriam entrado em sua residência, extinguido o fogo e encontrado seu corpo estirado ao chão; uma pedra amarela reluzente que estava em uma de suas mãos foi mais tarde comprovada como sendo de fato ouro.

[12] *Oompa-loompa doo-ba-dee-doo. I've got a perfect puzzle for you. Oompa-loompa doo-ba-dee-dee. If you're wise you'll listen to me.*

[13] *Hamlet*, ato III, fim da cena II.

* Nota do tradutor: Sabe-se que a intenção do autor com essa passagem fora, a princípio, alertar os futuros editores que o ajudassem na busca pelo autor brasileiro. A primeira edição, no entanto, publicada na Alemanha Ocidental em 1989, e suas subseqüentes impressões e edições traduzidas para o francês e para o inglês levaram ao leitor esse trecho intacto, sem nenhuma modificação ou comentário ao fim da página. Coube a este tradutor ter enfim sucesso na busca. O autor refere-se ao poeta e compositor Vinicius de Moraes e sua crônica *A Casa Materna*. Embora tenha de fato se aproximado muito das palavras do próprio Poetinha (algunha mais conhecida do autor), sua memória deu conta de suprimir e acrescentar palavras que não estão no original. O trecho correto do qual se lembra é este: *A casa materna é o espelho de outras, em pequenas coisas que o olhar filial admirava ao tempo em que tudo era belo: o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. [...] Na escada há o degrau que estala e anuncia aos ouvidos maternos a presença dos passos filiais. Pois a casa materna se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa a vida presente, e o de cima, onde vive a memória*. Elucidada a questão da autoria, resta esperar que futuras edições em língua estrangeira apresentem esta necessária atualização. Contudo, a expectativa e a atenção do leitor brasileiro podem na verdade se lançar sobre o próximo livro do autor a ser traduzido para o português, uma não ficção publicada não muito depois deste romance experimental, na Alemanha já unificada. A "autobiografia desautorizada", como ironizou o próprio, que conta as vivências que o levaram à internação e revela o sentido por trás de alguns dos delírios aqui registrados, talvez nos responda como ele conseguira ter contato com essa crônica de Vinicius, quando ainda não havia nenhuma tradução oficial para o alemão, para o inglês ou para o francês.